MEMORIA

EM QUE SE PERTENDE PROVAR

QUE

OS ARABES NÃO CONHECERÃO AS CANARIAS

ANTES DOS PORTUGUEZES.

POR

Joaquim José da Costa de Macedo,

Do Conselho de Sua Magestade, Commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e Official da Ordem Imperial do Cruzeiro:

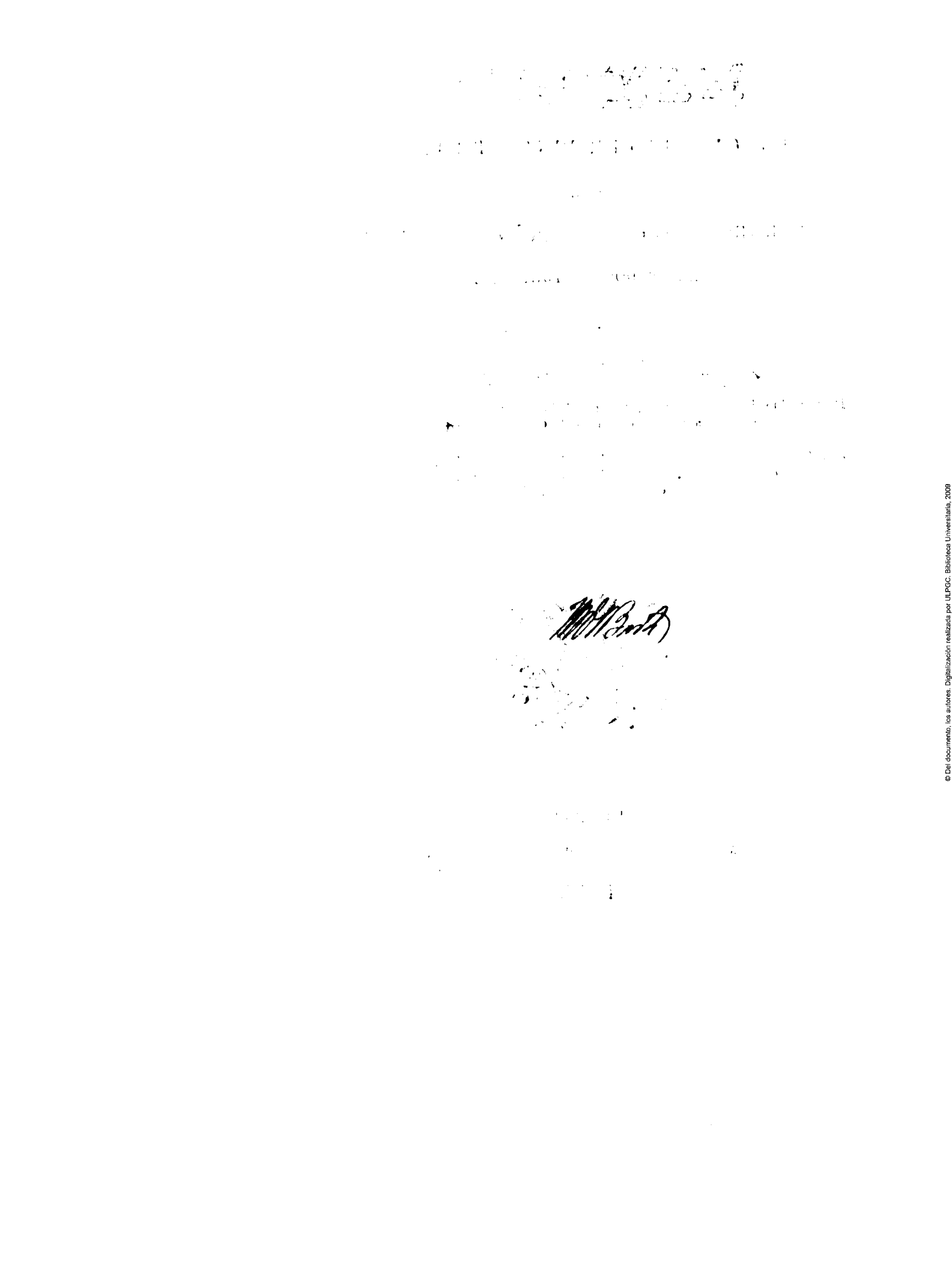
Secretario perpetuo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e Socio de muitas outras Academias e Sociedades Scientificas e Litterarias da Europa e da America.

LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1844.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009



© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

EMENDAS.

Erros	Correcções
Pag. 3, nota [4], l. 3 — 1798	1793
— ibi, nota [5], l. 1; nota [6], l. 1; e nota [7], l. 1 — Camûsi	Leia-se em todos estes lugares — o Camûs
— 17, nota [65]	deve accrescentar-se — V. o N. VII do Appendix
— 31, nota [135], l. 1 — do	de
— 35, l. 15 — *(mittelhochdeutsh)*	*(mittelhochdeutsch)*
— 38, l. 18 — *ez-ezmán*	*ez-zemán*
— 42, nota [168], l. 2 — *eóte*	*cóte*
— ibi, nota [169], l. 3 — *Al-makkrí*	*Al-makkarí*
— 46, l. 38 — lha	ilha
— 50, nota [187], l. 3 — παρ᾽	παρ᾽
— 52, l. 17 — Morabitins	Morabetins
— ibi, l. 22 — Morabitins	Morabetins
— 58, nota [217], l. 2 — *aujurd'hui*	aujourd'hui
— 65, nota [243], l. 1 — *arriêre*	*arrière*
— 67, nota [250], l. 2 — *nekhabat*	*nekhbat*
— 72, nota [274], l. 2 — Dul'l	Dhu'l
— ibi » » , l. 9 — Arrí	Arri
— 76, notas [293], [294], e [295]	em lugar de fl. leia-se p.
— 79, nota [303] — 276	305
— ibi, nota [305], l. 10 — 268	297
— 86, nota [327], l. 6 — Leipsiq	Leipsig
— 93, l. 7 e 8	devem ter no principio das linhas »
— 101, l. 11 — ametade	a metade
— 103, nota [361], l. 4 — *que*	*qui*
— 109, l. 11, no principio — tes	tre
— 122, nota [e], l. 7 — τὴς Εὐρώπης	τῆι Εὐρώπηι
— ibi, » » , » — Ἡρακλείων	Ἡρακλείων
— ibi, » » , l. 10 — μίχρι	μίχρι
— 125, nota [g], l. 2 — *atque*	*utque*
— 129, nota [x], l. 1 — col.	col. 2.
— 135, l. 14, no fim	não deve ter ponto
— 138, nota [*hhh*], l. 3 — *suorum*	*tuorum*
— 144, l. 1 — bate-los	bate-las
— 148, l. 28 — [*h*]	[*h*].
— 151, nota [*h*], l. 4 — *donnés*	*donné*
— 152, nota [*k*] — fl	p.
— 162, nota [*b*], l. 1 — μὶγιθος	μίγιθος
— ibi, nota [*c*], l. 2 — ὠκεανῶ.	ὠκεανῷ,
— ibi, » » » — depois de Cleomedis	circularis
— ibi, nota [*d*], l. 2 — κατὰ	κατὰ
— 163, nota [*d*], l. 1 — εἰς	εἰς
— ibi, nota [*e*], l. 1 — καὶ	καὶ
— ibi » » , l. 3 — *gia*	*gica*
— ibi, nota [*h*], l. 5 — 859	359

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Disse a p. 69, nota [258], referindo-me a huma Carta do Sñr. Barão de Slane, = « Lê-se na historia dos Berberes de Ibn-Khaldun que a parte do oceano » circumdante, que toca no estreito de Gibraltar, chama-se *aknabos*, isto he, *okia-* » *nos*, e na lingoa dos Francos chama-se, segundo elle diz, *al-Balana*, ou *al-* » *Balaba*, que he talvez huma alteração da palavra *atlantico*, que se *escrevia* em » arabe — *al-atlant*, *al-telant*, ou *al-ţelanet*. » = O Sñr. Visconde de Santarem, a quem mandei os quadernos da minha Memoria, á medida que se hião imprimindo, communicou-os ao Sñr. Barão de Slane, que me advertio não me ter affirmado que o atlantico se escrevia em arabe — *al-atlant* etc. —, mas sim, que talvez se escrevesse — *al-atlant* etc. —. He exacta a observação do Sñr. Barão de Slane. Eu he que li mal *écrivait* (escrevia), em lugar de *écrirait* (escreveria, talvez se escrevesse); e estimo muito que esta advertencia chegasse a tempo de poder declarar que o erro he meu, e não do sabio Orientalista.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

MEMORIA

EM QUE SE PERTENDE PROVAR QUE OS ARABES NÃO CONHECERÃO AS CANARIAS ANTES DOS PORTUGUEZES.

Lida na Sessão de 13 de Julho de 1842, e nas seguintes,

POR

JOAQUIM JOSÉ DA COSTA DE MACEDO.

He opinião dos que modernamente tratárão da Geographia da idade media que os Arabes conhecêrão naquella época as Canarias, antes das navegações dos Portuguezes, e dos outros Europeos que ali abordárão, ou se estabelecêrão. Enumerar todos os Authores que abraçárão esta opinião, seria tarefa tão fastidiosa como inutil: bastará dizer que he geralmente recebida, que as maiores summidades da Sciencia a derão como certa, e que por isso parecerá ousadia combatê-la; porêm como a authoridade tem menos força do que a verdade, procurarei mostrar que os Arabes só conhecêrão as Canarias, ou Ilhas Afortunadas, pelo que dellas achárão nos Escriptores Gregos e Romanos. Produzirei os meus argumentos sem referencia ás ideas dos outros; porque não he meu intento empenhar-me em polemicas pessoaes, afim de alcançar hum triumpho, mais proprio para favorecer a vaidade do que para adiantar a Sciencia. Pertendo tão sómente revindicar para a Nação Portugueza huma gloria que tem querido usurpar-se-lhe; e se conseguir provar a minha these, contentar-me-hei com a parte dessa gloria a que tenho direito como Portuguez.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

São dois os fundamentos em que se firmão os que asseyerão que os Arabes conhecêrão e navegárão ás Canarias na idade media.

1.° Os passos dos Authores Arabes que fallão nas Ilhas Canarias, ou Afortunadas.

2.° A viagem dos Maghrurinos.

Antes de analysar cada hum destes fundamentos, parece-me que não será fóra de proposito examinar o que na antiguidade se entendeo por Ilhas Afortunadas; o conhecimento que dellas tiverão os Gregos e Romanos; quaes forão as noções que dellas houve, depois da destruição do Imperio Romano; e como essas noções se conservárão na idade media.

Opiniões dos antigos ácerca das Ilhas Afortunadas. Conhecimentos positivos que dellas houve no tempo dos Romanos, e na Idade media.

Era doutrina psychologica antiquissima que as almas, para entrarem na bemaventurança tinhão de atravessar hum rio. Não pode assignar-se seguramente o berço desta doutrina, que com tudo parece ter origem na India, ou no centro da Asia, em cujos pontos mais remotos, e em que menos se podião esperar, se encontrárão vestigios della. Michaelis diz que os Indios a seguião [1]. Os Missionarios Hespanhoes forão acha-la nas Filippinas, cujos habitantes assentavão que nenhuma mulher, casada, ou por casar, podia salvar-se, sem ter hum afeiçoado que acudisse na outra vida a dar-lhe a mão n'hum passo mui perigoso d'hum rio que não tem outra ponte mais do que hum madeiro mui estreito, e que se havia de atravessar para passar ao descanço, que chamavão *Calualhatian* [2].

---

[1] *Epimetron*, na obra de Lowth — *De sacra poesi Hebraeorum* — p. 197 do T. 1. da edição de Lypsia (Leipzig) 1770, citando na nota (*) *Jo. Lucae Niecamp historiam missionis in India Orientali*, P. 1., Cap. X., § 15.

[2] *Dotrina era sembrada por el demonio, en algunas, i muchas destas Islas; i aun creo que en todas; que no se podia saluar fuesse casada, o por casar la muger, que no tuviesse algun aficionado. Porque dezian que este acudia en la otra vida a darles la mano en cierto passo de un rio mui peligroso, que no tiene puente: sino un madero mui angosto, el qual se hade passar, para passar al descanço que llaman* Calualhatian. *Relacion de las Islas Filipinas i de lo que en ellas han trabajado los Padres de la Compañia de Jesus.* Del P. Pedro Chirino. Roma 1604, 4.° p. 45.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Esta doutrina, espalhada pela Asia além do Indo, admittida na Assyria e Chaldea acompanhada de differentes accessorios, introduzio-se na Persia [3], cujos antigos habitantes acreditavão que Mithra estava na ponte Tchinavad ou Tchinavar, acompanhado dos izeds [4] Reshn e Sorush [5], julgando as boas ou más acções das almas. Se as boas pesavão mais do que as más, ainda que fosse só o peso d'hum cabello das pestanas, mandavão as almas para o Paraiso [6], que era huma cidade amenissima e bellissima, alem do rio em que estava lançada a ponte Tchinavad, onde havia arvores cheias de fructos, fontes d'agoa, jardins, prados, virgens sem mancha, e que não podião ser manchadas, mas servião só para serem vistas e augmentarem, com a sua presença, a amenidade do lugar [7]. A ponte Tchinavad tinha nove lanças de largo, e cada lança nove covados [8].

Da Asia estendeo-se esta doutrina para o Egypto, onde era crença antiquissima que as almas dos mortos, para chegarem á sua habitação, havião de passar hum rio, ou hum mar, alem do qual estava o Paiz dos bemaventurados; e até para se dar sepultura aos mortos era necessario atravessar hum lago, sendo levados n'hum barco, cujo patrão se chamava Charon, na lingoa do Egypto. Michaelis pertende mesmo explicar por meio deste mytho alguns lugares dos Livros de Moysés, dos Salmos, e do Livro de Job [9].

Do Egypto, ou da Asia Menor, passou esta doutrina, por huma parte, para a Grecia, e da Grecia para o Occi-

---

[3] Mr. Félix Lajard, na sua Memoria sobre dois Baixos relevos Mithriacos descobertos na Transilvania, diz que a crença dos Persas veio da Assyria, e da Chaldea. *Mémoires de l'Institut, Académie Royale des Inscriptions et Belles Lettres* T. 14. P. 2.ª

[4] Ized, ou Izad significa na lingoa Zend dos antigos Persas = Deos inferior, genio bom, descendente da raça celeste dos Deoses = Silvestre de Sacy, *Mémoires sur diverses antiquités de la Perse. Paris* 1793 — 4.° p. 98.

[5] Camûsi, citado por Hyde, *Historia Religionis Veterum Persarum.* Oxonii 1760, p. 410.

Sad-der, portas 63, 1.ª, 19, e 100, transcripto por Hyde, l. c. p. 485, 449, 461, e 511.

[6] Hyde l. c., p. 244, idem ibid. p. 409, citando Camûsi; Sad-der, porta 1.ª, em Hyde, l. c., p. 449, V. a nota (A) no fim desta Memoria.

[7] Camûsi, em Hyde, l. c. p. 409; Sad-der, portas 3 e 19, em Hyde l. c. p. 451 e 461.

[8] Sad-der, porta 89, em Hyde, l. c. p. 502.

[9] L. c. T. 1. p. 196 e seguintes; Sainte Croix. *Recherches historiques et critiques sur les Mystères du Paganisme*, Paris 1817, T. 1. p. 6.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

dente; e por outra parte, penetrou, pela Ethiopia, nas terras dos Gallas, e de lá chegou até ás Nações visinhas dos Achantis, que acreditão serem os mortos transportados ás margens d'hum famoso rio, no interior, onde Deos examina a sua vida passada, e julga se tem observado exactamente os dias de jejum, se se tem abstido das comidas prohibidas, e se forão fieis aos seus juramentos. Se o resultado he favoravel, permitte-se-lhes passar para a região da felicidade, e no caso contrario, são lançados ao rio, e condemnados eternamente [10].

He estranho ao objecto que me proponho discutir, profundar esta materia, e por isso termino a resenha dos Paizes onde se admittio a doutrina de ser necessario que as almas dos mortos passem hum rio antes de chegar á região dos bemaventurados, resenha que só fiz para indicar a universalidade desta crença que, sob diversas fórmas, grassou por quasi todo o mundo conhecido dos antigos. Voltemos á Grecia, e vejamos como ali foi recebida, e de que circunstancias a revestirão.

Transplantada talvez da Persia para a Grecia, pela Asia menor, combinou-se posteriormente com as crenças Egypcias para formar hum corpo de doutrina; mas, antes das viagens de Thales, Solon, e Pithagoras, assomão idéas della nos poemas de Homero. O Oceano he considerado nelles como hum rio [11], alem do qual, e na extremidade da terra, estava o campo Elysio, que habitava Rhadamanto, onde não havia neve, nem inverno aspero, nem chuveiros, mas sopravão do Oceano brandas viraçôes do Zefiro [12]; e tambem era necessario atravessar muitos rios, e primeiro que todos o Oceano, e a região das trévas, para chegar á casa de Plutão [13], em que Ulysses encontrou a sombra de Hercules [14];

---

[10] *Some of the neyhbouring nations* (dos Achantis) *believe that the dead are transported immediately to the banks of a famous river in the interior, where God examines their past life, and judges if they have exactly observed the days of fast, if they have abstained from the prohibited meats and kept their oaths: if the result is favourable, they are allowed to pass over to a happy country; if not, they are plunged into the river and lost for ever.* Bowdich. *An Essay on the superstitions, customs, and arts, common to the ancient Egyptians, Abyssinians, and Ashantees.* Paris 1821 — 4.°, p. 48 (nota)

[11] Illiada, L. 18, v. 606; L. 20, v. 7; Odyssea L. 11, v. 638; L. 12 v. 1.

[12] Odyssea, L. 4, v. 563, e seguintes.

[13] Odyssea, L. 11, v. 154 a 163; L. 10, v. 508 e seguintes.

[14] Odyssea, L. 11, v. 600.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

porque, antes de entrarem no Paiz dos Bemaventurados, as almas que merecião esse premio, ainda mesmo as dos Heroes e as dos homens mais justos, tinhão de purificar-se de algumas imperfeições, inherentes á natureza humana, em huma especie de Purgatorio [15].

Como o Elysio de Homero estava situado na extremidade da terra, alem do Oceano; por isso, ou porque seguirão outro mytho que variava nesta circunstancia, Hesiodo e Pindaro assentárão que era cercado pelas agoas, e transformárão em Ilhas a habitação dos Bemaventurados [16]. Daqui vierão, segundo me parece, as primeiras idéas de = Ilhas Afortunadas. =

Malte Brun presentio a origem oriental deste mytho, explicando-se assim = « Ou estas ficções tivessem por base hu» ma allegoria moral, ou a relação confusa d'hum navegante » perdido, ou fossem nascidas na Grecia, ou no Oriente, e » mais especialmente na Phenicia, como a etymologia hebrai» ca do nome dos Cimmerios poderia faze-lo presumir etc. [17]; porèm abandonou esta opinião, e continuou a considerar como fabulas, produzidas pela imaginação dos Poetas Gregos, o Elysio e as Ilhas Afortunadas [18], attribuindo, tanto elle como Visconti, a Homero a idéa d'huma Ilha dos Bemaventurados, que me parece não existir nas obras daquelle Poeta, mas tão sómente a de campo Elysio [19].

A opinião de Malte Brun e de Visconti, foi já emittida por Servio, estribando-se n'hum passo da Odyssea, em que não se trata de Ilhas Afortunadas, e allegando-a como de Sallustio, na fé d'hum fragmento incerto, que, por isso mesmo, torna duvidoso se Sallustio assim o entendeo [20].

---

[15] Heyne, *Excursus XIII* ao L. 6. da Eneida de Virgilio, T. 3. da ed. de Leipzig, 1800, p. 349 e seguintes.

[16] Hesiodi *Opera et Dies*, v. 171; Pindari *Olymp.* 2, *Ant.* 4, v. 77 e 78 da ed. de Boeckh.

[17] *Que ces fictions aient eu pour base, une allégorie morale, ou la relation obscure d'un navigateur égaré; qu'elles soient nées en Grèce, ou, comme l'étymologie hébraïque du nom des Cimmeriens pourroit le faire présumer, dans l'Orient et plus spécialement en Phénicie etc.* Précis de la Géographie Universelle. Ed. de Paris, 1831 e seguintes, T. 1. p. 36.

[18] Idem, l. c. pag. 37, 225 e 226.

[19] Idem, l. c. p. 225, in fine; Visconti, *Iscrizioni Trioppée*, p. 332 do 1. vol. das = *Opere Varie* = Milano 1827 e seguintes.

[20] *Homerus campos Elysios ad insulas Fortunatas esse testatur his versibus.* (São os versos 563 a 568 do L. 4. da Odyssea). Commentario ao v. 640

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Porêm nas Ilhas Afortunadas de Pindaro não ha nem o fraco indicio que nellas encontra Malte Brun, para fazer lembrar as Canarias. Pindaro (refere Malte Brun) diz que = « junto das Ilhas dos Bemaventurados se vem nadar flores d'ouro sobre o pacifico Oceano =, e accrescenta = imagem que poderia referir-se ás planicies verdejantes e floridas que formadas pelas plantas maritimas fluctuão sobre a superficie do Oceano » = [21].

Eis-aqui o passo de Pindaro, traduzido litteralmente:

Os que a triple carreira
Da vida tem passado, conservando
A sua alma sem mancha,
De Jove pela estrada,
Vão demandar o alcaçar de Saturno,
Nas Ilhas deleitosas
Dos Bemaventurados, onde soprão
As auras do Oceano;
Onde aureas flores brilhão,
Humas na terra em arvores formosas,
Outras na agoa creadas.
Dellas formão grinaldas com que adornão
As mãos e as cabeças [22].

Parece-me que no passo de Pindaro não ha as expressões que Malte Brun lhe attribue, nem allusão alguma ás Canarias, e que só trata do Paraizo em que hião gozar da bemaventurança ethnica as almas dos justos, o que se explica pe-

---

do L. 6. da Eneida, p. 101 do T. 3. da ed. de Virgilio de Burmanno, Amstel. 1746.

insulae Fortunatae..... quasque ait Sallustius fragm. incert. inclytas esse Homeri carmlnibus. Comment. ao v. 735 do L. 5. da Eneida, p. 689 do T. 2. da ed. de Burmanno.

[21] *Même après que la relation d'Hannon a pu être connue en Grèce, nous ne trouvons qu'un seul et faible indice qui pourrait rappeler les îles Canaries: c'est le passage dans le quel Pindare dit* = que pres des iles des Bienheureux on voit » nager sur le paisible Océan des fleurs d'or =, *image qu'on pourroit rapporter à ces plaines verdoyantes et fleuries qui, formées par des plantes marines, flottent à la surface de l'Océan, et qui arrêtèrent la navigation des Cartaginois.* l. c. p. 227.

[22] *Olymp.* 2. *Ant.* 4, v. 75 a 82, ed. de Boeckh, Lipsiae 1811 a 1821, T. 1., P. 1., p. 12. V. o n.º 1 do Appendix.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

lo fragmento do Threno 1., em que outra vez falla no mesmo sentido [23].

He por consequencia evidente que as Ilhas Afortunadas não erão hum Paiz conhecido, onde podesse abordar-se, mas pelo contrario hum Paiz mystico, hum Paiz a que as Nereidas, conduzidas pelos Tritões, acompanhavão as almas dos Bemaventurados que para ali se dirigião [24], hum Paiz a que nunca ninguem tinha hido, e para o qual, bem como para o dos Hyperboreos, nem por mar, nem por terra, se achava caminho [25].

Assim continuarão os Gregos a considerar este Paiz, transmittindo as mesmas noções aos Romanos, cujas idéas a respeito delle erão, ainda no seculo segundo da era Christã, bem conformes ás de Pindaro, porque na inscripção de Marcello em louvor de Regilla, mulher de Herodes Attico, que floreceo pelo meado daquelle seculo, diz o Poeta que = « Re» gilla habita, em companhia das Heroinas, ou Semideosas, » nas Ilhas Afortunadas, onde reina Saturno....., fazendo-a » Jupiter transportar pelas viração dos Zefiros para o Ely» sio, onde está debaixo do Governo de Rhadamanto que era » ali Juiz. [26] »

Hum Paiz que entrava no systema theologico dos Gregos e Romanos quiz-se tornar hum Paiz real, e como nenhum dos Poetas antigos lhe assignava, nem podia assignar-lhe, localidade determinada, porque era hum Paiz mystico, póde applicar-se-lhe o que Plinio dizia dos Jardins Hesperios = que as fabulas Gregas fazião andar vagando = [27]. Collocado, por tanto, onde a fantasia de cada hum o figurava, appareceo na Ilha de Leuce, defronte do Boristhenes [28]; no Egypto [29]; n'hum dos Oasis da Africa (a que Herodoto

---

[23] Pindari Fragm., T. 4, p. 620 da ed. citada.

[24] Visconti, *Museo Pio Clementino*, T. 4, p. 208 a 210, na ed. das Obras de Visconti Milano 1818 e seguintes.

[25] Horacio, *Epod.* 16, v. 59 e seguintes; Pindaro, *Pyth.* 10, *Ant.* 2.

[26] Visconti, *Iscrizioni Trioppée*, Inscripção 2.ª, T. 1 das = *Opere Varie* da ed. citada, p. 272, v. 8 e 9, 21, 23, e 47.

[27] *Vagantibus Graeciae fabulis*, Plinio, *Hist. Nat.* L. 5., §. 5., pag. 296 do T. 2., ed. de Franz, Lipsiae 1778 e seguintes.

[28] Plinio *H. N.*, L. 4., §. 27, p. 181 do T. 2; Dionysio Periegeta v. 541 e seguintes, p. 34 da ed. de Bernhardy, Lipsiae 1828.

[29] S. João Chrysostomo, *Troic.* p. 188 C, citado por Gesner — *De veterum navigationibus extra columnas Herculis* —, pag. 456 da sua ed. de Orpheo, Lipsiae 1764.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

chama Cidade) distante de Thebas no Egypto sete dias de jornada [30]; na India [31]; em Thebas na Beocia [32]; em Lesbos, e nas Ilhas visinhas [33]; nas Ilhas Cassieterides [34]; na Hespanha [35]; em duas Ilhas distantes 10000 estadios da Africa [36]; n'humas Ilhas da Arabia [37]; n'humas Ilhas adjacentes á Libya no Oceano occidental [38]; e até nas Ilhas Britannicas [39] etc.

Ao passo que os conhecimentos geographicos se hião adiantando, hião tambem desvanecendo-se as tradicões fallazes que tinhão situado em diversas paragens este Paiz de delicias; e como Homero o tinha posto alem do Oceano, na extremidade da terra, e os gelos do Oceano septentrional não se compadecião com a amenidade do seu clima; e por outra parte a extremidade occidental da terra sabida era pouco alem das columnas d'Hercules, e o Oceano era d'ahi por diante pouco tratado, ali se procurou o Paiz dos Bemaven-

---

[30] Herodoto L. 3., Cap. 26, p. 207, ed. de Wesseling. Amstelodami 1763.

[31] S. João Chrysostomo, Or. 35, p. 434 e seguintes, citado por Gesner l. c.; Diodoro Siculo, referindo-se a Jambulo, parece pôr huma especie de Bemaventurança n'huma Ilha da India, Bibl. L. 2., p. 166 e seguintes do T. 1., ed. de Wesseling. Amstelodami 1746.

[32] Tzetzes nos scholios a Lycophron aos v. 1:194 e 1:200, a p. 123 e 124, ed. de Potter, Oxoniae 1702, V. a nota de Canter ao v. 1:189, a p. 27 da mesma ed., e a de Bachmann ao v. 1:194, a p. 245 da sua ed. de Lycophron, Lipsiae 1830, e o scholio grego ao v. 1:204, a p. 247 da citada ed. O scholio apontado, e todos os que se achão no Mss. da Bibl. de Paris n.° 345 dos Cod. Greg., e que são muito anteriores a Tzetzes, já tinhão sido impressos por Bachmann a p. 199 e seguintes do T. 2. dos *Anecdota Graeca*. Lipsiae 1828. V. a p. VIII da prefação do vol. 1. *Anecdota Graeca*. No commentario ao v. 648 tinha posto as Ilhas Afortunadas nos confins da Libya, l. c., p. 73, col. 2.ª

[33] Diodoro Siculo, L. 5.°, T. 1., p. 398 da ed. cit.; Mela L. 2., cap. 7., p. 69 do T. 1., ed. de Tzschuck, Lipsiae 1807 e seguintes.

[34] Plinio, *Histor. Nat.*, L. 4., §. 36, T. 2., p. 241.

[35] Strabo, L. 3, p. 223, ed. de Almeloveen. Amstelaedami 1707.

[36] Plutarcho, Sertorio. Ed. de Reiske, T. 8, p. 520.

[37] Agatharcides, n'humas Ilhas alem da Região Sabea, na ed. dos *Geographi vet. Graeci Minores* de Dodwel, T. 1., p. 67; Diodoro Siculo Bibl. L. 3., p. 215 do T. 1. da ed. mencionada, copiando Agatharcides, sem o citar; Ptolomeo L. 4., cap. 8, p. 130 da ed. de Bertius, Lugd. Bat. 1618, traz no seno Arabico huma Ilha Afortunada = Μακαρίας νῆσος.

[38] Plinio, *Hist. Nat.*, L. 6., §. 37, T. 2, p. 772 e seguintes; Ptolomeo, L. 4, cap. 6., p. 127 da ed. citada. Philostrato, Vida de Apollonio, p. 188, cap. 3., ed. Olearii, Lipsiae 1709, as põem junto a hum promontorio deshabitado da Africa.

[39] Tzetzes, nos scholios a Lycophron, aos v. 1:200 e seguintes, p. 124 da ed. de Potter.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

turados; e a existencia d'algumas Ilhas, a pequena distancia das Costas da Libya, acabou de canonizar esta opinião, e de tornar geographico o Paiz dos espiritos que, cansado de viajar por todo o orbe conhecido, se fixou finalmente nas Ilhas chamadas hoje Canarias. Juba, que as mandou explorar, foi talvez movido a isso para descobrir as Ilhas Afortunadas, e reduzir a verdade historica as Ilhas mysteriosas. Deo com aquellas no Oceano, e não apparecendo outras, visto que as Bemaventuradas devião estar no Oceano, assentou tê-las encontrado; e posto que, segundo a descripção que dellas nos deixou, nada houvesse ali da sua presumida beatitude; com tudo, como forão as unicas com que deparou, nem por isso perdêrão o titulo de Bemaventuradas. Juba descreve, pela maneira seguinte, as ilhas que mandou descobrir.

« A primeira chama-se Ombrion, em que não ha vestigio algum d'edificios; tem nos montes hum lago e arvores » semelhantes á ferula, de que se tira agoa, das negras amargosa, e das mais brancas agradavel para beber. A segunda Ilha chama-se Junonia, em que ha só huma capella, » feita de pedra. Na visinhança desta ha outra menor, do » mesmo nome. Depois a Capraria cheia de grandes lagartos. » A' vista dellas está a Nivaria, nebulosa, que tomou este » nome por estar sempre coberta de neve. A que está proxima a esta chama-se Canaria; pela multidão de cães de » excessiva grandeza de que levárão dous a Juba, e apparecem ali vestigios de edificios. E abundando todas em toda » a casta de fructos e aves, a Canaria abunda tambem em » palmares que dão tamaras, e em pinheiros. Ha igualmente » abastança de mel, e papyro; e nos rios ha siluros. Os » monstros marinhos que o mar ali arroja continuamente, » apodrecendo, infestão o ar [40]. »

Explicada a origem do nome de Bemaventuradas, dado ás Ilhas Canarias, vejamos os conhecimentos positivos que dellas teve a antiguidade.

Geographos modernos, abusando da sua erudição, ou querendo ostentar huma perspicacia superior, dão as Canarias como conhecidas desde tempos remotissimos. Malte Brun, v. gr., fundado nas authoridades d'huma obra attri-

[40] Plinio, *Hist. Nat.* L. 6., cap 37, T. 2., p. 774 e seguintes, V. o N. II. do Appendix.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

buida a Aristoteles, e de Diodoro Siculo, persuadio-se de que os Carthaginezes conhecião parte das Canarias [41]; porêm a mim parece-me que nenhum conhecimento tiverão dellas; e, para o provar, examinarei os passos dos A.A. em que Malte Brun estriba a sua opinião.

Eisaqui o passo da obra attribuida a Aristoteles = « Di-» zem que os Carthaginezes achárão no mar, alem das co-» lumnas d'Hercules, huma ilha fertil e deserta, abundante » em bosques, e em rios navegaveis, e admiravel em todos » os fructos, distante do continente muitos dias de viagem. » Dizem que tendo os Carthaginezes principiado a estabele-» cer nella casaes, e a habita-la, em consequencia da ferti-» lidade do terreno, o governo de Carthago prohibio, com » pena de morte, que ninguem mais fosse á ilha, e expulsou » della os habitantes, para que não conseguissem, por meio » d'alguma conspiração, asenhorear-se da ilha, e privar os » Carthaginezes daquella ventura [42]. =

Diodoro Siculo diz o seguinte: « Depois de termos cor-» rido as Ilhas áquem das columnas d'Hercules, passare-» mos ás que estão alem dellas no Oceano. Para a parte da » Africa jaz huma grande Ilha, no vasto pelago do Oceano, » a muitos dias de navegação da Libya, declinando para o » occidente. O terreno, que he ali fertil, levanta-se, em » grande parte, em montes; porêm não tem pequena parte » em campos, e esta parte sobresahe em amenidade, porque » por ella correm rios navegaveis que a refrescão. Tem mui-» tos jardins d'arvores de todas as qualidades, e innumera-» veis pomares, cortados d'agoas doces. Tem tambem quin-» tas ornadas com edificios sumptuosos, e nos jardins ha ca-» sas para bebidas curiosamente preparadas, e aqui vem passar » o verão, porque a terra offerece, em abundancia, todas as » commodidades para os prazeres e delicias. A região monta-» nhosa tem muitos e grandes bosques, e varios generos d'ar-» vores fructiferas, e planicies, e fontes proprias para recreação » dos montanhezes. Esta ilha he, por toda a parte, regada de » nascentes d'agoa, o que não só produz agradavel deleito

[41] L. c. T. 1., p. 88 e 220.

[42] *Liber de Mirabilibus Auscultationibus*, ed. de Beckmann, Gottingæ, 1786 — 4.°, cap. 85, pag. 172. Esta determinação do governo de Carthago parece-me que devia ser relativa aos Estrangeiros estabelecidos naquella ilha, e aos que quizessem ir para ella, e só neste sentido he que pode entender-se o que diz o A. V. o N. III. do Appendix.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» aos que nella vivem, mas contribue tambem muito para a
» saude e vigor. A caça de toda a especie de animaes e fe-
» ras he ali mui copiosa, e por isso não ha nunca falta della,
» nem para o regalo, nem para o apparato dos banquetes.
» O mar que banha esta ilha tem multidão de peixes; por-
» que o Oceano, por sua natureza, em toda a parte abunda
» em varios generos de pescados. A temperatura do ar he
» brandissima, o que faz com que, na maior parte do anno,
» dem as arvores quantidade de fructos diversos e formosos,
» e he tal a felicidade que nella se goza, que mais parece
» habitação dos Deoses que dos homens. Foi antigamente
» desconhecida, por estar mui apartada do resto do Orbe,
» porêm achou-se pelo modo seguinte. Os Phenicios, em
» tempos antiquissimos, fizerão, por occasião do seu com-
» mercio, frequentes navegações, e por isso estabelecêrão
» muitas colonias na Africa, e não poucas naquellas partes
» da Europa, que olhão para o occidente, e proseguindo nos
» seus intentos, opulentos com immensas riquezas, sahírão
» fóra das columnas d' Hercules para o mar que se chama
» Oceano, e primeiramente junto ao mesmo estreito das co-
» lumnas, fundárão na Europa, n'huma peninsula, huma ci-
» dade a que derão o nome de Gades; na qual, alem de ou-
» tras cousas convenientes áquelle lugar, edificárão hum tem-
» plo sumptuoso consagrado a Hercules, com officinas magni-
» ficas, para a pratica dos ritos sagrados dos Phenicios. Este
» templo foi tido em summa veneração, tanto nos seculos
» antigos, como nos modernos até aos nossos tempos, a pon-
» to de que muitos Romanos, illustres por sua nobreza, e
» pela grandeza de suas façanhas, fizerão votos áquelle Deos,
» e forão paga-los, depois de terminados felizmente os seus
» negocios. Por este motivo, investigando os Phenicios as
» regiões alem das columnas, e costeando as praias da Afri-
» ca, forão lançados, pela força dos ventos, a grande dis-
» tancia de navegação pelo Oceano, e acossados da tempes-
» tade por muitos dias, aportárão á ilha de que ja fallámos; e
» conhecida primeiro por elles a sua natureza e bemaventu-
» rança, derão noticia aos outros; e por isso, depois que al-
» cançárão o dominio do mar Tyrrheno, destinárão para ella
» huma colonia, porêm opposerão-se-lhes os Carthaginezes,
» porque receárão que muitos dos seus cidadãos, attrahidos
» pela bondade da ilha, emigrassem para lá; e quizerão tam-
» bem ter nella prompto hum refugio para qualquer acciden-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» te inesperado da fortuna, se a Republica de Carthago ex-
» perimentasse hum revez destruidor; porque confiavão que,
» sendo ainda poderosos no mar, poderião transportar-se, com
» todas as suas familias, para huma ilha incognita aos ven-
» cedores. Mas, visto que já fallámos do Oceano Africano
» e das suas ilhas, trataremos da Europa, etc. » [43]

A simples leitura dos passos transcriptos parece dispensar qualquer outra reflexão. O fundo da Historia de Diodoro he tirado da obra attribuida a Aristoteles, ou da mesma fonte, só com a differença de ajuntar mais algumas circunstancias. A ilha do falso Aristoteles era deshabitada, a de Diodoro habitada, com lindas casas de campo etc.; porêm seria falta de siso travar brigas com fantasmas, e só accrescentarei o que diz Wesseling em huma das suas notas ao passo de Diodoro = « Qual seja esta ilha do Oceano para a parte » da Lybia não o direi. De certo não pode ser nenhuma das » Canarias, porque lhe obsta quasi tudo o que della se apre- » gôa = » [44]. Quem tiver tempo de sobra poderá procurar esta ilha onde lhe parecer.

Alem das authoridades acima expendidas, podia Malte Brun allegar huma de Strabo, que vinha melhor ao seu intento; porque positivamente diz que os Carthaginezes conhecêrão as Ilhas Afortunadas, e he a seguinte = « Tambem » fazem menção (os Poetas) das Ilhas dos Bemaventurados, » e sabemos que ainda agora apparecem, não mui distantes » da extremidade da Mauritania, defronte de Gades. Digo » que os que indicárão estas cousas forão os Phenicios que, » antes da idade de Homero, occupárão a melhor parte da » Africa e da Hespanha, e forão senhores daquellas terras » até que os Romanos lhes acabárão o Imperio » = [45].

Este dito de Strabo não assenta sobre facto nenhum historico, e por consequencia he a sua opinião particular sobre os primeiros que terião tido noticias das Ilhas Afortunadas, ou talvez a mesma tradição referida pelo A. da obra attribuida a Aristoteles, e por Diodoro Siculo, applicada ás ilhas mythologicas que a existencia das Canarias, ha pouco reco-

---

[43] Diodoro Siculo, *Bibl.* L. 5., pag. 344 do T. I. da ed. citada. V. o N. IV. do Appendix.

[44] *Quae maris Oceani contra Lybiam haec insula sit, non dixero. Fortunatarum certe quidem una haberi non potest; obstant pleraque omnia, quae de ea praedicantur.* Diodoro Siculo, l. c., nota (28).

[45] Geographia L. 3., p. 224 da ed. citada. V. o N. V. do Appendix.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

nhecidas no tempo de Strabo, como adiante se mostrará, tinha transformado em Paiz real. Nem deve admirar esta asserção inexacta n'hum Author que fazendo, para assim dizer, hum Commentario perpetuo sobre a Geographia d'Homero, se esforça em tornar historica toda a Geographia ideal daquelle Poeta.

Já se vê que os passos do falso Aristoteles e de Diodoro Siculo, bem longe de apresentarem n'huma grande ilha distante muitos dias de viagem do continente etc., nem sequer a sombra de alguma das Canarias, repugnão inteiramente a semelhante idea; e por isso não sei como Malte Brun achou nelles vestigios de terem os Carthaginezes conhecimento de parte dellas, e muito mais confessando que o periplo de Hannon prova que no tempo de Herodoto não tinhão ainda os Carthaginezes descoberto as Canarias [46]; e que Polybio, mandado procurar os estabelecimentos feitos por elles, não achou tal ilha [47].

Mas huma prova de que os Carthaginezes não conhecião as Canarias he que Juba, a quem Plinio repetidas vezes cita, e que se servio dos Livros Punicos para escrever as suas obras [48], Livros de que se fez bastante uso em Roma até ao tempo de Rufo Festo Avieno [49], não encontrou nelles cousa que o satisfizesse a respeito das Ilhas Afortunadas, aliás não teria mandado explora-las de proposito para as descrever, como refere Plinio [50], dando-lhes nomes Gregos, o que prova que não os tinhão Carthaginezes: ac-

---

[46] L. c. T. I., p. 227.

[47] Ibid. p. 229.

[48] Ammiano Marcellino L. 22, cap. 15, p. 300, T. I. da ed. de Wagner. Lipsiae 1808.

[49] Varro *De Re Rustica*, L. 1., cap. I., p. 132 do T. 1. dos *Rei Rusticae Scriptores Veteres Latini*, ed. de Schneider. Lipsiae 1794 e seguintes.

Sallustio, Guerra de Jugurtha, cap. 20, p. 78 do T. 1. da ed. de Havercamp. Amstelaedami 1742.

Collumella, *De Re Rustica*, L. 1., cap. 1., § 13 e 18, p. 38 e 39 do T. 2. *Rei Rusticae Scriptores Veteres Latini*, da citada ed.

Mela, L. 3., cap. 9, p. 104 e 105 do T. 1. da citada ed.

Plinio, *Hist. Nat.* L. 2., cap. 67, p. 382 do T. 1. da ed. citada.

Solino, Cap. 24, p. 34 do Tom. I. das *Plinianae Exercitationes in Solinum* de Saumaise, Trajecti ad Rhenum 1689.

Rufo Festo Avieno. *Ora Maritima* v. 117, 383, 412 a 415, p. 1186, 1234, 1238, e 1239 do T. 5. dos *Poetae Latini Minores*, ed. de Wernsdorf, Altenburgi, e Helmstadii 1780 e seguintes.

[50] *Hist. Nat.* L. 6, cap. 37, p. 774 do T. 2. da ed. citada.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

cresce a isto o testemunho de Himilcon Carthaginez que nenhuma palavra diz á cerca dellas, antes bem longe d'isso, aponta as grandissimas difficuldades da navegação do Oceano, além das columnas [51]; e accresce mais o silencio de Rufo Festo Avieno que, servindo-se dos Livros Punicos para compôr a sua obra = *Ora Maritima*, tambem não falla nas Ilhas Afortunadas [52].

Quando digo que os Phenicios e Carthaginezes não tiverão conhecimento das Canarias, quero que se entenda que não ha monumentos historicos escriptos que tal nos affiancem; e que, por consequencia, nenhum raio de luz nos reflectio delles, que possa alumiar-nos em semelhante materia. Que as Canarias apresentárão aos seus primeiros descobridores, na idade media, vestigios d'huma civilisação antiquissima, que não se compadeçe com o estado selvagem em que as acharão, he innegavel: ¿mas quem he que sabe ainda a verdadeira historia dos Povos?

Atraz fica demonstrado [53], que as Ilhas Afortunadas de Pindaro nenhum indicio dão de terem sido conhecidas as Canarias no tempo daquelle Author; nem os Gregos e Romanos as conhecerão antes de Juba; porque nenhum (que eu saiba) faz menção dellas, nem tornou positivas e reaes as Ilhas mysticas dos Bemaventurados; antes pelo contrario, mostrão huma perfeita ignorancia dos Paizes fóra do Estreito para o Occidente, além de Cerne.

Scylax, ou a obra que anda em seu nome, e que segundo Mr. Letronne, he compilada de diversos materiaes, não sendo os mais modernos posteriores ao anno 345, antes da era vulgar, [54] pôem a Ilha de Cerne como o ultimo termo da navegação da costa occidental da Africa alem das columnas de Hercules [55].

Agatharcides, que escreveo pelos annos Varronianos 649

---

[51] Rufo Festo Avieno *Ora Maritima*, v. 380 e seguintes, p. 1:234 do T. 5 da ed. citada.

[52] Idem, l. c. v. 414 e 415, p. 1:238 do T. 5 ed. citados.

[53] A p. 6.

[54] *Fragments des Poémes Géographiques de Scymnus de Chio, et du faux Dicéarque.* Paris 1840, p. 214, 233, 246, e 247. Obra em que Mr. Letronne junta a hum conhecimento profundissimo da lingoa e litteratura grega, a critica mais judiciosa e apurada, qualidade em que se distinguem todas as composições deste sabio.

[55] Periplo, p. 248, ed. de Klausen, Berolini 1831.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

a 650 [56], fallando de muitas fabulas e mettendo-as a ridiculo, diz = « Que alguns dos heroes conservão os seus corpos » inalteravel e perpetuamente livres de todos os padecimen- » tos nas Ilhas dos Bemaventurados, das quaes ninguem referio » cousa certa » = [57] Diodoro Siculo, que floreceu no tempo de Cesar, e alcançou ainda parte do tempo de Augusto [58], não faz menção de nenhuma outra terra fóra do Estreito, para o occidente, senão da Ilha deleitosa, desenhada no passo transcripto [59].

Marciano de Heraclea, posto que seja dos fins do seculo III., ou do principio do IV. [60], revela-nos a opinião dos antigos a este respeito, dizendo que, por ter visto que a maior parte dos antigos nenhuma menção, ou mui superficial, fazião do mar exterior, e se a fazião era muito escura, e totalmente alheia da verdade, tinha escripto, por cuidado e diligencia propria, em dois livros, hum periplo de todo o Oceano occidental e meridional d'ambos os continentes da Africa e da Asia, desde o sino Arabico até aos Sinas, e tambem do Oceano occidental e septentrional da Europa e Africa [61]. E Plinio, tão versado na lição dos Escriptores Gregos, a que frequentissimamente recorre na sua Historia Natural, quando trata das Canarias, só invoca as authoridades de Seboso e de Juba, signal de que nenhumas noções a respeito dellas lhe subministravão os A. A. que consultou.

Pertende-se que as Canarias fossem conhecidas pelos Romanos anteriormente a Juba, allegando-se noticias dadas por huns navegantes a Sertorio, e huma viagem que a ellas fez Cesar; porèm a mim tudo isto me parece fabuloso.

Malte Brun accredita nas noticias dadas a Sertorio, por que diz = « O primeiro conhecimento certo que se teve das » Ilhas situadas ao Oeste (as Canarias) data dos ultimos tem- » pos da Republica Romana. Sertorio refugiado na Hespa-

---

[56] Dodwell, *Dissertationes de actate et scriptis Geographorum quos continet primum volumen Veterum Script. Graec. minor.* p. 71 e 72 do T. 1.

[57] Οτι τῶν ἡρώων τινὲς ἀπαθῆ τὴν διαμονὴν τῶν σωμάτων διαφυλάττουσι πάντα τὸν χρόνον ἐν ταῖς μακάρων νήσοις· ἃς ὑδεὶς κυρίως ἱστόρησεν. Geographiae Veteris Scriptores Graeci Minores, ed. de Dodwell. T. 1. p. 10.

[58] H. Estevão. *De Diodoro Siculo et ejus scriptis brevis tractatus*, T. 1, assignatura ** da ed. de Diodoro citada.

[59] V. o principio, e o fim do passo trancripto a p. 10 a 12 desta Mem.

[60] Dodwell. *Dissertationes de aet. et scriptis Geogr. etc.* citadas, p. 156 e 157.

[61] P. 116 da ed. de Miller. Paris 1839.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» nha, com hum partido de Romanos, foi informado que a » 10:000 estadios da Libya (querião talvez dizer da Iberia) » se achavão duas Ilhas agradaveis, ricas em producções natu- » raes, e que no seu seio tranquillo, lhe offerecião huma no- » va Patria. Plutarcho affirma que estas Ilhas Atlanticas erão » consideradas pelos indigenas como o Elysio, ou a Ilha dos » Bemaventurados, cantada por Homero. ¿Porêm os Guanches, » habitantes das Canarias, lião as poesias de Homero? Nisto » he que não pensou o bom Plutarcho. Os Romanos e não » os Canarios he que derão ás duas Ilhas de Sertorio o nome » de Afortunadas = [62].

O 1.° vestigio destas Ilhas Atlanticas encontra-se n'hum fragmento de Sallustio, conservado por Nonio, e he o seguinte = « Do qual constava que duas Ilhas visinhas entre » si, e distantes 10 estadios de Gades produzião espon- » taneamente o que he necessario para a vida = » [63] Este passo, combinado com outro fragmento do mesmo Sallustio, conservado por Acron que diz assim = « Con- » ta Sallustio, na Historia, que Sertorio vencido quizera ir » para as Ilhas Afortunadas = » [64] são os unicos indicios da historia das informações dadas a Sertorio á cerca das Ilhas Afortunadas, expendida mais amplamente por Plutarcho, na fórma seguinte:

« Aqui (pouco acima da foz do Guadalquivir) forão ter » com elle (Sertorio) certos navegantes, chegados havia pou- » co das Ilhas Atlanticas. Estas Ilhas são duas, separadas » por hum muito pequeno estreito, distão da Africa 10:000 » estadios; e chamão-se Afortunadas. Tem chuvas modera- » das, mas poucas, as mais das vezes tem ventos brandos » com orvalhos; e por isso o solo, não só he bom e fertil pa- » ra as sementeiras e plantas, mas tambem produz, sem cul- » tura, fructos que podem sustentar, abundante e agrada- » velmente, huma população ociosa, sem os trabalhos e fa-

---

[62] L. c., p. 229. V. o N.° VI do Appendix.

[63] *Cujus duas insulas propinquas inter se, et decem stadium procul a Gadibus sitas, constabat sùpte ingenio alimenta mortalibus gignere.* Nonio Marcello *De numeris et casibus.* Sedani 1614, p. 495, in fine.

[64] *Insulae fortunatae ad quas Sallustius in Historia dicit victum voluisse ire Sertorium* = Acron ao Epod. 16 de Horacio, fl. 160 v., da ed. de Veneza 1498. Ambos estes passos vem transcriptos na ed. de Sallustio de Havercamp, a p. 112 e 149 do T. 2. (porêm o 2.° passo com alguma differença); e em outras edições.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

„ digas dos homens. O ar nestas ilhas he temperado, e pou-
„ co sujeito a alterações, porque os ventos do quadrante en-
„ tre o Norte e o Leste, correndo tamanho espaço, espa-
„ lhão-se e perdem parte da sua força, e os ventos do qua-
„ drante entre o Norte, e o Oeste, é os Zephiros que vem
„ da parte do mar, trazendo chuvas brandas e poucas, e re-
„ frigerando-as, as mais das vezes com os orvalhos nocturnos,
„ as tornão productivas. E por isso os barbaros estão na fir-
„ me persuasão de que ali são os campos Elysios, e a habi-
„ ção dos Bemaventurados, celebrados por Homero.

„ Sertorio, ouvindo isto, teve grandissimo desejo de ir
„ viver socegado naquellas Ilhas, abandonando o mando e as
„ guerras = Continúa Plutarcho dizendo que não levou avan-
te esta determinação porque os Cilices o desampararão, pas-
sando á Africa; para ali foi tambem Sertorio, e morto Pa-
ciano, mandado por Sylla a favor d'Ascalis, tomou Tanger
onde se tinha refugiado Ascalis, com seus Irmãos; e depois
accrescenta = « Os Africanos contão que em Tanger está se-
„ pultado Antheo, e não se fiando no que, a respeito da sua
„ estatura, lhe dizião os barbaros, mandou Sertorio abrir a
„ sua sepultura, e tendo achado hum corpo de sessenta co-
„ vados de comprido (segundo dizem) ficou pasmado; e sa-
„ crificando-lhe victimas, tornou a fechar o moimento e au-
„ gmentou-lhe a honra e fama. [65] „ =

Malte Brun moteja com razão, de Plutarcho, por dizer que os habitantes das Ilhas Atlanticas tinhão lido os poemas de Homero, sem attentar a que podião fazer o mesmo a seu respeito, por se persuadir de que estas Ilhas Atlanticas erão as Canarias. Quem não vê que as Ilhas de Plutarcho são ainda as Ilhas mythologicas, e não as geographicas? e que devem merecer o mesmo grão de credito que os 60 covados da estatura de Antheo, de que vem acompanhadas? A clausula (segundo dizem) com que parece que Plutarcho queria tirar de si a responsabilidade deste facto, prova que desconfiava delle, e realmente he huma fabula, inventada por Gabinio (que servio de texto a Sallustio, e a Plutarcho) como adverte Strabo [66]; e era tão pouco o credito que este A. merecia, e tal a fama das patranhas por elle espalhadas, de que Strabo relata, alem desta, mais algumas, que Plinio nem huma vez

[65] Sertorio, ed. de Reiske, T. 8., p. 520 a 523.
[66] L. 17, p. 1:185 da ed. citada.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

o cita. Do mesmo modo a noticia das Ilhas Atlanticas era outro conto que se referia de Sertorio. ¿Onde acharia Malte Brun duas Ilhas no Oceano Atlantico, separadas por hum mui pequeno estreito, a 10:000 estadios da Libya? He verdade que para resalvar a contradicção da distancia á costa d'Africa, e accommodar ás Canarias o Paiz imaginario de Plutarcho, accrescenta Malte Brun *quereria talvez dizer da Iberia.* Deste modo poderia aproximar-se Madagascar do Cabo de Comorim. Mas concedamos que a distancia fosse realmente da Iberia, e não da Africa, para o que Malte Brun, se o tivesse presente, se apoiaria no passo de Sallustio que está errado no numero dos estadios —*dez estadios distantes de Gades*—, e talvez o esteja tambem, pelo que respeita a Gades, porque Plutarcho falla da Libya, e não daquella terra: ¿onde se verificão nas Ilhas do Oceano Atlantico de Plutarcho as outras circunstancias que possão transforma-las nas Canarias? As unicas das Canarias que estão mais proximas huma da outra são Lanzarote e Fuerte Ventura, e ainda entre ellas se mette a Ilha de Lobos marinhos; mas Juba só descreve seis Ilhas Canarias, o que faz suppor que no seu tempo o grupo formado hoje pelas ilhas e ilhotes Alegranza, Roque d'Oeste, Santa Clara ou Montanha Clara, Graciosa, Roque de Leste, Lanzarote, Ilha de Lobos e Fuerte Ventura, fazião huma só Ilha. A natureza volcanica das Canarias; [67] a proximidade de todas as partes de que se compõe este grupo; e a consideração de que a Ilha de Lanzarote foi a mais volcanizada, ainda antes dos tempos historicos, de que está geologicamente ligada com a Ilha de Fuerte Ventura pela Bocayna, e pela Ilha de Lobos, e de que o canal que as separa não tem grande profundidade; [68] indicão a sua separação effeituada por hum meio violento, que aconteceria em época posterior á idade de Juba, sendo este, a meu ver, o unico meio de conciliar a descripção daquelle Author com o estado actual das Canarias. Não está

---

[67] V. a excellente = *Histoire Naturelle des Iles Canaries.* Par Mrs. Webb et Berthelot, T. 2., Paris 1839, p. 277 e seguintes; e especialmente, pelo que toca a Lanzarote, e a Fuerte Ventura, de p. 375 a 392.

[68] Idem. *Lancerotte est l'ile de l'archipel Canarien qui a été la plus volcanisée, même avant les temps historiques*, ibid., p. 377.

L'ile de Fortaventure fait suite á celle de Lancerotte. Ces deux terres se trouvent liées géologiquement par la Bocayna et la petite ile de Lobos. Le canal qui les sépare n'a pas une grande profondeur, ibid., p. 388.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

ao alcance do meu assumpto ajustar a descripção de Juba a cada huma das Canarias hoje conhecidas; porêm parece-me insustentavel a explicação de Malte Brun. Diz elle = „As duas „Ilhas Lancerote e Fortaventura, com os tres ilhotes d' „Allegranza, Clara, e Lobos, representão o verdadeiro gru„po das Ilhas Afortunadas, e eis-aqui como conciliamos en„tre si, e com o estado real das suas posições, as trez re„lações de Seboso, de Juba, e de Ptolomeo.

„ *Nomes modernos*	*Seboso*	*Juba*	*Ptolomeo*
„ Allegranza	.....	.....	Aprositos
„ Clara	Junonia	Junonia parva	Junonia
„ Lancerote	Pluvialia	Ombrios	Pluitalia
„ Lobos	.....	Junonia	.....
„ Fortaventura	Capraria	Capraria	Capraria

„ Além destas Ilhas Afortunadas, diz Plinio, ha outras; „mais abaixo explica-se assim: avistão-se das praias das Ilhas „Afortunadas as de *Nivaria* e de *Canaria*, que são, segun„do se persuadem todos os Geographos, Tenerife e Cana„ria, e são tambem a *Convaltis*, e a *Planaria* de Seboso, „que dá a estas duas Ilhas exclusivamente o nome de Afor„tunadas, restringido por Juba ás quatro precedentes. Aqui „parão os descobrimentos de Seboso, e de Juba; e aqui se „termina tambem a geographia de Ptolomeo. Os antigos não „conhecerão as outras tres Canarias, ou pelo menos, são „inuteis para explicar as relações que dellas nos deixarão. „Na explicação que apresentamos conserva-se, quasi intei„ramente a ordem dos nomes, reconhece-se a posição norte „sul das Ilhas Afortunadas; e encontrão-se igualmente os ca„racteres phisicos, porque a unica fonte de fecundidade de „Lancerote, ou Pluvialia, são as chuvas periodicas. Se re„stão ainda difficuldades resultão das medidas dadas por Se„boso, medidas que d'Anville não julgou susceptiveis de ex„plicação, e que Gosselin só poude explicar por meio de „supposições engenhosas, mas arbitrarias „ = [69].

Desfiar com miudeza a explicação de Malte Brun seria gastar tempo inutilmente; e por isso limitar-me-hei a breves reflexões.

[69] L. c., p. 232 e 233. V. o N.° VIII do Appendix.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Em 1.° lugar: Juba falla explicitamente de 6 Ilhas, e põe a Junonia menor junto á outra Junonia. Ora a Ilha de Lobos, a que Malte Brun chama Junonia, he entre a Ilha de Lanzarote e a de Fuerteventura, e não na visinhança de Santa Clara, que Malte Brun chama *Junonia parva*, entre a qual e a Ilha de Lobos se mette Lanzarote, de maneira que nem podem avistar-se huma á outra; logo Santa Clara não pode ser a *Junonia parva* de Juba, que devia estar ao pé da Junonia.

Em 2.° lugar: O grupo das ilhas e ilhotes que termina em Fuerteventura, comprehende, como já dissemos, 8 ilhas e Ilhotes, Alegranza, Roque d'Oeste, Santa Clara, Graciosa, Roque de Leste, Lanzarote, Ilha de Lobos marinhos, e Fuerteventura. Roque d'Oeste, e Roque de Leste são 2 penhascos; porêm a Graciosa he maior do que Santa Clara e do que a Ilha de Lobos [70]; e por isso não ha motivo para se omittir neste grupo, senão fôr o espirito de systêma que obrigue a vêr só 5 onde ha 6.

Em 3.° lugar: Plinio não diz que alem das ilhas a que Malte Brun applica exclusivamente o nome de afortunadas, ha outras, e que das praias das Ilhas Afortunadas se avistão Tenerife e a Canaria: vai descrevendo as seis Ilhas, e diz que á vista da Capraria e da Junonia menor está a Nivaria *(in conspectu)*, e proxima a ella a Canaria [71].

A explicação de Malte Brun he hum exemplo da pertinacia com que os modernos querem á força dar como certas as relações geógraphicas dos antigos, e até achar exactas as suas medidas. Os antigos forão homens, errárão como nós, e errárão mais do que nós, em muitos pontos geographicos, porque tinhão menos meios para acertar. Se ainda agora ha tantos erros em Geographia, como não havia d'havê-los então? Quanto a mim he huma chimera procurar a exacção das medidas desd'o Promontorio Sacro até Thinae, em que muitos se tem afadigado. E não será huma obstinação cega fazer os antigos ainda mais exactos do que elles mesmos o querem ser; porque, a cada passo, estão dizendo que não

---

[70] A Graciosa tem quasi tres milhas de comprido, e duas de largo; e a Ilha de Lobos Marinhos tem quasi huma legoa de circunferencia. Clavijo, *Noticias de la Historia General de las Islas de Canaria*. T. 1, p. 43. Em qualquer carta se verá que a Graciosa he tambem maior que Santa Clara.

[71] *Hist. Nat.*, L. 6., cap. 37, p. 776.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

respondem pelo que escrevem? Todos os Geographos antigos se contradizem, se emendão, se explicão mutuamente, assim como hoje acontece com os viajantes, e com os Geographos modernos. Se Eratosthenes, collocando Syene e Alexandria no mesmo meridiano, se enganou n'hum gráo, porque Syene está hum gráo mais a Leste do que Alexandria: se poz Méroé do Nilo, a Ilha de Rhodes, Bysancio, e o Borysthenes no mesmo meridiano, estando estas posições em meridianos differentes: se a estas latitudes, mal determinadas, ou talvez somente mal traduzidas d'alguma carta d'hum antigo povo navegante, os Geographos d'Alexandria referião todas as latitudes dos outros Paizes, que ás vezes adivinhavão pelas indicações, tão pouco seguras, d'hum gnomon, mas as mais das vezes pela estimativa dos viajantes, segundo a natureza dos ventos e das producções, donde nascêrão os erros das diversas posições do globo, como nota Malte Brun [72]; ¿não seria melhor, seguindo este Author, — *não gastar tempo nestes aridos caminhos por onde a Sciencia só conduz, as mais das vezes, a huma duvida que faz desesperar* — [73] do que insistir em fazer combinar cousas, que, pelos elementos de que são formadas, são inconciliaveis?

Quanto á viagem de Cesar ás Canarias, Tzetzes a Hesiodo he quem diz que Cesar fôra ter, n'huma galé, ás Ilhas Afortunadas, e que convidado da sua amenidade, quizera ficar ali; porêm que fôra expulso dellas pelos naturaes [74].

A vida de Cesar he tão sabida, e Tzetzes he escriptor tão distante do acontecimento que relata, e de criterio tão mesquinho, que authoriza a não desperdiçar tempo em refuta-lo.

Fica provado que, antes de Seboso e Juba, os Gregos e Romanos não conhecião as Canarias; mas, ainda que a relação de Seboso se considere anterior a Juba, parece-me que os descobrimentos deste Monarcha forão a fonte onde bebêrão todos os que dellas tratárão, que são Seboso, Strabo, Mela, Plinio, Ptolomeo, Solino, e Marciano Capella [75].

---

[72] L. c., p. 111 e 112. V. o N. IX do Appendix.

[73] *Pourquoi nous arrêter plus long-temps sur ces routes arides où la science ne mène souvent qu'à un doute désespérant?* L. c. p. 113.

[74] Tzschuck, nas notas, p. 584 do T. 6 da sua edição de Mela.

[75] Fui d'outro parecer nos meus *Additamentos á primeira parte da Memo-*

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Posto que Plinio cite Estacio Seboso antes de Juba, no que dá a entender que, antes de Juba, já Estacio Seboso conhecia as Canarias, com tudo parece-me não ser impossivel que Seboso tivesse visto a descripção de Juba, ou tivesse noticia do resultado da exploração que dellas tinha mandado fazer o Rei da Mauritania.

Plinio diz que Juba era = *do tempo de nossos pays* = [76], o que he exacto porque Juba figurou, sendo ainda menino, no triunfo de Cesar [77]; e Estacio Seboso, se he, como diz Hardouin, citando Cicero, o que foi amigo de Catullo [78], vem a cahir no tempo de Juba, porque Cicero morreo no anno 711 U. C., hum anno depois de Cesar, e Catullo era mais moço do que Cicero dezenove annos, por ter nascido no anno 667 U. C. [79]; por tanto não admira que Estacio Seboso alcançasse muita parte do tempo de Juba, e que tivesse as primeiras ideas confusas dos descobrimentos de Juba, mesmo antes delle os escrever, o que lhe seria tanto mais facil se, como diz Malte Brun, Seboso estava em Cadiz, quando as obteve [80].

Esta opinião ganha maior força; por huma parte, pela identidade de alguns nomes das Afortunadas de Seboso e de Juba; e por outra parte, pela desordem da relação de Seboso que mostra bem que não tinha ideas exactas a este respeito, e que só teria rastreado algumas noticias vagas do descobrimento das Canarias mandado fazer por Juba. E tal-

---

ria sobre as verdadeiras épocas em que principiárão as nossas Navegações, e Descobrimentos no Oceano Atlantico, a p. 189 da P. 2. do T. XI. das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa; mas, considerando novamente esta materia, julgo mais acertado o que agora digo, e desenvolverei nos §§ seguintes. Hum dos principaes motivos da opinião que então emitti foi não ter advertido que Juba escreveo em Grego.

[76] *Et patrum nostrorum aetate Rex Juba.* Hist. Nat.; L. 25, cap. 38, p. 690 do T. 7.

[77] Appiano, *Hist. das Guerras civis dos Romanos*, L. 2, cap. 101, p. 514 do T. 2. da ed. de Schweighaeuser. Lipsiae 1785; Plutarcho, Cesar. Ed. de Reiske, T. 4., pag. 266.

[78] No Index dos A.A. citados por Plinio, T. 10, pag. 552. O lugar de Cicero he o seguinte = *Ecce ex altera parte Sebosus, ille Catulli familiaris: quò me vertam?* = L. 2. *ad Atticum*, Epist. 14, p. 373 do T. 8. da ed. de Verburg., 1724 — 4.°

[79] V. a Vida de Catullo, § XXIII. da ed. de Volpi. Patavii 1737 — 4.°

[80] Statius Sebosus *recueillit à Gades tous les renseignemens qu'on avoit sur les îles occidentales*, l. c., p. 220. Não sei donde Malte Brun tirou a noticia de que Seboso colheo em Cadiz noções das Canarias.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

to he verdade que as noções dadas por Seboso a respeito dos paizes alem do Estreito não erão julgadas seguras, que Plinio, depois de ter fallado das Gorgones e das Hesperides, para confirmar que tudo o que se diz a respeito dellas he muito incerto, refere o que da sua posição geographica escreveo Seboso [81]. Se Plinio confiasse em Seboso admittiria a sua authoridade, e não a produziria como prova de que tudo quanto se sabia daquellas ilhas era incerto. Accresce a isto que Saumaise julga mui viciado o passo em que Plinio nos transmittio a opinião de Seboso ácerca das Ilhas Afortunadas [82]; e por tanto menos possivel he compara-la com a descripção de Juba.

Strabo dando na sua obra noticia de que Juba morrêra havia pouco tempo [83]; e limitando-se a dizer a respeito das Ilhas Afortunadas — « os Poetas fazem menção dellas, e sabemos que ainda agora apparecem, não mui distantes das extremidades da Mauritania, defronte de Gades — » [84], claramente dá a entender donde tirou esta noticia.

Mela, no seu Compendio Geographico, diz que as Ilhas Afortunadas, defronte do Atlante, abundão em producções espontaneas, que se renovão continuamente para sustentar os seus habitantes, que não tem cuidado da sua subsistencia, mais felizmente do que acontece nas outras terras cultivadas; que huma dellas he mui notavel pela singular qualidade de duas fontes que nella ha: os que beberem d'huma desatão a rir até morrer: e o remedio dos que tiverem sido acommettidos por esta molestia, he beber da outra fonte [85].

---

[81] *Adeoque omnia circa haec* (as Ilhas Gorgones e Hesperides) *incerta sunt; ut Statius Sebosus a Gorgonum insulis praenavigatione Atlantis dierum XL ad Hesperidum insulas cursum prodiderit, ab iis ad Hesperu ceras unius.* Hist. Nat. L. 6., cap. 36, p. 771, T. 2.

[82] *Quaenam igitur erunt Fortunatae Sebosi? Locus Plinii, quo eas commemorat, prodigialiter deformatus.* Salmasii *Plinianae Exercitationes in Solinum*, T. 2., p. 915, col. 2.

[83] L. 17., p. 1185 da ed. citada.

[84] L. 3., p. 224.

[85] *Contra* (Atlantem) *Fortunatae Insulae abundant sua sponte genitis, et subinde aliis super aliis innascentibus nihil sollicitos alunt, beatius quam aliae Urbes excultae. Una singulari duorum fontium ingenio maxime insignis, alterum qui gustavere, risu solvuntur in mortem; ita adfectis remedium est ex altero bibere.* Mela L. 3., cap. 10., p. 107 do T. 1. da citada ed.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Mela reune neste passo as noções mythologicas com as noções geographicas, e falla de duas fontes de que nenhum outro A. faz menção. Talvez tenha isto relação com as agoas amargosa e agradavel para beber, que, segundo Juba, se tiravão das arvores da Ilha Ombrion, e que as primeiras noções do descobrimento das Canarias lhe fossem transmittidas oralmente, e por isso não fossem tão exactas como depois as escreveo Juba [86]. Quantas vezes tem succedido, mesmo nos tempos modernos, serem as primeiras noticias que se recebem d'hum paiz novamente descoberto bem differentes do que depois se verificão em novas viagens?

Plinio he quem nos conservou as descripções de Juba e Seboso [87].

Ptolomeo parece discordar de Juba no nome d'algumas das Canarias; porêm observa-se tanta variedade nos nomes que os diversos Authores dão a estas Ilhas [88], que entendo só dever concluir-se della a muita discrepancia que havia nos Mss. da fonte onde todos forão beber, que he a descripção de Juba, a qual junta á pouca exacção das informações dadas a Seboso, e talvez á infidelidade da traducção do texto grego de Juba, feita por Plinio, que parece não ter sido o melhor hellenista [89], e ás numerosas alterações que tem soffrido o texto de Ptolomeo, he a origem de semelhante variedade; e que por isso deve adoptar-se a lição que melhor convier para acommodar a descripção do Author Africano á situação e circunstancias actuaes das Canarias; porêm isto compete a quem se occupar de novas edições de Ptolomeo, e de Plinio.

Solino e Marciano copião, ou resumem Plinio.

Mas que ganhou a sciencia com a exploração que Juba fez das Canarias? Nada. Que extensão tiverão as relações do mundo até então conhecido com aquelle mundo novo? Nenhuma. Os Romanos, e os outros povos sujeitos ao

---

[86] Nesta Mem. p. 9.

[87] Hist. Nat., L. 6., cap. 37, p. 772 e seguintes do T. 2.

[88] Salmasii *Plin. Exercit. in Solinum*, l. c., e p. 916 e 927, onde traz variantes de Ptolomeo e Solino. Algumas de Plinio vem nas notas ao cap. 37 do L. 6., p. 773 e 776 do T. 2. Nas notas desta ultima pag. vem igualmente algumas variantes de Ptolomeo.

[89] V. *Recherches Géographiques, et critiques sur le livre*: De Mensura Orbis Terrae *de Dicuil*, par Mr. Letronne. Paris 1814, p. 80.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

seu imperio não estendêrão até lá as suas navegações; e o descobrimento das Canarias foi esteril para a Geographia, e para o Commercio.

Strabo, asseverando-nos, no passo acima transcripto, que as Ilhas Afortunadas apparecião, no seu tempo, não mui distantes da extremidade da Mauritania, defronte de Cadiz; e tendo-nos dito antecedentemente que o ponto mais occidental, não só da Europa, mas até de toda a terra habitada, era o promontorio sacro (o cabo de S. Vicente); manifesta-nos a sua perfeita ignorancia da posição daquellas Ilhas [90].

Plinio, apesar de nos transmittir a relação de Juba, dá-nos huma prova de que, no seu tempo, nada se sabia das Canarias, porque tratando das Ilhas Atlante, Gorgones, e Hesperides diz = Tudo a respeito dellas he incerto =, e mais abaixo = Nem ha mais certeza das Ilhas da Mauritania = [91]. Ora se não se conhecião as Ilhas da Mauritania, como havião de conhecer-se as Canarias de que o mesmo Plinio falla com incerteza?

Ptolomeo pôe todas as seis Canarias no mesmo meridiano n'huma linha de Norte Sul, o que está bem longe de ser a sua verdadeira posição geographica [92].

Na Geographia que anda em nome de Agathemero (escriptor que dizem ser do principio do seculo III. [93]), porêm que he obra de mais de hum Author [94], a terra mais occidental de que se faz menção he o Cabo de S. Vicente [95].

Solino, que parece ser tambem do principio do seculo III. [96], nada adianta a Plinio, de quem foi compilador, e nem sempre fiel.

---

[90] ἀπὸ τοῦ Ἱερᾶ ἀκρωτηρίᾳ ἀρξάμενοι. Τοῦτο δὲ ἐστὶ δυτικώτατον, ὃ τῆς Εὐρώπης μόνον, ἀλλὰ καὶ τῆς οἰκουμένης ἁπάσης σημεῖον. L. 3., p. 201.

[91] *Omnia circa haec incerta sunt.... Nec Mauritaniae insularum certior fama est.* Hist. Nat., L. 6., Cap. 36, p. 771 do T. 2.

[92] L. 4., Cap. 6., p. 127, ed. de Bertius.

[93] Dodwell. *Dissertationes de Geographorum aetate, et scriptis*, a p. 158 e 159 do T. 2. dos *Geographi Graeci Veteres Minores.*

[94] *Arriani Periplus.... Agathemeri Hypotyposes Geographiae etc.* ed. de Hoffmann. Lipsiae 1842, prefação p. IX a XIII, XVI e XVIII.

[95] Τοῦτο δέ ἐστι τὸ ἀπὸ Γάγγυ ποταμοῦ ἐκβολῆς τῇ ἐν Ἰνδοῖς ἐσπερωτάτῃ ἴσον τὸ δυτικώτατον τῆς ὅλης οἰκεμένης ἀκροτήριον, ὃ καλεῖται μὲν ἱερὸν, τῆς Λυσιτανίας δέ ἐστιν ἄκρον, τό δ' ἐστὶ τῶν Ἡρακλέους στηλῶν δυτικώτερον σταδίους πεντε τρισχιλίους. Ed. de Hoffmann citada, L. 2., Cap. 1., p. 345.

[96] Fabricio *Bibliotheca Latina.* T. 2., p. 240, ed. de 1773, seguindo

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Eumenio, no fim do seculo III., [97] duvidava se existião as Ilhas Afortunadas [98].

Dionysio Periegeta, que viveo no fim do seculo III., ou no principio do IV. [99], segue Scilax, e põe na Ilha de Cerne o limite da terra habitada da parte da Africa, alem das columnas [100].

Marciano de Heraclea, que he tambem dos fins do seculo III., ou do principio do IV., acreditando na existencia das columnas de Hercules, nenhuma certeza tinha da sua localidade; porque se exprime assim = « Na Ilha de Gades » consta que estão as columnas de Hercules. Alguns ha que » dizem que estas columnas estão postas junto ao monte Cal- » pe, no estreito de Hercules; outros dizem que estão junto » á Ilha de Gades, como o Geographo Artemidoro; porêm » nada obsta a que o periplo da Hespanha comece do monte » Calpe, onde a maior parte quer que estejão as columnas » de Hercules » = [101].

Rufo Festo Avieno que, no meado do seculo IV. [102] nos deixou em Latim, debaixo do titulo de = Descripção de todo o Mundo = a Periegesis de Dionysio, cortada e augmentada a seu modo, segue a mesma opinião de Dionysio [103]; e na outra sua obra geographica — *Ora Mariti-*

Dodwell que, em duas das suas obras, diz que Solino vivia no anno 230 da Era Christã. *Biographie Universelle*, T. 43., p. 44.

[97] De la Baune, e Schwarz, vida d'Eumenio nos *Panegyrici Veteres* Ed. Arntzenii. Trajecti ad Rhenum 1790, T. 1., p. 169 e seguintes.

[98] *Neque ille, tot tantisque rebus gestis, non dico Caledonum, aliorumque Pictorum sylvas et paludes, sed nec Hiberniam proximam, nec Thulem ultimam, nec ipsas*, si quae sunt, Fortunatorum insulas *dignabatur adquirere.* Panegyrico de Constantino Aug., Cap. 7., nos *Panegyrici Veteres*, ed. Arntzenii, T. 1., p. 367.

[99] Sigo a opinião de Bernhardy, na sua edição de Dionysio, Lipsiae 1828, p. 513 a 515. Alguns Authores allucinados por hum passo de Plinio (L. 6., Cap. 31, p. 710 do T. 2.) em que menciona Dionysio d'Alexandria na Susia, escriptor do seculo I., confundirão-no com o Dionysio Periegeta, a quem assignárão, por isso, a mesma idade. Malte Brun (T. 1., p. 217) rejeita a identidade dos dois Dionysios; porêm insiste em que provavelmente o Periegeta he do seculo I., apoiando-se em Scaliger, Eusebio etc.; porêm a mim parece-me que Bernhardy prova a sua opinião.

[100] V. 219., p. 19, da ed. citada.

αὐτῷ ἐπ' Ὠκεανῷ, πυμάτης πάρὰ τέρμια Κέρνης

[101] Ed. de Miller, p. 64. V. o Appendix N.° X.

[102] Wernsdorf, *Poetae Latini Minores*. T. 5., P. 2., p. 642 a 644.

[103] *Terminus Aethiopum populos adit ultima Cerne.* V. 328., p. 761 do T. 5. P. 2. da ed. de Wernsdorf.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

ma = adopta a opinião do Carthaginez Himilcon, que sahindo do Estreito para o Occidente não se podia navegar [104], donde se colhe que, que no tempo d'Avieno, já não havia rasto das Canarias; porque elle julga intrataveis as Costas d'Africa, álem das columnas, e o Atlantico Occidental.

Junior Philosopho, que escreveo tambem pelo meado do seculo IV. [105], explica-se assim = Depois da Hespanha „diz-se que está o Oceano, cujas partes nenhum homem „póde descrever, porque he a solidão d'hum ermo; e, se„gundo dizem, he ali o fim do mundo [106] = E fallando das Ilhas aponta só parte das do Mediterraneo, e a Inglaterra, e termina a sua obra pela maneira seguinte = Fiz esta „descripção conforme a possibilidade humana. Se me esca„parão algumas Provincias, ou Cidades, ou Ilhas, que a „meu vêr não serão muitas, escaparão-me porque he im„possivel ao homem saber tudo; e só Deos, que tudo creou, „he que póde saber tudo = [107].

Pelos fins do seculo IV. já a Historia desconhecia as Ilhas Afortunadas que tiverão de ir abrigar-se á sua origem ideal e mystica; porque Servio, escriptor daquelle tempo, [108] diz que o Elysio são as Ilhas Afortunadas [109].

Sulpicio Severo, Author dos primeiros annos do secu-

---

[104] V. 117, 380, 406, p. 1:186, 1:234, e 1:237 do T. 1 ed. citados.

[105] *Totius Orbis Descriptio*, Prefação p. VI. no T. 2. dos *Scriptores Rerum Mythicarum Latini tres Romae nuper reperti*, ed. de Bode. Cellis 1834; *Vetus Orbis Descriptio*. Ed. Jacobus Gothofredus. Genevae 1628. Nos Prolegomenos, desde a assignatura ¶¶ 2 ♆. em diante, prova o editor que o Escriptor he do tempo de Constancio, e por tanto do meado do seculo 4.°

[106] *Inde* (post Hispaniam) *oceanus esse dicitur, cujus partes nullus hominum potuit enarrare: est enim eremi solitudo, et sicut aiunt, ibi est finis mundi.* Idem, ibid., p. XVII, §. 95.

[107] *Et haec quidem secundum possibilitatem humanam descripsimus. Si enim latuerunt nos aut provinciae aut civitates aut insulae, non multae ut mihi videtur; latuerunt autem pro eo quod impossibile est homini omnia nosse: solus enim Deus, qui universa creavit, potest omnia nosse.* Idem, ibid., p. XIX, §. 44.

[108] Servio foi do tempo do Imperador Theodosio. Burmanno na prefação da sua edição de Virgilio, Amstelaedami 1746, T. 1., assignatura ***** 3 ♆. A Biographia Universal, T. 42, diz que foi do seculo. 5.°

[109] *Secundum Philosophos*, Elysium est *insulae Fortunatae: quas (μακάρων νήσους vocant), quasque ait Sallustius fragm. incert.* inclytas esse Homeri Carminibus: Servio nos commentarios a Virgilio ao v. 735 do L. 5. da Eneida, p. 689 do T. 2. da ed. de Burmanno citada.

Amoena vireta (tratando dos Campos Elysios) . . . *Alludit autem ad insulas Fortunatas*: Commentario ao v. 638 do L. 6. da Eneida, p. 101 do T. 3. da citada edição.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

lo V., não sabia se alguem abordava ás Ilhas Afortunadas [110].

Orosio, que escreveo a sua historia igualmente no principio do seculo V., [111] diz que = o ultimo fim da Africa „he o monte Atlas, e as Ilhas que chamão Afortunadas = [112], seguindo Pomponio Mela, que as põe defronte do Atlante.

Julio Honorio, cuja idade não sei, mas que he anterior ao seculo VI.; porque falla nelle Cassiodoro [113], bem mostra a sua ignorancia relativamente ás Canarias, dizendo = „O rio Malda (Malva de Aethico, e de Dicuil) nasce na fron„taria das Ilhas Afortunadas, e cercando a parte extrema „da Mauritania, separa os Barbares dos Uacuates, e vai lan„çar-se no mar que se chama das columnas de Hercules. [114]

Marciano Capella, que viveo no tempo de Leão Thracio [115], e por tanto pelo meio do seculo V., resume Plinio em poucas palavras, e apresenta differenças nos nomes das Ilhas Afortunadas, alguma das quaes procede, ou de não ter lido bem o texto de Plinio, ou de erros introduzidos pelos copistas na obra de Marciano [116].

A Cosmographia attribuida a Ethico, que se julga ser

Campi Elysii aut apud Inferos sunt, aut in insulis Fortunatis, aut in lunari circulo. Servio ibid. commentario ao v. 640.

[110] Fallando a respeito de S. Martinho diz = *hoc Aegyptus fatetur, hoc Syria, hoc Aethiops comperit, hoc Indus audivit, hoc Parthus et Persa noverunt, nec ignorat Armenia, Bosporus exclusa cognovit, et postremo* siquis aut fortunatas insulas, aut glacialem frequentat oceanum. Dialogo 1., p. 94 do T. 1. das Obras de Sulpicio Severo, ed. de Prato. Verona 1741.

[111] D. Joseph Rodrigues de Castro, *Bibliotheca Española*. T. 2., p. 237 a 247.

[112] *Ultimus autem finis ejus* (Africae) *est mons Atlas, et insulae quas Fortunatas vocant.* Ed. de Havercamp, Lugd. Bat. 1738, p. 12.

[113] V. *Testimonia de Julio Honorio Oratore et Aethico*, a p. 687 e seguintes da ed. de Mela, Lugd Bat., 1722.

[114] *Fluvius Malda nascitur sub insulas fortunatas circüiens extremam partem Mauritaniae interdicens inter Barbares et Uacuates vergit in mari quod appellatur columnae erculis.* Julii Honorii Oratoris. *Excerpta quae ad Cosmographiam pertinent*, p. 700 da ed. de Mela 1722. V. a Nota (B), no fim desta Mem.

[115] Fabricio, *Bibliotheca Latina*, T. 3., p. 215, Lipsiae 1773 e 1774. Mr. le Baron Walckenaer. *Vies de plusieurs Personnages célèbres.* Laon 1830. T. 1., p. 137, diz que hum critico moderno entende ser Marciano Capella do meado do seculo 3.°; porêm seja do 3.° ou do 5.°, isso nada influe para a questão de que se trata.

[116] Ed. de Grocio. Ludg. Bat. 1599, p. 226.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

do seculo V. [117], repete as palavras de Orosio [118].

Prisciano, que no tempo de Justiniano [119], e por consequencia no seculo VI., fez huma versão livre da Periegesis de Dionysio, omittindo, mudando, e accrescentando o que lhe pareceo [120], tambem dá Cerne como o limite de Libya, e não falla nas Canarias [121]; antes, tanto elle como Avieno, seguindo a Dionysio, põem as Ilhas Bemaventuradas na Ilha de Leuce, defronte do Borysthenes [122].

Santo Isidoro de Sevilha, author do VII. seculo, ligou a descripção mythologica que os Poetas fizerão das Ilhas Afortunadas com a situação que lhes assigna Plinio [123].

Dicuil, que escreveo no principio do seculo IX. [124], copia Julio Honorio [125], e reproduz depois a descripção de Solino, omittindo parte della (que fórma huma grande lacuna), ou porque não existia no texto de Solino de que se servio, ou porque falta nos Mss. de Dicuil [126].

O Anonymo de Ravena, que tambem he do seculo IX. [127], n'hum lugar põe as Ilhas Afortunadas no estreito de Gibraltar [128]; e n'outro, nomeando algumas Ilhas do

---

[117] V. a Nota (B) no fim desta Mem.

[118] P. 724 da ed. de Mela de 1722.

[119] Wernsdorf *Poetae Latini Minores*, T. 5., P. 1.ª, p. 222 e 224.

[120] Idem, l. c., p. 226.

[121] *Libyes ubi fuit litora Cerne,*
Oceanum nimio quae pulsat solè calentem.
v. 207, p. 295 do T. 5., P. 1.ª da ed. citada.

[122] Dionysio. *Periegesis*, v. 541, p. 34 da ed. de Benhardy; Avieni — *Descriptio Orbis Terrae* — v. 721, p. 804 do T. 5., P. 2.ª da ed. citada; Prisciani *Periegesis*, v. 557, p. 345 do T. 5., P. 1.ª da ed. de Wernsdorf.

[123] *Fortunatae Insulae vocabulo suo significant omnia ferre bona, quasi felices, et beatae fructuum ubertate. Suapte etiam natura pretiosiarum poma sylvarum parturiunt. Fortuitis vitibus juga collium vestiuntur, ad herbarum vicem messis, et olus vulgo est: unde gentilium error, et secularium carmina Poetarum propter Soli foecunditatem easdem esse Paradisum putaverunt. Sitae sunt autem in Oceano contra laevam Mauritaniae. Occiduo proximae, et inter se interjecto mari discretae.* Etymol. L. 14, p. 361 do T. 1. da ed. de Madrid 1778. Esta descripção das Ilhas Afortunadas he copiada, em grande parte, do Cap. 7. do Panegyrico de Mamertino a Juliano. *Panegyrici Veteres*, ed. Arntzenii, T. 2., p. 736.

[124] *Recherches* de Mr. Letronne, p. 8.

[125] Dicuil, ed. de Mr. Letronne, p. 86.

[126] Idem, ibid. p. 51, V. *Recherches*, p. 153.

[127] Mannert — *Tabula Itineraria Peutingeriana*, Lipsiae 1824, p. 41.

[128] *Item Oceani Britanici Spano-Guasconici, verum et Spanici, usque supra scriptum fretum quod diximus Septe-Gaditane, ubi est mons Statiola,*

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

oceano meridional, depois da Ethiopia, podem adivinhar-se entre ellas parte das Afortunadas de Plinio, como Capraria, Nivaria, Junonia [129].

Tzetes, no seculo XII., poz as Ilhas Afortunadas nas Ilhas Britannicas, como já se disse [130].

Eustathio, no fim do seculo XII., ou no principio do seculo XIII., explicando o lugar em que Dionysio Periegeta falla de Leuce, e dizendo = De maneira que esta mesma „Ilha Leuce, chama-se a Ilha dos Heroes, assim como as „decantadas Ilhas dos Bemaventurados no oceano occiden„tal = [131], parece já remover de todo as Ilhas Afortunadas para o mundo mythologico; e até a palavra ὑμνούμεναι, cantadas em verso, de que se serve, dá a entender que a ephémera existencia geographica das Canarias tinha voltado á sua existencia poetica.

Depois d'Eustathio até que as Canarias forão descobertas pelos Portuguezes, no seculo XIV., e mesmo posteriormente, os Escriptores do seculo XIII. e XIV., ou não fallão nellas, como Nicephoro Blemmidas, mencionando alias as Hesperides [132]; ou reproduzem as idéas dos antigos, como Vincent de Beauvais, que descrevendo as Canarias copiou Santo Isidoro de Sevilha, e Marciano Capella [133]. Porêm que admira não estarem bem instruidos ácerca das Canarias os AA. do seculo XIV., e ainda os do principio do seculo XV., se em 1548 huma edição da Cosmographia de Gemma Phrysio diz que, as Ilhas Afortunadas, ou Canarias, são dez, de que só sete são habitadas, traduzindo em Latim alguns dos seus nomes que as fazem desconhecer totalmente [134]? As-

---

vel Insulae Fortunatae. Anonymi Ravenatis *Geographia*, na ed. de Mela Lugd. Bat. 1722, p. 795.

[129] *In ipso quippe meridiano Oceano, post Aethiopum patriam, diversae existunt insulae, ex quibus aliquantas nominare volumus, id est, Azavazia, Pireon, Beathee*, Capriarias, *Theatrum*, Nincaria, Lunonis, *Scopulis, Thene.* Idem, ibid. p. 810.

[130] V. a nota 89.

[131] ὥστε νῆσος ἡρώων λέγεται ἡ Λευκὴ αὕτη νῆσος, ὥσπερ νῆσοι μακάρων αἱ ἐν τῷ ἑσπερίῳ ὑμνούμεναι ὠκεανῷ. Ed. de Bernhardy, p. 212, 4.

[132] *Duo Opuscula Geographica*, ed. de Spohn, Lipsiae 1818. Nas Hesperides falla a p. 9.

[133] *Speculum Naturale*, Venetiis 1494, L. 32, cap. 117, fl. 411 v., e o mesmo repete no *Speculum Historiale*, L. 1., cap. 79, p. 10 da ed. citada.

[134] *Sequuntur decem insulae fortunatae Atlantem aspicientes montem: etiam Canariae dictae.... Quae autem incoluntur sunt Fracta lancea, Magna sors,*

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

sim o vislumbre de realidade das Ilhas Afortunadas, que alvoreceo nas obras de Juba, foi-se apagando successivamente até se sumir de todo na escuridão dos tempos antigos, e a existencia destas ilhas famigeradas reduzio-se a hum facto cuja veracidade não foi sellada com o cunho de reconhecimentos posteriores.

Sem entrar na indagação de ser, ou não, fabulosa a Ilha de Cerne, entendo que a Cerne de Scylax, a que se referem Dionysio, Avieno, e Prisciano he a Cerne de Hannon a tres dias de navegação do rio Lixus [135], e que Polybio, referido por Plinio, situa defronte do Atlas, na extremidade da Mauritania, distante oito estadios da terra [136]; e a mesma que Ptolomeo põe adjacente á Libya, muito áquem das Canarias [137].

Em quanto, com a destruição do Imperio do Occidente, se hião gastando as recordações mythologicas e historicas das Ilhas Bemaventuradas, novo campo se abrio em que ellas tornárão a figurar. A Religião Christã, que já tinha lançado profundas raizes no tempo dos Imperadores Romanos Ethnicos, generalisou-se prodigiosamente, e ostentou toda a sua força pelo apoio de Constantino, no seculo IV. A instituição das ordens Monachaes, que data dos fins do seculo III., ou do principio do IV., recebeo successivamente notavel incremento. Tornou-se frequente o estabelecimento dos Mosteiros, que forão povoados por grande numero de Cenobitas. Porêm não bastou que a sua vida ascetica e a santidade de seus costumes edificassem os fieis, vogou a idéa de excitar a imaginação do Povo com prodigios e maravilhas até absurdas, e as lendas dos Santos enchêrão-se de fabulas.

Mr. l'Abbé la Rue assenta serem os Poetas que escrevêrão as vidas dos Santos nos seculos XII. e XIII., quem alterárão frequentemente as suas lendas, inserindo nellas milagres falsos = « A paixão do seu seculo pelos factos maravilhosos » era tão decidida que, para serem applaudidos, entendêrão

---

Gran Canaria, Teneriffa, Gienera, Palma et Ferrum etc. Será difficil, para quem não souber a lingua Castelhana, atinar que *Fracta lancea* e *Magna sors* são Lanzarote e Fuerteventura, e ainda mais difficil reconhecer Gomèra em *Gienera*. = *De principiis Astronomiae et Cosmographiae*, Antuerpiae 1548, fl. 52.

[135] Hannonis *Periplus*, nos *Geographi Graeci Minores*, ed. do Gail, Paris 1826 e seguintes, T. 1., p. 115, §. 4.°

[136] Hist. Natural, L. 6., cap. 36, T. 2., p. 769.

[137] L. 4., cap. 6., p. 126 da ed. de Bertius.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» que devião conformar-se com ella. E o sabio Mabillon de-
» clara que, na Normandia e na Bretanha Armorica, se ti-
» nhão alterado as lendas dos Santos, mais do que em parte
» nenhuma das outras Provincias da França; o que não he de
» admirar, relativamente aos Bretões, que descendendo dos
» antigos Celtas, tinhão conservado com os restos da sua my-
» thologia, a sua credulidade, e o seu gosto do maravilho-
» so; e ainda he menos de admirar relativamente aos Nor-
» mandos que descendendo d'hum Povo, que só achava glo-
» ria nos feitos arriscados, e no meio dos perigos, quizerão,
» sem duvida, que os seus Santos fossem homens prodigiosos
» e tão extraordinarios como os seus heroes [138] =» Porêm a mim parece-me que os Poetas não fizerão mais do que pôr em verso as lendas dos Santos, que já de muito tempo corrião entre o vulgo; não duvidando de que, algumas vezes, accrescentassem circunstancias suas, que não se achão nessas lendas, do que poderião produzir-se exemplos.

He o que aconteceo com a vida de S. Brendan [139], que viveo no fim do seculo VI., na Irlanda, onde fundou a Abbadia de *Cluainfort*, ou *Cluain-fert*, cuja festa se celebra em 16 de Maio [140], e cuja lenda em Latim publicou Mr. Jubinal, tirada d'hum Mss. do seculo XI. Nesta lenda relata-se huma viagem de S. Brendan, que os Bollandistas não quizerão inserir na sua obra, chamando-lhe = *delirios apocryphos* = [141], e que se reduz ao seguinte.

Vindo S. Barinto visitar S. Brendan, pedio-lhe este que lhe contasse alguns dos milagres que tinha visto no Oceano. S. Barinto disse-lhe que hum dos Monges que elle governava, por nome Mernoc, desejando fazer vida solitaria, achou huma ilha, muito deliciosa, onde se estabeleceo; e constando, passado tempo, a S. Barinto que com elle estavão

---

[138] La Rue — *Essais historiques sur les Bardes, les Jongleurs et les Trouvères Normands et Anglo-Normands*. Caen 1834, T. I., p. 154 a 156. V. o N.° XI do Appendix.

[139] Este Santo he chamado Brandan, Brandenes, (Brândaines em Francez) Borondon, e Brendan. V. Mr. Achille Jubinal na prefação á sua obra = *La Légende latine de S. Brandaines etc.* 1836 — 8.°, Clavijo — *Noticias de la Historia General de las Islas de Canaria*. T. I., p. 78 e seguintes, e 269. Adoptei Brendan por ser o nome que lhe dá a lenda publicada por Mr. Jubinal, qué he o mais antigo Mss. das lendas deste Santo.

[140] Mr. Jubinal, l. c., Prefação p. III.

[141] *Deliramenta apocrypha*, citados por Mr. Jubinal na prefação da sua obra, p. XI.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

muitos Monges, e que Deos obrava, por meio delle, muitas coisas maravilhosas, foi visita-lo. Chegado á ilha convidou-o Mernoc a metter-se com elle n'huma embarcação, e a navegar para o Oriente, para a ilha chamada da terra da promissão dos Santos, que Deos havia de dar a todos os successores d'ambos, no ultimo tempo. Tendo-se embarcado ambos e principiado a navegar, forão cobertos por huma nevoa tão espessa que apenas podião vêr a pôpa e a prôa da embarcação, e passado quasi o espaço d'huma hora, forão cercados d'huma grande luz, e virão huma terra espaçosa e muito abundante de herva e de fructos. Aportando a embarcação em terra, desembarcárão, e derão a andar por aquella ilha, por espaço de 15 dias, e não lhe achárão fim. Não virão plantas sem flores, nem arvores sem fructo, e todas as pedras da Ilha erão de genero precioso. Tendo chegado a hum rio, e estando em consultas sobre o que devião fazer, assentárão em passar o rio; porêm esperavão que Deos lhes revelasse a sua vontade; e nisto lhes appareceo, com grande esplendor, hum varão que os saudou pelos seus nomes; que os felicitou por Deos lhes ter revelado aquella terra, que havia de dar aos seus santos; que lhes disse que aquelle rio dividia a ilha pelo meio, que lhes não era permittido passa-lo; e que voltassem para onde tinhão vindo. Perguntou-lhe S. Barinto donde era, e como se chamava? Ao que elle respondeo, para que me perguntas d'onde sou, e como me chamo? Porque não te informas antes desta ilha? Assim como a vês agora, assim está, desde o principio do mundo. Necessitas de comer, ou beber? Tiveste somno, ou viste nella noite? Sabe pois que aqui sempre he dia, e nunca se experimenta a cegueira e escuridade das trevas. Nosso Senhor Jesus Christo he a sua luz, e se os homens não tivessem ido contra o preceito de Deos, conservar-se-hião na amenidade desta terra.... Aquelle varão acompanhou-os até á embarcação, e mal entrárão nella desappareceo; atravessárão as trevas, e chegárão á Ilha deliciosa (donde tinhão partido). Tanto que os Monges os virão ficárão contentissimos, e chorárão, por terem estado ausentes tanto tempo, dizendo-lhes = Pays, porque deixastes as vossas ovelhas errando neste bosque, sem pastor? O nosso Abbade (Mernoc) frequentemente se aparta de nós, para ir a alguma parte, e lá se demora, humas vezes hum mez, outras vezes duas semanas, ou huma, ou mais ou menos. Ouvindo

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

isto começou S. Barinto a conforta-los, dizendo-lhes: Não suspeiteis, irmãos, que nisto ha alguma cousa que não seja boa. Vós estais ante as portas do Paraizo. Aqui perto está a Ilha que se chama a terra da promissão dos Santos, onde não ha noite, e nunca acaba o dia, e esta he a que frequenta o Abbade Mernoc, porque os anjos de Deos a guardão. Não conhecestes no cheiro dos nossos vestidos que estivemos no Paraizo de Deos? A isto respondêrão os Monges — Abbade, conhecemos que estivestes no Paraizo de Deos; porque muitas vezes a fragrancia dos vestidos do nosso Abbade conserva-se no nosso olfacto, quasi quarenta dias. A isto lhe tornou S. Barinto: Ali estive duas semanas com o meu filho (espiritual Mernoc), sem comer, nem beber. Tivemos com tudo tal saciedade corporal, que pareciamos muito repletos [142] etc.

S. Brendan, á vista do relatorio de S. Barinto, determinou-se a ir procurar esta ilha da promissão, que só achou depois de sete annos de viagens, em que lhe acontecêrão muitas aventuras. Finalmente, atravessando a mesma nevoa que S. Barinto encontrou, foi cercado da mesma luz, e desembarcando na ilha da terra da promissão, que descreve do mesmo modo que S. Barinto, quando chegou com os seus companheiros ao rio, appareceo-lhes hum Anjo que disse a S. Brendan que aquella era a terra que buscava, havia tanto tempo, e que não a tinha achado logo, porque Deos lhe tinha querido mostrar diversos segredos seus no grande Oceano; que voltasse para a sua terra, e que levasse comsigo dos fructos da ilha e das pedras preciosas quanto podesse caber na sua embarcação. S. Brendan, tomando dos fructos da terra, e das diversas qualidades de pedras preciosas que nella havia, voltou para o seu Mosteiro [143].

O Paraizo Ethnico, e algumas das qualificações do Paraizo terreal forão o prototypo da ilha fantastica de S. Brendan, nas visinhanças da Irlanda, para o occidente da qual se transportárão as Ilhas Afortunadas dos antigos, em algumas cartas dos fins do seculo XIII., ou principio do XIV. [144]; e á medida que os mares da Irlanda forão sendo mais nave-

[142] Mr. Jubinal, l. c., p. 1 a 5.
[143] Idem, ibid. p. 51 a 53.
[144] As de Marino Sanuto, o Velho. V. Zurla — *Di Marco Polo, e degli altri Viaggiatori Veneziani.* Venezia 1818 e 1819, T. 2., p. 307.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

gados, não se achando nelles a Ilha Afortunada de S. Brendan, e descobrindo-se depois as Canarias, removêrão para a sua proximidade a ilha de S. Brendan, situando-a mais ou menos remota dellas, segundo melhor aprazia á imaginação da cada Geographo; e como esta ilha estava cercada d'huma nevoa espessa, por isso não apparecia quando se procurava.

Tal he a origem da ilha de S. Brandão, ou Borondon, marcada nas cartas hydrographicas e geographicas dos seculos XIV., XV., e XVI., e ainda em algumas do seculo XVII., porque esta especie de Odyssea Monacal, como lhe chama Mr. Jubinal, teve tamanho sequito na idade media, que foi traduzida, em prosa e verso, em muitos dos antigos idiomas da Europa [145]; em baixo Allemão, em Flamengo, em lingoa allemã da idade media (*mittelhochdeutsh*), em baixo Saxonio, em Irlandez antigo, em lingoa de Wales, em Espanhol antigo, em Inglez, em Anglo-Normando, e em Francez [146]; e anteriormente a todas estas versões, na antiga lingoa da Bretanha Franceza, como póde colligir-se d'hum passo do Romance da Raposa, o que favorece a conjectura de Mr. Goerres, que a lenda de S. Brendan provêm, em grande parte, de tradições Bretonas [147]. Algumas das versões da lenda de S. Brendan dizem que, quando elle voltou á sua patria, escreveo a relação das suas viagens, e que a depositou no seu convento [148], o que deu lugar a attribuir-se a este Santo huma obra sobre as Ilhas Afortunadas.

Mas o que he singular he que Mr. l'Abbé la Rue acredite seriamente n'huma viagem de S. Brendan ás Canarias — « Nesta época (diz elle) huma viagem até ás costas d'A» frica podia passar por huma viagem longa, e o navegante » devia esperar ser interrogado sobre os paizes a que tinha » abordado, sobre os que tinha corrido, e em fim sobre tu» do o que tinha visto extraordinario e curioso. O que elle » contasse das terras que tinha visitado, e sobre tudo do » aprazivel clima das Canarias, havia agradar, e admirar os » homens que vivião na atmosphera humida e sombria da Ir-

[145] L. c. Prefação, p. I.

[146] Mr. Jubinal, l. c. Prefação, p. VI. e seguintes.

[147] Mr. Jubinal transcreveo este passo, que principia a p. 95 do T. 2. da ed. de Mr. Meon, Paris 1826; e cita Mr. Goerres na introducção historica ao poema allemão — *Lohengrin*.

[148] Mr. Jubinal, l. c., Prefação, p. VIII.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

»landa. S. Brendan escreveo para elles, segundo o Bispo »Tanner, huma relação interessante da sua viagem ás Ilhas »Afortunadas. Fabricio só falla das suas obras mysticas.

»Com tudo admittindo a opinião do Bispo Tanner, que »parece fundada, deve dizer-se que, depois da morte de »S. Brendan, a ficção alterou e desfigurou inteiramente a »sua obra: os Monges quizerão fazer do seu Abbade hum »homem prodigioso, capaz das mais atrevidas emprezas, »hum heroe sempre feliz na execução dellas. Segundo a de»scripção que elle lhes tinha deixado do bello clima das Ca»narias, tomárão este Paiz pelo Paraizo terrestre, e nenhu»ma duvida tiverão em attribuir-lhe o descobrimento. Mas »para chegar a elle era necessario passar por aventuras não »menos maravilhosas, e por isso a viagem do Santo he, pa»ra assim dizer, semeada de prodigios [149]. » = [illegible]

Parece-me que á vista da parte da lenda que transcrevi, ninguem poderá duvidar de que a Ilha dos Bemaventurados que S. Brendan foi demandar, se figurava existir nos mares da Irlanda, perto da ilha deliciosa onde residia, com os seus Monges, o Abbade Mernoc, a quem S. Barinto foi visitar, e onde aportou S. Brendan, na volta da Ilha dos Bemaventurados para a Irlanda [150]: e esta era até a opinião corrente da idade media; não só pelo que já notei de se acharem as Ilhas Afortunadas collocadas ao Occidente da Irlanda em cartas geographicas dos fins do seculo XIII., ou do principio do XIV.; mas até porque a traducção franceza, que no seculo XII. [151] se fez da lenda latina, termina assim = «Aqui acaba de S. Brendan, e das maravilhas que achou »no mar d'Irlanda [152];» e porque Tzetzes, escriptor do seculo XII., arruma as Ilhas Afortunadas entre as Ilhas Britannicas [153]. E que esta lenda fabulosa de S. Brendan foi fabricada no seculo X., ou no XI., prova-se por Dicuil, que descrevendo na sua obra = *Medida da terra* =, composta

---

[149] *Essais historiques sur les Bardes* etc. T. 2., p. 67 a 69. V. o N. XII do Appendix.

[150] Mr. Jubinal, l. c. p. 53.

[151] Idem, ibid., Prefação, p. V.

[152] *Chi dé fine de sains Brandains et des merveilles k'il trouva en le mer d'Irlande.* Mr. Jubinal, l. c., p. 104. Este final refere-se ao titulo da traducção = *De Saint Brandaines le moine* = ibid., p. 57.

[153] Nos scholios a Lycophron, aos v. 1200 e seguintes, p. 124 da ed. citada de Potter.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

em 825, as ilhas visinhas á Inglaterra, e á Irlanda, em algumas das quaes diz terem habitado Monges, cem annos antes, não falla em S. Brendan, nem no seu Paraizo [154]; e talvez a ilha dos carneiros da lenda de S. Brendan tenha o seu typo nas ilhas desertas, onde Dicuil diz que havia huma innumeravel quantidade delles, e onde tinhão estado os Monges, que M. Letronne julga serem as Ilhas de Féroer [155].

Ha em muitos Authores nomenclaturas estereis dos Escriptores que fallarão das Canarias; porêm a Historia critica deste afamado Paiz, o modo por que se operou a transição de Ilhas mythologicas para ilhas geographicas, e, para assim dizer, a sua genealogia, e as diversas phases da sua existencia mythologica e real, não a encontrei completa em nenhuma parte; e como nesta falta de criterio tiverão origem as opiniões desvairadas que ácerca dellas se espalharão, em diversos tempos, parece-me que se me desculpará esta digressão, se póde julgar-se tal, e que aliás he intimamente ligada com a materia de que trato.

Noções sobre as Canarias, que se encontrão nos Authores Arabes.

Examinemos agora o que disserão das Canarias os Escriptores Arabes, cingindo-me unicamente ao meu assumpto, e occupando-me o menos que ser possa, de qualquer especie que occorra nos passos desses Escriptores, e que houvesse de suscitar outras reflexões.

I O primeiro Author Arabe que me consta ter fallado das Canarias he Mas'údí, escriptor do meado do seculo X. [156]. Diz elle na sua obra = *Os prados d'ouro, e as minas de pedras preciosas* = « A terra cultivada considera-se ser desde as »Ilhas eternas (Ilhas Afortunadas) no Oceano occidental, »que he hum grupo de seis floridas ilhas, e estender-se até á »extremidade da China [157].

---

[154] *De Mensura Orbis Terrae*, ed. de Mr. Letronne, Paris 1814, p. 37 e 39.

[155] Idem, ibid. p. 40. V. as observações de Mr. Letronne sobre este passo, e sobre os da nota antecedente, de p. 129 a 136 das suas = *Recherches Géographiques et critiques sur Dicuil*; e a p. 91 de Dicuil.

[156] De Guignes = *Notices et Extraits des Mss. de la Bibliothèque du Roi* =, T. 1., p. 2.

[157] El-Mas'údí's, *Historical Encyclopaedia, entitled* = Meadows of gold, and mines of gems = *translated from the Arabic by Aloys Sprenger*, M. D.,

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» Declara Ptolomeo na sua Geographia que o mar do Im-
» perio Byzantino, e do Egypto (o Mediterraneo) principia
» no mar dos Idolos de cobre (das columnas de Hercules) (158).

» Nos limites em que se ajuntão estes dois mares (o Me-
» diterraneo, e o Oceano) levantou o Rei Hiraki, o gigante,
» columnas de cobre e pedras. Sobre estas columnas ha in-
» scripções e figuras, que mostrão com as suas mãos que não
» se póde ir mais adiante, e que he impraticavel navegar do
» Mediterraneo para este mar (o Oceano); porque nenhum
» navio navega nelle: não ha nelle terras cultivadas, nem en-
» tes humanos; e o mar não tem limites, nem na sua pro-
» fundidade, nem na sua extensão; porque o seu fim he des-
» conhecido. He o mar da escuridade, chamado tambem o
» mar verde; ou o mar circumdante. Dizem alguns que estas
» columnas não estão neste estreito, mas n'humas ilhas do
» Oceano, e das suas costas. Contão-se algumas historias
» maravilhosas relativas a elle, para saber as quaes remette-
» mos o leitor para o nosso Livro *Akhbar ez-zemán*: e ali
» achará huma relação dos navegantes que arriscárão a sua
» vida sulcando este mar, dos que escapárão, dos que nau-
» fragárão, e tambem do que encontrárão e virão. Hum des-
» tes aventureiros foi hum mouro de Hespanha, por nome
» *Khoshkhash*. Era hum mancebo natural de Cordova que,
» tendo ajuntando alguns mancebos, forão para o Oceano
» n'hum navio que tinhão preparado, e ninguem soube, por
» muito tempo, o que tinha sido feito delles; mas finalmen-
» te voltárão carregados com huma rica preza. A sua histo-
» ria he bem conhecida entre o povo de Hespanha [159]. »

He claro que Mas'údí ignorava inteiramente as terras do Oceano fóra do Estreito, porque assevéra não haver nelle terras cultivadas, nem entes humanos; e até não tinha conhecimentos positivos do Estreito, aliás não falaria nas columnas de cobre e pedra com inscripções etc., postas ou no mesmo Estreito, ou n'humas ilhas junto ás costas do Oceano; nem sabia mesmo onde começava o Mediterraneo senão pela authoridade de Ptolomeo; consequentemente as suas Canarias são as seis ilhas de Ptolomeo, donde (como logo vere-

---

T. 1., p. 195, London, printed for the oriental translation fund etc. 1841. V. o N.° XIII. do Appendix.

[158] Idem, d. c. p. 202.

[159] Idem, ibid., p. 282 e 283.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

mos) começou a contar as longitudes, e o seu nome de خـــالدات Khaledat (perennes, eternas) he a allusão mythologica á bemaventurança eterna que nellas gozavão os justos ethnicos. E como poderia Mas'údí conhecer as Canarias, se assenta que he impraticavel navegar do Mediterraneo para o Oceano, e que nenhum navio navega no Atlantico?

Mas'údí representa, não só os conhecimentos historicos e geographicos, mas até grande parte da Sciencia do seu tempo. Alem da lição das obras dos AA. Orientaes que o precedêrão, tinha grandissima erudição alcançada pelo estudo dos AA. Gregos e Romanos, a que se tinha applicado, talvez em parte, nas traducções Arabes; e até da Biblia e de alguns dos Santos Padres; porque cita, nas suas obras, Euclides, o Almagesto de Ptolomeo, Socrates, Platão, Aristoteles, a Geographia de Ptolomeo, Galeno, Plinio, João o Grammatico, a Geographia de Marino, a Isagoge de Porphyrio, a Biblia, Pythagoras, Thales de Mileto, Empedocles, Archeláo, Theophrasto, Themisthio, Hippocrates, Galieno, Nicomacho, Dionysio Areopagita, S. Clemente discipulo de S. Pedro, S. Paulo nas Epistolas, Agatodaemon, Hermes, Homero, Arato, etc. [160].

Por tanto dos passos de Mas'údí citados colhe-se que, até ao seu tempo, não tinhão os Arabes noticia alguma das terras, alem do Estreito; porque refere dellas e da origem do Mediterraneo o que tirou de Ptolomeo. Se os Arabes anteriores a Mas'údí tivessem noticias geographicas mais positivas d'esta parte do mundo, não deixaria Mas'údí de aponta-las, e como não o fez, e só se reporta a Ptolomeo, segue-se que não havia entre elles outros conhecimentos do Estreito senão os que lhes subministravão os AA. Gregos e Romanos.

Como o empenho em sustentar que os Arabes navegárão ás Canarias poderia fazer desvairar a imaginação d'alguem até ao ponto de persuadir-se de que o Cordovez e seus

[160] Mas'údí. T. 1., p. 25, 201, 202, 203, 208; 252, 304, e 424; *Notices et Extraits des Mss.* T. 1., p. 7 e 51; T. 8., p. 142, 147, 153, 166, 169, 170, 171, 177, e 178. Na enumeração destes AA. segui a ordem por que vem citados na traducção dos *Prados d'ouro* por Sprenger; no extracto que desta Obra fez De Guignes, inserto no 1.° vol. das *Notices et Extraits des Mss.* etc.; e no extracto da outra obra do mesmo Mas'údí = *O Indicador e Monitor* =, feito por Mr. Silvestre de Sacy, que se acha no T. 8. da mencionada collecção de *Notices et Extraits* etc., p. 132 e seguintes.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

companheiros tivessem hido áquellas ilhas, farei algumas reflexões sobre a viagem de *Khoshkhash*. Esta historia, que Mas'údí diz ser bem conhecida na Hespanha, poderia talvez, sem offensa da verdade, ter a mesma certeza que estar assentado, pela authoridade de Wahb Ben Monabbih, ter vivido Alexandre depois de Christo [161]: chamar-se o Rei de Hespanha, antes do Islamismo, Lodrich (Rodrigo), nome commum a todos os Reis de Hespanha [162]:

Vir o Tejo do Paiz da Galiza, e dos Bascos [163]: abundar o mar de Hespanha em ambar gris que das Costas deste mar chamadas Shantarin (Santarem) e Shodannah (Sidonia) se exporta da Hespanha para o Egypto, e para outros Paizes [164].

E outras muitas fabulas de que está recheada a obra de Mas'údí = «porque he costume dos Historiadores Ara» bes, e particularmente deste A., expenderem as diffe» rentes tradições que recebêrão, litteralmente como chegá» rão ao seu conhecimento, ainda que possão ser convenci» das de falsas. Nellas funda elle tambem a sua authorida» de [165]. » = E por isso não ficarião grandes remorsos a quem considerasse a historia de Khoshkhash como a da Princeza Mangalona, e a da Imperatriz Porcina; e como muitas outras que o povo de todas as Nações transmitte de pais a filhos, e que nem por isso tem o caracter da infallibilidade. Se os Cordovezes vagárão tanto tempo pelo Oceano que he o que virão? Que contárão da sua empresa? Era bem natural que dessem relação de cousa tão maravilhosa, e tão temida como a navegação do Atlantico; e esta relação deveria andar na bocca de todos. Mas supponhamos que existio a viagem do Cordovez. Seria dos pobrissimos Canarios que elle traria huma rica preza? O mar tenebroso banha, tanto as costas da Europa, como as da Africa occi-

---

[161] Traducção citada, T. 1., p. 127.

[162] Idem, ibid., p. 369, e mais claramente a p. 430. Este erro não he só de Mas'údí, he commum a Ibnu-Hayyan, a Ibnu-Bashkúwál, e a outros Historiadores da Hespanha. Gayangos. *Traducção de Almakkari*. London 1840, T. 1., p. 325, nota 60.

[163] Idem, ibid., p. 370. Na nota * diz Spranger que o nosso A. não distingue bem o Tejo, e o Ebro.

[164] Idem, ibid., p. 375.

[165] Idem, ibid. p. 127, nota * de Mr. Spranger. Sobre as fabulas de Mas'údí. V. tambem De Guignes no T. 1. das *Notices et Extraits des Mss.* p. 6; e em outros muitos lugares.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

dental. Os Arabes frequentavão, mais ou menos, n'huma navegação costeira, o littoral da Hespanha, e se Khoshkhash, e seus companheiros, entrárão no Oceano, e trouxerão rica preza, forão provavelmente busca-la ou ás costas d'Hespanha, que erão possuidas por Christãos, ou ás costas da França, como piratas que fazião invasões nas terras, ao que os authorisava a sua religião, que olhava como obra meritoria fazer saltos nas terras dos Christãos, assim como tambem os Christãos achavão justo fazer saltos em terras de Mouros.

Se a viagem não foi ás costas d'Hespanha, ou de França, parece-me natural que esta fabula tenha origem n'outra referida por Mas'údi. Diz elle que = « se affirma, » pela authoridade da tradição (do Propheta), que no meio » do mar verde (he o Oceano, ou o mar tenebroso) ha to» das as especies de pedras preciosas curiosas, e ouro, so» bre quatro columnas de rubim, saphira, esmeralda, e » chrysolita, que de cada huma das columnas sahe hum rio, » e que estes quatro rios vão pelo Oceano para as quatro » partes do Mundo, sem se misturarem com a agoa do » mar [166]. » = Seria aqui onde o Cordovez foi buscar a riqueza, posto que a expressão = rica preza = pareça inculcar mais hum roubo do que outra cousa.

Ha na Bibliotheca Real de Pariz o fragmento d'hum Mss. Arabe intitulado *Akhbar az-zemân*, que se julga não ser a obra do mesmo nome a que Mas'údi se refere [167]; porêm copiarei o passo relativo ao mar atlantico, e provará que o Author Arabe ignorava completamente o que aquelle mar continha, e por consequencia a posição das Canarias.

« Neste mar (o atlantico) existe a Ilha de Salomão, onde » se acha o corpo desta personagem n'hum castello maravi» lhoso. Ha neste mar lugares que lanção continuamente fo» go da altura de cem covados; achão-se tambem nelle gran» des peixes de comprimento immenso, e animaes de côr e » forma estranhas, e cidades que fluctuão sobre a agoa; e » tem igualmente tres idolos feitos por Abrahah (antigo Rei » dos Arabes himyaritas): huma destas estatuas he amarel» la, *e faz sinal com a mão, como se se dirigisse a alguem, or» denando-lhe que voltasse para traz.* A segunda estatua he ver-

[166] Idem, ibid., pag. 294.

[167] Este he o parecer do Snr. Barão de Slane, n'huma nota que teve a bondade de enviar-me sobre o *Akhbar az-Zemân*.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» de, e tem o braço levantado e estendido, como se quizes-» se perguntar = *onde he que vais?* A terceira he negra, e » aponta com o dedo para o mar, como para advertir que » *quem passar deste lugar será afogado.* Esta estatua tem *no* » *peito a inscripção seguinte: Feita por Abrahah Zul-Menar o* » *Himyarita, a seu senhor o sol, para conciliar o seu fa-*» *vor* » = [168].

II. Bekri, escriptor do meado do seculo XI. [169], diz que = « Defronte de Tandjah (Tanger), e do monte Atlas, » estão as ilhas *afortunadas*, isto he *felizes*, assim chamadas » porque os matos e os bosques são unicamente compostos » d'arvores que produzem fructos magnificos, e excellentes, » sem ter necessidade de se plantarem, nem cultivarem; e a » terra dá cereaes, em lugar d'herva; e, em lugar de cardos, » plantas odoriferas de toda a qualidade. Estas ilhas, situa-» das ao occidente do paiz dos Berberes, estão espalhadas » pelo Oceano, a pouca distancia humas das outras [170]. » =

Parece-me que ninguem desconhecerá nesta descripção as ilhas mythologicas dos Gregos e Romanos, e a sua posição reconhecida por Juba, conservada por Plinio, e dada como defronte do Atlante nas obras de Mela, Ptolomeo, etc. Bekri servio-se de AA. que escrevêrão em Latim, porque lhes dá o nome de فرطنـــانس *Frtnáns*, *Fortunans*, que he a palavra latina *Fortunatae*, escripta em caracteres arabes; e como فرطنـــانس *Fortunans* nada significa em Arabe, explica esta palavra traduzindo a expressão latina, e por isso acrescenta ou السعيدة *Sahida* — Felizes.

Não me cançarei, por tanto, em provar que Bekri não tinha conhecimentos positivos das Canarias. Se os tivesse não as descreveria por aquelle modo.

III. Edrisi, que acabou a sua obra geographica em Janeiro de 1154 [171], e por consequencia he do meio do se-

---

[168] *Recherches sur la priorité de la découverte des Pays situés sur la côte occidentale d'Afrique, au-de-là du Cap Bojador* etc. do meu sabio Consocio o Sñr. Visconde de Santarem, p. CII. Vej. o N. XIV. do Appendix.

[169] *Descripção da Africa.* Extracto feito por Mr. Quatremère, e inserto no T. 12 das *Notices et Extraits des Mss.* p. 438, 658 e seguintes. Gayangos na sua *Traducção de Al-makkrí*, T. 1., p. 313, nota 7, diz que Bekri nasceo em 1040—1041, e morreo em 1094—1095, citando *Adh-dhobí*, e o Author do *Kaláyidu-l'-ikiyán fi mahásení-l-a'ayan.* (Collares d'ouro nas brilhantes acções dos illustres).

[170] Bekri, l. c., p. 664, V. o N. XV. do Appendix.

[171] Traducção de Mr. Jaubert, T. 1., prefação, p. XXII. He o vol. 5. e

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

culo XII., falla da maneira seguinte das ilhas do mar tenebroso:

1. «Este clima (o 1.°) começa ao Oeste do mar occidental, chamado tambem mar das trévas, que he aquelle, »alem do qual ninguem sabe o que existe. Ha nelle duas »ilhas chamadas as ilhas afortunadas, donde Ptolomeo prin»cipia a contar as longitudes. Dizem que em cada huma ha »huma estatua de cem covados d'altura [172], feita de pe»dras, e sobre cada estatua huma figura de bronze que in»dica com a mão o espaço que fica para trás. Os idolos des»ta natureza são seis, segundo se conta. Huma das Ilhas he »a de Cadiz, ao oeste da Andaluzia: ninguem conhece as »terras habitaveis dali por diante [173].

2. «Dizemos pois que a presente secção do 2.° clima (a 1.ª) »começa na extremidade do occidente, isto he, no mar tene»broso: ignora-se o que existe alem deste mar. A esta sec»ção pertencem as ilhas de Masfahan e de Lamghoch, que »fazem parte das seis de que fallámos, debaixo da designa»ção de (ilhas) *eternas*, e donde Ptolomeo principia a con»tar as longitudes dos Paizes. Alexandre o Grande foi até »ali, e voltou de lá.

»Quanto a Masfahan, o A. do Livro das maravilhas re»fere, que no centro desta ilha ha huma montanha redonda »sobre a qual se vê huma estatua de côr vermelha, elevada »por Esaad abu-Kerb el-Hairi (Alexandre dzul'carneîn, de »que logo fallaremos) na sua expedição, e que se dá este »nome (d'abu-Kerb el-Hairi) a todos os viajantes que che»gárão ás duas extremidades do mundo. Abu Kerb el-Haîri »fez pôr ali aquella estatua, para indicar aos navegantes »que, para alem deste ponto, não ha caminho, nem lugar »onde se desembarque. Acrescenta-se que na Ilha de Lam»ghoch (ou de Lagos) se vê tambem huma estatua de mui »solida construcção, a que he impossivel chegar. Diz-se que »aquelle que a fez erigir morreo lá; e que os seus herdei»ros lhe fizerão hum tumulo n'hum templo fabricado de mar»more, e de pedras de côres. Conta o mesmo A. que esta

---

do *Recueil de Voyages et de Mémoires de la Société de Géographie de Paris*, e he a que eu citarei, todas as vezes que tratar de Edrisi.

[172] V. na nota C. no fim desta Memoria, a razão por que traduzi estatua, e não base, como verteo Mr. Jaubert.

[173] Edrisi, T. I., p. 10. V. o N. XVI. do Appendix.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» ilha he povoada de féras, e que se passão nella cousas que » seria muito longo descrever, e que a razão repugna ad- » mittir.

» Nas praias destas ilhas, e de muitas outras, acha-se » ambar de superior qualidade, e a pedra chamada el-behet, » afamada na Africa occidental, onde se vende por alto pre- » ço, para o paiz de Lamtuna, cujos habitantes pertendem » que quem a traz he bem succedido em todas as suas empre- » sas: diz-se tambem que esta pedra tem a propriedade de » prender a lingoa.

» Acha-se nellas tambem grande numero de outras pe- » dras de fórmas e côres variadas, que são muito procura- » das, e que são objecto de commercio, por entrarem, se- » gundo se diz, na composição de muitos remedios excellen- » tes. Taes são as que se empregão em combater os humo- » res nocivos, e em acalmar promptamente as dores que del- » les resultão: as que facilitão os partos: e aquellas por cu- » jo meio obrigão as mulheres ou os meninos a seguir quem » lhes faz hum signal. Os habitantes destas ilhas possuem » muitas pedras semelhantes, e tem nomeada pelas opera- » ções magicas que praticão (servindo-se destas pedras), e » em que são iniciados [174].

3. A 1.ª parte do 3.º clima começa no Oceano tenebro- » so, que banha a parte occidental do globo terrestre. Hu- » ma das ilhas deste mar he a de Sara, situada cerca do mar » tenebroso. Conta-se que Dhu'l Carnain (Alexandre) abor- » dou ali, antes das trevas terem coberto a superficie do » mar, e passou nella huma noite, e que os habitantes da » ilha acommettêrão os seus companheiros ás pedradas, e » lhe ferirão muitos. Ha outra ilha que se chama Saa'li, cu- » jos habitantes mais parecem mulheres do que homens: os » dentes sahem-lhes da bocca; relampejão-lhes os olhos, e » as pernas tem a apparencia de páo queimado, fallão huma » lingoa inintelligivel, e guerreão os monstros marinhos. A' » excepção das partes genitaes, nenhuma differença caracte- » riza os dous sexos; porque os homens não tem barba: os » seus vestidos são de folhas d'arvores. Nota-se depois a ilha » de Hasran, de consideravel extensão, dominada por huma » montanha, junto da qual vivem homens de côr escura, de » pequena estatura, e com barba que lhes chega aos joe-

[174] Idem, ibid., p. 104 e seguintes.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» lhos: tem o rosto largo e as orelhas compridas: vivem dos
» vegetaes que a terra produz espontaneamente, e que pou-
» co differem daquelles de que se nutrem os animaes. Ha
» nesta ilha huma pequena ribeira d'agoa doce que brota da
» montanha. A Ilha de Ghour, igualmente consideravel,
» abunda em hervas e plantas de toda a qualidade. Tem rios
» e lagos, e bosques que servem de abrigo a asnos selva-
» gens, e a bois que tem cornos d'extraordinario comprimen-
» to. Não longe della está a Ilha de Mostachiin. Diz-se que
» esta Ilha he povoada, e que tem montanhas, rios, muitas
» arvores, fructos, e campos cultivados. A cidade que ali
» existe he dominada por huma cidadella. Conta-se que, n'
» huma época anterior a Alexandre, havia nesta Ilha hum
» dragão que devorava tudo quanto encontrava, homens,
» bois, asnos, e outros animaes. Quando Alexandre ali abor-
» dou, queixárão-se-lhe os habitantes dos damnos que lhes
» causava o dragão, e implorárão o soccorro do heroe: o
» monstro tinha já devorado a maior parte dos seus reba-
» nhos, punhão-se-lhe, todos os dias, junto ao seu covil dous
» touros mortos, sahia para os devorar, e retirava-se depois
» até ao outro dia, esperando novo tributo. Alexandre per-
» guntou aos habitantes se o monstro tinha por costume sa-
» hir por hum só lugar, ou por muitos, e respondêrão-lhe
» que sahia sempre pelo mesmo lugar. Alexandre fez com
» que se lhe mostrasse o lugar, e foi lá, seguido de muitos
» habitantes, e acompanhado de dous touros: o monstro en-
» caminhou-se immediatamente para elles, semelhante a hu-
» ma nuvem negra: relampejavão-lhe os olhos, e vomitava
» chammas; devorou os touros e desappareceo. No outro
» dia, e no seguinte, fez Alexandre pôr dous bezerros junto
» da caverna do monstro; mas esta preza não bastou para
» saciar-lhe a fome. Alexandre mandou aos insulares que es-
» folassem dous touros, que lhes enchessem as pelles d'hum
» mixto de azeite, enxofre, cal, e arsenico, e que os ex-
» pozessem no lugar indicado. O dragão sahio do seu retiro,
» e devorou esta nova preza; e passados alguns instantes,
» sentindo-se envenenado, com a composição, em que tam-
» bem se tinhão mettido ganchos de ferro, fazia todos os es-
» forços imaginaveis para vomita-la; porém tendo-se-lhes
» agarrado os ganchos á garganta, lançou-se por terra, com
» a bocca aberta. Então, na conformidade das disposições
» feitas por Alexandre, aquecêrão huma barra de ferro, até

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» ficar em braza, e pondo-a sobre huma chapa do mesmo » metal, lançárão-na pela bocca do monstro, que, inflam- » mando-se-lhe nas entranhas a composição, expirou. Por es- » te modo fez Deos cessar o flagello que affligia os habitan- » tes da Ilha que rendêrão as graças a Alexandre, mostrá- » rão-lhe grande affeição, e offerecêrão-lhe presentes, que » consistião em diversas curiosidades da sua Ilha: derão-lhe, » entre outras cousas, hum pequeno animal que se parecia » com huma lebre, mas cujo pêllo era amarello, brilhante » como o ouro. Este animal, chamado a'radj, tem hum cor- » no negro, e só com a sua presença, faz fugir os leões, as » serpentes, os animaes selvagens, e os passaros.

» Acha-se no mesmo mar a Ilha de Calhan, cujos habi- » tantes são de forma humana, mas tem cabeças d'animaes: » mergulhão no mar, tirão dos seus abysmos os animaes que » podem apanhar, e sustentão-se delles. Outra ilha do mes- » mo mar chama-se a Ilha dos dous Irmãos magicos Cher- » ham, e Cheram. Conta-se que estes dous Irmãos erão pi- » ratas, e atacavão todos os navios que passavão por junto » da sua Ilha, captivavão-lhes as equipagens, e tomavão-lhes » as fazendas; mas Deos para os castigar, transformou-os » em dous rochedos que se vêm levantados na borda do mar. » Depois deste acontecimento, tornou a Ilha a ser povoada » como dantes. Está situada defronte do porto de Asafi (Sa- » fim), a huma distancia tal que, quando não ha nevoas na » atmosphera que cerca o mar, pode, segundo se diz, ver- » se do continente o fumo que se eleva na Ilha. Esta parti- » cularidade foi referida por Ahmed ben-Omar, cognomina- » do Raccam el-Avez, que encarregado pelo principe dos » fieis Ali ben-Jusuf ben-Taschfin do commando da sua fro- » ta, queria ir lá; mas a morte o surprehendeo antes de » poder realizar o seu projecto. Os Maghrurinos, viajantes » da cidade de Achbuna (Lisboa) na Hespanha derão noti- » cias curiosas desta Ilha, quando o porto de Asafi recebeo » o seu nome por causa delles. A narração desta aventura » he bastantemente longa, e reservamo-la para quando tra- » tarmos de Lisboa.

» Neste mar existe igualmente huma Ilha de vasta ex- » tensão e coberta de espessas trevas. Chamão-lhe a Ilha dos » Carneiros, porque tem muitos; porêm a sua carne he amar- » gosa, a tal ponto, que não he possivel comê-la, se he que » deve dar-se credito aos Maghrurinos. Perto da ilha que

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» acabamos de nomear, acha-se a Ilha de Raca, que he a » ilha dos passaros. Diz-se que ha nella huma especie de » passaros semelhantes ás aguias, vermelhos, e armados de » garras, que se sustentão de mariscos e de peixes, e que » nunca se afastão destas paragens. Diz-se tambem que a » Ilha de Raca produz huma especie de fructos, semelhantes » aos figos da casta grande, e que serve d'antidoto contra os » venenos. Conta o A. do Livro das maravilhas que hum » Rei dos Francos, informado deste facto, mandou hum na- » vio buscar o fructo, e os passaros; porêm o navio perdeo- » se, e depois nunca mais se fallou nelle.

» Pertence mais á presente secção a Ilha de Chaslend, » que tem de comprimento quinze dias de caminho, e de » largura dez. Havia nella, n'outro tempo, tres cidades, » grandes e bem povoadas; abordavão lá navios, e demora- » vão-se para comprar ambar e pedras de diversas côres; » mas em consequencia das revoluções e guerras que houve » no Paiz, morreo a maior parte dos habitantes; e muitos » passárão o mar, transportando-se para o continente da Eu- » ropa, onde a sua raça subsiste ainda muito numerosa, na » época em que escrevemos. Tornaremos a fallar nella, quan- » do tratarmos da Ilha de Aralanda.

» A Ilha de Laca produz muito páo d'aloes: pertende- » se que alli não tem cheiro, mas que o adquire, sendo ex- » portado, e atravessando o mar. Este páo he negro e mui- » to pesado. Os mercadores vão a esta Ilha buscar o aloes, » e levão-no para longes terras. Os Reis da parte mais oc- » cidental da Africa compravão-no aqui, n'outro tempo. Con- » ta-se tambem que a Ilha de Laca era antigamente habita- » da; porêm que deixou de o ser porque as serpentes se mul- » tiplicárão nella excessivamente. Segundo o que nos ensina » Ptolomeo de Pelusa, o mar tenebroso contêm vinte e sete » mil Ilhas, povoadas e não povoadas. Julgámos dever fallar » só de algumas dellas, que estão situadas na visinhança da » terra firme, e que gozão d'hum certo gráo de cultura e de » civilização [175].

4. » Toda esta secção (a 1.ª do 7.º clima) comprehende hu- » ma parte do Oceano tenebroso, e diversas ilhas desertas e » inhabitadas que nelle se achão. A mais consideravel he a » Ilha de Berlanda (Irlanda), de que já fizemos menção. De

[175] Idem, ibid. T. 1., p. 197 a 202.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» huma das extremidades desta grande Ilha á parte superior » da terra de Bretanha contão-se tres dias e meio de nave- » gação, e da outra á Ilha deserta de Scosia (Escocia) dous » dias. Com tudo o Author do Livro das maravilhas refere » que havia antigamente nesta ultima Ilha (na Escocia) tres » cidades; que a Ilha era habitada; que os navios ali abor- » davão e ancoravão para comprar ambar e pedras de côr; e » que, pertendendo os seus habitantes subjugar e dominar » huns aos outros, seguírão-se daqui guerras civis, inimiza- » des, e devastações, em consequencia das quaes huma par- » te dos habitantes emigrou para o continente, de modo que » as cidades ficárão desertas e arruinadas [176].

5. » A presente secção (a 2.ª do 7.° clima) comprehende a » parte do Oceano tenebroso em que está a Inglaterra [177].

6. » Afardik (Berwick), outra cidade situada a certa dis- » tancia do Oceano tenebroso, e para a parte da extremida- » de da Ilha d'Escocia que he contigua á Ilha d'Inglaterra.

» A Escocia estende-se em comprimento ao Norte da » grande Ilha, não tem habitantes, nem cidades, nem al- » deas [178].

7. » Entre a extremidade da Escocia, ilha deserta, e a » extremidade da Hirlanda (Irlanda), contão-se dous dias de » navegação, dirigindo-se para o occidente [179].

8. » No oceano tenebroso ha quantidade de ilhas desertas: » ha com tudo duas, que são habitadas, e que tem o nome » de Ilhas d'Amraines dos Madjus. A mais occidental he po- » voada d'homens tão sómente, e não ha nella mulheres; e » a outra he habitada só por mulheres, e não ha nella ho- » mens. Todos os annos, na Primavera, passão os homens » em barcas á segunda ilha, cohabitão com as mulheres, e » ficão ali hum mez, pouco mais ou menos, e depois voltão » para a sua illa, onde residem até ao anno seguinte, época » em que cada hum vem ter com a sua mulher, e assim suc- » cessivamente, todos os annos: este costume he conhecido » e constante.

» O ponto mais visinho destas ilhas he a cidade d'Anho, » que dista dellas tres dias de navegação. Pode tambem ir-

---

[176] Idem, T. 2., p. 422.
[177] Idem, ibid., p. 423.
[178] Idem, ibid., p. 425.
[179] Idem, ibid., p. 426.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» se para lá por Calmar e Daghwada (Dagó); porêm he dif-
» ficil aborda-las, e he raro chegar a ellas, por causa da fre-
» quencia dos nevoeiros, e das profundas trévas que reinão
» neste mar. » [180].

Anho he, segundo Mr. Jaubert, huma cidade da Esthonia [181].

Reuni todos os passos d'Edrisi, em que falla das Ilhas do mar tenebroso, para mostrar a confusão com que as descreve, sem distinguir, muitas vezes, as que ficão encostadas á Africa, e á Europa, e as que estão espalhadas pelo Oceano; e não poupei algumas repetições pelas julgar necessarias para illustrar mutuamente parte dos mesmos passos.

¿E que sabia Edrisi das ilhas do mar tenebroso? Primeiramente deve notar-se, pelo que respeita ás Ilhas Afortunadas, que ha huma lacuna na obra de Edrisi; porque, dizendo n'hum lugar (o 1.° passo transcripto), que ha no mar tenebroso duas Ilhas chamadas Afortunadas, e que, em cada huma dellas, ha huma estatua [182], accrescenta logo, que as estatuas são seis, o que não poderia entender-se se mais adiante, tratando das Ilhas de Masfahan, e de Lamghoch [no 2.° passo), não dissesse que fazém parte das seis ilhas de que fallamos debaixo da designação de =eternas= [183]; porêm Edrisi só tinha fallado de duas, e por tanto falta no primeiro passo [184] a parte a que elle se refere neste.

Em segundo lugar parece-me escusado demonstrar que Edrisi não tinha conhecimentos positivos das Canarias, e só misturou as noções tradicionaes de Ptolomeo, e de outros com as fabulas Arabes. Como, segundo Mas'údí, citado muitas vezes por Edrisi [185], as columnas d'Hercules erão de cobre e pedras, com estatuas em cima; e estas columnas, conforme a opinião d'alguns, não estavão no Estreito, mas sim n'humas Ilhas do Oceano e das suas costas [186], e co-

---

[180] Idem, ibid., p. 433.
[181] Idem, ibid., p. 431 e 432; e nota (1).
[182] Nesta Memoria, p. 43.
[183] Nesta Memoria, p. 43.
[184] Nesta Memoria, p. 43.
[185] Alem das citações do Livro das maravilhas de Mas'údí, que se encontrão nos passos transcriptos, vid. T. 1. p. 299; T. 2. p. 224, 230, etc.
[186] Nesta Memoria, p. 38.

« Junto ás mesmas columnas ha duas pequenas ilhas, a huma das quaes cha-
» mão o templo de Juno. *Alguns dão-lhe o nome de columnas.* Strabo, ed. citada,

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

mo, por outra parte havia Geographos que as tinhão posto junto a Cadiz, e em Cadiz [187], embrulhou Edrisi tudo isto, a seu geito, e fez de Cadiz huma das Ilhas Afortunadas. Temos outras duas nas Ilhas de Masfahan, e Lamghoch. Quem for curioso de esperdiçar tempo póde procurar as tres restantes entre as mais de que elle, apoiado na authoridade do Livro das maravilhas, assoalha tantos despropositos, como das Ilhas de Masfahan e Lamghoch.

As noticias curiosas que os Maghrurinos derão da Ilha dos dois Irmãos magicos Cherham e Cheram, não se encontrão na relação que da sua viagem nos deixou Edrisi; e por isso só observarei que a particularidade de se ver de Safim o fumo della que Edrisi põe na bocca de Ahmed ben-Omar, cognominado Raccam el-Avez [188], prova que até pouco antes do tempo em que Edrisi escreveo, não se conhecião as Canarias, nem se navegava alêm de Safim; porque este

---

» L. 3. p. 256; e mais adiante, a p. 258. » Alguns tem por columnas o Calpe e o Abila.... *outros humas pequenas Ilhas visinhas a ambos estes montes*, a huma das quaes chamão a Ilha de Juno. Artemidoro faz menção da Ilha e do templo de Juno. Vid. a nota D no fim desta Memoria.

Atheniensis dicit Euctemon item
Non esse saxa, aut vertices assurgere
Parte ex utraque, cespitem Libyci soli
Europae et oram memorat insulas duas
Interiacere; nuncupari has Herculis
Ait columnas;

Rufo Festo Avieno *Ora maritima* v. 350 a 355, Ed. de Wernsdorf, citada, T. 5., P. 3., p. 1229.

[187] Junto a Cadiz:

ἔνθα τε καὶ ϛῆλαι περὶ τέρμασιν Ἡρακλῆος
ἱϛᾶσιν, μέγα θαῦμα, παρ' ἰϛχατόωντα Γάδειρα.

Dionysio Periegeta, v. 64 e 65, p. 12 da ed. de Bernhardy.

Em Cadiz:

Scylax Periplo, p. 244 da ed. de Klausen.

Marciano d'Heraclea, Ed. de Miller, p. 64.

= *Europae in Hispania occidentalis oceanus terminus est apud Gades insulam, ubi Herculis visuntur columnae.*

A Cosmographia attribuida a Ethico, p. 723 da ed. de Mela. Lugd. Bat. 1722.

Ordine principium capiens Atlantis ab unda,
Herculeo celebrant quam metae munere Gades.
Cœliferasque tenet stans Atlas monte columnas.

Prisciano, *Periegesis*, v. 72 a 74, ed. de Krehl. Lipsiae 1819 e 1820, T. 2., p. 484.

[188] Nesta Memoria, p. 46.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Commandante da frota de Ali ben-Jusuf ben-Taschfin quiz ir verificar a existencia desta Ilha e o que se dizia della, e que, apezar de estar tão perto de Safim, não se conhecia. Ora Ali ben-Iusuf ben-Taschfin subio ao throno em 1106, e morreo em 1142 [189], e Edrisi acabou de escrever a sua Geographia em Janeiro de 1154, como já se disse; logo o projecto da viagem de Raccam el-Avez á Ilha dos dois Irmãos magicos devia verificar-se entre 1106 e 1142; e por consequencia não muitos annos antes da época em que Edrisi escreveo.

E na época em que elle escreveo tambem não se hia muito alêm de Safim, porque nos affirma que Asafi (Safim) era antigamente a ultima estação dos navios, e que nos seus dias se passava mais avante quatro jornadas maritimas [190]. Temos, por tanto, que o termo das navegações dos Arabes, na costa occidental da Africa, no tempo de Edrisi era quatro jornadas maritimas adiante de Safim. Por muitos passos de Edrisi se manifesta que a viagem maritima d'hum dia era calculada em cem milhas [191]; e posto que podesse avaliar-se exactamente esta distancia em medidas Europeas, tomando a differença entre dois pontos cujas posições estejão determinadas, ou referindo-as a huma distancia conhecida; com tudo considero desnecessario este trabalho; porque, qualquer que seja a grandeza da milha arabica, quatro dias de viagem maritima, ou quatrocentas milhas, contadas desde Safim, nunca poderião chegar ao cabo de Bojador; e por consequencia fica demonstrado que os Arabes, até ao tempo d'Edrisi, não conhecião as Canarias, nem as costas da Africa, alêm do cabo de Bojador. Nem mesmo, muito tempo depois de Edrisi, as navegações dos Arabes alcançavão até ao Cabo de Bojador, porque, nos fins do seculo XIV., ainda paravão a quem do Cabo de Não, como se colhe de Ibn-Khaldun [192].

Hum passo da Descripção da Africa de Ibn-Hocal, que estava naquelle Paiz em 970 para 971, e que compoz a sua

---

[189] Assaleh ben-Abdel-Halim = *Historia dos Soberanos Mohametanos*, traduzida pelo nosso Consocio o Snr. José de Santo Antonio Moura. Lisboa 1828, p. 175, e 182; Casiri, T. 2., p. 218, col. 1.ª

[190] T. 1., p. 220.

[191] T. 1., p. 234, 279, 290, 296, 298; T. 2., p. 67, 128, 400, etc.

[192] Vid. a p. 65 desta Memoria.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

obra geographica em 976 para 977, ou em 977 para 978 [193], confirma, até certo ponto, a asserção de Edrisi. Diz Ibn-Hocal que Salé era o limite dos estabelecimentos musulmanos: Que este lugar se compunha d'hum *ribat* [194], em que havia huma guarnição musulmana, e d'huma cidade muito antiga chamada Salé velha, mas que então estava arruinada: Que se habitava nos *ribates* da visinhança, e havia nelles guarnição; e que ás vezes havia ali mais de cem mil homens para guardar o Paiz contra os Berghawatas [195].

Os Berghawatas, ou Barguatas, erão huma tribu Berbere que habitava as costas do Oceano, desde as visinhanças de Salé até aos limites da tribu de Lamtuna proximos a Nul, ou ao cabo de Não [196]. Esta tribu foi perseguida constantemente, como heretica pelos musulmanos da Africa, a tal ponto, que Tamim a guerreou duas vezes cada anno, desde 1033 até 1056, e foi finalmente dispersada e subjugada pelos Morabitins da tribu de Lamtuna em 1059 [197]. Neste estado de cousas não parece natural que houvesse communicação e commercio com os povos alêm de Salé, que erão Berghawatas, o que só teria lugar depois da sua destruição e engrandecimento da tribu de Lamtuna donde sahírão os Morabitins que dominárão a Africa e a Hespanha, e que chegou ao cume do poder no reinado de Jussof ben-Taxefin, depois da batalha de Zalaca, junto a Badajoz, em 1086 [198].

Estabelecidos os Lamtunenses nas terras da tribu de Berghawata em 1059, he que era provavel que se traficasse nos portos daquella tribu até Safim, e isto hum seculo pouco

---

[193] Uylenbroeck — *Iracae Persicae Descriptio.* Lugduni Batavorum 1822. — *Dissertatio de Ibn-Hauckali opere geographico*, p. 15 a 17.

[194] *Ribates* erão primitivamente quarteis fortificados, que se construião nas fronteiras do Imperio etc. V. a nota 2 de Mr. le Baron M. G. de Slane a p. 168 da sua traducção da *Descripção da Africa por Ibn-Hocal*, que vem no T. 13 da 3.ª Serie do *Journal Asiatique*, N. 71, *Février* 1842. Vid. tambem Conde *Descripcion d'España de Xerife Aledris*, p. 202; e Sprenger na nota (†) a p. 241 da sua traducção de Mas'údi, onde explica o que era *Ribat* e indica vantagens, tanto mundanas, como celestes, que tinhão para os musulmanos estes lugares.

[195] *Description de l'Afrique, par Ibn-Haucal*, traducção de Mr. o Baron de Slane, l. c. p. 195.

[196] Idem, ibid. p. 209 N.° 72, *Mars* 1842; *Historia dos Soberanos Mohametanos*, abaixo citada. Sobre a Tribu de *Berghawata* ou *Baragh'wattah*. Vid. Gayangos na sua *Traducção de Al-makkarí*, T. 1., p. 333, notas 26 e 27.

[197] *Historia dos Soberanos Mohametanos*, p. 117, 139 a 144.

[198] Idem, ibid. p. 159 e 160; Casiri, Bibl. Arabico Hispana Escurialensis, T. 2., p. 216.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

mais ou menos antes de Edrisi; e que com o andar dos tempos fossem correndo os outros portos, e chegassem até Nul, ou Nun, que, segundo Edrisi, era a unica cidade da tribu de Lamtuna [199], e que, seguindo as sinuosidades da costa, não distará menos de quatrocentas milhas de Safim; nem d'ahi por diante havia para que navegar; porque humas praias desertas e aridas, como são as que se seguem ao rio de Nun, não podião ser objecto de especulações mercantis.

As ilhas dos carneiros, e das aves recordão idéas confusas de ilhas com os mesmos nomes na lenda de S. Brendan [200], revestidas porêm de outras circunstancias, e substituindo ás fabulas daquella lenda, as fabulas arabes.

Combinando o que Edrisi diz nos passos 3.°, 4.° e 6.° [201], deprehende-se claramente que a Ilha de Chaslend he a Escocia. Chamada pelos Inglezes *Scottish-Land* (terra dos Scotos), e depois Scotland, corrompêrão os Arabes Scottish-land em Chaslend, ou Chasland; porque, faltando-lhe as vogaes, de qualquer destes modos póde pronunciar-se a palavra شـــاصلند

Parece-me que, relativamente ao 4.° passo d'Edrisi [202], ha huma leve equivocação de Mr. Jaubert. Diz o A. Arabe que a ilha mais consideravel do mar tenebroso he a Irlanda, de que já fez menção, o que Mr. Jaubert explica assim = „O passo em que o nosso A. faz menção desta ilha acha-se „na segunda secção do presente clima" = [203]. A segunda secção do setimo clima he depois da primeira, e por consequencia não podia dizer Edrisi, na primeira secção, que já tinha fallado da Irlanda, referindo-se a este passo da segunda secção; mas sim que trataria della, expressão de que se serve em muitos outros lugares. O passo a que se refere Edrisi acha-se a pag. 201 do Tom. 1., e por isso diz, que já fez menção della. São coisas tão pequenas que he mui facil escaparem a quem tomou sobre si tamanha empreza como Mr. Jaubert.

IV. Ibn al-Wardi, escriptor do seculo XIII. [204], no

[199] T. 1., p. 208 e 205.
[200] *Mr. Jubinal, La Légende Latine de S. Brandaines etc.* p. 12, 13, 15 e seguintes.
[201] Nesta Memoria, p. 47 e 48.
[202] Nesta Memoria, p. 47.
[203] Edrisi, T. 2., p. 422, nota (2.)
[204] De Guignes, *Notices et Extraits des Mss.*, T. 2., p. 19 e 20; Hy-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

capitulo das Regiões, diz o seguinte das Ilhas Afortunadas =

« Pelo que pertence á terra occidental, a parte exterior » della he banhada pelo Oceano, ou mai muito tenebroso, » em que nunca ninguem navega, nem se conhece o que ha » alêm delle. Tem grandes ilhas, e muitas habitadas, de » que fallaremos quando chegarmos ao capitulo das ilhas. » Duas dellas chamão-se as Ilhas Khaledat خـــالدات (peren- » nes, eternas), em cada huma das quaes ha huma estatua de » cem covados melchitas de altura, e sobre ellas a figura de » hum homem, de bronze, voltando a mão para o que fica » por detraz delle, para indicar que para ali não ha nada, » nem se acha caminho, Ninguem sabe quem fez, e levan- » tou estas estatuas [205]. »

E no capitulo das Ilhas diz =

« Entre as ilhas do mar circundante estão as ilhas خـــالدات » Khaledat (perennes, eternas), e em duas destas ha duas es- » tatuas de pedra muito dura, de altura de cem covados, e » em cima de cada huma dellas está huma figura de bronze, » apontando com a mão para traz, como quem diz = Volta, » que para ali não ha nada = Estas estatuas forão levantadas » por Dul-Menar El-hamiri de Tebábáa, que não he o mes- » mo Dul-carnain de que se faz menção no Alcorão » = [206].

Estes dois passos contradizem-se algum tanto; porque

---

lander, *Operis Cosmographici Ibn El Vardi caput primum, de Regionibus et Oris.* Lundae 1823, prefação, p. VIII. e IX.

[205] Hylander, l. c., p. 4. Vid. o N. XVII. do Appendix.

[206] Mss. N.° 589 da Bibliotheca Real de Paris, fl. 48. Vid. o N.° XVIII. do Appendix.

Este passo de Ibn al-Wardi, e outros de diversos escriptores Arabes, que apontarei em seus lugares, forão-me mandados pelo Sñr. Barão Mac Guckin de Slane, por intervenção do Sñr. Visconde de Santarem. O Sñr. Barão de Slane, com extrema bondade, fez-me a mercê não só de copiar os passos dos Escriptores Arabes, mas tambem de soltar algumas difficuldades que nelles me embaraçavão, e sobre que o consultei. Queirão ambos receber os meus cordiaes agradecimentos, o meu illustre Consocio por mais este obsequio que lhe devo de me dar relações com o sabio Orientalista; e o Sñr. Barão de Slane pela graciosa benevolencia com que me tem obrigado.

A traducção deste, e de todos os outros textos dos Authores Arabes, he feita pelo meu Consocio na Academia Real das Sciencias de Lisboa o Sñr. P. Antonio de Castro, que teve a condescendencia de combinar commigo todos os passos que offerecião alguma duvida; e que, não limitando a este trabalho os seus bons officios, me penhorou ainda mais tomando a seu cargo copiar os textos que vão no Appendix. Aceite o meu sabio Consocio o testemunho da minha gratidão, por todos estes favores.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

no primeiro affirma-se que não se sabe quem erigio as estatuas; e no segundo declara-se quem as levantou.

De Guignes refere, pelo modo seguinte, as palavras de Ibn al-Wardi =

« Diz que este mar (o tenebroso) contêm muitas ilhas, » algumas das quaes são habitadas e outras desertas, e que » se conhecem só dezesete Se elle indicasse as suas distan- » cias respectivas, poderiamos melhor julgar da extensão das » navegações dos Arabes.....; mas toda esta narração he » cheia de fabulas, e remetto para o fim desta noticia tudo » o que he concernente ás ilhas dos differentes mares » = [207].

E depois, quando trata das ilhas, continua assim o seu extracto =

Ilhas do Oceano ao occidente da Africa e da Europa.

1. « As Ilhas Khalidat ou Afortunadas (as Canarias). Ben- » al-Wardi só falla de duas Ilhas, a que parece juntar outras » duas, a de Laus e a de Saali. Esta ultima he grande. Os » homens são como as mulheres, e não se podem distinguir » dellas: tem dentes compridos, olhos muito brilhantes, fal- » lão huma lingoa que não se entende, os seus vestidos são » de folhas de arvores, e sustentão-se de peixe. O Mss. N.° » 956 diz o mesmo; o Author faz tambem menção d'outra » ilha que não vejo aqui; chama-lhe a ilha de Seifhan, no » meio da qual está huma montanha, em cujo cume ha huma » estatua, levantada por Saad Abukarb o Hemiarita, o mes- » mo que Dhulcarnaîn.

2. » A ilha de Hasarat he muito extensa; tem huma mon- » tanha muito alta junto á qual habitão homens de côr ama- » rellenta, cuja barba lhes chega até aos joelhos; tem o ros- » to largo e orelhas grandes, e sustentão-se de hervas. Ha » nella huma pequena ribeira, de boa agoa.

3. » A Ilha de Aur; muito comprida, e muito larga, e » cheia de arvores e de fructos.

4. » A Ilha de Mustaschkin, por outro nome das Tinins

[207] No extracto de Ibn al-Wardi, que vem no T. 2. das — *Notices et Extraits des Mss. etc.* — p. 48. Vid. o N.° XIX. do Appendix.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» ou das Serpentes, grande, abundante d'agoas e de fructos. » Tem huma cidade em que se vê huma serpente, morta » (segundo se diz) por Alexandre.

5. » A Ilha de Calhat. He grande, e o rosto de seus ha- » bitantes assemelha-se á face dos animaes.

6. » A Ilha Al-akhuain Al-saherin, ou *Ilha dos dois Ir- » mãos magicos*, hum dos quaes se chamava *Scharhum*, e o » outro *Schabram*, que aprisionavão os navegantes; mas de- » pois forão transformados em rochedos, com que se con- » struio huma cidade.

7 » A Ilha de Tuïur, ou dos passaros. Ha nella passa- » ros que se assemelhão a aguias vermelhas, tem garras, e » buscão a sua prêsa no mar. Ha nesta Ilha hum fructo que » se parece com hum figo, e que he excellente contravene- » no. Conta Hucaili que hum Rei dos Francos mandou lá » hum navio para ter destes fructos e passaros, mas o navio » naufragou.

8. » A Ilha de Sasil ou Dadhil; tem quinze dias de ca- » minho de comprimento, e dez de largura. Tem tres cida- » des grandes, que erão bem povoadas, mas as guerras ci- » vis derão cabo de parte de seus habitantes, outros retira- » rão-se para o Paiz de Rum, e ficarão poucos na ilha. Os » mercadores vão lá comprar carneiros, e pedras de varias » côres.

9. » A Ilha de Laca, ou Aca, grande e antigamente mui- » to povoada, mas agora deserta pelas prodigiosas serpentes » de que he infestada. Ha nella o *aûd*, especie de páo. O » Author do Mss. N.° 956 confunde-a com a Ilha dos pas- » saros.

10. » A Ilha dos Nuzia, ou Nuria: tem bosques, e rios; » porêm não tem habitantes » =[208].

Comparando a descripção das Ilhas do Oceano tenebroso de Ibn al-Wardi com a de Edrisi, he manifesto que aquelle Author a tirou em grande parte, de Edrisi, resumindo-a, e variando-a em algumas circunstancias. As Ilhas Afortunadas são duas, como as de Edrisi. De Guignes diz que Ibn al-Wardi parece juntar a estas duas as de Laus e de Saali. Laus faz lembrar Lagos ou Lamgboch, que Edrisi põe entre as Afortunadas; mas Saali he descripta por Edrisi, sem a contar como tal; porêm como De Guignes não produzio

[208] l. c., p. 55 a 56.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

o texto de Ibn al-Wardi, nenhum juizo posso formar a semelhante respeito. E tanto se servio Ibn al-Wardi de Edrisi, que até copiou as suas mesmas palavras empregando صنم *sanamon* para exprimir as estatuas que sustentavão as figuras nas Ilhas Afortunadas.

Deve notar-se que o nome de Canarias, dado por Mr. Hylander ás Ilhas Khaledat, he inserido por elle na sua versão, porque não existe no texto arabe [209], e que Chaledatan (*Khaledatan*) he o dual de *Khaledat;* pelo que me parece que escreveria mais correctamente dizendo = Duas destas Ilhas chamão-se *Chaledat* =, e não *Chaledatan* [210].

As Ilhas de Saali, de Hasarat, de Aur, de Mustaschkin e de Calhat de Ibn al-Wardi; são as de Saali, de Hasram, de Ghur, de Mostachiin, e de Calhan de Edrisi.

A de Al-akhuaîn Al-saherin he a dos dois Irmãos Magicos Cherham, e Cheram.

A de Tuïur, he a Ilha de Racca, ou dos passaros.

A Ilha de Sasil ou Dadhil, he a Ilha de Chaslend, ou Chasland (a Escocia).

A Ilha de Laca, ou Aca, he a Laca de Edrisi.

A dos Nuzia, ou Nuria não a encontro em Edrisi.

Hartmann, confrontando a narração de Ibn al-Wardi com a de Edrisi [211], não póde reconhecer a Escocia na Ilha de Sasil ou Dadhil, Sahelia de Edrisi, segundo a traducção dos Maronitas [212]; porque o texto de que se servio não lhe ministrava auxilios sufficientes para isso.

Do que fica expendido, a respeito de Ibn al-Wardi, vê-se claramente que não tinha melhores noticias das Canarias do que Edrisi, a quem segue; e que o nome de خالدات Khaledat (perennes, eternas) que lhes deo, bem como Edrisi, tem a mesma allusão mythologica já apontada no passo de Mas'údí.

V. Cazvini, Cazuini, ou Cazwini, escriptor do seculo XIII., foi contemporaneo de Ibn al-Wardi, a quem parece ter sobrevivido [213]. Não temos impresso o extracto de Caz-

[209] Hylander, l. c., p. 4.

[210] *Duae ex his sunt insulae Chaledatan, seu Canariae dictae.* Idem, ibid., p. 5.

[211] *Edrisi Africa.* Gottingae 1796, p. 318 a 319.

[212] *Geographia Nubiensis in Latinum versa à Gabriele Sionita et Joanne Hesronita, Maronitis.* Parisiis 1619, p. 72.

[213] Herbelot, *Bibliothèque Orientale*, T. 1., p. 244, ed. de Maestricht 1776; Casiri, *Bibliotheca Arabico-Hispana Escurialensis*, T. 2., p. 5; De Gui-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

wini, promettido por De Guignes; mas diz este Author [214], que Bakui o copiou, palavra por palavra; consequentemente incorporalo-hemos com Bakui, quando tratarmos delle.

VI. Ibn-Said, que tambem he do seculo XIII., falla de estatuas ou columnas, elevadas por Alexandre nas Ilhas Khaledat (as Afortunadas), com esta inscripção = Não se passa mais avante = [215]. Por aqui pódem avaliar-se os seus conhecimentos geographicos, a respeito deste Paiz.

VII. Abulféda, escriptor do principio do seculo XIV., [216] escreve das Canarias por este modo =

« Diz-se que o mundo habitavel começa da banda do oc-» cidente nas Ilhas Eternas, lugar que hoje está deshabita-» do [217].

» Entre as ilhas do mar occidental estão as chamadas » ilhas perennes (eternas) *Gezair el Khaledat*, que interna-» das no mar distão dez gráos da terra firme, e são em gran-» de numero. Batlimus (Ptolomeo) tomou das suas cidades » as longitudes. Dizem que se submergírão, e que dellas não » ha noticias. Diz Ibn-Said que as Ilhas Afortunadas *Saádat* » ficão entre as Ilhas Eternas *al-Khaledat* e a terra firme, e » que se achão dispersas nos climas 1.°, 2.°, e 3.°, e que, ao » todo, são vinte e quatro; porêm que a sua historia se tem » por fabulosa. » = [218].

Parece-me que estes passos d'Abulféda não carecem de commentario. Assim he que o Author, cuja sciencia era tão apregoada em todo o Oriente, conhecia as Canarias [219], n'huma época tão proxima áquella em que os Portuguezes lá abordárão pela primeira vez [220]. Notarei tão somente

---

gnes, *Notices et Extraits des Mss.*, T. 2., p. 19 e 20; Hylander, l.c., prefação, p. VIII. e IX.

[214] *Notices et Extraits des Mss.*, T. 2., p. 390 e 391.

[215] O Sñr. Visconde de Santarem na sua importantissima obra = *Recherches sur la priorité de la découverte des Pays situés sur la côte occidentale d'Afrique au-delà du cap Bojador etc.* = Paris 1842, p. XLI. e 92.

[216] Ed. de Mrs. Reinaud, e Barão Mac Guckin de Slane. Paris 1840. Na prefação, p. XXXV., dizem os editores que Abulféda deo a ultima demão á sua Geographia em 1321.

[217] *On dit, de plus, que le monde habitable commence du côté de l'occident, aux îles Eternelles, lieu qui, du reste, est aujurd'hui inhabité.* Traducção de Mr. Reinaud, p. 9.

[218] Ed. citada, p. 183 do texto arabe. Vid. o N. XX. do Appendix.

[219] Vid. a prefação da ed. citada, p. XXXVI.

[220] Vid. os *Additamentos* á 1.ª *Parte da Memoria sobre as verdadeiras épo-*

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

que *Khaledat* significa *perenne*, *eterno*, e que tem allusão ao destino mythologico das ilhas dos bemaventurados ethnicos, como já observei [221]; e que *Saádat* he a traducção litteral de afortunadas; e sendo estas duas palavras applicadas ao mesmo objecto, todavia fez dellas Abulféda dous entes diversos.

VIII. Ibn-Khaldun, que escreveo os seus Prolegomenos em 1377 [222], diz nelles:

«Primeiro clima. Neste clima, da parte do occidente, »ha as ilhas Khaledat (perennes), donde Ptolomeo principiou »a tomar as longitudes dos Paizes; porêm não existem na »extensão do clima. He verdade que no mar circundante ha »muitas ilhas, posto que as maiores e as mais conhecidas »são sómente tres. Dizem que são habitadas. Chegou-nos á »noticia que as náos dos Francos passárão por ellas no meado deste seculo, que guerreárão os seus habitantes, aprisionárão e captivárão alguns que vendêrão como escravos »seus nas praias do mais remoto occidente, e passárão para »o serviço delRey. Depois que aprendêrão a lingua occidental, manifestárão a situação e estado da sua ilha, onde »diziáo que, por falta de ferro, lavravão as terras de sementeira com cornos; que o seu sustento era cevada, que os »animaes quadrupedes erão cabras; que o seu modo de pelejar era com pedras que arremessavão para traz; que o »seu culto religioso consistia em adorar o sol, quando nascia »sem saberem mais cousa alguma de religião; e finalmente »que não se aportava áquella ilha senão por acaso, e nunca »de proposito [223]» =

Ibn-Khaldun he o unico Escriptor arabe que apresenta noticias positivas das Canarias, e tudo o que refere he confirmado pelos Authores que dellas escrevêrão depois.

As terras erão lavradas com cornos de cabras [224]. A

---

cas em que principiárão as nossas Navegações e Descobrimentos no Oceano Atlantico, nas Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. T. XI., P. 2., p. 192.

[221] A p. 38 desta Memoria.

[222] *Biographie Universelle*, T. 21. p. 155 e seguintes.

[223] Devo a copia do texto deste passo de Ibn Khaldun ao Snr. Barão de Slane. Vid. o N.° XXI. do Appendix.

[224] *Labrauan la tierra con cuernos*, Gomara, *Historia General de las Indias*, ed. de Anvers 1554 fl. 299.

Rompeuano la terra co i corni di capra, et non havendo altro animale, che

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

comida ordinaria dos Canarios era o *gofio*, feito de cevada [225]. A abundancia de cabras [226], e o modo de peleijar caracterizão perfeitamente as Canarias; e que adoravão o sol e a lua he attestado por Cadamosto [227].

O texto de Ibn-Khaldun traz = Depois que aprendêrão a lingoa arabe =; porêm traduzio-se = Depois que aprendêrão a lingoa occidental = por me parecer que se teria escripto العرب alarbi, em lugar de algarbi الغرب, o que só differe n'hum ponto, que se teria omittido, escrevendo ع, em lugar de غ, persuadindo-me a isso as razões seguintes:

1.ª Depois das guerras das Cruzadas, os Arabes e Orientaes designavão por Francos todos os Europeos [228]; e

---

questo, se ne servivano in vece de' buoi per arare la terra, et sono assai più grosse delle nostre. Benzoni. *La Historia del Mondo Nuovo.* Venetia 1572, 12. p. 179 v.

At Hispani.... cum in eam (Capprariam) *principio victricibus armis penetrassent; adverterunt, laetissimas segetes non aratro, non vomere, non bidente bipalioque, vel sarculis, ac ne boum quidem ungulis, exerceri, sed (quod stupeas) capris in juga sociatis, et inaequales ramosos que truncos per jugera trahentibus, indigenas fregisse terram, et comminuisse glebas. Caprino praeterea cornu; nec alio pastino, specus et latibula montium, in hyemis suffugia, tamquam domos aperire solitos.* Bisselii, *Argonauticon Americanorum, sive Historiae periculorum Petri de Victoria, ac sociorum ejus, Libri XV. Monachii*, 1647, p. 13.

Para arar la tierra les costaba mucho trabajo; porque con cuernos pontiagudos y largos, puestos en un palo, y con pujones, y palas de tea, aravan y rompian la tierra. Nunez de la Peña, *Conquista y antiguedades de las Canarias.* Madrid 1676, p. 12.

Una partida de veinte ó de treinta Canarios, arando una fanegada de tierra, cada qual manejando un garrote de seis palmos, armado de una hasta de cabra por el extremo, a modo de reja. Clavijo, *Noticias de la Historia General de las Islas de Canaria*, T. 1., p. 157.

L. Marineo Siculo, *De rebus Hispaniae memorabilibus.* Compluti 1533, fl. 106 v., diz que lavravão a terra com cornos de bois = *Terram colebant bovinis cornibus* =; porêm equivocou-se, porque em nenhum dos Escriptores primitivos das Canarias se encontra noticia de haver nellas bois, antes de os levarem para lá os Hespanhoes.

[225] Os Escriptores que tratão das Canarias dizem que esta era a comida ordinaria de seus habitantes.

[226] Bontier et le Verrier, *Histoire de la première découverte et conquesta des Canaries*, p. 131; L. Marineo Siculo l. c.; Benzoni, no lugar transcripto na nota antecedente etc. O modo de peleijar com pedras he attestado por todos os que escrevêrão das Canarias, entrando neste numero Azurara na *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné* p. 377.

[227] Ramusio, *Viaggi* T. 1., fl. 106, ed. de 1554. *Noticias para a Historia e Geographia das Naçôes Ultramarinas* etc. T. 2., p. 13.

[228] Mas'údí, T. I., p. 414, nota (*). V. tambem o que diz Mr. De Guignes na nota a Bakui, p. 528 do T. 2. das *Notices et Extraits des Mss.* etc. Ain-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Abulfeda assim nomêa os povos, desd'o canal de Constantinopla até á parte occidental do mar circumdante [229]; e por consequencia erão comprehendidos nesta denominação a Hespanha e Portugal.

2.ª Não ha noticia de nenhuma outra expedição de Europeos ás Canarias, pelo meado do seculo XIV., pouco mais ou menos, senão das dos Portuguezes que, no Reinado de D. Affonso IV., frequentavão aquelles mares, desd'antes de 1336, e fizerão diversas excursões a ellas, de huma das quaes, executada em 1341, existe huma relação que, naquelle tempo, se espalhou pela Europa [230]; e por isso não parece entrar em duvida que Ibn-Khaldun se refira a huma destas excursões, e provavelmente á de 1341, que he a mais proxima ao meado do seculo XIV.; mas nesta excursão tomárão-se unicamente quatro Canarios, que vierão para Lisboa [231].

Se quizesse referir-se a noticia dada a Ibn-Khaldun a outra expedição anterior a 1336, mencionada por D. Affonso IV., na sua carta a Clemente VI. em 1345, della diz igualmente o Monarca Portuguez = « mandámos lá as nossas gentes, e algumas náos para explorar a qualidade daquella terra, as » quaes abordando ás ditas Ilhas se apoderárão, por força, » de homens, animaes, e outras cousas, e as trouxerão com » grande prazer aos nossos Reynos » [232]; = consequentemente tambem desta expedição não forão vender-se escravos

---

da actualmente em Khiva chamão á Europa *Frankistan*. Mouravieu, *Voyage en Turcomanie et à Khiva*, 1819 a 1820. Paris 1823, p. 391.

[229] *Du pays des Francs, à partir du canal de Constantinople jusqu'à la partie occidentale de la mer environnante.* Traducção de Mr. Reinaud, p. 2.

[230] *Additamentos á 1.ª Parte da Memoria sobre a verdadeira época em que principiárão as nossas Navegações*, etc. Mem. da Academia R. das Sciencias de Lisboa, T. XI., P. 2.ª, p. 178 e seguintes.

[231] Additamentos citados, p. 178 e 183.

[232] *Gentes nostras et naves aliquas illuc* (ás Canarias) *misimus, ad illius patriae conditionem explorandum: quae ad dictas insulas accedentes, tam homines quam animalia et res alias per violentiam occuparunt, et ad nostra regna cum ingenti gaudio apportarunt.* = Deste importantissimo documento, que Raynaldo traz incompleto na continuação dos Annaes Ecclesiasticos de Baronio, tenho hunia copia inteira e authentica, tirada dos Archivos do Vaticano, que devo á generosidade e amizade do Snr. Visconde da Carreira, cujo zelo por tudo o que respeita á Litteratura Patria, e cujo disvelo e incansavel actividade me alcançárão muitos documentos e noticias extremamente interessantes para os trabalhos que trago entre mãos, e que farei conhecer ao publico á medida que as for aproveitando. Vid. *Memorias para a Historia das Navegações e Descobrimentos dos Portuguezes*, na P. 1.ª do T. 6. das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, p. 10 á 13, e 17.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

ao Imperio de Marrocos. E note-se que dizendo Ibn-Khaldun que = « as náos dos Francos passárão por ellas e as » guerreárão etc. = », a circumstancia de serem náos, e não hum só navio, dá a entender mais huma expedição do que hum successo casual, não obstante accrescentar no fim = « que só se aportava áquella ilha por acaso, e nunca de pro- » posito. » =

3.ª A denominação مغرب الاقصى *Mogreb al aksa*, extremo occidente, applicava-se não só á extremidade da Africa até ao Estreito de Gibraltar, mas tambem á Hespanha, e até a parte da França [233]; porque مغرب *Mogreb*, em geral, designa todo o occidente [234]; e Conde, refutando Casiri, cuja opinião he que pela palavra الغرب *Algarb* se entendeo sempre o occidente da Hespanha, e por المغرب *Almagreb* o da Africa, diz = « em geral uza-se já de huma, já » de outra indifferentemente » = [235]; e por tanto applicando-se a expressão = *Mogreb al aksa*, extremo occidente, á Hespanha, parece que ali não havião os captivos aprender a lingoa arabe لسان العربى *lissan alarbi*, mas sim لسان الغربى *lissan algarbi*, a lingoa occidental.

A isto póde oppor-se que, frequentando os Portuguezes as Canarias desde antes de 1336, em alguma outra das suas excursões, sem ser nem a de que faz menção D. Affonso IV. na sua carta a Clemente VI., nem a de 1341, podião fazer captivos que fossem vender ao Imperio de Marrocos, e que lá aprendessem a lingoa arabe; mas alêm de não haver meio de determinar-se a época deste facto que, sendo indefinidamente anterior ao anno de 1336, se iria afastando muito do

---

[233] Bakui *Notices et Extraits des Mss. etc.* T. 2., p. 432, 462, e 505; Ben Ayas, ibid., T. 8., p. 11. O passo de Bakui, p. 462, allude bem claramente ás *landes* de Bordeaux.

[234] De Guignes *Notices et Extraits des Mss.*, T. 2., p. 393, nota (e); Bakui, ibid., p. 426, 443 etc. Gayangos, *Traducção de Al-makkarí*, T. 1., p. 319, nota 30, diz que = « os escriptores Arabes comprehendem frequentemen- » te a Africa e a Hespanha debaixo da denominação geral de *Maghreb* (o occidente) — *the Arabian writers often comprise Africa and Spain under the general denomination of* Maghreb *(West)*.

[235] *Aqui debo notar que no es cierto lo que dice Casiri en su Bibliotheca escurialense, que por* الغرب Algarb *entienden siempre occidente de España, y por* المغرب Almagreb *el de Africa; lo general es usar ya de la una ya de la otra sin differencia.* D. Joseph Antonio Conde, *Descripcion de España de Xerif Aledris, con traducion y notas.* Madrid 1799, p. 151.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

meado do seculo XIV. que Ibn-Khaldun lhe assigna, esta objecção he, quanto a mim, sujeita a graves reparos.

Em 1.° lugar não parece provavel que expedições feitas por Portuguezes fossem levar o fructo dellas ao Imperio de Marrocos, vendendo lá os captivos, que era mais natural trazerem para o seu Paiz.

Em 2.° lugar empenhando-se D. Affonso IV. na guerra com os Mouros de Hespanha e de Africa, desde 1327; tomando sobre si todo o peso della, e não querendo fazer treguas com elles quando D. Affonso XI. de Castella as fez em 1344, depois da tomada d'Algeciras; continuando as hostilidades dos Mouros d'Africa contra D. Affonso IV., a quem tomárão huma terra no Algarve em 1354; e sendo repetidas vezes auxiliado pelos summos Pontifices, até 1355, com as Decimas e outros Rendimentos Ecclesiasticos para sustentar esta guerra [236] ¿seria possivel que os Portuguezes fossem commerciar n'hum paiz inimigo?

Em 3.° lugar Mr. Silvestre de Sacy diz que chamavão a Ibn-Khaldun *Aschbili*, Sevilhano [237]. Este appellido patronimico, provêm, ou de ser oriundo de Sevilha, ou de ter relações seguidas com aquella cidade [238]; e talvez lhe viessem de lá as noticias da expedição dos Portuguezes ás Canarias, assim como os negociantes Florentinos que nella residião communicárão de lá para Florença as da empresa de 1341 [239]; e isto torna-se ainda mais provavel por dizer Ibn-Khaldun que os Canarios forão vendidos nas praias do mais remoto occidente; expressão que indica não se saber o lugar onde tinhão sido vendidos, por ter succedido este acontecimento n'hum paiz mais remoto, como era a Hespanha. Se a venda fosse feita n'algum dos portos do Imperio de Marrocos, era bem natural que Ibn-Khaldun designasse esse porto, e não se servisse da expressão indeterminada — praias do mais remoto occidente —, que he huma localidade, não só vaga, e indefinida, mas até denota

---

[236] Vid. a Nota (E), no fim desta Memoria.

[237] *Biographie Universelle.* T. 21., p. 153.

[238] A minha conjectura de que o appellido de *Aschbili*, dado a Ibn-Khaldun, provinha de ser elle oriundo de Sevilha, achei-a confirmada por Gayangos, *Traducção de Al-makkarí*, T. 1., p. 511, nota 4.

[239] Vid. os *Additamentos citados.* Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, T. XI., P. 2.ª, p. 178.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

hum facto repugnante, e por isso de certo modo incredita-vel; porque quem pertende vender escravos não os leva ás praias d'hum paiz, mas aos portos e terras delle.

Consultando sobre este ponto o Sñr. Barão de Slane, e expondo-lhe parte das razões expendidas, respondeo-me = « Que lhe parecia muito plausivel a minha conjectura, » quanto á expedição Portugueza ás Ilhas Canarias; com » tudo devia fazer observar que Ibn-Khaldun emprega con- » stantemente as palavras *maghreb el-aksa* para designar a par- » te meridional do Imperio de Marrocos, assim como se ser- » ve invariavelmente da palavra *el-andelus*, quando falla da » peninsula Hespanhola: e que, alêm disso, a palavra الغربى » *el Gharbi*, não se encontra nas suas obras com a signifi- » cação que lhe eu dava: que a questão he difficil, mas que » se inclinava a julgar que neste passo se tratava de Marro- » cos, e da lingoa Árabe; porêm que todavia não o affirma- » ria de hum modo positivo » = [240].

Respeito tanto a opinião do Sñr. Barão de Slane, que não me atrevo a propôr a minha senão como huma conjectura.

Mas supponhamos que não houve equivocação nem em Ibn-Khaldun, nem nos que lhe derão as noticias que relata; que os Canarios forão effetivamente vendidos no Imperio de Marrocos; e até que forão lá conduzidos, no meado do seculo XIV., por outros Francos que não fossem os Portuguezes; isso mesmo prova que os Árabes não navegárão ás Canarias primeiro que os Portuguezes, que antes dessa época as tinhão descoberto; porque os Arabes souberão dellas tão sómente pelos captivos que os Francos dalli trouxerão, e ainda assim mesmo não as ficárão conhecendo, visto asseverar Ibn-Khaldun, no fim da sua narração, que só por aca-

---

[240] *Quant à l'expédition portugaise aux îles Canaries, votre conjecture me paraît très plausible; cependant je dois faire observer qu' Ibn-Khaldoun emploie constamment les mots* maghreb el-aksa *pour designer la partie méridionnelle de l'Empire de Maroc, comme il se sert invariablement du mot de* el-andelous, *quand il parle de la peninsule Espagnole. D'ailleurs le mot* el Gharbi الغربى *ne se trouve pas dans ses ouvrages avec la signification que vous lui assignez. La question est difficile, mais je suis assez porté à croire qu'il s'agit ici du Maroc et de la langue arabe; toutefois je ne saurais l'affirmer d'une manière positive. C'est un point qui ne saurait être mieux éclairci que par vos propres recherches, Mr. le Commandeur, et c'est sur le résultat de votre travail que je formerai mon opinion sur ce sujet curieux et important.* Carta de 25 d'Agosto de 1842.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

so se chega áquellas ilhas, quando no anno de 1377 em que compôz os seus prolegomenos, tinhão hido já muitas vezes demanda-las de proposito os Portuguezes, e talvez outros Europeos [241]; e não só elle continuou a respeito das Canarias, na mesma ignorancia dos que o precederão, mas igual sorte coube a todos os Escriptores Arabes posteriores, como se hirá mostrando. Os Arabes começárão a ir ás Canarias seculos depois [242]; e mui differente he saber que existe huma terra do que conhecêla, o que só se alcança indo vêla.

Outra prova de que os Arabes não conhecião as Canarias, até quasi ao fim do seculo XIV., nos dá o mesmo Ibn Khaldun affirmando-nos que = « o limite da navegação dos » Arabes era áquem da Costa de Nun (o cabo de Não) que » fica sessenta legoas antes de chegar ao cabo de Boja- » dor » = [243].

IX. Bakui, nos principios do seculo XV. [244], diz das Canarias =

Dgeziret al-Dgialidat, as Ilhas Dgialidat [245], *as Canarias.*

« Estas ilhas estão situadas no Oceano, na extremidade » do Mogreb, ou da Africa. Ali he que os sabios fixárão o

---

[241] Vid. a Nota (F), no fim desta Memoria.

[242] Vid. a p. 72 desta Memoria.

[243] *La limite où les navires s'arrêtent est en arrière de la côte de Nun (cap Non), lequel est situé à soixante lieues en deça du cap* Bojador, *et ils ne vont pas plus loin, pour ne point s'exposer aux dangers dont nous venons de parler* = Ibn-Khaldun *Histoire des Berbères*, citada pelo Sñr. Visconde de Santarem nas suas = *Recherches sur la découverte des Pays.... au-delà du cap Bojador*, p. 102.

Os perigos de que falla Ibn-Khaldun são os que refere n'outro passo, transcripto a p. 100 desta Memoria.

He notavel a coincidencia das distancias entre os Cabos de Não e de Bojador que se encontra em Ibn Khaldun e Duarte Pacheco no seu Esmeraldo (L. 1., Cap. 22); porque ambos a avaliáõ em sessenta legoas, o que poderia fazer pensar que as legoas maritimas Arabes e Portuguezas erão identicas.

[244] De Guignes, *Notices et Extraits des Mss.*, T. 2., p. 388, diz que Bakui vivia em 1403, e que fizera a sua obra em 1415, p. 390.

[245] Mr. De Guignes diz, p. 397, nota (i), = *Outros lhe chamão Khalidat.* = *Khaledat, ou Khalidat* (se assim quizerem pronunciar) he o nome que todos os Escriptores Orientaes derão ás Canarias, e não outro. Mr. De Guignes não reparou

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» primeiro gráo das longitudes. São seis, visinhas humas das » outras: as plantas, e as arvores dão-se nellas sem cultura. » Tudo o que tem he bom e agradavel. Em cada ilha ha hu- » ma estatua de cem covados d'altura, que he como hum » farol para dirigir os navios, e avisa-los que alêm dellas » não ha caminho » [246]. =

Bakui e Cazwini, a quem Bakui transcreve, como fica dito [247], resumirão as descripções de Bekri e de Edrisi; com a unica differença de omittirem as figuras em cima das estatuas, talvez por não quererem pôr estatuas sobre estatuas [248]. De Guignes já tinha notado que Cazwini se servia das palavras de Bekri [249].

X. Schems eddîn Mohammed ad-Dimischki, Author dos principios do seculo XV., traz na sua Cosmographia [250] este passo =

« Abu-Obaid-el-Bekri, no seu livro intitulado = das via- » gens e dos imperios =, tratando das ilhas afortunadas e » perennes, a que os Gregos chamão فرطنانس *Fortianós* ou » *Fortianas*, diz que estas Ilhas ficavão defronte de Tanger; » porêm que forão submergidas, excepto huma, que se cha- » mou السعيدة *Sahida*, feliz; porque seus matos, e emara- » ranhados arvoredos produzião, sem plantação, nem cultu- » ra, excellentes fructas de muitas qualidades; e tambem » nascião nella, em lugar de cardos e espinhos, hervas aro- » maticas de differentes especies de que ninguem se utilisa- » va; que prefazião o numero de seis, e ficavão ao Poente » do paiz dos Berberes, divididas entre si, sem distarem » muito humas das outras; e que huma embarcação obriga- » da de hum forte temporal, fatigados já os navegantes de » marear, sem poderem encontrar terra, forão correndo com » o tempo até encalharem em huma ilha, onde os que esca-

---

que o Copista da obra de Bakui repetio, por engano, no nome das Ilhas, o *Gim* ج (cujo som alguns representão por — Dg. —) da palavra Dgeziret, pondo-o em lugar de *Je* ج, que se pronuncia como o — J — Castelhano; e por isso escreveo *Dgialidat*, em lugar de *Khalidat*.

[246] No extracto feito por Mr. De Guignes = *Notices et Extraits des Mss.*, T. 2., p. 397. Vid. o N. XXII. do Appendix.

[247] A p. 58 desta Memoria.

[248] Vid. a nota (C), no fim desta Memoria.

[249] *Notices et Extraits des Mss.* T. 2., p. 390.

[250] O Mss. N.° 581 (fundo antigo) da Bibliotheca Real de Paris, em que se acha esta Cosmographia, he anonymo; porêm Mr. Reinaud reconheceo que era

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» párão [251], desembarcárão, e se demorárão. Ali soube-
» rão das Ilhas que havia alêm daquella, e carregárão o seu
» navio de tudo o que lá achárão de mais admiravel e me-
» lhor. As gentes daquella ilha, maravilhando-se de os vêr,
» lhes disserão: nunca vimos que alguem, antes de vós, aqui
» tivesse vindo das partes do oriente; e estavamos persuadi-
» dos de que lá não haveria senão a agoa que cerca tudo. Ten-
» do chegado a embarcação, depois de estar muitas vezes a
» ponto de se perder, a terras d'Hespanha, ElRei lhes per-
» guntou donde vinhão, e como houverão o que trazião com-
» sigo, ao que elles respondêrão, informando-o de tudo o que
» lhes tinha acontecido. Então ElRei enviou huma expedi-
» ção d'algumas embarcações, que não topárão com a ilha,
» e a maior parte dellas se perdeo, pela braveza do mar e
» ferocidade dos ventos. Pela observação daquelles que ti-
» nhão chegado na primeira embarcação, se soube que a dis-
» tancia que ha entre a ilha e a primeira praia do territorio
» hespanhol, he de dez gráos » = [252].

Schems eddîn copiou Bekri, como elle mesmo confessa; porêm apresenta circumstancias que, ou não existião no texto de Bekri de que se servio Mr. Quatremère, ou que este omittio no seu extracto [253]. Como quer que seja, Schems eddîn admittia que das Ilhas Afortunadas se tinhão submergido cinco, ficando só huma a que applica todas as qualidades das Ilhas Afortunadas mythologicas.

Quanto á Ilha em que se abrigárão os navegantes, o Author não diz que fosse alguma das Ilhas Afortunadas, nem me parece que o podia ser; porque:

1.° Se a ilha em que forão encalhar fosse alguma das Afortunadas, não poderião ali saber de outras ilhas que hou-

---

hum exemplar incompleto da obra de Schems eddîn Mohammed, que existe na Bibliotheca de Leyde, intitulado *nekhbat ad-dehr*, Mr. Reinaud pensava que esta obra tinha sido composta no anno 700 da Hegira (1300 de J. C.); porêm, segundo o exemplar de Leyde, a obra he, pelo menos, cem annos posterior. Esta noticia foi-me communicada pelo Snr. Barão de Slane, em carta de 25 d'Agosto de 1842.

[251] O texto traz as palavras مربف. Entendeo-se que poderião ser مرن بقي; e por isso se traduzio = os que escapárão. =

[252] Mss. N.° 581 (fundo antigo) da Bibliotheca Real de Paris, fl. 68. O Snr. Barão de Slane he quem me enviou o texto deste passo. Vid. o N.° XXIII. do Appendix.

[253] Vid. a p. 42 desta Memoria.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

vesse, alem daquella. Por hypothese tinhão-se submergido todas, ficando só huma.

2.° Ainda que não se tivessem submergido, os Canarios em nenhuma ilha podião dar-lhes noticias das outras. He facto attestado por todos os que escrevêrão das Canarias, que os habitantes destas ilhas nenhuma communicação tinhão entre si, que não tinhão barcos, e que mesmo os d'alguma ilha nem sequer sabião nadar [254]; e por isso ¿como havião dar aos navegantes noticias d'outras ilhas?

3.° Supponhamos que os navegantes tinhão meios de comprar na ilha tudo quanto quizessem ¿como havião de comprar o que lá achárão de mais admiravel e melhor, se nas Canarias unicamente havia pelles e cebo de cabras, queijos, e cevada, e urzela que só em tempo muito posterior foi objecto de commercio [255]? Esta carga não era de certo para admirar. Escravos não podião traze-los; porque homens derrotados por huma tormenta não estavão em estado de praticar actos hostis.

4.° Os viajantes vinhão do oriente. O paiz ao oriente das Canarias he a costa d'Africa, o Paiz dos Berberes, ao poente do qual ellas estavão, segundo Bekri. Ora como he possivel que os navegantes lançados por huma tempestade n'huma ilha desconhecida, não procurassem, para voltar ao seu destino, o mesmo paiz donde tinhão vindo, que era a costa d'Africa, e fossem, em lugar disso, demandar a Hespanha, cuja distancia á ilha em que tinhão aportado ignoravão, e a que não ousarião dirigir-se pela difficuldade de atinar com ella, em consequencia do modo por que então se navegava? E tanto he isto assim que a expedição mandada para a ilha pelo Rei d'Hespanha, não a descobrio. Nem se diga que os navegantes voltarião á costa d'Africa, e de lá para Hespanha. A circumstancia de terem observado que a ilha a que abordárão distava dez gráos da primeira praia do territorio Hespanhol, mostra que a navegação foi feita em direitura da ilha para lá.

5.° Como sabião os da ilha que a agua cerca tudo? He

---

[254] Os Guanches de Tenerife. Clavijo, *Noticias*, etc. T. 1., p. 138 etc.

[255] Bontier et le Verrier, *Histoire de la descouverte et conqueste des Canarics*, p. 121 a 134; Cadamosto *Navegações*, em Ramusio. *Viaggi*, T. 1., fl. 106, ed. de 1554; e nas *Noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas*, etc. T. 2., p. 12.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

porque o author do conto attribuio-lhes as idéas que elle tinha de que a terra era cercada d'agoa.

Esta viagem tem seus visos da de Khosh Khash, referida por Mas'údí [256].

A mesma Cosmographia de Schems eddîn Mohammed ad-Dimischki traz outro passo que tem relação com as Canarias, e vem a ser: = « No mais remoto oriente ficão as » praias do mar circundante oriental, chamado mar de pez, » pela sua muita negrura e escuridão, o qual se estende até » ao mais remoto oriente da China. Diz Ptolomeo, e outros, » que neste mar ha seis ilhas, chamadas de Saila; porque » em suas torrentes ha pedras preciosas e perolas [257]. Es- » tas Ilhas estão bem cultivadas, e povoadas: quem huma » vez lá entrou nunca mais quer sahir; e isto pela salubrida- » de dos ares, doçura das agoas, belleza das figuras de seus » habitantes, e outras muitas boas qualidades. Na praia des- » te mar ha trez estatuas de pedra para a parte do Norte, » de figura horrivel, e as pedras de que são feitas forão la- » vradas nas suas planicies, e tiradas das suas montanhas. » Cada huma dellas está apontando com a mão para a face » do mar, dando a entender que nelle não ha caminho, da » mesma sorte do que ha na Ilha de Cadiz, na Hespanha, e » nas Ilhas Afortunadas, dentro do mar *Allablába*, aonde as » tres estatuas estão igualmente apontando para dentro do » mar circundante occidental, que ali está proximo » = [258].

Schems eddîn Mohammed seguio aqui diversa tradição ácerca das Ilhas Afortunadas, que suppõe serem mais de hu-

---

[256] A p. 38 desta Memoria.

[257] As perolas não se crião nas torrentes, mas no mar; e por isso talvez conviesse traduzir = nas suas agoas =, o que comprehenderia as agoas do mar que circunda as ilhas, e as que nellas nascem; porêm a palavra سيلاتها significa torrentes ou correntes d'agoa. V. Golio e Freytag.

[258] Fl. 65. O Snr. Barão de Slane, mandando-me copia deste passo, acompanhou-a da nota seguinte: = « *On lit dans l'histoire des Berbers de Ibn-Khal-* » *doun que cette partie de l'océan environnante qui touche au détroit de Gibraltar* » *se nomme* اقنابس (aknabos) (*c'est à dire* اقيانس okianos), *et dans le langage des* » *Francs elle s'appele, dit il,* البالنه (al-Balana, ou البلابه al-Balaba); *peut* » *être est ce une altération du mot* atlantique, *qui s'écrivait en arabe* al atlant » الاتلانت *ou* التلانت al-telant *ou* التلانة al-telanet » = Lê-se na historia dos Berberes de Ibn-Khaldun que a parte do oceano circundante, que toca no estreito de Gibraltar, chama-se *aknabos*, isto he *okianos*, e na lingoa dos Francos chama-se, segundo elle diz, *al Balana, ou al-Balaba*, que he talvez huma alteração da palavra *atlantico*, que se escrevia em arabe *al-atlant*, *al-telant*, ou *al-telanet*.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

ma; e principalmente pela circunstancia das estatuas em Cadiz, parece encostar-se a Edrisi que, dos Escriptores Arabes citados nesta Memoria, he o unico em que ella se encontra [259].

E não admire adoptar o Author duas opiniões differentes a respeito de hum mesmo objecto, porque os Arabes, como já se notou, [260], costumão expender litteralmente as tradições que chegárão ao seu conhecimento, posto que encontradas sejão, e que até possão ser convencidas de falsas, e com ellas se authorizão. E isto encontra-se até nos Escriptores mais famosos: quanto a Abulféda observa Mr. Reinaud que as mais das vezes refere as opiniões dos diversos Authores, sem se inquietar com as concordar entre si [261].

Ptolomeo não falla nas Ilhas Saila, e Schems eddîn só poderia ter noticia dellas pelas obras deste Geographo trasladadas em arabe, em que se inserissem os additamentos que os Arabes costumavão introduzir nas versões que fazião dos Authores Gregos e Romanos [262].

Este passo he mais hum exemplo da Geographia symmetrica dos Arabes, que inventárão huma especie de identidade de circunstancias locaes em pontos oppostos do Globo.

Assim, v. gr.

Figuravão hum mar tenebroso no mais remoto occidente, em que não podia navegar-se, pela sua escuridão, e por outros perigos que nelle se corrião. E no mais remoto oriente outro mar com o mesmo nome, e em tudo semelhante [263].

A ultima terra conhecida na Africa, ao occidente de Sofala, chamava-se *Uac uac*, junto á qual havia huma ilha do mesmo nome. A ultima terra conhecida nos mares orientaes da China erão as Ilhas de Uac uac [264].

---

[259] Nesta Memoria p. 43.

[260] Ibid. p. 40.

[261] *Aboulféda rapporte le plus souvent les opinions des divers auteurs, sans s'inquieter de les mettre d'accord ensemble* = *Traducção da Geographia d'Abulféda*, p. 99, nota (i).

[262] Nesta Memoria p. 82, nota 316.

[263] Edrisi, T. 1., p. 95 e 197; T. 2., p. 1, 2, e 355; T. 1., 87, 491 e 498; T. 2., p. 439 etc. Schems eddîn, no lugar transcripto.

[264] Mas'údí, *Notices et Extraits des Mss. etc.* T. 1., p. 15. Edrisi, T. 1., p. 79 e 92. Ibn al-Wardi *Notices et Extraits des Mss. etc.* T. 2., p. 40, 41, e 56. Bakui ibid. p. 399. Vid. a nota (G) no fim desta Memoria.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Na extremidade do oceano occidental estavão as Ilhas Afortunadas [265]. Na extremidade do oceano oriental havia outras Ilhas Afortunadas, com as mesmas estatuas etc. [266].

XI. Soyuti, Author da segunda metade do seculo XV. [267], diz no seu *Merasid*, que he huma especie de Diccionario Geographico =

« As ilhas الخلدات *al Khaledat* (perennes) são as ilhas » السعادات *al Shadat*, (afortunadas), de que fazem menção » os Astronomos nas suas obras; e achão-se internadas no » mar circundante da parte do poente, perto de duzentas » farsangas: dizem que estão inteiramente desertas « [268]. =

XII. Ben Ayâs na sua obra = *Cheiro das flôres nas maravilhas do Universo* =, feita no principio do seculo XVI. [269], escreve =

« A parte occidental do globo começa no oceano tene- » broso, que cerca a terra: chamão-lhe mar tenebroso; a » sua agoa he turva, e ninguem se atreve a arriscar-se a elle » pela difficuldade de o navegar. Tem com tudo, grande » numero de ilhas, humas habitadas e outras desertas; en- » tre estas ilhas distinguem-se duas chamadas Ilhas Afortu- » nadas, em cada huma das quaes ha hum idolo de pedra, » de cem covados d'altura, e em cima de cada idolo huma » estatua de latão que indica com a mão, que, alêm dellas, » não ha nada. Estes idolos forão levantados por Chédâd, fi- » lho de Aâd, quando penetrou nestes paizes. [270] » =

« Defronte do mar da India, para a parte do occidente, » sahe outro mar do oceano, ao occidente do paiz dos Zindjes, » e termina junto á montanha das rolas. Neste mar desem- » boca o Nilo *(Niger)*, que vem da parte mais elevada do » paiz da Abyssinia. Na sua extremidade se achão as Ilhas » Afortunadas, situadas no mais distante parallelo occiden- » tal » = [271].

---

[265] Os Authores Arabes, cujos passos vão copiados nesta Memoria.

[266] Edrisi, T. 1., p. 93. Schems eddîn, no lugar transcripto, p. 69.

[267] Biographie Universelle, T. 43.

[268] O Sñr. Barão de Slane he quem me mandou copia do original deste passo. V. o N.° XXIV do Appendix.

[269] Mr. Langlès, *Notices et Extraits des Mss. etc.* T. 8., p. 5., diz que Ben Ayâs acabou a sua obra em Setembro de 1516.

[270] Extracto feito por Mr. Langlès, inserto no T. 8. das *Notices et Extraits des Mss. etc.*, p. 5. V. o N.° XXV. do Appendix.

[271] l. c., p. 12 *in fine*.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Ben Ayâs copiou litteralmente Ibn al-Wardi, differindo delle tão sómente em dizer que as estatuas forão postas por Chédâd, filho de Aâd, quando Ibn al-Wardi diz, que forão erigidas por Dul-Menar El hamiri de Tebábáa: Edrisi, attribue as estatuas a Alexandre (D'hul Carnaîn), que os Authores Orientaes confundem com hum Rei do Yemen, por nome D'ul-Karnein [272]. Pocock diz que o filho de Ad se chamava Sheddad, ou Shaddâd, que he o Chédâd de Ben Ayâs [273]. Dhu'l Karnain era filho de Râvesh, neto de Ad, e por tanto bisneto de Ad, e como Pocock diz de Shaddâd que = « chegando até ao ultimo occidente deixou muitos ves- » tigios do seu poder » = [274], confundio Ben Ayâs Shaddâd com Dhu'l Karnain, e attribuio áquelle o que se dizia deste.

Parecerá estranho, que hum Author que escrevia no seculo XVI., ignorasse completamente o que erão as Canarias, já nessa época tão frequentadas pelas Nações Européas, mas a verdade he está; e mesmo os Mouros da Berberia souberão da existencia dellas só pelas entradas que os Européos ali estabelecidos fizerão nas costas Africanas sugeitas ao Imperio de Marrocos. Nenhum monumento historico dá razão de terem os Berberiscos aportado ás Canarias, senão depois de 1524 [275].

XIII. Al-makkarí, que principiou a compôr a sua *Historia das Dynastias Mohammedanas na Hespanha* em 1628, e acabou de escrevê-la em 1629 [276], diz =

---

[272] Mas'údí. T. 1., p. 127, nota de Sprenger.

[273] *Specimen Historiae Arabum.* Oxoniae 1806, p. 36, e 59.

[274] l. c., p. 59; e ahi mesmo = *qui ad ultimum usque occidentem pertingens multa potentiae suae vestigia reliquit.* = Sobre Dul'l Karnain, ou Dzoul, Carnein, V. *Incerti Autoris Liber de expugnatione Memphidis et Alexandriae* ed. de Hamaker, Lugd. Batav. 1825, p. 161, na nota á p. 118. vs. 3 sqq. V. tambem = *Storia degli Arabi e di alcuni celebri Popoli loro contemporanei, dalla loro origine sino al Kalifato di Moavia* = obra de Ibn Khaldun, traduzida pelo Abbade Arri, p. 92 e nota (1), e p. 115. Esta traducção (que se imprimia em Turim á custa do Governo) ficou por concluir, pela morte prematura do Abbade Arrí, tendo sahido do prélo tão sómente 112 p. do texto arabe, e 140 da traducção. Ha della só dois exemplares em Paris, hum dos quaes pertence ao Sñr. Barão Mac Guckin de Slane, que mui generosamente mo remetteo, por via do Sñr. Visconde de Santarem. Tal he o amor que professa ás letras, e a mercê com que me honra, que não duvidou confiar-me hum thesouro, que talvez outros receassem até deixar vêr.

[275] Clavijo, *Historia General de las Islas de Canaria.* T. 2., p. 178 e seguintes.

[276] *The History of the Mohammedan Dynasties in Spain.... by Ahmed-*

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

« No mesmo mar em que está a Ilha de Cadiz estão ou-
» tras chamadas as eternas *(Al-khálidát)*, que são sete, e
» que jazem ao occidente de Salé. Estas ilhas podem ver-se
» a grande distancia no mar; e nos dias claros do verão,
» quando a atmosphera está inteiramente pura, e limpa de
» vapores ou nevoa, descobrem-se elevando-se ao longe so-
» bre o horizonte. Segundo o Geographo Ibnu-l-Wardi ha em
» cada huma destas ilhas huma torre de cem covados de altura,
» no cimo da qual está hum idolo de cobre, apontando com
» a mão para o mar, como se quizesse dizer = não se passa
» alem destas ilhas. = Accrescenta Ibnu-l-Wardi que não po-
» de lembrar-se do nome do Rey que edificou estas torres,
» mas achamos que Edrisi attribue a fabrica dellas a Iskan-
» der dhú-l-karneyn.

» Neste mar (Oceano), e mais adiante para o Norte, es-
» tão as ilhas chamadas *As-sa'ádát* (as afortunadas), em que
» ha muitas cidades e villas; e daqui vierão os Majús, que
» são huma nação de Christãos. Destas ilhas a mais proxima
» he a de *Birtanniyah* (Britannia), que está no meio do Ocea-
» no, e que não tem montes nem rios. Os habitantes bebem
» agoa da chuva e cultivão a terra » = [277].

Que extrema confusão de ideas sobre as Ilhas Afortunadas! Aos outros Escriptores Arabes só adianta Al-makkarí o conhecimento positivo de que as Canarias erão sete. Seguindo Ibn-Said, ou Abulféda [278], distingue ilhas perennes, e ilhas afortunadas; e põe as afortunadas nos mares do Norte da Europa, talvez porque, em alguma carta dos seculos XIII. ou XIV., as visse marcadas ao occidente da Irlanda [279], em consequencia das ideas que vogárão depois da invenção da viagem fabulosa de S. Brendão; porêm que muito he que Al-makkarí tão pouco soubesse das Canarias, se estava de tal maneira atrazado relativamente á Inglaterra que a comprehende entre ellas, affirmando não ter montes, nem rios!

Duas noticias colheo Al-makkarí de Ibn al-Wardi, e de Edrisi, que não se conformão com o que nos resta das obras destes Authores.

Ibn Mohammed Al-makkarí... translated by Pascoal de Gayangos. London 1840 T. 1., p. 308, e prefação p. XVI., nota 9.

[277] Idem. ibid. p. 72. V. o N. XXVI. do Appendix.

[278] V. a p. 58 desta Memoria.

[279] V. a p. 34 desta Memoria.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

1.ª Que Ibn al-Wardi não podia lembrar-se do nome do Rei que edificou as torres sobre que estavão os idolos nas ilhas Khálidát (perennes, eternas).

2.ª Que Edrisi attribue estas construcções a Iskander dhú-l-Karneyn.

Quanto á primeira: he verdade que Ibn al-Wardi, no capitulo das Regiões, diz que não sabe quem fez e levantou as estatuas nas ilhas Khálidát; porêm, no capitulo das Ilhas, diz que forão levantadas por Dul-Menar El-hamiri de Tebábáa, que não he o mesmo Dul-Carnain de que se faz menção no Alcorão [280].

Quanto á segunda: Edrisi unicamente faz menção d'huma estatua de côr vermelha elevada por Alexandre na Ilha de Masfahan, e não nas outras; antes, pelo contrario, diz que a pessoa que fez erigir a estatua na Ilha de Lamghoch morreo lá [281].

Maju's significa propriamente *Magos*, adoradores do fogo, e por extensão *Idolatras*: e os Arabes applicárão este nome a todas as Nações do Norte, comprehendendo os Normandos [282].

XIV. Produzirei tambem o testemunho do mais antigo Geographo Oriental até agora publicado, de que tenho noticia.

Scheich Abu-Ishak El-Faresi, *vulgò* El-Issthachri, que escreveo em Arabe, no seu livro dos climas, composto muito no principio do seculo X. [283], não falla nas Canarias.

Este argumento he negativo, mas torna-se positivo, por que, desembocando o Estreito para a costa d'Africa, a ultima terra de que faz menção no texto he Asila (Arzila), [284] e conhecia tão pouco o littoral da Africa, e da Hespanha, alêm do Estreito que, da banda da Africa põe Sus el-Acsa á borda do Oceano, na segunda e na quinta Carta geographica; e do lado da Hespanha, caminhando do Norte para o Sul, a a primeira terra que traz he سمرين Satrin (*Santarêm*), e de-

---

[280] Nesta Memoria a p. 54.

[281] Idem, p. 43.

[282] Gayangos, l. c. p. 79 e 80; 316, nota 17; 323, nota 48; e 382, notas 13 e 14.

[283] *Liber climatum auctore* Scheïcho Abu-Ishako El-Faresi, *vulgò* El-Issthachri *ad similitudinem codicis Gothani accuratissimè deliniàndum et lapidibus exprimendum curavit.* Dr. J. H. Moeller. Gothae 1839 — 4.° El-Issthachri escreveo a sua obra entre os annos de 915 e 921, Prefação, p. 22.

[284] Idem, p. 19.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

pois Abxbunia (Ahschbunia) *Lisboa*, Axbilia (Aschbilia) *Sevilha*, Saduna (*Medina Sidonia*), Algezira etc., tudo á borda do mar; pondo Gibraltar mais pela terra dentro, no espaço fronteiro á costa entre Algeziras e Medina Sidonia [285], em lugar de o situar na Costa. Leio سدرى Satrin, e digo que he Santarêm; porque a segunda letra da palavra سدرى [286], por falta dos pontos diacriticos, póde ser tanto hum *te's*, como hum *yé's*; porque no itinerario de Galliza para Portugal, e dahi para Hespanha, a primeira terra que se encontra he a = Villa que se chama سدرى Sátrin, Shantirin de Mas'údí, Chantarin, ou Shantrin de Edrisi [287] e dalli passa logo a Lisboa [288]; e porque Mas'údí põe igualmente Santarêm, e Medina Sidonia na costa do mar [289].

A ignorancia das terras além do Estreito, por huma parte; e por outra, não citar nenhum Escriptor Grego, provão a meu vêr, que Issthachri nada sabia das Canarias; porque não tinha lido os Escriptores Gregos que dellas tratavão.

Este passo de Issthachri confirma, até certo ponto, o que fica apontado a respeito do termo das navegações dos Arabes pela costa d'Africa, fóra do Estreito [290].

Mencionarei mais hum Escriptor que, posto não seja Arabe, mas Persa, vê-se claramente que tirou dos Arabes o que diz das Canarias; e vem a ser Alí Koshgi, que viveo no tempo de Ulug Beig, e por tanto he da primeira metade do seculo XV. [291]. Diz este A. que = « ha no occidente huma » ilha que fôra antigamente habitada, e que, hoje está deser- » ta, a que chamão Ilha Chaledât, *eterna*, *perenne* (afortu- » nada); e dista dez gráos das praias do mar Atlantico [292]. » = Em Alí Koshgi acha-se o que referem:

---

[285] Idem, Carta segunda.
[286] Idem, nas Cartas segunda e quinta, e a p. 19.
[287] Traducção de Sprenger citada, p. 375. Edrisi, T. 2., p. 29, bis, 33 e 227.
[288] Issthachri, p. 19.
[289] l. c.
[290] Nesta Memoria p. 51 a 53.
[291] *Chorasmiae et Mawaralnahrae... Descriptio, ex Tabulis Abulfédae*, ed. de Graevio, Londini 1650, Prefação assignatura (aa 3 ¥.). D'Herbelot, *Bibliothèque Orientale*, p. 904 e 905 diz, que Ulug Beig foi morto no anno 853 da Hegira (que corresponde a 1449 de J. C.), e que reinou 41 annos; e por isso Alí Koshgi viveo na primeira metade do seculo XV.
[292] Ibid., assignatura (aa e ¥).

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Shems eddîn, citando Bekri, a respeito do numero das Canarias [293]:

Abulféda, e Soyuti, quanto a ser deserta [294]:

E Abulféda relativamente á sua distancia das praias do Atlantico [295].

Outra prova de que os Arabes não conhecião as Canarias he a primeira Carta Arabe que acompanha o T. 1. da Geographia d'Edrisi, onde se encontrão só duas Ilhas Afortunadas situadas perto do equador. Talvez o equador figurado nesta carta seja o equador systematico d'Arine [296].

Analysei os passos relativos ás Canarias, que se encontrão nos Authores Orientaes de que tenho noticia, desd'o seculo X. até ao seculo XVII., e parece-me que todos elles provão irrefragavelmente que os Arabes só conhecêrão as Canarias pelos Escriptores Gregos e Romanos. Poderia ter-me dispensado de transcrever alguns desses passos, por serem as obras donde os tirei muito posteriores ás navegações dos Portuguezes áquellas ilhas, e principalmente os de Ben Ayâs e de Al-makkarí; porêm julguei que não era inutil faze-lo, para ficar fóra de duvida que os Arabes não só ignoravão completamente o que erão as Canarias antes dos Portuguezes lá irem, mas que até as desconhecião, mesmo seculos depois de as visitarem, para assim dizer, todos os dias, os navegantes. Se alem dos AA. que citei ha mais que tratem deste objecto, não o sei; e ainda havendo-os, creio que só deveria fazer-me cargo delles quando a sua authoridade se oppozesse á de todos os outros, e fosse tal o seu peso, ou a evidencia de suas razões que destruissem a minha opinião.

Quando assevero que os Arabes não conhecêrão as Canarias, entendo sempre os Arabes depois do Islamismo. A historia dos Arabes antes do Islamismo he de tamanha escuridão, e ha tão fracos auxilios para nos guiar nella, que não me atrevo a aventurar-me ás cegas por caminho em que sei que heide tropeçar a cada passo.

Os lugares dos Authores Orientaes que transcrevi, mostrão igualmente que nem todas as fabulas que referem das

---

[293] V. a fl. 66 desta Memoria.
[294] V. a fl. 58 e 71 desta Memoria.
[295] V. a fl. 58 desta Memoria.
[296] V. *Mémoire sur les systèmes géographiques des Grecs et des Arabes, et en particulier sur Khobbet Arine etc.* par Mr. L. Am. Sédillot. Paris 1842.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Ilhas Afortunadas lhes pertencem. Huma das provas de que os Arabes não conhecião as Canarias he a fabula das estatuas que nellas descrevem; porêm esta fabula não he oriental, tem origem Grega e Romana.

Prisciano, na parafrase da Periegesis de Dionysio, diz:

Que no estreito que separa a Europa da Africa, ha estatuas d'huma e d'outra banda:

Que o povo Maurusio habita na extremidade da Libya, junto ás ondas de Tethys, onde estão as estatuas d'Alcides:

Que a terra da Iberia toca o oceano occidental, e que Calpe sustenta huma das extremas estatuas d'Hercules:

E que os Tyrios celebravão Cadiz, entre as estatuas de Hercules [297].

Wernsdorf estranha a expressão de Prisciano, e diz que não se lembra de a encontrar em algum outro Author. Eu tambem não a vi em nenhum; mas o consenso de todos os Mss. e edições antigas de Prisciano, á excepção de alguma em que se afastárão de proposito do original, pelo considerarem errado, provão que o texto genuino de Prisciano tem *statuas* nos lugares apontados [298].

---

[297] *Est primus vastis qui pontus Ibericus undis*
Dividit Europen Libya, communis utrique.
Hinc atque hinc statuae *sunt: ambae litora cernunt;*
Haec Libyes, haec Europes, adversa tuendo.
V. 75 a 78.
Sed summam Libyen habitant ad Tethyos undas,
Alcidae qua sunt statuae, *Maurusia plebes.*
V. 174 e 175.
Sed tamen oceanum contigit Iberica tellus
Occiduum, Calpe qua summam sustinet unam
Herculis e statuis: V. 333 a 335.
Est igitur ponto tellus circumflua prima,
Cui nomen Gades. Statuas *haec Herculis inter*
A Tyriis colitur. V. 461 a 463.

Ed. de Krehl, T. 2., p. 484, 486, 490, e 493. Cito esta edição com preferencia á de Wernsdorf, porque acho mais exacto, e com melhor pontuação, o texto de Krehl.

[298] Statuae *sic omnes codices praeter A. Vide notas Pap.* Stelae *habent ex meis B et T. Atque hoc retinerem, si libri vetusti addicerent, Nam* statuae *vix satis dignum columnis Herc. vocabulum, nec ab aliis scriptoribus sic usurpatum memini.* Poetae Latini Minores, T. 5., p. 276, nas variantes.

E Papio, nas notas ao v. 77 (ibid. p. 427), statuae *sic omnes codices, praeter A in quo est stelae, ut plurimis postea sequentibus locis: quibus omnibus Aldinorum temeritas pro* statuis *stelas supponit: ea fortasse causa, quod στήλας male* statuas *reddi sibi persuaserant.*

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Toda a incoherencia e confusão que se observa a este respeito provêm, segundo me parece, das diversas accepções da palavra grega στήλη *stéle* [299].

Os extremos das regiões marcavão-se com columnas [300], e os escriptores exprimirão a idéa de limite pela palavra columna que significava o objecto material que o assignalava; e por isso mesmo que se punhão columnas nas raias dos Paizes etc., figurárão columnas erigidas onde acabavão as viagens e navegações extensas de que alcançárão noticia. Assim o estreito que separa a Europa da Africa, que era o limite das viagens de Hercules, e a extremidade da terra conhecida por aquelle lado do globo; o termo onde chegou Baccho na India; a parte mais boreal do paiz dos Celtas, para a banda do Istro; os ultimos fins do Egypto; e até o ponto da Susiana em que, segundo a tradição, Hercules terminou as suas peregrinações, tiverão as suas columnas [301]; e á medida que as costas da Europa e da Africa, fóra do Estreito, forão sendo mais corridas, forão tambem mudando

---

[299] Sem entrar na questão se o *éta* grego deve ser pronunciado como *é* longo, ou como *i*, dei-lhe por equivalente o *e* porque he o modo mais vulgar de reduzir esta letra aos sons das linguas Europeas.

[300] Strabo L. 3., p. 259 e 260. Julio Pollux, *Onomasticon* L. 9., cap. 1., segm. 8 e 9, T. 2., p. 978 e 979 da ed. de Hemsterhuis. Amstelaedami 1706.

[301] Hecateo de Mileto, *apud Stephanum Byzantinum de Urbibus*, voce ΘΡΙΓΚΗ, em qualquer das edições de Stephano. Este passo vem na ed. dos Fragmentos de Hecateo de Mileto, dada por Klausen. Berolini 1831. He o fragmento 325, a p. 138.

Pindaro, *Olympia* 3, *Epod.* 3., *v.* 45 *e* 46; *Isthm.* 3., Ant. 2., v. 29 e 30, ed. citada, T. 1., p. 17 e 187.

Herodoto, *Melpomene*, L. 4., p. 360 e 363 da ed. de Wesseling.

Scilax, *Periplo*, p. 163 e 164, e em muitos outros lugares. Ed. de Klausen, junto com os fragmentos de Hecateo de Mileto.

Scymno de Chio, v. 144, 145, 187 a 193. Mr. Letronne, Fragments des *Poémes Géographiques*, ed. citada p. 344 e 348.

Agathemero, p. 290, 347 e 372 da ed. de Arriano de Hoffmann, já citada.

Dionysio Periegeta, v. 64, 72, 185, 623, 1151 a 1164, p. 12, 17, 37, 61 e 62 da ed. de Bernhardy.

Rufo Festo Avieno, *Descriptio Orbis Terræ*, v. 277, e n'outros lugares, v. 824 e 1384, *Ora Maritima*, v. 86, 115, 116 etc., 164 etc. *Poetæ Latini Minores*, ed. de Wernesdorf, T. 3. P. 2., p. 755, 818 e 888; P. 3., p. 1179 e 1186.

Atrides Protei Menelaüs ad usque columnas
Errat... Virgilio *Aeneidos* L. 11, v. 262.

Marciano de Heraclea, *Periplo*, ed. de Miller, L. 2., p. 31. V. a nota (D) no fim desta Memoria.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

de essencia e de numero, de maneira que, no tempo de Hesychio, não se sabia, ao certo, se as columnas de Hercules erão ilhas, monticulos levantados de pedras, promontorios ou extremidades do continente, ou cidades; nem se erão huma, duas, tres, ou quatro [302].

Dionysio Periegeta poz sobre o Atlante huma columna de bronze que chegava até ao ceo; e Strabo diz que alguns entendem serem as columnas de Hercules as columnas de bronze de oito covados d'altura que estão em Cadiz, no templo de Hercules etc. [303]; porêm, ou porque as columnas servião muitas vezes de baze ás estatuas, ou porque os cippos funerarios, que se denominavão στήλη *stéle*, erão frequentemente substituidos por estatuas [304], ou por qualquer outro motivo, foi esquecendo o sentido primitivo de *columna* da palavra στήλη *stéle*, e deo-se-lhe a significação de estatua; e foi esta accepção tão geralmente recebida no seculo VI. e dahi por diante, que traduzindo constantemente Rufo Festo Avieno, no texto de Dionysio, a palavra στήλη *stéle* por columna, Prisciano, pelo contrario, nunca lhe deo esta significação, vertendo-a sempre por estatua, excepto duas vezes que a trasladou por *meta*, empregando a palavra *columna* huma só vez em que Dionysio usou do vocabulo κίων *kion*, e não de στήλη *stéle* [305].

---

[302] τὰς Ἡρακλείους στήλας· ἔνιοι, αὐτὰς νήσους εἶναι φασίν· οἱ δὲ, προσχώματα. οἱ δὲ τῶν ἠπείρων ἄκρας; οἱ δὲ, πόλεις. καὶ οἱ μὲν δύο, οἱ δὲ τρεῖς, οἱ δὲ μίαν, οἱ δὲ τέσσαρας, Ed. de Albert. T. 2., col. 1267.

[303] V. abaixo a nota 276. Strabo L. 3., T. 1., p. 259.

[304] Apollonio Sophista, *Lexicon Graecum Iliadis et Odysseae*, p. 736, ed. de Villoison. Paris 1773. Suidas, p. 373 e 374 do T. 3. da ed. de Kuster. Julio Pollux, Onomasticon, L. 3., cap. 19, segm. 102, p. 321 do T. 1.; L. 8., cap. 14, segm. 146, p. 968 do T. 2. da ed. citada. V. Damm. *Lexicon Graecum Homeri et Pindari*. Berolini 1765, col. 2267, in fine. V. a nota (D) no fim desta Memoria.

[305] ἔνθα τι καὶ στῆλαι περὶ τέρμασιν Ἡρακλῆος
ἵστανται, μέγα θαῦμα, παρ' ἰχθυόεντα Γάδειρα,
μακρὸν ὑπὸ πρηῶνα πολυσπερέων Ἀτλάντων
ἠχί τε καὶ χάλκειος ἐς οὐρανὸν ἔδραμε κίων
ἠλίβατος, v. 64 a 68 da ed. citada.

Prisciano verte

Herculeo celebrant quam metae *munere Gades,*
Coeliferasque tenet stans Atlas monte columnas.
V. 73 e 74.

Além dos passos apontados na nota 268, ha mais os seguintes em que Prisciano traduz στήλη *stéle* por estatua.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Porêm o que he muito notavel he que apresentando Suidas tantos exemplos de στήλη *stéle* nesta accepção; encontrando-se no mesmo sentido em hum dos Lexicons Gregos que existe n'hum Mss. do seculo X. da Bibliotheca Real de Pariz, o que prova que era vulgar naquelle significado [306]; e vertendo-a até por estatua Homsterhuis, em dois passos de Julio Pollux, relativos a monumentos funebres [307]; não a tragão com semelhante accepção Henrique Estevão, Scapula, Hederic da edição de Larcher [308], nem nenhum dos Diccionarios Gregos modernos que examinei, excepto o Diccionario de Damm que, com tudo, parece applica-la mais restrictamente ás estatuas que se punhão em lugar dos cippos funerarios.

Admira que os Editores Inglezes de Henrique Estevão se contentassem com reproduzir o texto do seu Author [309], em huma das accepções que dão á palavra στήλη *stéle* = « Diz » Suidas que he huma pedra ou bronze levantado ao alto, de » figura quadrada, e elle faz menção de muitas στῆλαι *stelai*

Paulatim trahitur tamen haec Orientis ad oras:
Oceanus statuas Bacchi qua tangere fertur
Finibus Indorum postremis. V. 616 a 618.
Hic via, quam celebrat nomen, Dionysia, Bacchi,
Cui statuas *dederat victoria finibus illis.* V. 1056 e 1057.

O outro passo de Dionysio, em que Prisciano traduz στήλη *stéle* por *meta*, he o seguinte =

τῆς ἤτοι πυμάτην μὲν ὑπὸ γλωχῖνα νέμονται
ἀγχοῦ στηλάων μεγαθύμων ἔθνος Ἰβήρων, v. 281 e 282.

Prisciano verteo assim =

Ad cujus summum prope metas *Herculis alti*
Magnanimae gentes, dederat queis nomen Iberus.
V. 268 e 269.

Meta, neste lugar, e no verso 73, podia equivaler tanto a columna como a estatua, tomando-se estatua como limite. Talvez neste ultimo passo lançasse o Poeta mão da palavra *meta*, para não repetir, com muita proximidade *statua*, que vem logo mais abaixo no v. 77.

Hinc atque hinc statuae *sunt.*

[306] Λεξικὸν τῆς Γραμματικῆς; publicado a fl. 425 e seguintes do T. 1. dos *Anecdota Graeca* de Bachmann, a p. 448, na palavra = Ἀνδριάς: στήλη ἀνδρος, = *Andrias: estatua d' homem.* O Mss. donde foi tirado este Lexicon he do seculo X. (V. p. XI da prefação de Bachmann); e por consequencia a palavra στήλη *stéle*, no sentido de estatua, era vulgar antes do seculo X.

[307] *Onomasticon*, L. 3., cap. 19, segm. 102, T. 1., p. 321; L. 8., cap. 14, segm. 146, p. 968 do T. 2. da ed. citada.

[308] Londini 1816.

[309] Segunda edição, T. 1., col. 1805.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» de diversas mulheres e homens illustres » = [310]. Isto não se entende. Se os novos editores tivessem verificado a citação de Henrique Estevão, verião que o passo de Suidas he o seguinte. Depois de ter mencionado, quando assigna a στήλη *stéle* a significação de *estatua*, diversas estatuas erigidas a homens e mulheres celebres, traz a accepção de *columna*, *cippo*, e continúa = « A oração steliteutica chama-se assim, » por metaphora, tirada de στήλη *stéle*, que he huma pedra ou » bronze (hum padrão de pedra ou bronze) oblongo, con- » struido em fórma quadrada, em que se inscrevião as mal- » dades daquelle a quem se queria infamar. Tambem se in- » screvem, muitas vezes, nas *stelas* os beneficios daquelles a » quem somos obrigados » = [311].

Daqui se deprehende que Henrique Estevão, quando tirou de Suidas os apontamentos para o seu Diccionario, tão resumidamente o fez que confundio o que era relativo a dois significados da palavra στήλη *stéle* — *padrão*, e *estatua* (de que Suidas tinha fallado antecedentemente) —; de maneira que o primeiro periodo da sua citação, até *quadrata*, refere-se a *padrão*; e o segundo a *estatua*; porêm, como não o distinguio, não se entende o que quer dizer, tanto mais, porque nenhuma das edições de Henrique Estevão dá a στήλη *stéle* o sentido de estatua.

Os Arabes apossárão-se das concepções e palavras gregas; e por isso imaginárão tambem estatuas nas terras mais occidentaes, nos limites do mundo que (segundo os Gregos e Romanos) erão as Ilhas Afortunadas; e até no termo a que chegárão as suas excursões, como se póde vêr em Ibn-Khaldun [312], e em Bakui [313]; e traduzindo os Au-

---

[310] *Suid. esse dicit Lapidem aut Aes in altum evectum figura quadrata: ap. quem diversorum illustrium virorum ac foeminarum* στήλαι stelai *commemorantur* = Edição de Londres 1816 e seguintes, T. 4. col. 4634.

[311] Suidas, T. 3., p. 374, col. 2., ed. citada.

[312] « Os do Yemen dizem que elle (Jásir) levou as suas armas ao Occidente, » e chegou ao Vádi-r-Raml (valle das areas) onde até então ninguem tinha pene- » trado, e onde a grande quantidade d'area não permittia achar caminho. Alguns » dos seus companheiros passárão além; porêm não voltárão. Por isso mandou elle » fazer hum idolo de bronze, que foi posto na extremidade do mesmo valle, es- » crevendo-se-lhe no peito em caracteres *mosnad*: *este he o idolo de Jásir-Ar'im* » Himjarita: *além deste idolo não ha caminho, e por isso ninguem commetta este* » *perigoso passo, se não quer morrer.* »

I Jemanesi dicono, che egli (Jásir) *portò le armi nel Magreb, ed arrivò nel Vádi-r-Raml (valle del sabbione), laddove nessuno ancora era penetrato, e dove la grande quantita di sabbia non permetteva di trovare via. Alcuni di suoi*

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

thores Gregos de que se servirão, fizerão o mesmo que fez Prisciano; e sem se embaraçarem se huma estatua ficava bem sobre outra estatua, transportárão litteralmente para a sua lingoa a palavra στήλη conforme a significação mais obvia no seu tempo. He esta, segundo me parece, a razão por que nos Escriptores Arabes [314] se encontra a palavra صنم *sanamon* (que corresponde a *idolo*, *imagem*, *estatua*), e não por ter a significação de baze no dialecto de Edrisi [315].

Temos, por tanto, que não só as Ilhas Afortunadas dos Authores Orientaes, mas as columnas de Hercules, as estatuas, e até as estatuas de bronze, são de fabrica Grega e Romana. O resto he accrescentamento oriental, porque = «os traductores Arabes tinhão por costume transtornar e al» terar as obras que traduzião, desfigurando muito (as mais » das vezes) os seus originaes; e póde até dizer-se que, de » ordinario, depois de terem passado pela fieira arabe, per» dião, quasi inteiramente, a sua physionomia grega » [316.]

---

compagni traspassarono; ma piu non tornarono in dietro. Per la qual cosa egli ordinò di fare un idolo di bronzo che fu piantato nell'estremità della valle stessa e si scrisse sul petto in carattere mosnad questo è l'idolo di *Jásir-An'im Himjarita*: oltre quest'idolo non v'ha via, e però nessuno intraprenda questo pericoloso passo, onde non debba perire = Traducção citada de Arri p. 102.

[313] « *Uadi arraml*, *torrente d'arêa*: no paiz do occidente, alêm do paiz de » Hespanha. No reinado de Abuyasir, quando este principe foi ao occidente, che» gou a hum lugar que era huma torrente de arêa que não pôde atravessar, porque » as arêas corrião como agoa, fez levantar ali huma estatua, debaixo d'huma cu» pula de cobre, e fez gravar nella huma inscripção que annunciava que tinha sido » obrigado a parar naquelle lugar. »

Ouadi arraml, torrent de sable.

Dans le pays de Mogreb, au-delà de celui d'Andalous. Sous le règne d'Abouyasir, ce prince, en allant dans le Mogreb parvint à un endroit qui étoit un torrent de sable qu'il ne put traverser, parce que ces sables couloient comme de l'eau, il y fit élever une statue sous un dôme d'airain, et y fit mettre une inscription qui annonçoit que c'étoit là l'endroit où il avoit été obligé de s'arrêter = Notices et Extraits des Mss. etc. T. 2., p. 462.

[314] Edrisi, ed. de Roma, 1.° clima, 1.ª secção. Ibn al-Wardi, ed. de Hylander, p. 4. Ben Ayâs, *Notices et Extraits des Mss.* T. 8., p. 5, onde Mr. Langlès traduzio — *idole* —, e não columna, porque achou no original — *sanamon* —; e he provavel que a mesma palavra empregassem Mas'údi, e Bakui.

[315] V. a Nota (C) no fim desta Memoria.

[316] *Au reste les traducteurs Arabes, étoient fort coutumiers de bouleverser et altérer les ouvrages qu'ils traduisoient.* Montucla, *Histoire des Mathématiques*, T. 1., p. 236, ed. de l'an VII. *Il est encore à propos d'observer que ces traducteurs Arabes ont le plus souvent fort défiguré leurs originaux; et même on peut dire qu'ordinairement, après avoir passé par leur filière, ils ont presqu'entièrement perdu leur physionomie grecque.* Idem., ibid., p. 378.

Mr. Camus, *Sur l'Histoire des animaux d'Aristote, traduite par Scoto*, fez

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2006

A Geographia de Ptolomeo, alterada e interpolada em diversos tempos, e por differentes motivos [317], deve, segundo me parece, aos Arabes parte das mudanças que soffreo.

Mas o que dizem os Arabes das estatuas que apontavão com a mão para o Oceano, indicando que não se podia ir mais para diante etc., será pura ficção, sem nenhum fundamento real? Parece-me que não.

Damião de Goes, tratando da Ilha do Corvo, diz que = «hos mareantes lhe chamam Ilha do marquo; porque com »ella (por ter hũa serra alta) se demarquã, quando vẽ de»mandar qualquer das outras. No cume desta serra, da par»te do Noroeste, se achou hũa statua de pedra posta sobre »hũa lagea, que era hũ homẽ ençima de hũ cauallo em os»so, e ho homẽ vestido de hũa capa quomo bedem, sem »barrete, com hũa mão na coma do cauallo, e o braço di»reito stendido, e hos dedos da mão encolhidos, saluo ho »dedo segundo a que os Latinos chamam index, com que »apontava para ho ponẽte. Esta imagem que toda sahia ma»çiça da mesma lagea mãdou el Rey dom Emanuel tirar pe»lo natural por hum seu criado debuxador, que se chamaua »Duarte darmas, e depois que vió ho debuxo, mãdou hum »homẽ engenhoso natural da cidade do Porto, que andara »muito em França e Italia, que fosse a esta Ilha pera cõ apare»lhos que leuou, tirar aquella antigualha, ho qual quãdo »della tornou dixe a el Rey que ha achara desfeita de hũa »tormenta que fezera ho inuerno passado. Mas ha verdade »foi que a quebrarã per máo azó, e trouxerão pedaços del»la s. a cabeça do homẽ, e ho braço direito cõ a mão e »hũa perna, e ha cabeça do cauallo, e hũa mão que staua »dobrada e aleuãtada, e hũ pedaço de hũa perna, ho que »tudo steue na guarda roupa del Rey algũs dias, mas ho que »se depois fes destas cousas, oũ onde se puseram eu nam »ho pude saber. Esta Ilha do Coruo, e santamtam foram de »Joam da fonseca, scriuam da fazenda del Rey dom Ema»nuel, e delle has herdou seu filho Pero dafonseca, scriuão

---

menção destes passos de Montucla, *Notices et Extraits des Mss.*, T. 6., p. 422.

A respeito da traducção de Orosio em Arabe, diz o Abbade Arri, na sua traducção de Ibn-Khaldun, p. 20, nota (4), = *ma convien dire che in quest'araba versione si leggessero alcune cose che mancano al testo latino che abbiamo etc.*

[317] Gosselin, *Géographie des Grecs analysée*, p. 125, e 126. Mr. Letronne, *Fragments des Poémes Géographiques de Seymnus de Chio*, etc., p. 172.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» da Chancelaria do mesmo Rey, e del Rey dom Joam ter-
» ceiro seu filho, ho qual Pero dafonseca no Anno de Mil
» DXXIX, has foi ver, e soube dos moradores que na rocha,
» abaxo donde steuera ha statua, stauam talhadas na mesma
» pedra da rocha hũas letras, e por ho lugar ser perigoso
» pera se poder ir onde ho letreiro stá, fez abaxar algũs ho-
» mẽs per cordas bem atadas, hos quaes imprimirão has le-
» tras que ainda ha antiguidade de todo nam tinha çegas, em
» çera que pera isso leuaram, com tudo has que trouxeram
» impressas na çera eram já mui gastadas, e quasi sem for-
» ma, assi que por serem taes, ou por uentura por na cõpa-
» nhia nã hauer pessoa que tiuesse conhecimẽto mais que de
» letras Latinas, e este imperfecto, nhũ dos que se ali acha-
» ram presentes soube dar rezã, nem do que as letras diziã,
» nem ainda poderã conhecer que letras fossem [318].

Duarte d'armas he o que fez o Livro das Armarias, e o Livro das plantas das Cidades, Villas, e Praças de Portugal e d'algumas da Africa, que se guardão na Torre do Tombo. Diz o Sñr. Abbade Castro que neste ultimo Livro está =« o » desenho da estatua equestre de marmore achada na ilha do » Corvo. »= [319]. Se isto assim fosse, teriamos huma prova bem authentica da existencia daquelle monumento; porêm posso assegurar que no Livro das Plantas das Cidades etc. não ha semelhante desenho; com tudo Damião de Goes era coevo; o que elle conta he revestido de circunstancias taes; e quando imprimio a sua Chronica erão ainda vivas tantas testemunhas dos factos que refere, que repugna ás regras da boa critica suppô-los invenção sua; consequentemente deve-se dar por assentado que houve na Ilha do Corvo a estatua de que falla Damião de Goes. Mas quem he que a poz alli? Forão os Phenicios, os Carthaginezes, os antigos Povos da Hespanha, os antigos Arabes antes do Islamismo, ou outros Povos? As viagens de Chedad, filho de Aâd e de D'ul-Karneîn serão inteiramente imaginarias, sem nenhum fundamento historico, e stigmatizadas com o ferrete de patranhas de Ad com que Mas'údí as designa [320]?

---

[318] Chronica do Príncipe D. Joam. Lisboa 1567, fl. 9 v. col. 1.ª e seguintes.

[319] Carta dirigida a Salustio, amador de antiguidades. Lisboa, Typographia de A. S. Coelho 1839, 8.° p. 5.

[320] *Historia da Dynastia dos Ismaelitas da Pérsia*, traduzida por Mr. Jour-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Bakui falla d'huma cidade, na extremidade do Mogreb, ou do paiz do ponente (da Africa occidental), que tem por nome Dgiabalca, cujos habitantes descendem dos Arabes chamados Ad [321]. A lingua antiga dos habitantes de Ad era desconhecida aos Arabes do tempo d'Edrisi [322], o que inculca huma origem remotissima, e differente da dos outros Arabes. No paiz de Mahra, na Arabia, fallava-se, no tempo d'Abulféda, huma lingoa que ninguem entendia [323], e que Mr. Reinaud presume ser provavelmente o dialecto hemyarita sobre que Mr. Fresnel deo noticias interessantes no Jornal Asiatico de Julho e Dezembro de 1838. Mr. Wellested, e outros viajantes Inglezes, descobrírão ultimamente muitas inscripções, em caracteres desconhecidos, nas partes meridionaes da Arabia [324], que Mr. Gesenius procurou decifrar por meio do alphabeto hemyarita, ajudado da lingoa hebraica [325]. E os Escriptores Gregos e Romanos conservão-nos vestigios da antiquissima civilisação de parte dos Arabes (de que talvez ainda hoje existão monumentos [326] que, pelo menos, parecem ter sido o vehiculo por meio do qual os conhecimentos do Oriente se introduzírão no Egy-

---

dain = *Notices et Extraits des Mss. etc.* =, T. 9., p. 168, fallando da origem de Hasan filho de Mohammed, filho de Buzurc-umid, diz = *Mas isto he cousa absurda, he hum conto dos tempos antigos.* = Na nota (2) diz Mr. de Sacy = *o texto traz* = huma mentira de Ad = ; *isto he hum conto semelhante a tudo o que se diz do seculo de Ad.* Mr. Hamaker diz = que os Arabes attribuião todas as coizas antigas, e de origem desconhecida, aos tempos de Ad — *quae* [traditio] *omnes res vetustas et ignotae originis ad Aditas refert auctores.* — De expugnatione Memphidis et Alexandriae, p. 30, nota — Ibid. v. 15. — V. tambem o Abbade Arri, na traducção citada, p. 35 a 37, e nota (2) de p. 35.

[321] *Notices et Extraits des Mss*, T. 2., p. 397.

[322] T. 1., p. 49.

[323] *Géographie*, traducção Franceza de Mr. Reinaud, p. 138.

[324] *C'est probablement le dialecte hemyaryte, sur le quel Mr. Fresnel a donné des détails intéressants* (Journal Asiatique de juillet et décembre 1838). *Dans ces derniers temps, Mr. Wellested et autres voyageurs anglais ont découvert plusieurs inscriptions, en caractères inconnus, dans la partie méridionale de l'Arabie.* Traduction de la Géographie d'Aboulféda, p. 138, (nota 2) Sobre as linguas antigas da Arabia, e sobre as lettras *mosnad*, ou desconhecidas, v. a obra citada do Abbade Arri, p. 13 nota (6), p. 47 nota (1), p. 71 nota (2), e p. 102 nota (1).

[325] *The Himyaritic Alphabet discovered, and portions of Himyaritic Inscriptions deciphered:* in a Letter from Professor Gesenius to the Secretary of the Royal Geographical Society. *Journal of the Royal Geographical Society of London.* T. XI., P. 1., p. 118. A carta he datada de 14 de Junho de 1841.

[326] V. Mr. Reinaud, *Traduction de la Géographie d'Aboulféda*, p. 113 (nota 6).

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

pto, na Ethiopia, e n'outros paizes do Occidente. As inscripções Numidicas são o resto da civilisação dos Povos que habitárão outr'hora aquella região [327]. E as figuras que se observão na Rocha dos idolos no Zaire, proximo a *Taddi Emazzi*, mas na margem opposta do rio, se são taes como se representão, parece-me que não pode desconhecer-se nellas huma inscripção jeroglyphica, posta ali por gentes bem diversas da que hoje occupa aquellas terras [328]. Não sei desembaraçar-me deste enleio, e he melhor confessar francamente a minha ignorancia, do que engolfar-me no mar das conjecturas, sem esperança de aferrar porto.

Porêm nada disto destroe a prioridade dos nossos descobrimentos. O que se passou ha dous ou trés mil annos, ou sabe Deos quando, de que nenhum rasto historico e chronologico existe, foi huma luz que se apagou; e por consequencia tem tanta originalidade os descobrimentos dos Portuguezes, como os daquelles que primeiro penetrárão nos Paizes por elles depois trilhados; e fica sempre em seu vigor a proposição = *Que dos Povos de que ha documentos historicos, são os Portuguezes os primeiros que descobrirão as Costas d'Africa, além do cabo de Bojador, e as Ilhas do Oceano Atlantico.*

Viagem dos Maghrurinos.

Tratarei agora da viagem dos Maghrurinos, começando por transcrever os passos dos Escriptores Arabes que della fallárão.

---

[327] Hamaker, *Diatribe Philologico-Critica, aliquot Monumentorum Punicorum, nuper in Africa repertorum interpretationem exhibens etc.* Lugd. Batav. 1822 — 4.° Idem, *Miscellanea Phoenicia.* Lugd. Batav. 1828. Sir Grenville Temple, *On Phoenician Inscriptions, in a Letter adressed to the Secretary of the Royal Asiatic Society.* Journal of the Royal Asiatic Society. T. 7., p. 135. Gesenius, *Paläographische Studien über phönizische und punische Schrift.* Leipsiq 1835 — 4.° Idem *Scripturae Linguaeque Phoeniciae Monumenta* etc. Lipsiae 1837 — 4.° E Mr. Fr. de Saulcy, *Lettre sur l'inscription bilingue de Tougga*, a p. 84 e seguintes do *Journal Asiatique. Février* 1843.

[328] Tuckey, *Narrative of an expedition to explore the River Zaire* etc. London 1818, p. 95 a 97, 294 a 296, 380 a 382; e as estampas para as p. 380 e 382. Tuckey, e seus companheiros de viagem, chamão a esta rocha *Fetiche rock*, e eu chamo-lhe Rocha dos idolos, não só porque *Fetiche* he tudo aquillo que toma cada Negro da Africa para objecto do seu culto, como divindade tutelar; mas tambem porque a p. 380 se diz, que *Fetiche rock* he considerada como a residencia particular do *Seembi*, o espirito que preside ao rio.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Edrisi he o primeiro (que eu saibá) em que se encontra a relação desta viagem, pelo modo seguinte:

» De Lisboa he que partírão os Maghrurinos para a sua » expedição que tinha por objecto saber o que contêm o » Oceano, e quaes são os seus limites. Como acima disse- » mos [329], existe ainda em Lisboa, ao pé dos banhos quen- » tes, huma rua que tem o nome de rua (ou caminho) dos » Maghrurinos.

» Eisaqui como isto se passou: reunírão-se em numero » de oito, todos parentes chegados (litteralmente primos com » irmãos), e tendo construido hum navio de transporte, met- » têrão-lhe agoa e mantimentos para huma navegação de » muitos mezes, e largárão do porto, logo que principiou a » soprar o vento Leste. Depois de terem navegado onze dias, » ou perto delles, chegárão a hum mar cujas ondas espessas » exhalavão hum cheiro fétido, occultavão numerosos reci- » fes, e erão frouxamente alumiadas. * Julgando que morre- » rião * [330], mudárão de rumo, corrêrão para o sul, por » espaço de doze dias, e chegárão á Ilha dos Carneiros, as- » sim chamada porque nella pastão numerosos rebanhos de » carneiros, sem pastor, nem outra alguma pessoa que os » guarde.

» Tendo * demandado esta ilha e desembarcado nella * » achárão huma fonte d'agoa corrente, e figueiras bravas: » tomárão e matárão alguns carneiros; porêm tinhão a carne » tão amargosa que era impossivel comerem-na. Aproveitá- » rão só as pelles; navegárão mais doze dias * com vento » sul * [331], e descobrírão em fim huma ilha * em que ví- » rão habitações e campos cultivados * de que se aproximá- » rão para * examinarem o que nella havia *. Em pouco tem- » po forão rodeados de barcas, feitos prisioneiros, e condu- » zidos *, na sua embarcação, * [332] a huma cidade situa- » da á borda do mar. Desembarcárão para huma casa em

---

[329] T. I., p. 200 e 201.

[330] Nos passos incluídos entre os asteriscos, substituio-se á traducção de Mr. Jaubert, a traducção litteral.

[331] O texto arabe traz وساروا مع الجنوب, que Conde traduzio = *y continuaron à la parte meridional doce dias* = (*Descripcion de España de Xerif Aledris* p. 53); porêm o texto repugna a esta versão; e Ibn al-Wardi, cujo passo adiante se transcreve, diz tambem que = *partirão da Ilha dos Carneiros com vento sul.* =

[332] He o que parece ser a traducção litteral.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» que vírão homens de estatura alta, de côr arruivada * com
» poucos cabellos, mas compridos * (litteralmente sem serem
» encarapinhados), e mulheres de rara belleza. Nesta casa
» * estivérão encarcerados * tres dias, e no quarto virão vir
» hum homem, que fallava a lingoa arabe, que lhes pergun-
» tou quem erão, a que vinhão, e que Paiz era o seu. Con-
» tárão-lhe as suas aventuras, e elle deo-lhes boas esperan-
» ças; e fez-lhes saber que era interprete * do Rei *. Dous
» dias depois forão apresentados ao Rei (do Paiz), que lhes
» fez as mesmas perguntas, a que respondêrão do mesmo
» modo que já o tinhão feito ao interprete, que se tinhão
» aventurado ao mar para conhecer as suas singularidades e
» curiosidades, e para verificar os seus ultimos limites.

» Quando o Rei os ouvio assim fallar, poz-se a rir, e
» disse ao interperte: explica a essa gente que meu Pai, ten-
» do (n'outro tempo) ordenado a alguns dos seus escravos
» que se empégassem neste mar, discorrêrão por elle na sua
» largura, durante hum mez, até que faltando-lhes inteira-
» mente a claridade (dos ceos) * voltárão sem conseguir cou-
» sa alguma, nem tirar proveito nenhum *. O Rei mandou
» alem disso ao interprete que segurasse aos Maghrurinos a
» sua benevolencia, para que formassem delle huma boa opi-
» nião, o que assim se fez. Voltárão á sua prisão, onde ficá-
» rão até que, levantando-se hum vento Oeste, tapando-lhes
» os olhos, os mettêrão n'huma barca, e fizerão-nos vogar al-
» gum tempo pelo mar. Corremos, dizem elles, tres dias e
» tres noites, e abordamos depois a huma terra em que nos
» desembarcárão com as mãos atadas atrás das costas, n'hu-
» ma praia em que nos abandonárão. Ficámos ali até ao nas-
» cer do sol, no estado mais desgraçado, em consequencia
» das prisões que nos apertavão fortemente, e nos incommo-
» davão muito; e tendo ouvido gargalhadas, e vozes huma-
» nas, pozemo-nos a gritar. Alguns habitantes do Paiz vierão
» então ter comnosco, e encontrando-nos em tão miseravel
» situação, desprendêrão-nos, e fizerão-nos diversas pergun-
» tas a que respondemos, referindo-lhes os nossos successos.
» Erão Berberes; e disse-nos hum delles = Sabeis a distan-
» cia que vos separa do vosso Paiz? = Respondendo-lhe nega-
» tivamente, tornou elle = Entre o ponto em que vos achais
» e a vossa patria ha dous mezes de caminho. = A pessoa
» que entre elles parecia de maior consideração dizia (conti-
» nuamente Wasafi (ah!); eisaqui porque o nome deste lu-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» gar' hé ainda hoje Asafi. He o porto de que fallámos [333] » como extremidade do occidente » [334]. =

Ibn al-Wardi, refere tambem esta viagem, exprimindo-se assim =

« Sahírão da cidade de Lisboa os Mogarririns, embar- » cando-se no mar tenebroso, que fica no mais remoto occi- » dente: este mar he grande e terrivel, suas agoas crassas e » turvas, e as ondas muito elevadas, o que tudo faz summa- » mente difficultosa a sua navegação; e por isso ninguem se » atreve, em attenção á escuridão das suas agoas, altura das » suas ondas, frequentes e perigosas tempestades, impetuo- » sidade dos ventos, e temor de ser atacado pelos monstros » marinhos que nelle ha, a entrar neste grande mar, e na- » vegar por elle. Tambem ninguem sabe quanta seja a sua » profundidade, nem o que existe alem delle, senão Deos.

» Elle he hum profundo abysmo que cérca tudo, e de » que não ha noticias certas; porque ninguem o tem nave- » gado, engolfando-se por elle; por quanto as suas ondas, » elevando-se como montanhas, não se quebrão; e posto que » se quebrassem, não se poderia navegar, não digo internan- » do-se por elle, mas nem ainda pela costa, pois só pela ex- » tremidade das praias se pode passar; finalmente o ruido » das suas agoas he tão grande que parece o estrondo d'hum » trovão.

Historia.

» Conta-se que huma companhia de oito homens, filhos » de Lisboa, e primos com irmãos, ajustando-se entre si, » apromptárão huma grande embarcação em que mettêrão » viveres para muito tempo, e que depois se embarcárão » nella, engolfando-se por este mar, para descobrir o que » houvesse no fim delle, e ver tudo o que fosse mais raro e » maravilhoso, e ao mesmo tempo jurárão huns aos outros » que não voltarião em quanto não chegassem ás terras mais » occidentaes, ou que morrerião. Assim partírão, entrando » neste grande mar por espaço de onze dias; porêm como as » ondas erão muito encapelladas, e a derrota tenebrosa pela » profundidade das agoas, e agitação dos ventos, e até mui-

[333] T. 1., p. 220.
[334] T. 2., p. 26 a 29. V. o N.° XXVII. do Appendix.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» to perigosa pelos monstros marinhos que por ali havia » قروش [335], assentárão que certamente se perderião, » no meio de tantos perigos, pelo que se fizerão na volta do » mar para o sul [336], por espaço de doze dias, até que » vierão a entrar na Ilha dos Carneiros, onde esta qualidade » de gado he innumeravel, e como ali não ha gente, a ilha não » tem dono. Entrárão por ella dentro, matárão muitos car- » neiros, mas como as suas carnes erão amargosas, não as » podérão comer; tomárão sómente as pelles que podérão le- » var comsigo, e fizerão agoada em huma fonte d'agoa doce » que lá achárão. Partirão dali, com vento sul, e assim fo- » rão navegando por outros doze dias, até que avistárão hu- » ma ilha, que era habitada, e indo demanda-la, eisque, » quasi sem o perceberem, se achárão rodeados de muitas » barcas, carregadas de gente, que os tomárão, e levárão » para a ilha, e na cidade, que fica á beira mar, os mettê- » rão em huma casa. Virão que nesta ilha e cidade os ho- » mens erão arruivados, e muito altos, e que as mulheres » erão dotadas d'huma excessiva e inexplicavel formosura. » Passados tres dias, veio ao quarto dia ter com elles hum » sugeito que, como interprete, lhes fallou em lingoa ara- » be, e lhes perguntou quem erão, e os motivos da sua vin- » da, ao que tudo respondêrão.

» Forão depois apresentados ao Rei, a quem o interprete » informou de tudo o que elles lhe tinhão contado; e então » rindo-se, disse ao interprete = dize a esses homens que eu já » daqui mandei vassallos meus para me trazerem a noticia do » que achassem de maravilhoso neste mar, e que tendo na- » vegado para o occidente, por tempo de hum mez, vindo- » lhes a faltar a luz, andavão como em huma noite tenebro- » sa, e voltárão sem terem aproveitado nada. = O Rei promet- » teo-lhes todo o bem, e por isso ficárão ali com elle, até » lhes principiar a soprar vento favoravel; mandou-os então » n'huma barca com marinheiros seus, que lhes amarrárão » as mãos atraz das costas, e lhes vendárão os olhos, e des- » ta sorte forão navegando, por algum tempo, que elles não

---

[335]. قرش *Animal marinum, quod metuunt coetera omnia.* Kam., *navibus obnoxium easque frangens.* Domair. *Squalus carcharias.* Forsk. descr. *anim.* VIII., 20. Freytag, Diccionario Arabe. O *Squalus carcharias* de Cuvier he o *Requin*, Tubarão.

[336] Litteralmente = e voltárão com o mar no sul. =

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» souberão dizer quanto seria. Lançárão-nos depois na praia » e se retirárão; e logo que elles ouvirão fallar gente grità- » rão; e vierão ter com elles, desatárão-lhes as vendas dos » olhos, e cortárão-lhes as prisões, e contárão-lhes (os aven- » tureiros) tudo o que lhes tinha acontecido, e lhes declará- » rão de que terra erão.

» Perguntarão-lhes se elles saberião que distancia have- » ria dalli para a sua terra ao que respondêrão que não; dis- » serão então aquelles homens, que era muito mais de hum » mez de viagem. Voltárão finalmente para a sua terra, que » era Lisboa, onde tinhão hum bairro, ainda agora bem co- » nhecido pelo bairro dos Mogarririns » = [337].

As narrações de Edrisi e de Ibn al-Wardi, posto que sejão conformes na generalidade dos factos, discrepão em alguns pontos.

Edrisi chama aos navegantes *Maghrurinos*: Ibn al-Wardi chama-lhes *Mogarririns*. A primeira palavra he o participio do verbo غرّ *garra* enganar, na primeira fórma, e significa *os que forão enganados*. A segunda he o participio do mesmo verbo na segunda fórma غرر *garrara*, expor-se a algum perigo para conseguir alguma coisa, e significa propriamente *aventureiros* [338]. Conde chama-lhes *Almogavarines*, Mouros assim nomeados, como se se dissesse *os valentes nas algaras ou correrias bellicas* [339]; porêm o texto de Edrisi que segue, que he o da edição de Roma, traz bem claramente, a p. 51, duas vezes, المغرورين.

Edrisi diz que os *Maghrurinos*, sahindo de Lisboa, navegárão para o occidente por espaço de onze dias, e tomárão depois o rumo do sul, em que andárão doze dias até chegarem á Ilha dos Carneiros: Ibn al-Wardi diz que, sahindo de Lisboa, navegárão onze dias, sem dizer em que rumo, pelo mar tenebroso, onde encontrárão grandes perigos, e assentando que se perderião, fizerão-se na volta do mar para o sul, por espaço de doze dias, até entrarem na Ilha dos Carneiros.

---

[337] Devo o texto de Ibn al-Wardi, acima traduzido, ao Sñr. Barão de Slane, que teve a bondade de copiar-mo. V. o N.° XXVIII. do Appendix.

[338] 1.ª *Decepit, lactavit inani* spe *vanis ve* rebus. 2.ª *Semet periculo exitio que exposuit.* Golio, Freytag.

[339] Almogawarines, *Moros assi llamados; como si dixéramos*, los valientes en las algaras ó correrías bélicas. *Descripcion de España de Xerife Aledris.* Madrid 1799, p. 208.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Edrisi refere que o Rei da Ilha onde os fizerão prisioneiros ordenou ao interprete dissesse aos Maghrurinos, quando lhe forão apresentados, que tambem seu Pai tinha mandado explorar o mar tenebroso: Ibn al-Wardi applica esta exploração ao Rei, e não a seu Pai.

Edrisi conta que desta ilha, assim que se levantou o vento Oeste, forão levados para o continente, com os olhos tapados; que andárão tres dias e tres noites no mar; que os desembarcárão com os olhos tapados n'huma praia que ao depois se chamou Asafi, pelo motivo que relata; que lá lhes disserão que a distancia dalli á sua terra era dois mezes de caminho; e não menciona a sua volta para Lisboa. Ibn al-Wardi diz que sahírão da ilha, logo que lhes principiou a soprar vento favoravel, sem declarar qual vento; que não souberão quanto tempo andárão por mar; que na praia onde os lançárão lhes disserão que a distancia dalli para a sua terra era muito mais d'hum mez de viagem; que regressárão para Lisboa; e não falla em Asafi, nem diz em que praia os lançárão etc.

Não me consta que outro algum A. Arabe fallasse neste acontecimento.

A discordancia das narrações de Edrisi e de Ibn al-Wardi mostra ou que havia mais de huma lenda da mesma historia, ou que Ibn al-Wardi, copiando Edrisi, omittio algumas circunstancias, e alterou outras.

Custa-me esperdiçar tempo em combater hum tecido de patranhas mal serzidas, e que descobrem a cada passo, até á pouca habilidade com que se inventárão; porêm espanta ainda menos a falta de artificio de quem as fabricou, do que o excesso de credulidade de quem as adopta como verdadeiras.

He com tudo necessario desvanecer, por huma vez, esta sombra, para nunca mais embaciar a historia de nossos descobrimentos; e por isso observarei á luz da critica a viagem dos Maghrurinos, tomando por texto Edrisi, que a narra mais circunstanciadamente, e que teve á vista a relação attribuida aos mesmos Maghrurinos.

Posto que me propuz não combater especialmente nenhum dos Authores que seguírão a opinião de terem os Arabes conhecido as Canarias antes dos Portuguezes, e por isso até agora, nem hum unico citei dos que a adoptárão; com tudo, pelo que toca á viagem dos Maghrurinos, permitta-se-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

me copiar as reflexões suggeridas por ella a Mr. de Guignes, que a extractou, nem sempre com fidelidade, e acompanha-las de breves reparos, porque os raciocinios com que pretende defender a existencia desta viagem poderião fazer mossa no animo de alguem para o abalar a persuadir-se de que se realisou.

Demoremo-nos hum momento com esta navegação extraordinaria.

1.° «Os navegantes encontrão na ilha hum homem que fal-
» la Arabe, e que lhes serve de interprete; logo não forão
» elles os primeiros que lá abordárão, outros Arabes tinhão
» já aportado nella, antes delles, e parece que se sabia nes-
» ta ilha quanto distava de Lisboa.»

Supponhamos verdadeira a viagem dos Maghrurinos; porque na ilha a que forão ter se encontrou hum homem que lhes fallou em Arabe, segue-se que já ali tinhão ido outros Arabes? O que se segue he que aquelle homem sabia a lingoa Arabe, e tê-la-hia aprendido em algum dos muitos Paizes em que ella se fallava. Os Portuguezes, na sua primeira viagem á India, achárão em Calecut hum Mouro que conversou com elles em castelhano; e lembrou-se por ventura alguem de concluir dahi que os Castelhanos forão á India antes dos Portuguezes? Na ilha não he que informárão os Maghrurinos da distancia a Lisboa. A distancia mencionada por Edrisi, e por Ibn al-Wardi, he a da praia onde os lançárão a Lisboa. Mas onde acharia Mr. De Guignes, em todas as ilhas descobertas entre a Costa da Africa e a America, huma cujos habitantes sejão de côr arruivada (côr que elle quer que seja a dos Americanos, pelo que adiante se segue), e de grande estatura, em que se falasse huma lingoa diversa do Arabe, e onde houvesse interprete Arabe? Onde acharia nas mesmas paragens, e com estas circunstancias huma Ilha que diste de Lisboa mais de hum mez de viagem? Para sustentar esta fabula será necessario recorrer a alguma ilha que se tenha submergido.

2.° «Faz-nos vêr esta navegação, que os Arabes não se li-
» mitavão a seguir as costas, mas que tiverão a ousadia de
» aventurar-se no Oceano para fazer descobrimentos; e que,
» com mais alguma preseverança terião chegado á America.
» Virão na ilha homens arruivados, côr que parece perten-
» cer com preferencia aos Americanos, e ha apparencia que
» se aproximarão muito do continente. O seu intento era di-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» rigir-se ao occidente: fizerão-no tanto quanto lhes foi pos-
» sivel; e não póde dizer-se que só querião reconhecer a cos-
» ta occidental da Africa, porque frequentavão as Canarias. »

Todos os testemunhos historicos provão o contrario do que diz Mr. De Guignes. Nem os Arabes, nem os outros navegantes daquelles tempos, nem ainda de tempos mais proximos, até ao seculo XV., se atrevião a desabraçar-se das costas; e o mesmo Ibn al-Wardi que Mr. De Guignes extractou; que he do seculo XIII., e por tanto posterior á supposta viagem dos Maghrurinos, affirma positivamente que ninguem tinha navegado pelo mar tenebroso (o oceano atlantico); que não só não podião os navegantes entranhar-se por elle, mas nem se quer costea-lo; e unicamente se podia passar pela extremidade das praias [340]. Mr. De Guignes não se animou a conduzir os Maghrurinos até á America, contentou-se com leva-los a huma ilha muito proxima do continente. E quem embaraçou os Maghrurinos de continuarem a sua viagem? Acaso ha no oceano entre a Europa e a America, algum dos perigos que, segundo Ibn al-Wardi, os estorvárão de proseguir em sua demanda? Huma ilha muito proxima do continente da America, onde no seculo XII., ou antes, havia quem fallasse arabe, e onde se sabia que distancia hía della a Lisboa, he, como já observei, hum phenomeno geographico que muito estimaria que Mr. De Guignes tivesse explicado? Como he que Mr. De Guignes assevera, com toda a segurança, que os Arabes frequentavão as Canarias? O contrario he o que fica provado.

3.° « A tentativa referida por Ben al-Wardi póde não ser
» a unica de semelhante natureza emprehendida pelos Ara-
» bes, no tempo em que dominárão a Hespanha. Foi repe-
» tida depois por dois Genovezes em 1291, de que nunca
» mais se ouvio fallar. Os Arabes perdêrão Lisboa em 1147,
» consequentemente a sua tentativa deve ser anterior a esta
» época. O nome dado a hum bairro de Lisboa, nome que
» conservava a memoria deste acontecimento, e que ainda sub-
» sistia no tempo de Ben al-Wardi, fallecido, na opinião
» de alguns, pelos annos de 1358, podia motivar a expedi-
» ção dos Genovezes em 1291; em 1492, perto de cento e
» trinta e quatro annos posteriormente a Ben al-Wardi, he
» que Christovão Colombo emprehendeo os seus descobri-

[340] V. a p. 89 desta Memoria.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

„mentos? Existiria ainda no seu tempo a lembrança da via-
„gem dos Arabes áquellas costas, e daria motivo á nova ex-
„pedição de Colombo?„

Deve notar-se que Mr. De Guignes chama ao bairro de que faz menção = *bairro dos que forão enganados* = [341]; mas Ibn al-Wardi chama-lhe = bairro dos aventureiros [342].

Da possibilidade de hum facto nenhum argumento póde tirar-se para a sua existencia, mesmo dando-se a possibilidade do facto. Não occorreo a Mr. De Guignes, que a clausula da narração de Ibn al-Wardi = *hum bairro ainda agora bem conhecido pelo bairro dos Maghrurinos* = he copiada de Edrisi, que escreveo muito antes delle; e que por isso, não parece dever referir-se ao tempo de Ibn al-Wardi; e esqueceo-se de ter dito que este Author vivia pelos annos de 1232 [343]; e sendo isto assim, como quer que elle morresse pelos annos de 1358? Quantos annos lhe quer dar de vida? Pelo menos mais de cento e trinta, porque se Cazwini diz que o vio em 1232 [344], he bem natural que tivesse nesse tempo mais de quatro annos. Mas concedamos que Ibn al-Wardi viveo até 1358, e que até esse tempo se conservou em Lisboa hum bairro com o nome dos *Maghrurinos*. Hum nome que conservava a memoria d'hum acontecimento passado em Lisboa mais de cento e quarenta e quatro annos antes, e de que só tem apparecido noticia em dois Escriptores Arabes, he que motivaria a expedição de Genova em 1291? Isto ainda suppondo-a verdadeira, quanto mais não existindo semelhante expedição, como se mostrará, em se tratando della. São notorios os conhecimentos de Christovão Colombo, e as causas que o movêrão a emprehender a viagem da America; e por isso he desnecessario responder á pergunta de Mr. De Guignes.

4.° „Não deve accreditar-se que estas ilhas fossem huma
„das Canarias; porque estas erão conhecidas dos Arabes.
„Além disto a narração de Ben al-Wardi apresenta-nos duas
„tentativas, huma dos Arabes partidos de Lisboa, e outra
„precedente, feita pelos vassallos do Rei da ilha, que de-
„via ter-se adiantado mais para o occidente [345].„

---

[341] *Notices et Extraits des Mss.*, T. 2., p. 25.
[342] Nesta Memoria, p. 89.
[343] *Notices et Extraits des Mss.*, T. 2., p. 20.
[344] Idem, ibid., p. 19.
[345] Idem, ibid., p. 25 e 26. V. o N.° XXIX. do Appendix.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

A cousa unica que Mr. De Guignes diz com exacção he que os Maghrurinos não forão ás Canarias. Mas torno a repetir; como sabia Mr. De Guignes que os Arabes as conhecião naquelle tempo? Se os Maghrurinos, com pouca mais perseverança, terião chegado á America [346]; porque não chegou lá a expedição do Rei da ilha em que elles abordárão, e que foi o termo da sua derrota, expedição que durou hum mez, dirigindo-se sempre para o occidente?

E Mr. De Guignes que não se cança de notar, a cada passo, as fabulas dos Authores Orientaes, para que admitte esta, que não soffre analyse, porque tem todos os caracteres intrinsecos e extrinsecos de falsidade? falhando por consequencia todos os raciocinios de Mr. De Guignes, só pela simples consideração de assentarem sobre hum facto que não existio, e cuja veracidade era mister demonstrar primeiro.

Mas passemos a examinar mais miudamente a viagem dos Maghrurinos,

A viagem dos Maghrurinos he nauticamente impossivel.

Os Maghrurinos, para sahir de Lisboa, esperárão que soprasse o vento Leste, consequentemente dirigião a sua navegação para o Oeste, e neste rumo andárão onze dias, ou perto delles. Hum dia de viagem maritima regulava-se por cem milhas, segundo fica dito [347]; resta saber a correspondencia da milha arabica a huma medida conhecida, para poder avaliar o espaço percorrido pelos Maghrurinos naquelles onze dias, e nos outros da sua viagem.

Alguns Authores tem para si que a milha arabe he, pouco mais ou menos, a milha romana. Talvez houvesse fundamento para assignar-lhe hum valor maior [348]; mas concordemos em que sejão ambas iguaes, com pequena differença. A milha romana he de setenta e cinco ao gráo, como provou o nosso sabio Consocio, o Snr. Barão Walckenaer n'huma obra sua, lida na Academia Real das Inscripções e Bellas Lettras, que ainda não se publicou, mas que foi extractada nos *Estudos estatisticos sobre Roma* de Mr. o Conde Tournon [349]. Adoptando esta medida, teremos que cem

---

[346] Nesta Memoria, p. 93.
[347] Nesta Mem., p. 51.
[348] V. a nota (H), no fim desta Memoria.
[349] *Rapport fait à l'Académie Royale des Inscriptions et Belles Lettres (Institut de France) au sujet du pied Romain*, par Mrs. le Baron Walcke-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

milhas arabes fazem hum gráo e hum terço, ou vinte e quatro legoas maritimas Portuguezas, e por consequencia, nos onze dias de navegação, andarião duzentas e sessenta e quatro legoas maritimas Portuguezas.

Ora sahindo do Tejo, no rumo d'Oeste, hião na direcção das Ilhas dos Açôres, que são a primeira terra que se encontra, de que a mais proxima (S. Miguel) está a duzentas e doze legoas, pouco mais ou menos, ao Oeste do Cabo de Espichel [350]; e como a viagem foi de onze dias, ou perto delles, admittindo-se a milha arabe de setenta e cinco ao gráo, necessariamente havião de ir dar aos Açôres, ou á altura daquellas Ilhas de que, com tudo, não fazem menção os Maghrurinos. Correndo depois, por espaço de doze dias no rumo do sul encontrárão a Ilha dos Carneiros; mas da altura dos Açôres, correndo no rumo do sul duzentas e oitenta e oito legoas, ou doze dias de viagem, achar-se-hião no mar, entre os Açôres e Cabo Verde, onde não ha nenhuma ilha.

Sahindo da sonhada Ilha dos Carneiros, com vento sul, navegárão outros doze dias até decobrirem a ilha em que os fizerão prisioneiros, donde, com vento Oeste, chegárão em trez dias a Safim; por tanto a ilha em que os aprisionárão, distando duzentas e oitenta e oito legoas da supposta Ilha dos Carneiros, ficava 72 legoas ao Oeste de Safim.

Os Maghrurinos pertendião explorar as terras mais occidentaes, como explicitamente o diz Ibn al-Wardi, e implicitamente Edrisi; porque esperando o vento Leste para partir de Lisboa, he claro que se dirigião para o occidente; e visto terem sido afastados da sua derrota, e obrigados a correr para o sul, por espaço de doze dias, parece que, tornando a segui-la deverião procurar o rumo d'Oeste; e posto que não tivessem outro vento para sahir da Ilha dos Carneiros senão o Sul, com elle mesmo, podião mui bem de-

---

naer et Jomard, lido em Junho de 1835, T. 12., P. 1.ª das Memorias do Instituto, Academia Real das Inscripções e Bellas Lettras, p. 196, nota 2. Mr. Dureau de la Malle na sua *Mémoire sur le système métrique des Romains*, lida em Junho de 1826, T. 12., P. 2. das Memorias do Instituto, Academia Real das Inscripções e Bellas Lettras, p. 313, traz o mesmo resultado, dizendo que a milha Romana era hum terço da legoa Franceza de vinte e cinco ao gráo. Uckert. T. 1., Abth. 2, p. 75, citado por Mr. Humbolt = *Examen critique de l'Histoire et de la Géographie du Nouveau Continent* =. T. 2., p. 326 nota (2).

[350] Pimentel *Roteiro*, p. 221 das ed. de 1746 e 1763.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

mandar o occidente, porque era vento largo; porém, segundo a relação de Edrisi, em lugar de irem para o occidente vierão para Leste. Mas em qualquer rumo em que navegassem, andando duzentas e oitenta e oito legoas, desde o ponto a que os Maghrurinos devião ter chegado, caminhando as primeiras duzentas e oitenta e oito legoas no rumo do sul, desde a altura dos Açôres, não se topa ilha nenhuma, excepto continuando no mesmo rumo do sul em que, para andar duzentas e oitenta e oito legoas, havia de atravessar-se o Archipelago de Cabo Verde, e depois virla a parar-se no parallelo das ilhas de Loss, onde tambem não ha nenhuma Ilha; porém isto he contrario á hypothese, porque, com vento sul, não póde navegar-se para o sul.

Se a milha arabe fosse maior que a Romana, igualmente era impraticavel a viagem dos Maghrurinos; porque nenhumas ilhas ha no Oceano com que a sua derrota possa conformar-se. E o mesmo succederia se a milha fosse menor, ou se nos dias de navegação tivessem andado menos caminho. Em nenhum caso se encontrarião no oceano ilhas que satisfizessem ás condições da derrota.

Poderá oppor-se ás razões ponderadas que as viagens de mar são incertas, que não admittem ser calculadas exactamente; e que por isso dar-se-hia talvez outra hypothese que tornasse verosimil a viagem dos Maghrurinos. Porém a isto responde-se que o calculo adoptado he o que mais a favorece, e o mais conforme com as idéas de Edrisi; porque se nos guiarmos pelo que effectivamente se verifica nos factos nauticos acharemos ainda maiores provas da impossibilidade desta viagem. Os Maghrurinos, demandando o occidente, partirão de Lisboa com vento Leste, e não se queixão da falta de vento, ou de ventos contrarios, para deixar de proseguir no rumo de Oeste, mas sim do cheiro fétido do mar, dos recifes, e da escuridão; e isto só no fim de onze dias, pouco mais ou menos. Nenhum navio, com vento á pôpa, posto que ronceiro seja, deita só tres milhas por hora, que he huma legoa maritima Portugueza; o menos que deita são oito milhas, que fazem nas vinte e quatro horas cento e noventa e duas milhas, ou sessenta e quatro legoas maritimas Portuguezas, e sendo as singraduras de sessenta e quatro legoas, vencerião em onze dias setecentas e quatro legoas, ou mais de trinta e nove gráos; isto he, serião lançados para o sul do Banco da Terra Nova, e navegando de lá no rumo

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

do sul, por espaço de doze dias, irião ter ao Seará, ou á sua proximidade [351]. São absurdos taes que custão até a referir: nem se diga que, indo no rumo do sul, não se segue que tivessem continuamente vento á pôpa, e que falhando esta circunstancia, falha tambem a baze do calculo; porque, em todo o progresso da viagem dos Maghrurinos, se vê que se procurava sempre vento de feição; pois até para atravessar da ilha em que forão feitos prisioneiros para a costa de Africa, esperárão que ventasse vento Oeste, o que prova que não querião, não podião, ou não sabião navegar contra o vento; nem se poderia navegar doze dias successivos contra o vento, sempre no mesmo rumo: e ainda que algumas das singraduras fossem menores, e por isso mesmo, menor o espaço percorrido, essa differença só produziria terem-se aproximado mais ou menos d'huma altura ao sul do Banco da Terra Nova, e ultimamente da Costa do Brasil. Demais se os Maghrurinos tivessem feito esta viagem havião infallivelmente encontrar a corda de ventos geraes que reina entre a Europa e a America, e que os desviaria do rumo do sul que levavão [352].

Notarei mais outra impossibilidade desta supposta viagem dos Maghrurinos, não absoluta, mas relativa áquelles tempos. Não era possivel que os Maghrurinos se empégassem no mar alto, em demanda do occidente. Todas as navegações, não só anteriormente ao seculo XII., em que se figura a viagem destes Mahometanos, mas até em tempos muito posteriores, se fazião sempre com o olho na costa. Alem do passo de Ibn al-Wardi ja apontado [353], produzirei outros que demonstrão isto mesmo, principiando por Edrisi.

« Esta primeira secção (a do 4.° clima) começa na parte » do extremo occidente banhada pelo oceano tenebroso de » que emana o mar da Syria (o Mediterraneo) que se esten- » de para o Oriente. Lá he que está situado o Paiz Andaluz, » que os Christãos chamão Espanha.... A maior largura » desta peninsula he de perto de dezesete dias, partindo » d'hum cabo do extremo occidente onde acaba a parte da

[351] Para estimar a derrota dos Maghrurinos, servi-me da Carta de J. W. Norie, de 1832, com os additamentos até 1839. Londoh.

[352] Esta circunstancia, que não me occorria, foi-me suggerida pelo meu Consocio o Snr. Antonio Lopes da Costa e Almeida.

[353] Nesta Memoria p. 89.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» terra habitada, cingida pelo mar oceano (o cabo de S. Vi-
» cente). Ninguem sabe o que existe alem deste mar: nin-
» guem pôde colher nenhumas noticias certas á cerca delle,
» pelas difficuldades que oppõe á navegação a profundidade
» das trevas, a altura das ondas, a frequencia das tempesta-
» des, a multiplicidade de animaes monstruosos, e a violen-
» cia dos ventos. Ha comtudo neste oceano grande numero
» de ilhas habitadas e desertas; mas nenhum navegante se
» aventura a atravessá-lo, nem a engolfar-se no mar alto, *li-*
» *mitão-se a costea-lo, sem perder de vista as praias*, etc.
[354].

» Estes Paizes (os da Bretanha), sendo banhados, da par-
» te do ponente, pelo mar tenebroso, vem continuamente,
» desta parte, nevoas e chuvas, e o ceo está sempre cober-
» to, principalmente no littoral.

» As agoas deste mar são espessas, e de côr escura; as
» vagas elevão-se por hum modo espantoso; a sua profundi-
» dade he consideravel; nelle reina huma escuridão conti-
» nua; a navegação he difficil, os ventos impetuosos, e da
» banda do occidente, os seus limites são desconhecidos.
» Existem neste mar quantidade de ilhas deshabitadas. Pou-
» cos navegantes ousão aventurar-se nelle, e os que o fa-
» zem, ainda que sejão dotados dos conhecimentos e auda-
» cia necessarios, só navegão *terra a terra*, *sem se afastar*
» *da costa*; e o tempo favoravel para estas expedições limita-
» se tão sómente aos mezes d'Agosto e de Setembro. Os
» principaes navegantes deste mar são os que se conhecem
» debaixo do nome de Inglezes, ou habitantes da Inglaterra,
» Ilha consideravel etc. » = [355].

Ibn-Khaldun na sua Historia dos Berberes =

« O Oceano Atlantico he hum vasto mar, sem limites,
» em que os navios não se atrevem a arriscar-se, *fóra da vis-*
» *ta das costas*, porque se ignora para onde os ventos pode-
» rião lança-los, visto que, alem deste mar, não ha terra
» que seja habitada. Quanto aos mares, cujos limites são co-
» nhecidos, os navios navegão nelles, porque os mareantes
» sabem, por experiencia, onde os ventos podem conduzi-

---

[354] T. 2. p. 1 e 2. Parece-me que a traducção litteral do ultimo periodo seria, segundo a edição de Roma, = « *Nenhum piloto o navegará em qualquer direcção que seja*, e unicamente costeará as suas praias, sem se afastar dellas. » =

[355] T. 2., p. 355. V. o N. XXX. do Appendix.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» los; mas pelo que respeita ao Atlantico he muito differente, » porque não conhecem os seus limites; e posto que conhe- » ção a direcção dos ventos, ignorão até onde elles impelli- » rião os navios, que poderião achar-se cercados de nevoei- » ros e naufragar. » [356] =

E ainda todas as viagens de Betencourt nas suas incursões ás Canarias, na entrada do seculo XV., forão feitas costeando a Hespanha, atravessando o Estreito, pegando-se á costa d'Africa, e passando depois para as Canarias. Bontier e le Verrier dizem expressamente que o cabo de Cantim está ametade do caminho das Canarias para a Hespanha [357], o que he, com pouca differença exacto, contando da boca do Estreito, e prova que a derrota da Hespanha para as Canarias se fazia arrimando-se á Africa até ao cabo de Cantim, ou demandando a sua altura; e atravessando de lá para as Canarias, cingindo-se ainda algum tempo á costa, ou endireitando logo do Cabo de Cantim para ellas: e as nossas primeiras navegações forão todas ao longo da costa.

Bastaria talvez parar aqui para demonstrar que a viagem dos Maghrurinos não podia verificar-se; mas, para não deixar subterfugio algum por onde queirão escapar-se os defensores da sua existencia, apontarei mais outras provas intrinsecas da sua falsidade.

O mar d'ondas espessas, de cheiro fétido, cheio de recifes, e com pouca luz, he o quadro da Hydrographia systematica do mar tenebroso de todos os Geographos Arabes, herdada, em grande parte, dos Gregos e Romanos, que tiverão da difficuldade e riscos da navegação do Atlantico ideas

---

[356] *C'est une vaste mer sans bornes, où les navires n'osent se hasarder hors de la vue des côtes, parce q'on ignore où les vents pourraient les pousser, vû qu' au de là de cette mer il n'y a point de terre qui soit habitée. Quant aux mers dont les limites sont connues, les navires y naviguent, parce que les marins savent par expérience où les vents peuvent les conduire; mais il s'en faut de beaucoup qu'il en soit ainsi pour l'Atlantique, parce qu'ils n'en connaissent point les bornes, et quoiqu'ils connaissent la direction des vents, ils ignorent jusqu'où leur souffle pousserait les navires, qui pourraient se trouver environnés de brumes, et faire naufrage.* O Sñr. Visconde de Santarem, na sua interessante obra = *Recherches sur la découverte des Pays situés sur la côte occidentale d' Afrique, au de là du cap Bojador* etc., p. 102.

[357] *La terre ferme de Cap de Cantin, qui est mivoye d'ici (des Canaries) et d'Espagne.* Histoire de la première Descouverte et Conqueste des Canaries, p. 98.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

semelhantes ás dos Arabes [358]; e que não erão de todo vans, como em outro lugar mostrarei; e por consequencia os que inventárão a fabula dos Maghrurinos, para serem acreditados, fizerão-nos achar no mar tenebroso o que, pelas noções da Hydrographia systematica, já d'antemão sabião que ali havia.

A empresa do Rei da ilha teve, pelos mesmos motivos, o fim que já se sabia que devia ter, em consequencia das noções que vogavão naquelle tempo a respeito do mar tenebroso. Que havia elle descobrir n'hum mar em que, por hypothese, não se podia navegar?

Que maior prova se quer da insubsistencia da viagem dos Maghrurinos do que esta imaginada exploração do Rei da ilha? D'huma ilha a tres dias de distancia ao poente de Safim, navegando para o occidente, por espaço de trinta dias, deparar-se-hia com hum mar em que não podesse navegar-se, por faltar inteiramente a claridade da luz? He ocioso insistir mais neste objecto. Qual das Canarias quererá achar-se na Ilha dos Carneiros dos Maghrurinos? Que em todas ellas havia cabras, e que huma, a de Fuerte Ventura, era muito abundante deste gado, cuja carne era mui gostosa, he constante pelo testemunho de todos os Historiadores das Canarias; porêm nenhum falla de Carneiros cuja carne não podia comer-se, por muito amargosa, e que vagavão, sem pastor, n'huma ilha deshabitada. Que ilha se offereceo, com esta circunstancia, aos descobridores europeos em toda a vastidão do Oceano Atlantico? Appareceo aos Maghrurinos para se sepultar no abysmo d'onde nunca mais surdio?

Qual será a ilha habitada a tres dias de navegação de Safim em que se fallava huma lingoa diversa do Arabe, em que havia homens de côr arruivada, mulheres formosissimas, huma cidade á borda do mar, barcas, e hum Rei, que tinha hum interprete Arabe? Das Ilhas Canarias, Porto Santo, Madeira, Açores, e Cabo Verde, que os Portuguezes descobrírão no Oceano, entre a Africa, a Europa, e a America, só as Canarias erão povoadas. Mas qual das Canarias apresenta as circunstancias da ilha em que os Maghrurinos forão feitos prisioneiros? He facto provado (como já se disse) por todos os que escrevêrão das Canarias [359], que ne-

[358] V. a Nota (I) no fim desta Memoria.
[359] V. a p. 68 desta Memoria.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

nhuma communicação havia entre os seus habitantes, que não tinhão barcos, e que mesmo os de alguma ilha nem sabião nadar.

A empreza do Pai do Rei da Ilha, para descobrir os limites do Oceano, vem muito a proposito, se esta ilha era huma das Canarias. Seria curiosa huma expedição de Canarios a esquadrinhar o Oceano! Os pobres Canarios que, no mais baixo gráo na escala da civilisação, só cuidavão das suas cabras, sem terem nem a arte de cavarem huma grosseira canoa no tronco d'huma arvore, nem sequer a habilidade de reunirem hũns poucos de páos para formarem huma jangada, em que se aventurassem a ir de huma para outra ilha! Se não era nenhuma das Canarias onde está essa ilha a tres dias ao Oeste de Safim? Seria tragada pelas ondas, bem como a dos Carneiros, e ter-se-hia levantado do fundo do mar só para dar pousada, por poucos dias, aos Maghrurinos?

De mais Edrisi identifica a ilha onde elles estivérão presos com a Ilha dos dous Irmãos Magicos, que situa defronte de Safim, a huma distancia tal que, em dia claro, pode ver-se de Safim o fumo da ilha [360]; e por consequencia he tão fabulosa a existencia de huma, como a de outra.

Depois de desembarcados os Maghrurinos na costa d'Africa, disserão-lhes os Berberes de Safim que dali á sua patria havia dous mezes de caminho. Os Berberes erão bem fracos Geographos. Creio que ninguem quererá sustentar que de Safim a Lisboa se gastem dous mezes, em viagem regular.

A etymologia de Safim he outra prova de que esta viagem fantastica foi inventada por quem não estava bem corrente na historia daquelle Paiz.

Akba, depois da batalha que teve com os Berberes, no anno 63 da Hegira (682—683 de J. C.), em que os destroçou, e obrigou a fugir para o deserto de Lemtuna, foi-os perseguindo até chegar á borda do Oceano occidental, no paiz d'Asfi (Asafi). Akba fez avançar o seu cavallo até á beira d'agoa, e dirigio a sua oração a Deos, etc. [361].

---

[360] V. a p. 46 desta Memoria.

[361] *Akba s'en étant rendu maître (de Wélila), marcha vers Darga et Sous. Une armée de Berbers vint à sa rencontre, et il se donna dans ce lieu une grande bataille; les Berbers furent mis en déroute, et s'enfuirent dans le désert de Lemtouna. Les Musulmans les poursuivirent et renverserent tout ce que*

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Bibliotecas Universitaria, 2009

A passagem dos Mouros em Hespanha, para a conquista della foi no anno 92 da Hegira [710—711 de J. C.], e por consequencia a viagem dos Maghrurinos não podia ser senão depois desta época; mas Asfi (Safim) já existia em 682 á 683, logo he falsa a etymologia deste nome, que não deveo a sua origem á viagem dos Maghrurinos.

Accrescentarei mais huma reflexão para desenganar (se tanto he mister) os que acreditão na viagem dos Maghrurinos ás Canarias.

Ou os Maghrurinos conhecião estas ilhas ou parte dellas, quando emprehendêrão a sua viagem, ou não.

No primeiro caso irião demanda-las directamente, ou ainda que não fossem demanda-las, não darião como cousa nova a Ilha dos Carneiros, e a do Rei onde estiverão prisioneiros, quando lá chegárão, se quizesse, mal ou bem, suppôr-se qualquer dellas alguma das Canarias, logo não as conhecião antes de lá abordarem; e isto mesmo se prova pela sua relação, dizendo que, avistando a illa em que estiverão presos, forão demanda-la para examinar o que nella havia.

No segundo caso não ficárão sabendo qual era a ilha em que os prendêrão, porque, em quanto lá estiverão, conservárão-nos fechados dentro d'huma casa, donde sahirão unicamente para fallar ao Rei, voltando para a sua prisão: e quando os fizerão sahir da ilha atárão-lhes as mãos, e tapárão-lhes os olhos, de maneira que não podérão saber para onde os levavão, nem dar noticia da terra donde sahião; por tanto, em nenhuma hypothese, ainda que a viagem dos Maghrurinos fosse verdadeira, podia concluir-se por ella que os Arabes conhecião, ou ficárão conhecendo as Canarias.

Por ultimo só advertirei que Edrisi mesmo, apesar de toda a sua credulidade, duvidava do conto que corria debaixo do nome dos Maghrurinos, porque, fallando da Ilha dos Carneiros, diz = se he que deve dar-se credito aos Maghrurinos = [362].

---

s'opposa à leurs armes; un grand nombre de Berbers périt, tant dans l'action, que dans la fuite, et les Musulmans firent beaucoup de prisonniers, ils poursuivirent l'ennemi jusqu'à ce qu'ils fussent parvenus au bord de l'océan occidental, au pays d'Asfi. Akba fit avancer son cheval jusque sur le bord des eaux, et adressa sa prière à Dieu etc. Schéha-beddin Ahmed almokri alfassi, *Kitab Aldjuman*, Livro das perolas, extracto feito por Mr. Silvestre de Sacy. *Notices et Extraits des Mss.* T. 2., p. 158.

[362] V. a p. 46 desta Memoria.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

De tudo o que fica expendido julgo que poderá tambem concluir-se que a viagem dos Maghrurinos parece ser hum conto forjado para provar a impossibilidade da navegação do oceano; porque a denominação de Maghrurinos, *dos que forão enganados*, dada aos viajantes, tende a inculca-lo assim. O seu intento era saber o que continha o oceano, e quaes erão os seus limites: forão enganados; porque nem huma nem outra cousa souberão.

E porque a zombaria que delles fez o Rei da ilha em que os retiverão, dizendo-lhes que era huma vã empresa que já seu Pai tinha tentado inutilmente, vem corroborar o que se queria persuadir.

ADVERTENCIA.

Esta Memoria faz parte da minha Historia das Navegações e Descobrimentos dos Portuguezes, e por isso apresenta maior discussão, e mais notas para desenvolver alguns pontos nella tocados, ou que tem ligação com o assumpto de que trata; e comprehende maior somma de meios para verificar a doutrina exposta, do que aliàs seria necessario empregar.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

NOTAS.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

NOTAS.

NOTA — A —, p. 3 , nota (6) *.

Sobre o cão, guarda da ponte Tchinevâd, nos mythos Mithriacos.

Mr. Félix Lajard, citando o passo de Hyde, p. 244, diz = « A legenda Persiana representa-nos Mithra sentado » sobre hum throno, no meio da ponte Tchinevâd, tendo a » seu lado o ized Raschné-rast, e julgando as boas e más » acções das almas. Estas apresentão-se, huma a huma, dian- » te deste tribunal divino, conduzidas, e protegidas pelo ized » Sérosch que, tendo-se adiantado a encontra-las, dispõe a » seu favor o cão que guarda a ponte; e lhe fez conceder a » entrada deste lugar temivel. *Ali, diz esta lenda, Mithra* » *pesará cuidadosamente, tanto as boas como as más acções, e* » *se as boas excederem as más, ainda que seja só no peso d'hu-* » *ma pestana, mandará as almas para o Paraizo* etc. » = Memoria citada, p. 92. E na nota (1), p. 93, diz: = « Aqui vê- » se claramente que a reunião do cão de Mithra aos tres jui- » zes das almas sobre a ponte Tchinevâd, situada entre a re- » gião do ceo e a dos infernos, constitue hum mytho que os » Persas deverião ter ido buscar á mesma fonte de que os » Occidentaes tomárão a idea do cão de tres cabeças, que fi- » zerão guarda do inferno. » = O passo de Hyde, p. 244, a que se refere Mr. Félix Lajard, he o seguinte: *Is enim* Mihr, que he o nome arabe de Mithra) *in die Judicii extremi praeficiendus est Ponti dicto Tchinavad-pul, per quam transiturae sunt omnium morientium Animae, quas ibi in me-*

* As pag. são as desta Memoria.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

dio Ponte sistit, et cum eis numerat pro anteacta vita; et in Bilance, quam in manu habet, omnium actiones ponderat, omnia tam bona quam mala Opera benè perpendens: et si Bona malis praeponderant, vel unius ciliaris pili pondere, ad Paradisum mittit etc.

Neste passo não existe parte das circunstancias mencionadas por Mr. Félix Lajard, e principalmente a do cão, guarda da ponte, muito importante pela analogia com o mytho occidental. Não encontrei esta idea no *Sad-der*, que he a collecção dos preceitos e regras tirados da obra de Zoroastes, traduzido por Hyde, que vem na sua Historia da Religião dos antigos Persas etc. de p. 443 até p. 511, onde muitas vezes falla na ponte Tchînavad, ora designando-a pelo seu nome, ora não, e tambem não a encontrei nos passos de Hyde que examinei. Pode comtudo ser que se ache n'outro lugar que eu não visse. V. o N. XXXI. do Appendix.

NOTA —B—, p. 28, nota (114).

Sobre hum passo de Julio Honorio em que falla nos Berghavatas.

O opusculo geographico de Julio Honorio Orador, a Cosmographia que anda em nome de Ethico, e o opusculo que tem por titulo = Outra descripção de todo o Mundo = *Alia totius Orbis descriptio* =, tem sido impressos juntamente, e ás vezes attribuidos todos a Ethico.

O terceiro opusculo he tirado do cap. 2.° da Historia de Orosio; porêm o principio da descripção da Africa, até *certissimum est* [*a*], differe do de Orosio [*b*], de que pode considerar-se antes a substancia do que a copia. A confrontação deste opusculo com o cap. 2.° da Historia d'Orosio servirá para corrigir mutuamente ambos os textos, em muitos

[*a*] Ethico, p. 730 da edição de Mela, Lugd. Bat. 1722.
[*b*] Ed. de Havercamp, p. 28.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

passos, o que he objecto d'hum pequeno trabalho que publicarei separadamente.

Dos Authores dos outros dous não se sabe ao certo a idade. Dicuil cita-os muitas vezes, debaixo do nome da Cosmographia feita sendo Consules Julio Cesar e Marco Antonio [c], induzido talvez a este erro, por se fallar na Cosmographia attribuida a Ethico n'huma medida da terra, mandada fazer naquelle Consulado [d].

Julio Honorio Orador he anterior a Cassiodoro, que escreveo no seculo VI., e que falla nelle. Mr. Letronne assenta que os fragmentos attribuidos a Ethico são do seculo V., e he para sentir que não désse ainda á luz a parte de seus trabalhos sobre aquelles fragmentos a que se refere nas suas *Investigações geographicas sobre Dicuil* [e], porque teria, sem duvida, aclarado esta questão e todas as outras que são relativas á mesma obra.

Quem quizer ter mais algumas noções sobre este objecto consulte a Biographia universal [f].

O que ha mais notavel nestes opusculos he hum passo de Julio Honorio Orador cuja explicação mostrará que a parte da Africa a que se refere era occupada, em época anterior a Julio Honorio, pelas mesmas tribus, e com os mesmos limites, que nella se conservárão por muitos seculos depois.

O passo he o seguinte =

« O rio Malda nasce na frontaria das Ilhas Afortunadas, » cercando a parte extrema da Mauritania, separa os Barba- » res dos Uacuates, e vai lançar-se no mar que se chama » das columnas d'Hercules. » = [g]

Combinando este passo com outro de Dicuil, em que vem copiado [h], e com a Cosmographia attribuida a Ethico [i], conhece-se que o Malda de Julio Honorio he o Mal-

---

[c] *in Cosmographia, quae sub Julio Caesare et Marco Antonio Consulibus facta est* Dicuil, ed. de Mr. Letronne, p. 26.

[d] p. 705 da ed. de Mela de 1722.

[e] *Recherches géographiques et critiques sur le livre* = De mensura Orbis Terrae = *de Dicuil*, p. 25 nota (*i*); p. 90, N.° 9; p. 165, § VIII.; p. 215, e 220.

[f] *Biographie Universelle*, T. 18. p. 426.

[g] *Fluvius Malda nascitur sub insulas fortunatas circuiens extremam partem Mauritaniae interdicens inter Barbares et Uacuates vergit in mare quod appellatur columne erculis*, p. 700 da ed. de Pomponio Mela de 1722.

[h] Ed. de Mr. Letronne, p. 36.

[i] Na ed. de Mela de 1722, p. 731.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

va destes dous ultimos Authores; o que, segundo Ptolomeo que lhe chama Μαλοῦα [k], e o Itinerario d'Antonino, dividia a Mauritania Tingitana da Mauritania Cesariense [l]; e o Malvana de Plinio [m].

Os Arabes chamão a este rio Maluia, ou Maluya [n]; mas desembocando no Mediterraneo, entre Djerawa ebn-Caïs e Melila [o], não he aquelle de que Julio Honorio faz menção, e que diz vir lançar-se no mar das columnas d'Hercules.

Julio Honorio confundio n'hum só dous rios differentes, em que se dão algumas circunstancias analogas, o Maluya, e o Asmir.

O Maluya, e alguns dos seus affluentes, nascem no Atlante, e vão desaguar no Mediterraneo [p].

O Asmir, a que Hartmann dá o nome de *Vadi al-Raman*, e de *Buragrago* [q], e a que o Snr. Graberg de Hemso chama *Buregreg*, *Bu-Regreb*, e mais correctamente *Bur'-gaba*, e *Buregreb* [r], nasce tambem n'huma ramificação da cordilheira do Atlas, e vem sahir ao mar entre Salé e Rabatt [s].

O Maluya dividia as duas Mauritanias Tingitana e Cesariense. O Asmir era o limite entre os Barbares e Uacuates. Mas quem são estes Barbares e Uacuates? São os Berberes, e os Berghwatas ou Barguatas.

Os primeiros erão as tribus Berberes que occupavão as terras desd'o Estreito até Salé; e os segundos erão a tribu

---

[k] L. 4.°, cap. 1.°, p. 104 da ed. de Bertius.

[l] Ed. de Wesseling, Amstelaedami 1735, p. 12.

[m] *Hist. Nat.*, L. 5.° Cap. 1.°, p. 265 do T. 2., Ed. Franzii.

[n] Edrisi T. 1., p. 226; Abulféda Geographia, traducção franceza, p. 58. V. Hartmann *Edrisi Africa* Gottingae 1796, p. 189, nota (*p*).

[o] Edrisi, l. c. Shaw, nas suas viagens á Barbaria, e ao Levante, diz que o Maluya corre 54 milhas ao Sudoeste do cabo d'*Hone*, e tem a sua foz defronte da Bahia d'*Almeria*, em *Hespanha*, p. 14 da traducção franceza, *à la Haye* 1743.

[p] Abulféda, Geographia, p. 58; Hartmann *Edrisi Africa*, p. 189, e nota (*p*); o Snr. Graberg de Hemso, no seu *Specchio Geographico e Statistico dell' Impero di Marocco*, p. 24.

[q] Edrisi T. 1., p. 218; Hartmann *Edrisi Africa*, p. 163 e 164, e notas (*k*) e (*n*).

[r] *Specchio Geographico*, p. 17, 25, 26; 50, e 51. A carta que acompanha esta obra traz *Bu-regreb*.

[s] Hartmann, l. c. p. 164, nota (*n*). O Snr. Graberg de Hemso diz, na obra citada p. 26, que nasce no monte *Itàta*.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

tambem Berbere, mas distincta com aquelle nome particular, que se estendia pelas costas do Oceano ao Sudoeste do rio de Salé. Estas tribus achou Ibn-Haucal, nos mesmos sitios, cinco seculos depois de Julio Honorio; e com os mesmos limites se conservárão até ao meado do seculo XI. em que os Berghawatas ou Barguatas forão subjugados e dispersados [t].

Ora como Pomponio Mela, e muitos Authores que o seguírão, situão as Ilhas Afortunadas defronte do Atlante, e tanto o rio Maluya como o Asmir ou Buregreb nascem no Atlante, e correm na extremidade da Mauritania, hum dividindo a Tingitana da Cesariense, outro estremando o Paiz dos Berberes e dos Berghawatas ou Barguatas, confundio Julio Honorio estes dois rios, e chamou ao Buregreb Maluya, fazendo-o nascer na frontaria das Canarias, e correr para o mar das columnas d'Hercules, em que só vem lançar-se o Buregreb, e não o Maluya, que tem a sua embocadura no Mediterraneo.

Eis-aqui, segundo me parece, como deve entender-se o passo de Julio Honorio, cuja explicação debalde se emprehenderia sem o auxilio dos Escriptores Arabes, que formão os anneis da cadeia dos conhecimentos geographicos entre a antiguidade, e os tempos modernos.

Da lição dos Authores Arabes, até agora mui desprezada para este fim, pode tirar grandissimas ventagens o estudo da Geographia.

---

[t] V. a p. 51 desta Memoria.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

NOTA —C—, p. 43, nota (172).

Sobre a significação de صنم sanamon.

Mr. Jaubert traduzio por *tertre*, cabeço, monticulo, elevação, a palavra صنم, *sanamon*, de que Edrisi se servio para indicar aquillo sobre que assentavão as figuras de bronze (*a*); e trasladando outro passo do mesmo Edrisi, em que se encontra esta palavra, verteo-a por *pedestal* (*b*), dizendo, em nota = «Posto que a palavra صنم, *sanamon*, signifique geralmente hum idolo, parece que no dialecto d'Edrisi se empregava tambem para exprimir a idea d'huma base, d'hum pedestal. Esta ultima accepção resulta evidentemente do passo que pomos diante dos olhos do leitor, e justifica sufficientemente, segundo nos parece, o modo por que julgámos dever traduzir a palavra صنم, *sanamon*, na primeira parte da presente versão (1.° clima, 1.ª secção), e a respeito do qual recebemos de Mr. de Macedo, Secretario perpetuo da Academia das Sciencias de Lisboa, judiciosas e benevolas observações» = (*c*).

Não sendo orientalista não poderia nem sequer lembrar-me de fazer reparos sobre a traducção de Mr. Jaubert. A palavra صنم, *sanamon*, vertida conforme a significação que trazem todos os Diccionarios, não me pareceo que offerecesse, no primeiro passo d'Edrisi, hum sentido rasoa-

[*a*] T. 1., p. 10.
[*b*] T. 2., p. 46.
[*c*] *Bien que le mot* صنم *signifie généralement* une idole, *il paraît que dans le dialecte de l'Edrisi on l'employait aussi pour exprimer l'idée d'une* base, *d'un* piedestal. *Cette dernière acception résulte évidemment du passage que nous mettons sous les yeux du lecteur, et justifie suffisamment, ce nous semble, la manière dont nous avons cru devoir traduire le mot* صنم, sanamon, *dans la première partie de la présente version (1. climat, 1. section), et au sujet de la quelle nous avons reçu de Mr. de Macedo, secrétaire perpétuel de l'Académie des Sciences de Lisbonne, de judicieuses et bienveillantes observations.* T. 2., p. 46, nota (1).

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

vel; e vendo-a traduzida por *tertre*, pedi a Mr. Jaubert, em carta de 5 de Agosto de 1837, que ma explicasse. A minha carta foi motivada pelo desejo de querer aprender, e não pela indiscreta presumpção de querer achar defeitos. Mr. Jaubert, não só teve a bondade de responder-me mui polidamente, mas justifica neste passo a sua traducção, com referencia ás minhas reflexões, e por isso julguei necessario que o publico soubesse de que natureza erão.

O estudo dos Geographos Gregos e Romanos fez-me depois conhecer que os Geographos Arabes, empregando a palavra صنم, *sanamon*, não fizerão, a meu ver, mais do que transportar para a sua lingoa a palavra ἄγαλμα dos Authores Gregos que consultárão, e que, no tempo em que compozerão as suas obras, tinha a significação de estatua; sendo esta expressão não só propria d'Edrisi, mas usada por outros Escriptores Arabes que tratárão da mesma materia [*d*].

A significação de *pedestal d'huma estatua*, dada a صنم no passo a p. 46 do T. 2., não me parece que represente fielmente o que Edrisi quiz dizer.

O passo Arabe produzido por Mr. Jaubert he este =

وفي وسطها بناء مربع كالصنم اسفله واسع واعلاه ضيق وبه حفيران من جانبيه متصلان من اسفله الي اعلاه وبازايه من الناحيت [الناحية] الواحدة في الارض حوض كبير ياتي اليه الماء من نحو ميل علي ظهر قناطر كثيرة معقودة من الحجر الصلد فيصب ماؤها في ذلك الحوض ويحكي اهل المعرفة من اهل المنكب ان ذلك انما [الماء] كان يصعد الي اعلا المنار وينزل الي الناحية الاخري ويجري هناك الي رحي صغيرة ●

e a sua traducção he a seguinte =

« No meio desta cidade ha hum edificio quadrado, co-
» mo o pedestal d'huma estatua, largo na sua base, estreito
» em cima. Tem duas aberturas parallelas dos dois lados, que
» se prolongão de baixo para cima. Para a parte do angulo
» formado por hum destes lados está huma grande bacia ca-
» vada na terra, e destinada para receber as agoas conduzi-
» das, de perto de huma milha de distancia, por hum aque-

[*d*] V. a p. 81 desta Memoria, e a nota 314.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

»ducto composto de numerosas arcadas, construidas de pe-
»dras muito duras.

» Os homens instruidos de el-Mankeb dizem que a agoa
»subia, n'outro tempo, ao alto do obelisco, المنار, e descia
»depois para o lado opposto, onde estava hum pequeno
»moinho etc.» = [e].

Mr. Jaubert observa, com muito acerto, que esta descripção corresponde perfeitamente ao que se sabe dos *sutèrazis* [f]; porêm, por isso mesmo, me parece que não pode dar-se a صنم, *sanamon*, a significação de *pedestal d'huma estatua*.

Parece-me que a traducção litteral do passo arabe seria =

« No meio desta cidade (Mankeb) ha huma construcção
»quadrada, semelhante a hum obelisco, larga na base, e es-
»treita em cima. Tem esta construcção em dois dos seus la-
»dos hum cano que sobe desd'a sua base até ao ponto mais
»alto, e defronte de hum dos lados está no chão hum gran-
»de lago, para onde vem a agoa, na distancia de quasi hu-
»ma milha, por cima de huma grande arcada, construida de
»pedras muito rijas, travadas entre si; e a agoa se vem lan-
»çar naquelle lago.

» As pessoas instruidas de Mankeb dizem que a agoa se
»elevava até ao alto daquelle obelisco, e que depois, cahin-
»do para o lado opposto, corria para hum pequeno moinho.

A palavra بنا, *benaon*, significa toda a especie de construcção. Tomou-se neste sentido, porque pareceo ser mais proprio do que edificio, que tem huma accepção mais restricta. Substituio-se *obelisco* a *pedestal d'huma estatua*, significação que Mr. Jaubert dá a صنم, *sanamon*; porque os *su-tèrazis* são realmente, pela maior parte, humas pyrami-

---

[e] *Au milieu de cette ville est un édifice carré comme le piedestal d'une statue, large à sa base, étroit à son sommet. Il y existe deux ouvertures parallèles des deux côtés, et se prolongeant de bas en haut. Vers l'angle formé par un de ces côtés est un grand bassin creusé dans le sol et destiné à recevoir les eaux amenées d'environ 1 mille de distance par un aqueduc composé d'arcades nombreuses construites en pierres très dures.*

Les hommes instruits du pays de el-Mankeb disent que l'eau s'elançait autrefois au sommet de l'obélisque المنار *et descendait ensuite du côté opposé où était un petit moulin.* T. 2., p. 46.

[f] *Cette description correspond parfaitement avec ce qu'on sait des* sou-tèrazi. *Voyez là-dessus l'ouvrage de Mr. le général Andréossy, que nous avons cité* p. 25. Ibid.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

des ou obeliscos truncados [*g*]; porque a palavra صنم, *sanamon*, he mais abaixo explicada pela palavra المنار, *almenar*, que tem aqui a mesma accepção que صنم, *sanamon*, e que Mr. Jaubert traduz por obelisco; e porque a comparação d'hum edificio quadrado com o pedestal d'huma estatua não parece poder sustentar-se, e muito menos quando a descripção que se segue não corresponde a pedestal, mas sim a obelisco ou pyramide.

Os *su-tèrazis* são, pela maior parte, huma especie de obeliscos ou pyramides truncadas, construidas d'alvenaria, com dous canos em duas faces oppostas huma á outra, hum em cada huma. Mettem-se nestes canos tubos de chumbo, por hum dos quaes sobe a agoa que, por canaes subterraneos, vem conduzida de alturas mais ou menos visinhas, porêm sobranceiras aos *su-tèrazis*; e chegando ao alto do obelisco vasa-se n'hum pequeno tanque descoberto, que se despeja pelo outro tubo opposto, que fica n'hum plano hum pouco mais baixo. Por este tubo vai entrar a agoa n'outro canal subterraneo que successivamente a leva para outros *su-tèrazis*, até ao ultimo, em que se recolhe n'hum deposito donde se distribue para os usos a que he destinada [*h*].

As palavras منار *menar*, e منارة, *menara* significão propriamente lugar de luz [*i*]; e منارة *menara*, significa, alem disto farol, não só a luz que se accende, mas tambem a construcção material onde se põe a mesma luz [*k*]; e daqui vem منارات *minaret*, torres altas e estreitas donde se chamão os Mohametanos para a oração, e em que tambem se põe, em certo tempo, huma luz para dar signal. A fórma elevada e esguia dos faroes منارة, *menara*, mais largos na base, e mais estreitos em cima, fez com que Edrisi assemelhasse a elles os *su-tèrazis*, que tem, pouco mais ou menos, a mesma figura, e como a dos *su-tèrazis* he ordinariamente a de hum obelisco ou pyramide truncada, traduzio muito bem Mr. Jaubert منار *menar*, ou منارة *menara*, por obelisco; porêm como Edrisi explica por meio de منار *menar*, ou منارة, *menara*, a palavra صنم *sanamon*, parece que deveria dar-se

---

[*g*] *Voyage à l'embouchûre de la Mer-Noire, ou Essai sur le Bosphore*, par le Comte Andréossy. A Paris 1818, p. 183, 189 e 190.

[*h*] Idem, p. 183. V. tambem as fórmas dos *su-tèrazis* na Estampa IV.

[*i*] Golio, col. 2481 — *Locus lucis* —, item *Signum*, etc.

[*k*] Idem, ibid.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

صنم *sanamon* a mesma significação de obelisco, e não a de *pedestal d'huma estatua.*

Do que fica expendido parece resultar que صنم *(sanaman)* tinha duas accepções *idolo*, *imagem*, e *obelisco*, *pyramide*. A segunda accepção chega-se mais a *columna*, significação primitiva do vocabulo grego στήλη, que foi depois substituida por *estatua*, e conforma-se, até certo ponto, com a interpretação dada por Cañes a صنم *(sanamon)*. = « Estatua, » figura de vulto, ou corporea, lavrada á imitação do natu- » ral, *Statua, ae, solidae molis effigies.* Os mahometanos não » usão de estatuas, e assim a qualquer figura de vulto que » vem lhe dão o nome de idolo صنم, *sanamon* [*l*]. » =

Sujeito estas reflexões ao juizo de Mr. Jaubert, que lhes dará o valor que merecerem.

Al-makkarí, referindo o que Ibn al-Wardi conta das Ilhas Khalídat (as Afortunadas), diz que em cada huma dellas « há huma torre de cem covados d'altura, no cimo da » qual está hum idolo de cobre » = [*m*]; porêm a palavra de que se serve Ibn al-Wardi para designar o objecto sobre que assentavão os idolos de cobre, he صنم *(sanamon)* [*n*].

Como não posso consultar o original de Al-makkarí, não sei que palavra substituio ao صنم *(sanamon)* de Ibn al-Wardi, e que Gayangos traduzio por torre; mas dizendo Gayangos = « a palavra صنم *(sanam)*, que tenho geralmente tra- » duzido por idolo, he propriamente fallando, huma estatua; » porêm entre os Mohammedanos, que aborrecem as figuras » humanas, esta palavra he synonymo de idolo = » [*o*], parece que no passo de Al-makkarí, acima citado, não estaria صنم, mas outra palavra; porque, se estivesse *sanam*, te-lahia Gayangos traduzido por estatua ou idolo, segundo a sua doutrina. Sendo isto assim, de tal palavra poderia usar Al-

---

[*l*] *Estatua, figura de bulto, ó corporea, labrada á imitacion del natural* Statua, ae, solidae molis effigies. *Los mahometanos no usan de estatuas, y así á qualquiera figura de bulto que ven, le dan el nombre de idolo* صنم. Cañes, *Diccionario Español, Latino, Arabico.*

[*m*] Nesta Memoria p. 73.

[*n*] Ibid. p. 82, nota 314.

[*o*] *The word* sánam, *wich I have generally translated by idol, is, properly speaking, a statue, but among Mohammedans, who are averse to human figures, the word is synonymous with idol.* Gayangos, *Traducção d'Al-makkarí.* T. 1., p. 381, nota 2.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

makkarí que confirmasse a significação de obelisco dada a صنم (*sanamon*).

Deste, e d'outros exemplos, se conclue quanto conviria que as traducções dos Authores Orientaes fossem acompanhadas dos originaes respectivos.

NOTA — D —, p. 49, nota (186).

Sobre o numero das columnas de Hercules

Diz M. Gail:

„Que só devem contar-se duas columnas de Hercules: „Que, segundo Strabo, tendo os Phenicios feito tres expe„dições, alongárão nellas cada vez mais o limite occidental „do mundo, e poserão as columnas de Hercules primeiro em „Calpe e Abyla; depois hum pouco mais adiante, no Cabo „chamado hoje *Trafalgar*, como bem observou Mr. Gosselin „(na traducção Franceza de Strabo, T. 1., p. 499, nota 3); „e em terceiro lugar na Ilha de Gades, hoje *Cadiz*; e daqui „nasceo a confusão dos lugares, e o maior numero de colum„nas [*a*]." Esta mesma era a opinião de Vossio, que Mr. Gail trancreve [*b*]; e a Mr. Gail seguio Klausen, repetindo as suas palavras [*c*].

Não posso avaliar os fundamentos da asserção de Mr. Gosselin, por não ter facilidade de consultar as suas notas a Strabo. Copiarei porêm o passo deste Author, a que elle e Mr. Gail se reportão, porque não só concorre para ajuizar

---

[*a*] *Non licet plures quam duas Columnas numerare. At quum, teste Strabone, tres susceptae Phaenicum expeditiones metam orbis terrarum occidentalem magis ac magis removerint, et Columnas Herculis posuerint, primum in Calpe et Abyla, secundum paulo ulterius ad promontorium nunc dictum* Trafalgar, *ut recte vidit cl. Gosselinus (ad Lib. III. Strab. p. 253,* Trad. franc. p. 499, nota 3), *tertium ad insulam Gades, nunc* Cadix; *inde orta confusio locorum, et* multiplex fuit Columnarum numerus. Geographi Graeci Minores, T. 1., p. 328, nota 4.

[*b*] Idem, ibid.

[*c*] Na edição de Periplo de Scylax, publicada com os fragmentos de Hecateo de Mileto, p. 276.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

do motivo, que se dá para serem unicamente dues as columnas de Hercules, mas tambem para elucidar o que escrevi a p. 78 desta Memoria.

Quanto á fundação de Gades conta-se o seguinte: «Re» ferem os Gaditanos que hum oraculo ordenou aos Tyrios » que estabelecessem huma colonia nas columnas de Hercu» les. Os que forão mandados explorar o local para a colonia, » tendo chegado ao estreito junto a Calpe, e julgando que o » fim da terra habitada e da expedição de Hercules erão os » promontorios que formão o estreito (e que a estes chama» va o oraculo columnas) aportárão dentro do estreito, n'hum » lugar onde hoje está a cidade dos Axitanos, fizerão ali sacri» ficios, e não dando as victimas auspicios favoraveis, voltárão » para traz. Passado algum tempo, mandou-se fazer outra » exploração: aquelles a quem se incumbio sahindo do estrei» to, e chegando a huma Ilha distante delle mil e quinhentos » estadios, consagrada a Hercules, situada defronte de Ono» ba cidade da Hespanha, julgando que erão ali as columnas » sacrificárão ao Deos, e sendo pela segunda vez desfavora» veis os agouros das victimas regressárão para casa. Os que » vierão na terceira expedição, fundárão Gades, e edificá» rão o templo na parte oriental da Ilha, e na occidental a » cidade.

» Por isto pensão huns que as columnas são os promon» torios que formão o estreito; outros que são Gades; e ou» tros que estão postas mais longe, além de Gades. Alguns » tem para si que as columnas são o Calpe e o Abyla, mon» te da Libya fronteiro, e que Eratosthenes põem nos Me» tagonios, povo Numidico. Outros dizem que são humas pe» quenas Ilhas contiguas, a huma das quaes chamão Ilha de » Juno. Artemidoro falla da Ilha de Juno e do seu templo: » porêm diz que são diversas de Abyla, que não he monte, » nem está no paiz dos Metagonios. E alguns transportão pa» ra aqui as Planctas, e as Symplegadas, pensando que são » as columnas a que Pindaro chama portas Gadiridas, dizen» do que forão ellas a ultima parte onde chegou Hercules. » Dicaearcho, Eratosthenes, Polybio, e muitos dos Gregos » declarão, que as columnas estão no estreito; mas os Hes» panhoes e os Africanos dizem que estão em Gades; por» que no Estreito nada ha que se assemelhe a columnas. Ou» tros dizem que as columnas são as de bronze, de oito co» vados, que estão no templo de Hercules, em Gades, em

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» que se incutpirão as despezas feitas na construcção do
» templo; porque tendo vindo aqui, terminada a sua na-
» vegação, fizerão sacrificios a Hercules, e deitarão fa-
» ma de que era ali o fim da terra e do mar. Possidonio
» entende ser esta a opinião mais provavel, e que o oraculo
» e a multiplicidade de expedições maritimas são mentiras
» Punicas. E quanto a estas expedições não ha rasões acre-
» ditaveis para o affirmar, nem por huma, nem por outra
» parte (isto he, nem para o affirmar, nem para o negar).
» Não deixão de ter senso os que dizem que estas ilhas e
» montes não tem semelhança de columnas; mas que se pro-
» curão columnas reaes nos limites da terra habitada, e das
» empresas militares de Hercules; porque os antigos costu-
» mavão pôr limites desta natureza, assim como os de Rhe-
» gio poserão hum columnello, huma especie de torrinha, no
» estreito; e a torre chamada de Peloro fica defronte deste
» columnello; e as chamadas aras dos Philenos, no meio da
» terra entre as Syrtes; e no isthmo de Corintho ha lembran-
» ça d' huma columna, posta antigamente de commum acor-
» do pelos Jonios, que expulsos do Peloponeso, occupárão
» a Attica e a Megarida, e pelos que se assenhoreárão do
» Peloponeso. Na parte que olhava para a Megarida tinha
» a inscripção = Aqui não he o Peloponeso, mas a Jonia =;
» e na outra parte = Aqui he o Peloponeso, e não a Jonia. =
» Alexandre, na sua expedição á India, poz aras como limi-
» tes no ultimo ponto a que chegou, entre os Indios Orien-
» taes, imitando Hercules e Baccho; porque este era o cos-
» tume. Mas he provavel que os lugares (em que se punhão
» as columnas etc.) tomassem estas mesmas denominações
» (de columnas etc.), e muito principalmente depois do tem-
» po ter destruido os limites postos. Não existem agora as
» aras dos Philenos, mas o lugar conserva o nome; nem se
» diz que se vejão na India as columnas de Hercules, ou de
» Baccho; porêm os Macedonios, mostrando-se-lhes certos
» sitios, assentárão que erão columnas aquelles em que en-
» contrárão vestigios de memorias de Hercules, ou de Baccho.
» Nem he cousa inacreditavel que os primeiros que chegás-
» sem aos mais affastados e notaveis lugares construissem nel-
» les, como para designar limites, aras, torres, ou colum-
» nas (e são muito notaveis os estreitos, os montes que lhes
» estão sobranceiros, e as Ilhas, para indicar as extremida-
» des, e os principios dos lugares); e não subsistindo já os

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» monumentos construidos, ficárão os lugares conservando es-
» tes nomes, quer sejão pequenas ilhas, quer promontorios
» que formão o estreito. Mas he difficil determinar a qual
» destas duas coisas (ilhas e promontorios) convem applicar
» o nome (de columnas); porque ambas ellas se assemelhão
» a columnas. Digo que se assemelhão, porque se collocão
» em lugares taes que denotão claramente extremidades; e
» por isso este estreito, e outros, se chamão boccas; porque
» a bocca he principio para os que entrão por elle, e fim pa-
» ra os que sahem. E as pequenas ilhas na bocca (do estrei-
» to), sendo faceis de circunscrever, e notaveis, não sem mo-
» tivo podem comparar-se a columnas; assim como igualmen-
» te os montes sobranceiros ao estreito aparentão, em algu-
» mas das suas eminencias, columnellos ou columnas. E por
» isso Pindaro chama, com justa causa, portas Gadiridas as
» columnas, se se julga estarem na bocca (do estreito); por-
» que as boccas são semelhantes ás portas; porêm Gades não
» está situada em lugar que denote extremidade, mas no
» meio d'huma especie de grande ensenada maritima. Deri-
» var o nome de columnas das que estão no templo d'Hercu-
» les parece-me menos conforme com a razão; porque este
» nome, posto ao principio, não pelos mercadores, mas pe-
» los Capitães (das expedições maritimas), alcançaria prova-
» velmente fama, bem como as columnas Indicas. E de mais
» a inscripção de que se falla, não indicando a dedicação do
» templo, mas a importancia da despeza, oppoem-se áquel-
» le dictame; porque as columnas de Hercules devem ser os
» monumentos de suas grandes façanhas, e não dos gastos
» feitos pelos Phenicios [*d*]. »

Strabo relata o parecer dos Gaditanos ácerca da origem de Gades, parecer que não se atreve a seguir, nem a rejeitar; e que Possidonio tinha por fabuloso. O que se conclue deste passo he:

Que os Tyrios, mandados pelo oraculo fundar huma colonia nas columnas de Hercules, assentárão que esta expressão significava = a extremidade da terra habitada =; e pensando que Calpe era a extremidade da terra habitada, quizerão estabelecer ali a colonia.

E que desenganados, pelos agouros das victimas, de não ser aquelle o lugar que buscavão, forão mais adiante,

[*d*] L. 3.°, p. 258 a 260. Vid. o N.° XXXII do Appendix.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

n'huma segunda expedição, e tendo identico resultado, só na terceira achárão o que pretendião, isto he o fim do mundo habitado, onde fundárão Cadiz.

Mas o que se colhe do mesmo passo he que o nome de columnas de Hercules já era conhecido pelos Tyrios antes da ordem do oraculo: o que ignoravão he onde ellas estavão; e por tanto andárão as procurando.

A opinião de serem mais de huma as columnas de Hercules, tanto da parte da Europa, como da Africa, he muito antiga, e de muitos escriptores, antes e depois de Strabo.

Scylax falla bem claramente em columnas de Hercules, na Europa e na Africa, situando-as, não em diversas posições, mas n'huma só; e por consequencia entendia que erão mais de duas [e].

Possidonio, que esteve muito tempo em Cadiz [f], figura mais de huma columna de Hercules da parte da Europa, como se vê no passo de Strabo acima transcripto.

Dionysio Periegeta, a Cosmographia attribuida a Ethico, e Prisciano [g]; Hesychio [h]; e Palaephato, citado por Vossio [i], mencionão tambem mais de duas columnas.

Parece-me ocioso pesquizar mais authoridades sobre este assumpto, e inquirir os motivos porque alguns julgárão serem mais de huma as columnas de Hercules, tanto na Europa como na Africa.

---

[e] Ἀρξομαι δὲ ἀπὸ Ἡρακλείων στηλῶν τῶν ἐν τῇ Εὐρώπῃ, μέχρι Ἡρακλείων στηλῶν τῶν ἐν τῇ Λιβύῃ, — *Começarei das columnas de Hercules que estão na Europa, até ás columnas de Hercules que estão na Libya* — Edição de Klausen, p. 163.

Ἀπὸ Ἡρακλείων στηλῶν τῶν ἐν τῇ Εὐρώπῃ ἐμπόρια πολλὰ Καρχηδονίων, — *Além das columnas de Hercules que estão na Europa ha muitos emporios dos Carthaginezes etc.* — Idem, ibid., p. 164.

Παράπλους ἁπάσης τῆς Εὐρωπης ἀπό Ἡρακλείων στηλῶν τῶν ἐν τῇ Εὐρώπῃ etc. — *O periplo de toda a Europa desde as columnas de Hercules que estão na Europa etc.* — Idem, ibid., p. 209 *in fine*.

ἀπὸ τῆς Σύρτιδος τῆς παρ' Ἑσπερίδας μέχρι Ἡρακλείων στηλῶν ἐν Λιβύῃ, — *Desde as Syrtes que estão junto ás Hesperides, até ás columnas de Hercules que estão na Libya* — Idem, ibid., p. 245.

[f] *Possidonii Rhodii Reliquiae Doctrinae. Collegit* Janus Bake. Lugduni — Batavorum 1810. p. 12, e 125.

[g] V. a nota 187 desta Memoria.

[h] V. a nota 302 desta Memoria.

[i] Na edição de Scylax *Amstelodami* 1639, p. 1. das Notas. O passo de Vossio foi copiado por Mr. Gail, como já se disse na nota [a].

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

NOTA E, p. 63, nota (236).

Sobre as guerras com os Mouros d'Africa no Reinado de D. Affonso IV.

Das guerras de D. Affonso IV. com os Mouros d'Africa ha noticias desde 1327.

Em 1327 soccorreo D. Affonso IV. a D. Affonso XI. de Castella com huma armada contra os Mouros Granadinos e Marroquinos. Este facto não se acha mencionado por nenhum escriptor Portuguez, nem Hespanhol (que eu saiba); porêm refere-o D. Affonso XI. de Castella na resposta que deo, em 20 d'Agosto de 1337, ás queixas que contra elle formou D. Affonso IV. em 16 de Julho do mesmo anno, e que apresentou a D. Affonso XI. o procurador dos Alcaydes de diversas fortalezas de Portugal, que as tinhão em refens para se cumprirem as posturas ajustadas entre os dous Reis. A resposta d'elRei de Castella he a seguinte:

"Quanto ao que diz das ajudas que lhe deo (D. Affonso IV.); por mar e por terra, verdade foi que lhe mandou "galés por mar no anno em que el Rey ganhou a Villa de "Olvera, e outros tres castellos de Mouros; e estando o seu "Almirante e elles esperando a frota del Rey d'Alem mar "que havia de vir peleijar com elles, o seu Almirante e os "que vinhão com elles nas suas galés, desamparárão-nos e "não quizerão esperar, e logo no outro dia o Almirante del "Rey de Castella com a sua frota que tinha, peleijou com "a frota del Rey d'Alem-mar, e louvado Deos, venceo-os, "sem a sua ajuda (a)."

(a) *A lo que dis de las aiudas qae el* (D. Affonso IV.) *fizo por mar e por terra verdat fue que el enbio galeas por mar el anno que ElRey gano la villa de Olvera e otros tres castiellos de moros Et estando el su almirante e ellos esperando la flota del Rey de alem mar que avya de venyr a pelear com ellos el su Almirante e los que venian com ellos sus galeas fueron se dende e non los quisierom atender Et luego otro dya el almirante del Rey de Castiella e com la su flota*

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

He alheio do meu intento discutir se as galés de Portugal abandonárão, ou não as de Castella e (se o fizerão) que motivo terião para isso; podendo talvez haver nesta resposta a falta d'exacção que se nota noutras em que D. Affonso XI. pertende desculpar-se de alguns cargos que contra elle deo elRei de Portugal, e por isso tratarei tão somente do que diz respeito ao meu assumpto.

ElRei D. Affonso XI. diz que a frota, combatida pelo seu Almirante, era de Mouros Africanos; porêm os Historiadores Hespanhoes dizem que era de Mouros Granadinos e Marroquinos (*b*).

O anno em que D. Affonso IV. deo este soccorro de galés foi o da tomada d'Olvera, e de outros tres castellos de Mouros. Na época destes successos varião os Escriptores Hespanhoes. Garibay e Mariana assignão-lhes o anno de 1328 (*c*); mas o Chronicon de D. João Manoel, Ferreras, e os Historiadores Arabes [*d*], pôem-nos em 1327, que he a sua verdadeira data; porque, segundo Ferreras, em Maio de 1327 passou elRei D. Affonso XI. de Castella da Estremadura para Andaluzia, vindo a Sevilha, onde se lhe apresentou Alonso Jofre Tenorio, seu Almirante, depois de ter ganhado a batalha contra as esquadras combinadas de Granada e Marrocos. De Sevilha partio D. Affonso XI. para o cerco d'Olvera, qne durou muito tempo; e rendida esta villa, foi sitiar Pruna que tomou; indo depois sobre Ayamonte e Alaquien se lhe entregárão; e estando adiantado o Outono voltou para Sevilha. [*e*] Cascales traz documentos assignados

---

que tenya peleo com los moros de la flota d'ElRey de allen mar e loado a dios venciolos sim su ayuda. = Instrumento tirado em Coimbra, em 11 de Junho de 1338, no qual vem insertos os Capitulos das queixas que D. Affonso IV. tinha contra D. Affonso XI. de Castella, e as respostas de D. Affonso XI. V. o Doc. N. 1.

[*b*] Garibay, *Compendio Historial de las Chronicas d'España*, ed. de Barcelona 1628, T. 2., p. 260, col. 1. Mariana, *Historia d'España*, ed. de Valencia, T. 5., p. 340. Ferreras, *Historia d'España*, P. 7., fl. 140 etc.

[*c*] l. c. na nota precedente.

[*d*] *Eadem era* (1327) *cepit Rex à Pruna, et Olvera, et turrim del* Alaquim, *et Aymont, in Junio antecedenti.* Flores España Sagrada T. 2., p. 215. Este Chronicon de D. Juan Manuel vem citado na nota (1), a pag. 340 do T. 5. da Historia de Mariana da ed. de Valencia. Ferreras, *Historia d'España* P. 7., p. 140. Conde, *Historia de la Dominacion de los Arabes en España*, T. 3., p. 120. põe a tomada de Olvera, Pruna, e Ayamonte em 1327. Mr. Marlès, Traductor de Conde, transtorna a ordem dos factos, attribuindo-os a 1329. T. 2., p. 182.

[*e*] l. c. p. 140 a 142, citando a Chronica de D. Affonso XI., Zuñiga etc.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

por D. Affonso XI. em Sevilha, aos 21 de Maio de 1327, e na Torre de Alhaquin, em 26 de Julho do mesmo anno, que mostrão a successão destes acontecimentos, e ter-se realizado a conquista da Torre e das outras praças em 1327 [*f*].

Que os Reis de Portugal e Castella estavão, desde 1327, ligados para a guerra contra os Mouros, prova-se pelo Breve do Papa João XXII., dado em Avinhão no principio do anno de 1329, em que mandou ao Arcebispo de Braga e a outros Prelados que separassem, por algum tempo, elRei D. Affonso XI. de Castella da Rainha D. Maria sua mulher, por se terem casado sendo parentes em gráo prohibido, sem licença da Santa Sé, confirmando o matrimonio, por não ter sido feito em desprezo da authoridade ecclesiastica, mas para conseguir a paz publica, *e confirmar a liga contra os Saracenos* [*g*].

O casamento de D. Affonso XI. de Castella com a Infanta D. Maria, filha de D. Affonso IV., foi ajustado em 1327, e celebrou-se em 1328 [*h*]; e por consequencia a liga

---

[*f*] *Discursos Historicos de la mui noble e mui leal Ciudad de Murcia.* Murcia 1621, fl. 78 e 78 v. A torre de que se faz menção he chamada pelos Escriptores Hespanhoes *Alhaquin*, *Alfaquin*, e *Alaquien*; porêm he a mesma palavra escripta com a aspiração arabe, convertida a aspiração em *f* [como em outros muitos vocabulos], e sem aspiração.

[*g*] *Contraxerat vetitas nuptias cum Maria Regis Alfonsi Lusitaniae filia Castellae Rex: cumque veniam supplex posceret à Pontifice, atque initum matrimonium confirmaret deprecaretur, Joannes explicandam in eum misericordiam censuit, cum ille non in ecclesiasticae auctoritatis contemptum, sed ad publicam pacem asserendam*, ac potentiam in Saracenos confirmandam id pertentasset; *tum ut ex longiore in copula differenda mora pericula anteverteret, legemque de conjugiis ad sui gratiam ab Apostolica sede solvendam speraret. Ad expiandum verò crimen Pontifex Brachdrensi archiepiscopo ac Burgensi et Aegitaniensi ac Palaestino episcopis munus imposuit, ut conjuges constituto tempore thoro abstinere juberent* etc. Raynaldo, na continuação dos Annaes Ecclesiasticos de Baronio, anno de 1329, N. 92. O Breve aos Prelados he datado de Avinhão *XVI Kal..... anno XIII*; porêm a falta do mez pode supprir-se pela data de outro Breve *ad Joannem Ovetensem episcopum*, sobre o mesmo objecto, que he dado em Avinhão *III non. martii anno XIII* [Raynaldo ibi, mas depois do 1.°] o que faz acreditar que o 1.° foi escripto em 14 de Fevereiro, e o 2.° em 5 de Março de 1329.

[*h*] V. os Authores Portuguezes e Hespanhoes, que escrevêrão as historias deste tempo; e o *Quadro elementar das Relações Politicas e Diplomaticas de Portugal com as diversas Potencias do Mundo*, feito pelo nosso sabio Consocio o Snr. Visconde de Santarem, T. 1., p. 145 e seguintes, onde se apontão Documentos authenticos que mostrão quando principiou a tratar-se o casamento de D. Affonso de Castella com a Infanta D. Maria, e todo o processo deste negocio no anno de 1327.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

a que se refere o Papa verificou-se antes de se ajustar o casamento.

1328. Em 9 de Março desto anno escreveo de Toledo elRei de Castella ao Papa João XXII., pedindo-lhe, por seus Embaixadores, as Terças das Igrejas para proseguir na guerra que tinha começado contra os Saracenos, sujeitando-se a quaesquer condições que o Papa quizesse impôr-lhe, pelo tempo por que lhe concedesse as ditas Terças; e os Embaixadores pedirão a Cruzada, as Decimas Ecclesiasticas, e as duas partes das Terças applicadas para o reparo das Igrejas. O Papa exhorta-o em Bulla datada de Avinhão aos 18 de Junho de 1329, a fazer a guerra contra os Saracenos, tanto por mar como por terra; e quando não podesse faze-la pessoalmente, devia continua-la por terra, pelo menos com mil cavalleiros bem armados e equipados, não só defendendo a terra dos Christãos das incursões dos Saracenos do Reino de Granada, mas combatendo e expugnando os mesmos Saracenos, seus castellos, fortalezas, terras, e lugares; *e os outros Saracenos, tanto os visinhos, como quaesquer outros que vierem em seu auxilio;* e debaixo destas e d'outras condições, lhe concedeo a Cruzada, e as Decimas por quatro annos [*i*].

Gastou-se este anno no cerco d'Escalona, Villa de D. João Manoel, nas disposições para os casamentos de D. Affonso XI. de Castella com a Infanta D. Maria de Portugal, e de D. Affonso I. d'Aragão com D. Leonor, Irmã d'elRei D. Affonso XI de Castella; e na ratificação do Tratado celebrado em Agreda aos 9 d'Agosto de 1304 entre elRei D. Diniz de Portugal, D. Jayme de Aragão, D. Fernando de Castella, e o Infante D. João de Castella, que era huma disposição preliminar para a guerra contra os Mouros [*k*]; porque naquelle Tratado se estipulou que fossem amigos de amigos, e inimigos de inimigos [*l*]. Outra prevenção tomou tambem elRei d'Aragão, que foi cuidar em tregoas com os Reis de Tunes e Tremecem [*m*]: e não consta que em 1328

[*i*] Raynaldo l. c. Anno de 1328, N. 75 a 79 = *et alios Saracenos, tam vicinos quam quoscumque alios, dum venerint in auxilium eorumdem* = N. 76.

[*k*] Çurita, *Annales de Aragon*, T. 2., fl. 89 v.

[*l*] *Monarchia Lusitana*, P. 6., p. 51, onde traz copiado o Tratado.

[*m*] Çurita, l. c. fl. 90, col. 2. Com elRei de Tunes era renovação do Tratado de paz e commercio, feito em 1323, por quatro annos. Capmany, *Memorias historicas sobre a Marinha, Commercio etc. de Barcelona.* T. 4. p. 83.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

houvesse guerra com os Mouros nas Hespanhas, ao menos guerra em que entrassem os Reis.

1329. No ultimo de Janeiro deste anno confirmárão novamente em Agreda os Reis de Aragão e Castella, e os Embaixadores de Portugal a concordia que entre elles havia; e em 6 de Fevereiro se ajustou em Taraçona huma confederação entre os Reis de Castella e Aragão para fazerem guerra aos Mouros de Granada.

Ruy de Pina confunde estes dous acontecimentos [*n*] (a que assigna o anno de 1328), dizendo que em Taraçona se firmou a paz entre os tres Reis, e a alliança para a guerra dos Mouros; porêm Çurita traz miuda e exactamente a chronologia de tudo quanto respeita ao casamento da Infanta D. Leonor de Castella com elRei d'Aragão, e ás vistas que, por este motivo, houve entre os Reis daquelles Reynos até se separarem; e por elle consta que a ratificação das pazes entre Portugal, Castella, e Aragão teve lugar em Agreda; que a confederação de Taraçona foi só entre os Reis de Castella e Aragão; e que tudo isto succedeo nas épocas indicadas [*o*]. A Monarchia Lusitana segue, em substancia, Ruy de Pina, differindo unicamente em fallar na entrevista d'Agreda, em que elle não tocou, e em pôr estes factos em 1329 [*p*].

Deo-se neste anno mais calor aos preparativos para a guerra com os Mouros. ElRei d'Aragão concluio as tregoas com elRei de Tremecem; e elRei de Castella fez liga com elRei de Portugal, concordando-se que elle o ajudaria com quinhentos cavalleiros pagos á sua custa [*q*]. Alguns Escriptores Hespanhoes põem esta liga em 1330 [*r*]; porêm parece mais natural que se ajustasse em 1329, na occasião em que D. Affonso de Castella veio entregar á Rainha de Portugal a Infanta D. Branca, que havia de ser mulher do Principe D. Pedro, e isto mesmo se confirma pela resposta que o Papa João XXII. deo, em 5 de Fevereiro de 1330, a el-

---

[*n*] *Chronica de D. Affonso IV.*, fl. 4, col. 2., e 5 v.

[*o*] *Anales de Aragon*, T. 2., de fl. 92 em diante.

[*p*] P. 7., p. 282 e 283.

[*q*] Çurita, l. c., T. 2., fl. 93 v., col. 2. Mariana T. 5., p. 347. Ruy de Pina, *Chronica de D. Affonso IV.*, fl. 6, col. 2. *in fine*. *Monarchia Lusitana* P. 7., p. 283 *in fine*.

[*r*] Garibay, T. 2., p. 262, col. 2. *in fine*. Ferreras, *Historia d'España*, P. 7., p. 161.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Rei de Castella tendo-lhe este pedido, junto com elRei de Portugal, as Decimas ecclesiasticas, e a terça parte do rendimento de todos os Beneficios ecclesiasticos por cinco annos para a guerra contra os Agarenos, para que estavão ligados. Achou o Papa exhorbitantes e insolitas semelhantes pertenções, e não deferio a ellas [*s*]. Sendo a resposta do Papa em 5 de Fevereiro de 1330, dada a huma carta escripta pelos Reis anteriormente, em que se referem á liga entre elles feita, he claro que esta liga se contractou em 1329.

1330. Neste anno entrou em campanha elRei de Castella contra os Mouros de Granada, ajudado dos quinhentos cavalleiros que lhe mandou D. Affonso IV., commandados pelo Mestre de Christo, foi cercar Teba Hardales que, depois de longo sitio se lhe rendeo em Agosto [*t*]; porêm a guerra não era só contra elRei de Granada; porque elRei d'Aragão mandou dez galés bem armadas para o estreito, a fim de impedir que os Mouros d'Africa passassem em soccorro dos Granadinos [*u*]; consequentemente não havia paz nem tregoa com os Mouros d'Africa da banda do Estreito, porque se a houvesse, não se tomarião precauções por parte de Castella e Aragão, para elles não virem auxiliar os de Granada.

Tomadas as outras praças, fez elRei de Castella tregoa por hum anno com o de Granada, por si e por elRei d'Aragão [*v*]. Nenhum Escriptor Portuguez, nem Hespanhol (que eu saiba) faz menção de que D. Affonso IV. entrasse nas tregoas, e visto estar elle ligado com elRei de Castella para a guerra contra os Mouros, como fica dito, do mesmo modo que o estava elRei d'Aragão, era bem natural que o mencionassem, assim como o fizerão a respeito delRei d'Aragão, se elRei de Castella, quando lhas concedeo por este Rei, lhas tivesse tambem concedido por elRei de Portugal; e por isso pode ajuizar-se que não teve interrupção a guerra de

---

[*s*] Raynaldo, l. c. Anno 1330, N. 44 e 45. Raynaldo copía no N. 44 a carta dos Reis de Castella e Portugal (não sei se por integra); porêm omittio a data.

[*t*] Garibay, T. 2., p. 263, col. 1. Çurita, T. 2., fl. 96, col. 2. Mariana T. 5., p. 347.

[*u*] Mariana, T. 5., p. 348, nota (1). Ferreras, P. 7., p. 163.

[*v*] Garibay, T. 2., p. 263, col. 1. Mariana T. 5., p. 348. Çurita, *Anales de Aragon*, T. 2., fl. 96, col. 2. Nos extractos que fez Conde dos Escriptores Arabes (T. 3., p. 125) não se faz menção desta tregoa: e o seu traductor, Mr. Marlès, duvida della (T 3., p. 195, nota [1]), e tem para si que a guerra continuou, e que só depois de 1333 houve huma tregoa de muitos annos.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Portugal com os Mouros d'aquem e d'alem mar. Alem disto as tregoas forão só com os Mouros de Granada, e não com os d'Africa.

Em 1331 quebrárão os Granadinos as tregoas, e renovárão-nas, por mais hum anno, em 1332 [x]. Neste intervallo, e provavelmente em 1332 Abul-Hassan II., Rei de Marrocos, a quem os Escriptores Portuguezes e Hespanhoes chamão Albohacem ou Aliboacem [y], mandou commetter a D. Affonso IV. = «que fizesse pazes com elle separadamen» te, para nenhum fazer damno ao outro, nem aos de suas »terras, dando-lhe para isso Abul-Hassan grandes sommas, »e promettendo ajuda-lo com certo numero de galés e ca» valleiros contra todos os do mundo que D. Affonso IV. qui» zesse. » = Mas elRei D. Affonso IV., conhecendo que esta alliança se dirigia contra elRei de Castella, com quem tinha amizade, não aceitou a proposta d'elRei de Fez, e participou-a a ElRei de Castella.

---

[x] Çurita, T. 2., fl. 99; col. *in fine*. Garibay, T. 2., p. 266, col. 2. Ferreras, P. 7., p. 168 e 172.

[y] Sobre Abul-Hassan v. Conde *Historia de la dominacion de los Arabes en España*, T. 3., p. 123, e seguintes; e a *Memoria sobre as dinastias mohammetanas que têm reinado na Mauritania*, do nosso Consocio o Snr. Fr. José de Santo Antonio Moura, impressa no Tom. IX. das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, p. 91. Mr. Marlès, traductor de Conde, affirma que Abul-Hassan não foi Rei de Marrocos, como se tem dito, mas Rei de Fez, e que ha huma grande confusão de successos nesta parte da Historia d'Hespanha = *Os Escriptores que della se tem occupado* (continúa Mr. Marlès) *tiverão algumas datas positivas, fixadas pelas chronicas, ou por monumentos, e enchêrão os intervallos que as separavão com successos que souberão por tradição, ou por outro qualquer modo, assignando-lhes épocas conformes ao seu systema, e muitas vezes pouco ajustadas á ordem dos tempos.* T. 3., p. 187, nota (1).

Pelo que respeita a Abul-Hassan engana-se Mr. Marlès, porque foi Rei de Marrocos, como se prova pela Memoria acima citada, e pelas = *Chartes inédites en dialecte Catalan ou en Arabe, contenant des Traités de Paix et de Commerce conclus dans les années 1270, 1278, 1312 et 1339, entre les Rois Chrétiens de Majorque et les Rois Maures de Tunes et Alger, et de Maroc*, no T. 2. dos *Documents inédits sur l'Histoire de France, publiés par ordre du Gouvernement. Mélanges*, no fim da noticia de Mr. Reinaud sobre a dynastia de Abu-Hafs de Tunes, e na nota (1) á traducção que o mesmo sabio fez do Tratado de 1339, celebrado com Abul-Hassan.

E quanto aos erros que Mr. Marlès nota na chronologia dos Escriptores Hespanhoes, a dos Arabes he ás vezes tão embrulhada, e tão faltos são d'escrupulo neste ponto, que bem pequena confiança se pode ter nelles. Examinando attentamente a historia desta época, ficar-se-ha convencido de que os A.A. Arabes he que errárão na chronologia, e em muitos factos, e não os Hespanhoes.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Deste facto não ha memoria nos Escriptores Portuguezes, nem Hespanhoes, mas consta pelo Documento já citado [*z*]. Ora como a passagem das tropas Africanas para a Hespanha foi nos fins de 1332, ou no principio de 1333, porque o cerco de Gibraltar começou em Fevereiro de 1333 [*aa*], he manifesto que a paz que Abul-Hassan queria ajustar com D. Affonso IV., e que era hum meio para fazer mais a seu salvo a guerra na Hespanha, e hum preparativo para ella, devia tratar-se antes de romperem as hostilidades, e por isso no anno de 1332. Conclue-se deste facto que antes de 1332 não havia tregoas, nem paz entre os Reis de Portugal e de Fez, o que mais se confirma pela resposta dada por elRei de Castella ao de Portugal, que he a seguinte: = « Quanto aos ajustes que lhe mandou commetter elRei de Fez, bem sabia elRei de Portugal que era obrigado a não os fazer, nem com outro Rei de Mouros contra Christãos, não só como christão, *mas porque elRey de Fez tinha guerra com elRey de Castella*; *e elle e elRey de Portugal erão amigos por contractos, e por grandes parentescos etc.* = » [*bb*] Daqui prova-se tambem que em 1332 continuava a guerra entre elRei de Castella e elRei de Fez; e que, em consequencia dos Tratados, entrava nella elRei de Portugal, o

---

[*z*] *Et otrosy enbiando el Rey de allen mar al Rey de Portugal sus mensegeyros de los mas onrados que en la su terra avya e de que el mays fiava com sus cartas e com su cierto recaudo porque lo enbiava rogar e afincar que quisiese con el pleyto e amor apartadamiente pera ser el cierto que non recebiesse del nin de los de la su terra daño e por esto le faria semeiable pleyto e seguramiento pera la su terra demas que el daria grand algo de su aver e que lo ayudaria com ciertas galeas e com ciertos cavallos contra todos los del mundo contra quelos el quisiese Et ElRey de Portogal veyendo la entenciom que lo a esto movya e temiendo que si a ElRey de Portogal oviesse afastado de su daño que lo entendya a passar com ElRey de Castiella como a el conpria, Pero teniendo ElRey de Portogal que avya en ElRey de Castiella Amigo verdadero pera sienpre dio pasada a esta pleitesia e non la quiso enbiando dezir al Rey de Castiella esto que el ElRey de Alen mar enbiava mover e por qual guissa assy como el sabe.* Instrumento citado na nota (*a*).

[*aa*] Garibay, T. 2., p. 267, col. 1. Mariana T. 6., p. 9 *in fine*, e nota (4); e p. 10. Çurita T. 2., fl. 104 v. col. 1. *in fine*.

[*bb*] *A lo que diz del pleito delRey de allen mar que el embio cometer bien sabe ElRey de Portogal que tenudo era el de non fazer pleito con el Rey de alen mar nin com otro Rey de moros que contra christianos fuesse e que lo avya aguardar lo uno como christiano lo otro porque ElRey de allem mar avya guerra com ElRey de castiella Et El e ElRey de Portogal eram Amigos por posturas e por grandes deudos que ham como todo el mundo sabe* etc. Instrumento citado na nota (*a*).

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

que igualmente se deprehende da clausula = *lo enbiava rogar e afincar que quisiese con el pleyto e amor apartadamiente.* = Diz mais elRei de Castella que nunca tinha querido fazer nenhuma concordia com elRei de Fez [*cc*]; e por tanto segue-se, pelos motivos já expendidos, que não podia have-la com elRei de Portugal, e consequentemente subsistio sempre a guerra entre Portugal, e os Mouros d'Alem mar, desde 1327 até 1332.

Em 1333 mandou elRei D. Affonso IV. soccorro de galés a elRei de Castella, para sustentar Gibraltar, que os Mouros tinhão cercado. Este facto he referido por elRei de Castella na resposta aos artigos d'accusação formados contra elle por D. Affonso IV., explicando-se por esta maneira: = «Outro sim quando os Mouros cercarão Gibraltar, enviou »elRei de Castella rogar a elRei de Portugal que mandasse »ali as suas galés em auxilio da sua frota, porque o inverno »era grande, e não podia soccorrer-se por terra, em conse»quencia da disposição da terra, e elRei de Portugal man»dou as suas galés, que estiverão ali com a sua frota mui »pouco tempo, e vierão-se embora, e ficou lá a sua frota (a »delRei de Castella). E quando elRey foi lá para o soccor»rer (Gibraltar), achou que se tinhão ausentado (os Portugue»zes), dias havia; porêm cavalleiros bons de Portugal que »hião com elles, tendo vergonha disto, e por fazer serviço, »e conhecendo as obrigações que tinhão com elRei de Cas»tella, forão a Sevilha, e entrárão lá com elle.» = [*dd*].

O documento de que transcrevi este passo he tão importante, e tem tal authoridade, que não posso dispensar-me de fazer sobre elle alguma observação, posto que pareça estranha ao meu assumpto. Diz elRei de Castella, querendo menoscabar o soccorro de D. Affonso IV. quando os Mouros cercárão Gibraltar, que as galés de Portugal estive-

---

[*cc*] *mas nunca la* (abenencia) *com el quiso aver*, ibid.

[*dd*] *Otrossy quando los moros cercaron a gibraltar enbio ElRey de Castiella rogar al Rey de Portogal que enbiasse hy sus galeas en ayuda de la su flota porque era el inverno fuerte e non se podia accorrer por terra que la terra es tal Et ElRey de Portugal enbio galeas e estadieron hy com la su flota muy poco tiempo e venieronse e finco la su flota alla Et quando ElRey de Castiella fue alla pera le acorrer fallo que eran tornados dias avie Pero cavalleros buenos de Portogal que yvan con ellos aviendo verguenza desto e por fazer aguisado e conoscendo la naturaleza q̃ avyan com ElRey de Castiella fueron en sevilla et entraron com el alla.* Instrumento citado.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

rão ali muito pouco tempo; porêm o contrario se prova pelo mesmo documento; porque nelle se relata: que se pedio o soccorro das galés por ser inverno, e não poder soccorrer-se Gibraltar por terra; que D. Affonso IV. as mandou; e que, quando elRei de Castella foi acudir a Gibraltar, já lá não encontrou as galés de Portugal que tinhão partido, havia dias.

O cerco de Gibraltar principiou em Fevereiro, como já fica provado; e neste tempo, que era o inverno, mandou D. Affonso IV. as suas galés a Gibraltar, como confessa o Rei de Castella; mas este Rei, tendo chegado a Sevilha a 8 de Junho [*ee*], partio dali para o soccorro de Gibraltar, e sabendo em Xerez que o Governador daquella praça a tinha entregado aos Mouros, depois d'hum cerco que durou quasi cinco mezes [*ff*], continuou o seu caminho até Gibraltar que sitiou [*gg*]; logo, ausentando-se de Gibraltar as galés de Portugal, dias antes de chegar ali elRei de Castella, he claro que estiverão em auxilio da frota delRei de Castella quasi todo o tempo que durou o cerco, ou até mui pouco antes d'elle acabar. E se D. Affonso XI. só deo pela falta da armada de Portugal quando chegou a Gibraltar, he porque ella tinha largado aquellas paragens, havia pouco; aliás, se ella tivesse desamparado o cerco muito antes, não podia ignora-lo elRei de Castella. O que D. Affonso XI. accrescenta, a respeito dos Portuguezes que forão a Sevilha, he mais huma prova da efficacia e extensão dos auxilios que lhe prestou D. Affonso IV., ajudando-o por mar e por terra; porêm he inadmissivel o modo por que o conta, dando a entender que parte dos cavalleiros Portuguezes que hião nas galés as abandonárão, e forão ter com elle a Sevilha, para o acompanhar na jornada a Gibraltar. Isto he absurdo. A gente da guarnição das galés não podia abandona-las sem crime, e havia de voltar para Portugal com o Almirante Portuguez, quando elle viesse. Erão outros os cavalleiros Portuguezes que forão a Sevilha, e para o demonstrar produzirei o testemunho de Ferreras, que não julgo ser suspeito. Diz elle que para ajudar elRei de Castella = « veio D. João de la » Cerda, filho de D. Afonso, com alguma gente de Portu-

[*ee*] Garibay, T. 2., p. 267, col. 2. Ferreras, P. 7., p. 184.

[*ff*] Garibay, ibid. Ruy de Pina, *Chronica de D. Affonso IV.*, fl. 9 v., col. 2., diz que havia já cinco mezes que Gibraltar era cercado, quando se entregou.

[*gg*] Garibay, l. c. Çurita, T. 2., fl. 105. Mariana, T. 6., p. 10 e 11.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

„gal, onde vivia„ = [*hh*]; e a isto allude a expressão = *e conoscendo la naturaleza que auyan com ElRey de Castiella* = [*ii*], que todavia só pode applicar-se a D. João de La Cerda, e não aos Portuguezes.

Ruy de Pina diz que as galés de Portugal, tendo gastado todo o seu provimento e soldo, pelo tempo que lhes foi ordenado, e não se lhes tendo dado outra provisão, se tornárão para Portugal, durando ainda o cerco de Gibraltar [*kk*]; e isto não se oppõe, mas até concorda com o que refere D. Affonso de Castella.

A Monarchia Lusitana põe o soccorro para o cerco de Gibraltar em 1332; e diz que a armada hia paga, á custa de Portugal, por seis mezes = *que foi o tempo que o Castelhano limitou ao auxilio etc.* [*ll*]; porêm como não aponta documento ou razões em que se funde; nem pode sustentar-se a sua asserção, pelo que toca ao tempo por que forão municiadas as galés, nem pode a sua authoridade prevalecer contra a de todos os Historiadores Hespanhoes, e contra a de Ruy de Pina, quanto á época do cerco de Gibraltar, que aliás se comprova pelo testemunho d'hum escriptor coevo, que he o Author do *Chronicon Conimbricense;* e por elle mesmo consta que o soccorro de D. Affonso IV. foi mui custoso, e por isso mais para estimar, pela grande carestia de todos os generos do Reino, em consequencia do que morria muita gente de fome [*mm*].

Fim de 1333 a 1336. Compete a quem se propozer a escrever este periodo da nossa Historia, e principalmente da d'Hespanha, apurar as tregoas que houve entre os Reis de Castella e Aragão, e os Reis Mouros, d'aquem e d'alem mar, desde que elRei D. Affonso XI. de Castella levantou o cerco de Gibraltar em 1333 até ao fim do anno de 1336, analysando e discutindo as diversas opiniões dos Escriptores

---

[*hh*] *Vino tambien D. Juan de la Cerda, hijo de D. Alonso, con alguna gente de Portugal, donde vivia. Llegó ElRey a Sevilla à 8 de Junio etc.* P. 7., p. 184.

[*ii*] V. a nota [*dd*].

[*kk*] *Chronica de D. Affonso IV.*, fl. 9, col. 2.

[*ll*] P. 7., p. 317.

[*mm*] Anno de 1333. No T. 23 da *España Sagrada* de Flores, p. 343. V. o N. XXXIII. do Appendix. Servi-me do texto de Flores, porque o julguei preferivel ao que vem no T. 1.° das Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, p. 375 e seguintes.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

que se occupárão deste objecto, tanto Portuguezes e Hespanhoes, como dos Arabes extractados por Conde; e soltando algumas difficuldades que naturalmente hade achar para os combinar.

O que parece ser certo he:

Que Abul-Hassan meditando a conquista de Tremecem, fez aprestos para ella desde 1335, e que estes aprestos, cujo fim se ignorava, tendo chegado á noticia de Benedicto XII., o induzirão a suspeitar que se dirigissem contra a Hespanha, e assim o communicou a elRei de Castella [*nn*]:

Que ateando-se, no mesmo anno, a guerra entre Castella e Navarra [*oo*], durou pouco, porque, por intervenção do Arcebispo de Reims, se ajustou a paz entre as duas coroas [*pp*] ao que annuio elRei de Castella, pelo receio d'huma invasão, que os movimentos dos Mouros d'Africa lhe fazião temer [*qq*]:

Que Abul-Hassan, desejando afastar qualquer estorvo que podesse obstar á sua empresa, quiz segurar-se pelo lado da Hespanha, mandando em 1335 renovar as tregoas com elRei de Castella [*rr*], entrando nellas elRei de Granada, e estendendo-se até ao anno de 1342 [*ss*]:

E que em 1336 se confirmárão as tregoas entre os Reis d'Aragão e Granada [*tt*], que devião igualmente acabar em 1342 [*uu*].

Como quer que seja, não ha memoria de que elRei D. Affonso IV. entrasse em nenhuma destas tregoas, nem que os Granadinos ou os Africanos as procurassem ter com elle, a pezar de estar ligado com os Reis de Castella e Aragão para a guerra contra os Mouros, e a pezar de lhe ter concedido subsidios para ella o Papa João XXII., que pedindo-lhe Philippe de França as Decimas Ecclesiasticas de toda a Christandade para a guerra d'Ultramar, lhe respondeo, em Breve datado d'Avinhão aos 28 de Fevereiro de 1333, que = em quanto ás Decimas de Castella, Aragão, e Portugal, como

[*nn*] Raynaldo, l. c. Anno de 1336, N.° 52.
[*oo*] Garibay, T. 2., p. 270, col. 1. Çurita, T. 2., fl. 111 v. Mariana T. 6., p. 18 e seguintes.
[*pp*] Garibay, l. c. Mariana T 6., p. 19.
[*qq*] Raynaldo, l. c. na nota [*nn*].
[*rr*] Garibay, T. 2., p. 270, col. 1. Mariana, T. 6., p. 19, *in fine*. Ferreras. P. 7.; p. 208.
[*ss*] V. adiante o anno de 1339.
[*tt*] T. 2., fl. 117, col. 2. *in fine*.
[*uu*] V. adiante o anno de 1339.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

os Saracenos, d'aquem e d'alem mar, tinhão invadido estes Reinos, lhas tinhão pedido para esta guerra os Reis respectivos [*vv*].

Tambem não consta que desde 1334 até 1337 se intentassem, por parte de Portugal, hostilidades contra os Mouros d'aquem ou d'alem mar, ou se tratasse de disposições para ellas. O negocio do casamento do Principe D. Pedro com a Infanta D. Constança, e depois a guerra com Castella que durou até ao anno de 1337, occupárão de tal modo D. Affonso IV., que pouco lugar lhe ficava para outros cuidados.

ElRei de Marrocos, tranquillo pelo lado de Castella, com quem contractara novas tregoas, levou ávante em 1336 os seus projectos contra Tremecem de que se assenhoreou.

Em 1337 [*xx*], no mez de Abril, e embriagado com o feliz exito deste feito, voltou as suas vistas para a Hespanha, de que talvez presumio seria facil apoderar-se pelas discordias intestinas que nella então fervião. Não se occultárão os seus designios ao Papa Benedicto XII., que pretendendo conciliar os Reis de Portugal e Castella, certificava a este Principe que Abul-Hassan se preparava para accommetter a Hespanha [*yy*].

1338. Sendo já publicas as intenções delRei de Marrocos, e desejando elRei d'Aragão pôr-se em estado de repellir o perigo que o ameaçava:

Mandou em Abril deste anno, propôr a elRei de Castella que se alliassem contra os Mouros d'alem mar, aparelhando para isso as suas esquadras, que tambem devia apromptar elRei de Portugal [*zz*]; e elRei de Castella res-

---

[*vv*] *Excellentiam regiam credimus non latere, quomodo Saraceni transmarini et cismarini regnum Castellae atrociter invaserunt, et quomodo se dicuntur disponere ipsum conflatis viribus cum Saracenorum innumerosa multitudine invadere et vastare: propter quae filius noster in Christo charissimus Alphonsus Rex Castellae illustris misit ad curiam pro decimali et aliis subsidiis obtinendis, et idem faciunt charissimi in Christo filii nostri Alphonsus Rex Aragonum, et Alphonsus Portugaliae Reges illustres, qui jamdiu miserunt ad curiam pro similibus subsidiis obtinendis etc. Datum II kal. Martii anno XVII.* Raynaldo, *l. c. Anno* 1338, *N.°* 20.

[*xx*] Mr. Reinaud na nota (1) á traducção do Tratado celebrado em 1339 entre elRei de Majorca e Abul-Hassan, citada na nota (*y*).

[*yy*] Raynaldo, l. c. Anno de 1337, N. 25.

[*zz*] Çurita, T. 2., fl. 133.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

pondeo-lhe que devião primeiro concertar-se as differenças entre elRei d'Aragão e sua Madrasta a Rainha D. Leonor (Irmã delRei de Castella), e os Infantes seus Filhos [*aaa*]:

Mandou, em Agosto, sollicitar elRei de Portugal para se ligarem contra elRei de Marrocos, confirmando as confederações feitas, no tempo de D. Jayme II., entre os Reis de Aragão, Castella, e Portugal, e que com as mesmas condições se concordassem os Reis d'Aragão e Portugal; e que antes de se publicar que estavão alliados, se convidasse elRei de Castella, para entrar nesta confederação, e se elle não quizesse acceita-la ficassem os Reis de Portugal e Aragão em amizade, no que elRei de Portugal conveio [*bbb*]:

E recorreo ao Papa, pelo mesmo tempo, impetrando subsidios para a guerra que lhe estava imminente, e pedindo-lhe que procedesse contra os Genovezes, por darem auxilio ao Rei de Marrocos [*ccc*]; tão notorias erão já na Hespanha as intenções dos Mouros d'Africa, e as diligencias que fazião para as pôr em obra.

Ajustou-se finalmente neste anno, por mediação do Papa Benedicto XII., huma tregoa entre Portugal e Castella; e como hum dos principaes fins da tregoa era, em quanto ella durasse, tratar de paz definitiva; por isso o Papa exhortou ambos os Monarchas a effeituarem-na, por Breves dados em Avinhão aos 4 d'Outubro de 1338 [*ddd*], e a voltarem as suas armas contra os Agarenos. Houve para isso huma conferencia em 23 d'Outubro, e não convindo os Embaixadores de D. Affonso IV. nas condições propostas por Castella [*eee*], retirárão-se para Portugal, onde em 9 de Novembro se assignou em Coimbra o Tratado de Paz com Aragão para = « se amarem e ajudarem como verda-» deiros amigos, tanto no serviço de Deos, e no exalça-» mento de nossa santa fé contra os inimigos da christan-» dade, quando tivessem lugar para o fazer, assim como já » o tinhão feito, e o fizerão os seus antepassados, como con-» tra o Rei de Castella, que havia tempos obrava em con-

---

[*aaa*] Idem, l. c. Mariana, T. 6., p. 29.
[*bbb*] Çurita, T. 2., fl. 136.
[*ccc*] Idem, T. 2., fl. 130 v. col. 1. a fl. 131.
[*ddd*] Raynaldo, l. c. Anno de 1338, N. 52.
[*eee*] *Quadro Elementar das Relações Politicas e Diplomaticas de Portugal* do Snr. Visconde de Santarem, T. 1., p. 181, citando a p. 182, nota (259), o Doc. do Archivo, Gaveta 15, Maço 24, N. 4.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

»trario disto. E que não se entenderia contra esta confe-»deração a tregoa feita com elRei de Castella, até ao Na-»tal proximo seguinte, que elRei de Portugal era obriga-»do a guardar [*fff*].»=

Pertence aos Historiadores de Portugal e Castella determinar exactamente quando principiou a tregoa entre os dous Reinos, conciliando as opiniões discordes que ha a este respeito. Que devia acabar pelo Natal de 1338 consta, não só pelo Tratado com Aragão, mas igualmente pela participação que della fez ao Papa o seu Legado [*ggg*].

A guerra que havia entre Portugal e Castella fez provavelmente esperar a Abul-Hassan que teria em D. Affonso IV. hum auxiliador contra elRei de Castella, e por isso renovou, neste mesmo anno, a tentativa que em 1332 tinha feito para tratar separadamente paz com elRei de Portugal, dando-lhe agora presentes, e fazendo-lhe promessas, para alcançar que não ajudasse elRei de Castella, ao que D. Affonso IV. não assentio, antes soccorreo a D. Affonso de Castella.

Deste facto não ha vestigio em nenhum Escriptor Portuguez, nem Hespanhol (que eu saiba); porêm consta do Breve escripto por Benedicto XII. a D. Affonso IV., em 30 d'Abril de 1341. E que esta tentativa foi diversa da de 1332 prova-se pela circunstancia dos presentes, que na outra não se mencionão; porque a outra tentativa era para fazer huma paz separada, e esta tinha por fim não ajudar elRei de Castella; e ainda mais por dizer o Papa positivamente que elRei D. Affonso IV., não só regeitou as proposições de Abul-Hassan, mas até expoz a sua pessoa e bens e os seus vassallos, conjunctamente com elRei de Castella, e que triunfárão dos Agarenos, matando e captivando muitos, como era notorio; o que só pode applicar-se á batalha do Salado [*hhh*].

[*fff*] Archivo da Torre do Tombo, Gav. 18, M. 8, N. 19. V. no fim desta Memoria o Doc. N. 2. Ruy de Pina, *Chronica de D. Affonso IV.*, fl. 44, col. 2., lembra-se desta paz, que põe na mesma data.

[*ggg*] Raynaldo, l. c. Anno de 1338, N. 50.

[*hhh*] *Quodque, licet ille profanus et blasfemus Rex Agarenorum de Benemarin, inter Reges blasphemos Saracenorum potentissimus, territus ex praemissis, cum* pridem *ad persecutionem et exterminationem ortodoxorum fidelium citra mare ad partes Hispaniarum cum catervis bellatorum infidelium innumerabilibus transfertavit, tibi per suos nuntios et litteras diversa munera, promissiones, subsidia,*

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Persuado-me de que esta tentativa não foi depois de 1338; porque teve lugar *pridem* antes da passagem das tropas Africanas para a Hespanha, como diz o Papa [*iii*]; e já nos ultimos mezes deste anno tinha chegado á Andaluzia hum General de Abul-Hassan com hum corpo de cavallaria [*kkk*], o que tambem se confirma pelo aviso dado por elRei D. Pedro d'Aragão á Cidade de Valencia, em Janeiro de 1339, de terem já passado Mouros para Hespanha [*lll*]. A tentativa de Abul-Hassan prova que não houve até 1338 paz entre elle e D. Affonso IV. Veremos que tambem não houve tregoas.

1339. Em Abril deste anno se ligárão os Reis de Castella e Aragão contra os Mouros, e concordárão em:

Que visto elRei de Castella ter tregoas com elRei de Marrocos até ao mez de Março da era de 1380 (1342 de J. C.), em que se incluia elRei de Granada, lhe ficasse liberdade para guarda-las, durante aquelle termo; e que, da mesma sorte, podesse elRei d'Aragão guardar, por outros tres annos, a tregoa que tinha com elRei de Granada, que acabava no ultimo de Abril etc. [*mmm*].

As condições das pazes entre os Reis de Portugal e Aragão, e entre os Reis de Castella e Aragão, certificão-nos evidentemente que não havia tregoa entre elRei D. Affon-

---

et securitatis obsides obtulisset, si charissimum in Christo filium nostrum Alfonsum Regem Castellae ac Legionis Illustrem tuum nepotem non juvares; *tamen tu praemissa omnino respuens, et more dictorum progenitorum suorum ipsorum sequendo vestigia, sanctae matris ecclesiae ac totius populi christiani, et ejusdem fidei cupiens injuriam tantam refellere, ac velut christianissimus princeps et fidei ejusdem athleta strenuus obviare vastitati christianae fidei*, tunc ex dicti blasfemi et nefandi Regis potentia in illis partibus imminenti, *ad reprimendum hostium saevitiam praedictorum* una cum dicto rege Castelle exposuisti patenter personam et bona tua pariter et subjectos; ita, quod tu et dictus Rex Castelle, *vobis Dei auxilio, cujus agebatur negotium suffragante*, de dictis hostibus, sicut est toti mundo notorium, viriliter et feliciter triumphastis, infinitis ex dictis hostibus, *qui ad exitium Christianorum furentis et iniqui propositi armaverant voluntatem*, in ipso triumpho in ore gladii interemptis, et multis ex eis captis ac reductis in perpetuam servitutem. Archivo R. da Torre do Tombo, M. 5 de Bullas, N. 2. Raynaldo, l. c. Anno de 1341, N. 4 e seguintes, traz esta Bulla, em parte copiada, com algumas differenças; e em parte extractada.

[*iii*] Bulla citada.

[*kkk*] Çurita, T. 2., fl. 130.

[*lll*] Mariana, T. 6., p. 30, nota (2).

[*mmm*] Çurita, T. 2., fl. 137. Garibay, T. 2., p. 274, diz que a confederação foi feita em Marjaliza; porêm não traz as condições della.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

so IV. e os Mouros, tanto Granadinos como Africanos; porque se a houvesse, havia ter-se resalvado no Tratado entre Portugal e Aragão, assim como se resalvou a que D. Affonso IV. tinha com Castella, e assim como se resalvárão no Tratado entre Castella e Aragão as tregoas que tinhão com os Mouros os Monarchas daquelles dous Reinos. Fica por tanto demonstrado que, desde 1327 até ao fim de 1338, nunca houve em nossos Reinos paz nem tregoa com os Mouros.

Redobrava infructuosamente Benedicto XII. as suas instancias para as Corôas de Portugal e Castella concluirem huma paz definitiva, até que elRei D. Affonso IV. se comprometteo no Juizo do Papa, o que igualmente conseguirão d'elRei de Castella o Legado do Papa, e o Embaixador de França, devendo para esse fim mandar ambos os Reis os seus Embaixadores a Roma, e prorogando-se a tregoa, em quanto não se ultimava a paz. [*nnn*].

Desta segunda tregoa faz menção Ferreras; porque referindo o sitio de Valencia d'Alcantara (onde elRei de Castella foi cercar o Mestre d'Alcantara D. Gonçalo Martins), que os Escriptores Hespanhoes põem em 1339 [*ooo*], diz que D. Gonçalo offereceo os Castellos d'Alcantara, Santivañes, Piedra Buena, e Valencia a elRei de Portugal, que não quiz aceita-los pela tregoa que tinha com Castella [*ppp*]. As tregoas ajustadas em 1338 terminavão pelo Natal, logo as tregoas a que Ferreras se refere são as que se ajustárão no anno seguinte de 1339.

Já antes d'Agosto deste anno os Reis de Portugal e Castella se preparavão para a guerra contra os Mouros [*qqq*]. Ruy de Pina assevera, que elles mandarão os seus Embaixadores a Roma tratar de pazes [*rrr*]; o Papa Benedicto XII. agradeceo a elRei de Castella, em Breve de 9 d'Agosto de 1339, a intenção de mandar lá os seus Embaixadores para ali se concluirem, ao que tambem se prestava elRei de

---

[*nnn*] Ruy de Pina *Chronica de D. Affonso IV.*, fl. 44 v.
[*ooo*] Garibay, T. 2., p. 274, col. 2., e 275, col. 1., Mariana T. 6., p. 84.
[*ppp*] Ferreras T. 7., p. 266.
[*qqq*] Raynaldo, l. c. Anno de 1339, N. 72.
[*rrr*] *Chronica de D. Affonso IV.*, fl. 44 v.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Portugal [*sss*]; porêm não ha em Raynaldo nenhuma noticia de que elles fossem effectivamente a Roma.

Tinha rompido em 1339 a guerra dos Mouros de Granada e Africa contra os Reis de Castella e Aragão [*ttt*], e por isso instigado elRei de Castella pelo perigo que o punha em aperto, cuidou em fazer a paz com Portugal, que se assignou em Sevilha no 1.° de Julho de 1340, concordando-se:

Que não se fizesse tregoa nem paz com elRei de Marrocos, sem consentimento d'ambos:

Que a Infanta D. Constança podesse vir livremente para Portugal etc. [*uuu*].

Em consequencia da paz assignou D. Affonso IV. a Carta d'Arras da Infanta D. Constança em 7 de Julho de 1340, dizendo na mesma carta que as ficaria administrando como usufructuario, em quanto a Infanta não viesse ou mandasse tomar posse dellas [*vvv*]; e a Infanta chegou a Lisboa em 24 d'Agosto de 1340 [*xxx*].

Os Escriptores Hespanhoes assignão ao Tratado de paz entre Portugal e Castella o anno de 1340 [*yyy*]; e isso mesme se colhe do Breve de Benedicto XII., datado de Avinhão aos 27 de Dezembro de 1340, em que, dando os parabens aos Reis de Portugal e Castella pela victoria do Salado [*zzz*], diz a elRei de Castella que soube com muito prazer da paz

---

[*sss*] Raynaldo, l. c. Anno de 1339, N. 72.

[*ttt*] Garibay, T. 2., de p. 274 em diante. Çurita, T. 2., fl. 140. Mariana T. 6., de p. 30 *in fine* em diante.

[*uuu*] Ruy de Pina, *Chronica de D. Affonso IV.*, fl. 45, col. 2. Ferreras, P. 7., p. 268, diz que a paz se celebrou em 10 de Julho; porêm he engano, procedido naturalmente de ter lido 10 em lugar de 1.°

[*vvv*] *E de mays conhosco e Affirmo que a posse e teẽça que ora ey das ditas Cidade e Villas e cousas sobreditas* (o que constituia as arras) *que as ey e tenho em nome da dita Dona Costaça e per ella come huso fructuairo ataa que ella per si ou per outrem filhe ou made filhar a posse corporal das ditas Cidade Villas termhos e cousas sobreditas.* Archivo Real da Torre do Tombo, L. 4. das Doações de D. Affonso IV., fl. 46 v. A Historia Genealogica da Casa Real Portugueza traz este Documento no T. 1. das Provas, N. 34, p. 285; porêm enganou-se na citação do L. da Chancellaria, e a copia não está bem exacta.

[*xxx*] Ruy de Pina, *Chronica de D. Affonso IV.*, fl. 46, col. 1., diz simplesmente que foi em Agosto; mas Ferreras P. 7., p. 269, diz que foi em dia de S. Bartholomeo, citando a Chronica de D. Affonso XI.

[*yyy*] Çurita, T. 2., fl. 142, col. 2., e fl. 142 v. col. 1. Mariana, T. 6., p. 36 e 37. Ferreras, P. 7., p. 268 e 269, citando a Chronica de D. Affonso XI., e Ruy de Pina.

[*zzz*] Raynaldo, l. c. Anno de 1340, N. 52 e 53.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

feita entre elle e elRei de Portugal [*aaaa*], o que mostra que a paz se tinha feito neste anno; porque no caso de ter-se realizado no anno antecedente, telo-hia sabido o Papa muito tempo antes.

A Monarchia Lusitana traz estas pazes em 1339, apregoadas entre os mezes de Junho e Julho [*bbbb*], e diz que segue nisto Garibay e não Ruy de Pina, porque repartido o tempo pela ordem dos successos, lhe ensina a razão que siga Garibay; porêm a ordem dos successos prova o contrario do que diz a Monarchia. Se as pazes se tivessem apregoado entre os mezes de Junho e Julho de 1339 (noticia que não se encontra em nenhum escriptor) não teria o Papa escripto aos Reis de Castella e Portugal em 9 d'Agosto desse mesmo anno, agradecendo-lhes quererem trata-las em Roma, nem D. Affonso IV. teria assignado a Carta d'Arras da Infanta D. Constança em 7 de Julho de 1340, estando ainda a Infanta em Hespanha; porque sendo a vinda da Infanta para Portugal hum dos principaes obstaculos á Paz, feita ella, e sendo huma das condições com que se ajustou poder vir a Infanta para Portugal, quando e por onde quizesse, não havia de ficar em Hespanha ainda mais hum anno; nem havião de estabelecer-se-lhe as Arras depois de casada, se ella tivesse casado em Agosto de 1339, como diz a Monarchia [*cccc*]. He bem sabido que os contractos d'Arras se fazem sempre antes dos casamentos, e não hum anno depois de estarem casados os conjuges. A authoridade de Garibay parece-me que he *contra-producentem;* porque Garibay traz as pazes entre Portugal e Castella em 1340 [*dddd*], ao menos na edição de que me sirvo, e não vale a pena examinar se em outra edição diz outra cousa.

Acenheiro, summariando as Chronicas antigas de Portugal, que teve á vista, diz que elRei de Castella não queria deixar trazer para Portugal a Infanta D. Constança, e nisto se passárão muitos debates até o Papa pôr mão nisso para o determinar = « e por esta causa e tambem por virem os » Mouros comtra Castella, comveo ao dito Rey de Castella » fazer da nececidade vertude, e quiz paz. E foi que na era

---

[*aaaa*] Idem, ibid. N. 52.
[*bbbb*] P. 7., p. 427 e 428.
[*cccc*] P. 7., p. 431 e 435.
[*dddd*] T. 2., p. 275, col. 2. da edição de Barcelona 1628.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

»de 1378, trimta dias de Maio, foi emtrege pera Portugal »e foi dada a dita D. Costamsa Manoel; e Portuguezes e de »Castella muitos a trouxerom a Portugal á Cidade de Lis»boa o Agosto segimte, onde lhe fizerom gramdes festas »etc. [*eeee*] »=

Acenheiro confunde visivelmente a data em que se ajustou que podesse vir a Infanta para Portugal, com a data em que se mandárão os Embaixadores a Castella.

Depois de feita a paz soccorreo D. Affonso IV. a elRei de Castella com huma armada de Náos e Galés; que este lhe mandou pedir [*ffff*].

Neste mesmo anno foi a batalha do Salado, em que se achou pessoalmente D. Affonso IV., em auxilio delRei de Castella.

Em 1341 se congratulou o Papa com elRei D. Affonso IV. pela victoria do Salado, exhortando-o a não deixar a guerra contra os Mouros, antes a continua-la [*gggg*], tendo-lhe já concedido as Decimas Ecclesiasticas, por dous annos, tanto para a guerra com o Rei de Benamarim (o de Marrocos], como contra o de Granada, quer fosse invadindo os ditos Reis as terras de Portugal, quer acommettendo elRei de Portugal as terras delles [*hhhh*].

Em 1342 enviou D. Affonso IV. a elRei D. Affonso XI. hum soccorro de dez galés que, juntas com as de Castella, desbaratárão a esquadra de Abul-Hassan [*iiii*]. Mariana, pouco affecto aos Portuguezes, e sempre disposto a baratear as nossas cousas, não só deixa de fazer menção de terem os Portuguezes entrado no combate contra a esquadra de Abul-

---

]*eeee*] Ineditos da Historia Portugueza, T. 5., p. 99.

[*ffff*] Ruy de Pina, *Chronica de D. Affonso IV.*, fl. 53 e fl. 53 v. col. 2. Garibay, T. 2., p. 275. Çurita, T. 2., fl. 143, col. 1. Mariana, T. 6., p. 37. Ha neste facto alguma discrepancia entre os Escriptores Portuguezes e Hespanhoes, que não trato de apurar; porque está fóra do alcance do meu assumpto.

[*gggg*] Raynaldo, l. c. Anno de 1341, N. 3.

[*hhhh*] Idem, ibid. N. 4 e 5 = *tam contra dictum Regem de Benamarim et quoscumque alios crucis hostes sequaces ipsius, quam contra Regem Granate ceterosque blasfemos obsequentes eisdem, sive ipsos Reges blasfemos contra te et Regna seu terras tua, sive te non solum Regna et terras tua praedicta defendendo sed etiam Regna et terras eorum invadendo, seu impugnando, guerram movere contingerit contra eos.* Ibid. N. 5.

[*iiii*] Ruy de Pina, *Chronica de D. Affonso IV.*, fl. 65 v., col. 2. Garibay T. 2., p. 280, col. 2. Çurita, T. 2., fl. 152 v., col. 2. *in fine*, e fl. 153, col. 1. Ferreras, P. 7., p. 290 a 293.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Hassan, mas até não falla neste soccorro dado por D. Affonso IV. a D. Affonso de Castella, e só diz que os Portuguezes, depois da batalha que se deo no rio Guadamecil, voltárão para Portugal, sem que em maneira nenhuma podessem ser detidos [*kkkk*]; porêm Ferreras, tendo referido miudamente o combate, accrescenta, que estando elRei de Castella em Xerez, foi ali ter com elle Carlos Peçanha (Almirante de Portugal), deixando em Cadiz a sua frota, e elRei o recebeo com muito gosto, louvando seu grande valor, e lhe deo de presente ricas alfaias, e despedindo-o, enviou com elle huma pessoa a elRei de Portugal, para lhe pedir da sua parte, que o tornasse a mandar com a armada em estando reparada [*llll*]. O mesmo, em sustancia, dizem Ruy de Pina, e Garibay [*mmmm*]. A Monarchia Lusitana traz este facto em 1341 [*nnnn*]; porêm tudo o que diz, a respeito dos soccorros dados por estes tempos a elRei de Castella, he pouco exacto.

Em 3 d'Agosto poz elRei de Castella cerco a Algeciras [*oooo*], para o qual lhe enviou outra vez D. Affonso IV. a sua armada, como elRei de Castella lhe tinha pedido [*pppp*]. Garibay diz que as galés de Portugal, estando só tres semanas em Algeciras, voltárão a Portugal, o que pareceo cousa sem proposito [*qqqq*]; e Mariana não falla neste soccorro; porêm Ferreras, citando a Chronica de D. Affonso XI., e os Historiadores de Castella, diz que Carlos Peçanha veio com dez galés, pagas por dous mezes, com o que tendo elRei de Castella bem guardado o mar, e tendo já os

---

[*kkkk*] *Porque los Portuguezes despues de la batalla que se dió en el rio Guadamecil, se volvieron á Portugal sin que en ninguna manera pudiessen ser detenidos*, T. 6., p. 49.

[*llll*] *Estando elRei en Xerez . . . vino Carlos Pesano, dexando en Cadiz su flota: el Rey lo recebió muy gostoso, y alabando su gran valor, le dió de presente unas ricas alhajas, a quien despedió, y con el embió una persona a el Rey de Portugal, para que de su parte le pediesse, le volviesse a imbiar con la armada, en estando reparada*, p. 293, P. 7.

[*mmmm*] Nos lugares apontados na nota [*iiii*].

[*nnnn*] P. 7., p. 495.

[*oooo*] Garibay, T. 2., p. 281, col. 1. Çurita, T. 2., fl. 155, col. 1. Mariana, T. 6., p. 49. Ferreras, P. 7., p. 295. Ruy de Pina, *Chronica de D. Affonso IV.*, fl. 66, col. 2.; e a Monarchia Lusitana, P. 7. fl. 497, que o segue, dizem que o cerco principiou em 25 de Junho; porêm deve estar-se pelos AA. Hespanhoes.

[*pppp*] *Chronica de D. Affonso IV.*, fl. 166, col. 2.

[*qqqq*] l. c. T. 2., p. 281, col. 2.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

ataques junto das muralhas, determinou bate-los com engenhos etc. [*rrrr*]. A Monarchia Lusitana põe este soccorro em Abril de 1342 [*ssss*]; porêm enganou-se; porque se o cerco d'Algeciras começou em 3 d'Agosto, ou (ainda que se quizesse adoptar a opinião de Ruy de Pina e da Monarchia) em 25 de Junho, como havia ser dado o soccorro para este cerco em Abril? A Monarchia confunde os dous soccorros, pondo-os em annos differentes, quando forão no mesmo anno, e daqui vem a equivocação.

Em 1343 foi ao cerco d'Algeciras o Prior da Ordem de S. João de Jerusalem em Portugal D. Alvaro Gonçalves Pereira, com muita nobreza, e vulgo [*tttt*].

Em 1344 tomou elRei de Castella Algeciras, em Março [*uuuu*], e fez tregoas por dez annos com os Mouros, tanto de Granada como d'Africa [*vvvv*], que depois forão confirmadas com os Granadinos por elRei d'Aragão em Junho, e com os Marroquinos em 1345 [*xxxx*]; e estas tregoas ajustarão-se sem o consentimento d'elRei D. Affonso IV., a pesar de ser huma das condições do Tratado, concluido com elRei de Castella em 1340, não se fazer tregoa nem paz com elRei de Marrocos sem approvação d'ambos.

Não querendo D. Affonso IV. nenhuma concordia com Mouros, pedio, para continuar a guerra d'Africa, as Decimas Ecclesiasticas que o Papa Clemente VI. lhe outorgou.

Em 1345, por Breve datado de Avinhão aos 10 de Janeiro [*yyyy*].

Sem constarem as hostilidades, que devião continuar

[*rrrr*] *ElRey de Portugal embió a Carlos Pezano à el Estrecho con diez galeras pagadas por dos meses, con que ElRey D. Alonso teniendo bien guardado el mar, y teniendo ya los ataques cerca de las murallas, determinó batirlas con ingenios* etc., p. 298, P. 7.

[*ssss*] P. 7., p. 295.

[*tttt*] Monarchia Lusitana, P. 7., p. 502.

[*uuuu*] Ruy de Pina, *Chronica de D. Affonso IV.*, fl. 67 v. Garibay, T. 2., p. 285. Çurita, T. 2., fl. 171, col. 1. Mariana, T. 6., p. 55. Ferreras, P. 7., p. 322 e 323, citando a Chronica de D. Affonso XI.

[*vvvv*] Ruy de Pina, Garibay, Mariana, e Ferreras, nos lugares apontados na nota precedente.

[*xxxx*] Çurita, T. 2., fl. 173 v., col. 1., e 184, col. 2.

[*yyyy*] Raynaldo, l. c. Anno de 1344 N. 58. Raynaldo traz equivocadamente este Breve no anno de 1344. O Pontificado de Clemente VI. principiou em Maio de 1342, e por consequencia *IV. Idus Januarii anno III.* corresponde a 10 de Janeiro de 1345, e não a 1344.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

nos annos subsequentes, entre Portugal e os Mouros d'Africa, visto não se ter feito paz nem tregoa com elles, só consta que:

Em 1349 deo elRei D. Affonso IV. auxilio a elRei de Castella, para o sitio que tinha posto a Gibraltar [*zzzz*].

Não cessou nos annos seguintes a guerra com os Mouros, antes ha noticia de que:

Em 1354 huma esquadra de Mouros tomou huma Villa do Algarve. Este facto consta d'hum Breve de Innocencio VI., datado de 27 de Fevereiro de 1355, em que concede a D. Affonso IV. metade das Decimas Ecclesiasticas, por quatro annos, para a guerra com os Mouros [*aaaaa*].

De tudo o que fica expendido parece-me concluir-se que D. Affonso IV. teve constantemente guerra com os Mouros, desde 1327 até 1354, e que se dispunha a faze-la ainda por mais quatro annos, contados do principio de 1355, que vem a ser até ao fim de 1358 (pois que para isso alcançou subsidios do Papa); e que, por consequencia, não podião as Naos Portuguezas ir vender, durante este tempo, a hum paiz inimigo, qual era o Imperio de Marrocos, prezas feitas nas Canarias.

Tratei mui perfunctoriamente dos successos destes vinte sete annos do Reinado d'elRei D. Affonso IV., e só tan-

---

[*zzzz*] Ruy de Pina, *Chronica de D. Affonso IV.*, fl. 70, col. 2. Monarchia Lusitana, P. 7., p. 528.

[*aaaaa*] *Agareni hostes crucis, et catholicae fidei inimici, quaedam castra, quae in finibus regni Castellae detinent occupata se velle munire dolosis machinationibus confingentes, magnum in mare galearum stolum preparārunt; qui subitò terram ipsius regis hostiliter invadentes contra castra ipsius in ibi consistentia diversis impugnationibus insultarunt*, et quandam Villam de ipsius regis dominio, sitam in partibus Algarbii, per violentiam capientes dictam Villam, et ipsius Ecclesias bonis, et ornamentis suis omnibus spoliarunt; ac multis ex hominibus dictae Villae ibidem inventis immaniter trucidatis, residuos quos vivos aprehendere potuerunt, ad terram eorum miserabiliter abduxere captivos, se nihilominus reddituros ad terram dicti Regis cum majori exercitu, ac peiora contra Christianos inibi facturos nequiter comminantes. Archivo R. da Torre do Tombo, Maço 3. de Bullas, N. 2.

A Monarchia Lusitana, P. 7. p. 549, transcreveu, e não mui correctamente, este Breve a que assigna o anno de 1354, e o de 1353 ao acontecimento nelle referido (ibi p. 548 e 549); porém enganou-se; porque sendo a data do Breve = *Tertio chalendas Martii, Pontificatus nostri anno tertio* =, e tendo começado o Pontificado de Innocencio VI. em Dezembro de 1352, o 3. anno do seu Pontificado acabava em Dezembro de 1355; e por isso a data corresponde a 27 de Fevereiro de 1355.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

to quanto era necessario para enfiar a ordem dos acontecimentos em relação ao meu assumpto; com tudo assim mesmo talvez se julgue esta nota extensa em demasia; porêm não pude resistir ao desejo de elucidar, de algum modo, hum periodo da nossa historia pouco sabido, e que tinha tão immediata connexão com o objecto que me propuz tratar. Tirar a limpo qualquer ponto da nossa Historia parece-me que he servir a Patria; porque a Historia de Portugal, bem como a de Hespanha, estão ainda por fazer.

NOTA—F—, p. 101, nota (241).

Sobre ida de Hespanhoes ás Canarias.

Clavijo diz:

Que ha algumas provas de que huma parte do armamento, que D. Luiz de la Cerda dispunha contra as Canarias, se avançou dos portos de Catalunha a observar o paiz:

Que Luiz Benzoni, no seu Tratado das Canarias, incorporado na Historia do Novo Mundo, affirma que duas daquellas embarcações penetrárão até estas Ilhas; e que tendo invadido a de Gomera, tiverão de retirar-se com perda consideravel:

E que o P. Abreu Galindo adverte nos seus Mss. que tambem havia na Gram Canaria tradição e monumentos incontestaveis de que, por este mesmo tempo (1360), tinhão aportado áquella Ilha dous navios com tripulação Malhorquina e Aragoneza que, desembarcando em terra, huns forão mortos, e o resto ficou prisioneiro, entrando neste numero cinco Religiosos de S. Francisco; e que os Canarios tratárão bem os estrangeiros, nos primeiros annos do seu captiveiro, em quanto se mostrárão submissos; mas que tendo mudado de procedimento, os matárão a todos [a].

Como Clavijo não aponta as provas de ter chegado a observar o paiz parte do armamento que D. Luiz de la Cer-

---

[a] *Noticias de la Historia General de las Islas de Canaria*, T. I., p. 274.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

da dispunha para as Canarias, dispensa-me, por isso mesmo, de combater este facto, que me limito a negar.

Quanto a Benzoni, diz este Author = « Lê-se nas Historias d'elRei D. Pedro d'Aragão, IV. deste nome, que no »anno de MCCCXXXIIII. veio ter com elle hum gentil homem Hespanhol, chamado D. Luiz de la Corda, homem »de grande experiencia nas cousas de guerra, o qual, por »lhe terem succedido todas as suas empresas prosperamente, elle mesmo arrogantemente se tinha posto a si o sobrenome de Principe da Fortuna. Este pedio a elRei ajuda e favor para conquistar as Ilhas Canarias, e provido de »dinheiro para armar duas caravellas, com ellas se partio »de Cadiz, e em breve chegou á Gomera, onde, tendo posto em terra cento e vinte homens, forão assaltados pelos »Insulanos, com tanto esforço e ferocidade d'animo, que a »maior parte delles ficou morta; dos outros parte se salvou »nas caravellas nadando, e parte se acolheo a ellas a salvo »nas barcas; e juntamente com o capitão, que reconheceo »ter perdido o principado da fortuna, voltárão para Hespanha tristes e magoados [*b*].

Não sei em que Historias d'elRei D. Pedro IV. d'Arahão achou Benzoni o que refere: o que sei he que nada do que diz he exacto. Nem D. Luiz se chamou de la Corda (será talvez engano por la Cerda); nem veio a Aragão em 1334; nem se appellidou Principe da Fortuna, por ser feliz em todas as suas empresas; nem armou caravellas em Cadiz.

D. Luiz de la Cerda, intentando conquistar as Canarias, pedio a Clemente VI. a soberania daquelle paiz qne o Papa lhe concedeo, em Breve datado de Avinhão aos 15 de

---

[*b*] *Si legge nell'Istorie del Re don Pietro d'Aragona quarto di questo nome; che l'anno MCCCXXXIIII venne à lui un gentil'huomo Spagnuolo, nominato don Luigi dalla Corda, huomo di grande isperienza nelle cose della guerra; il quale per esserli successo tutte le sue imprese prosperamente, egli stesso, arrogantemente si haveva posto per sopranome, Principe della Fortuna. Costui domandò al Re aiuto, et favore, per conquistare l'Isole di Canaria, et proveduto di denari per armar due caravelle, con quelli se parti di Calice, et in breve giunse alla Gomera; et quivi messo in terra cento, e venti huomini, furono da gl'Isolani con tanto ardire, et ferocità d'animo assaltati, che la maggior parte di loro restarono uccisi; gli altri, parte si salvarono alle caravelle natando, et parte con le barche sani vi aggiunsero, et insieme col Capitano, il quale si conosceva haver perduto il principato della fortuna, tristi, et dolenti in Ispagna se ne tornarono.* La Historia del Mondo Nuovo. Venetia apresso gli Heredi di Giovan Maria Bonelli. 1572, fl. 176 v.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Dezembro de 1344, creando o Principe da Fortuna, alludindo ao nome de Ilhas Afortunadas, que tiverão anteriormente as Canarias; e escreveo a varios Principes da Europa, e entre elles a elRei d'Aragão, para que auxiliassem o novo Principe a fim de realizar o seu projecto [c].

D. Luiz escreveo tambem á Cidade de Valencia em 13 d'Abril de 1345 dizendo-lhe que esperava dos Valencianos poderosos auxilios para conseguir os seus intentos; e o Conselho da Cidade respondeo-lhe que o ajudarião com muito gosto, quando elRei d'Aragão lho mandasse, ou permittisse [d].

Em Agosto de 1347 he que D. Luiz de la Cerda veio a Poblete, onde estava elRei d'Aragão, que alêm de lhe dar certo numero de galés, lhe facultou que podesse tirar da Ilha de Cerdenha todas as vitualhas necessarias para a esquadra [e], e accrescenta Çurita, de quem transcrevi estas noticias = « Não pude descobrir, posto que o indaguei com diligencia, o successo que teve esta empresa, sendo em si cousa tão assignalada, e memoravel = e mais adiante » = « Pelas guerras que dentro do Reino de França se continuarão, se póde verosimilmente crer, que o Principe Luiz d'Hespanha desistio da empresa que havia tomado da conquista das Ilhas Afortunadas, e que a gente se converteo na defensa dos estados de Normandia, Bretanha, e Picardia [f]. » = No mesmo sentido de ter D. Luiz de la Cerda deixado de seguir a sua pertenção fallão Garibay [g], e Raynaldo, apoiando-se n'hum Mss. da Bibliotheca do Vaticano N.° 2040 [h] Por tanto parece-me que contra taes authori-

---

[c] Raynaldo, na continuação dos Annaes Ecclesiasticos de Baronio, Anno de 1344, N. 39 a 47.

[d] Mariana, *Historia d'España*, T. 6., p. 70, nota (1).

[e] T. 2., fl. 186 v., col. 2., *in fine*.

[f] *No he podido descubrir, aunque lo he inquirido con diligencia, el successo que tuvo esta empresa, siendo en si cosa tan señalada y memorable. . . . . y por las guerras que dentro del Reyno de Francia se continuaron, se puede verisimilmente creer, que se desistio por el Principe Luiz d'España de la empresa que havia tomado de la conquista de las islas fortunadas, y que la gente se convertio en la defensa de los estados de Normandia, Bretaña, y Picardia.* Idem ibid. fl. 187.

[g] T. 2., p. 287, col. 2.

[h] *Hic* (Clemente VI.) *dominum Locysium de Hispania fecerat atque coronaverat de regno insularum Fortunatarum: sed posse nunquam habuit, dum vixit.* l. c. Anno de 1344, N.° 47.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

dades não tem peso a de Benzoni, e que se pode dar como certo que nenhuma parte da expedição que D. Luiz de la Cerda aprestava para as Canarias chegou a ir lá.

Sem defender, nem impugnar o facto produzido por Galindo, posto que pelas circunstancias de que he revestido haja maiores apparencias de ser fabuloso do que veridico, não contesto a possibilidade de que, depois dos Portuguezes terem ido, varias vezes, ás Canarias, mais alguns Europeos lá fossem, mesmo antes dos ultimos vinte annos do seculo XIV., em que os Escriptores Hespanhoes mencionão muitas entradas de gentes d'Hespanha naquellas Ilhas [*i*]. O que acho singular he o anachronismo de Clavijo em ligar hum acontecimento de 1360 com os preparativos que D. Luiz de la Cerda fazia em 1347 para a expedição contra as Canarias, identificando duas épocas tão separadas, por meio da clausula = por este mesmo tempo = [*k*].

NOTA — G —, p. 70, nota (264).

Sobre Wakwak.

A ultima terra da Africa conhecida por Edrisi, sahindo do mar vermelho, e encaminhando-se para o occidente he a terra de واقواق *Wakwak*, e huma ilha do mesmo nome [*a*]. Mas'údí lembra-se tambem do Paiz de *Wakwak*, visinho a Sofala [*b*], de que trata igualmente Ibn al-Wardí [*c*].

E a ultima terra conhecida no Oriente era, no mar de Senf ou da China, a Ilha ou Ilhas de *Wakwak* [*d*] = « alem » da qual se ignora o que existe. Com tudo os Chins abor- » dão a ellas algumas vezes, mas raramente; he hum ajunta- » mento d'ilhas que são habitadas só por elephantes e mul-

[*i*] Clavijo, l. c., p. 276 a 280.
[*k*] l. c., p. 274.
[*a*] T. 1., p. 79.
[*b*] *Notices et Extraits des Mss.* T. 1., p. 15.
[*c*] Ibid. T. 2., p. 40 e 41.
[*d*] Edrisi T. 1., p. 87 a 92.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» tidão de passaros. Ha nellas huma arvore de que Mas'údí » relata cousas tão inverosimeis, que não he possivel recon- » ta-las: mas em fim Deos pode tudo [e]. » =

Como limite da terra conhecida no Oriente já Edrisi tinha dado *Wakwak*, dizendo que = desd'o mar vermelho até ao *Wakwak* erão 4:500 parasangas = [f].

Bakui, fallando das Ilhas de *Wakwak*, conta que = « Estão situadas no mar da China, na visinhança das Ilhas » de Zanedge. Diz-se que são 1:600, e para ir lá dirigem-se » pela observação das estrellas: ha nellas huma arvore ex- » traordinaria, junto á qual se ouve huma voz que parece » dizer *Wakwak*. Ha neste paiz tão grande quantidade d'ou- » ro, que os habitantes fazem delle cadeas para os seus cães, » e colleiras para os seus macacos [g]. » =

O nome de *Wakwak* repetido nas duas extremidades do mundo conhecido, na Africa, e na Asia, faz suspeitar que a sua significação se refira ou á posição destas Ilhas, como limite, termo, etc., paiz alem do qual não pode transitar-se, ou a huma advertencia aos navegantes para não passarem daquelle ponto. وقواق significa, segundo Golio, *pavidus, pusilanimus, et nomen arboris, et nomen regionis supra Sinas.* Esta explicação de Golio parece derivar-se, em parte, de Mas'údí, ou de Bakui; e neste caso *Wak-Wak* não he o nome d'huma arvore; mas sim huma voz que se ouve junto d'huma arvore, o que confirma a minha opinião sobre o significado de *Wakwak*, que será talvez *cave, time quia periculum imminet, abi, ne progreditor ultra*, ou cousa semelhante.

A' cerca destas minhas reflexões consultei Mr. Jaubert,

[e] *Auprès de ce pays est l'ile de* Wacwac, *au delà de la quelle on ignore ce qui existe. Cependant les Chinois y abordent quelques fois, mais rarement; c'est un assemblage de plusieurs iles inhabitées, si ce n'est par des éléphants et une multitude d'oiseaux. Il y a un arbre dont Mas'oudi rapporte des choses tellement invraisemblables, qu'il n'est pas possible de les raconter: au surplus, le Très Haut est puissant en toutes choses.* Edrisi, T. 1., p. 92.

[f] *Depuis la mer Rouge jusqu'* Wakwak, *cette longueur est de 4:500 parasanges.* T. 1., p. 4.

[g] *Elles sont situées dans la mer de la Chine dans le voisinage des îles de Zanedge. On dit qu'elles sont au nombre de seize cents, et pour s'y rendre, on se dirige en observant les étoiles, on y trouve un arbre extraordinaire, auprès du quel on entend une voix qui semble dire* ouak ouak. *Il y a dans ce pays une si grande quantité d'or, que les habitans en font des chaines pour leurs chiens, et des colliers pour leurs singes.* Notices et Extraits des Mss. T. 2, p. 399.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

que teve a bondade de responder-me = « Quanto á situação » dos lugares indicados com o nome de *Wakwac*, e quanto á » origem deste nome, são difficuldades que, ha muito tempo, » fazem desesperar os orientalistas. Confesso todavia que de » todas as conjecturas a que este nome tem dado lugar, a » que me propõe me parece a mais plausivel: formada, se- » gundo me parece, de duas interjeições, por que não pode- » ria este nome significar effectivamente *cave, time quia pe-* » *riculum imminet?* por que não seria isto huma especie de » onomatopeia destinada a imitar o grito dos passaros, de » que bem ou mal se suppõe que estes lugares são povoa- » dos? [*h*] » =

A ultima clausula da carta de Mr. Jaubert allude á palavra وق, que Golio lê وقّ *wakkon*, e diz significar = voz d'huma certa ave = a que chama *collurio sive lanius minor*.

As duas interjeições de que Mr. Jaubert julga formado o nome *Wakwak*, parece-me que poderião ser a interjeição ويك *waika*, ai de ti *(Vae tibi)*, repetida, como quem dissesse — ai de ti se passares deste lugar, se quizeres ir mais ávante —, sendo neste caso *wak* huma contracção de *waika*. Os Mouros de Berberia quando ouvem huma cousa que lhes causa susto, terror, ou que, por qualquer motivo, os inquieta ou desgosta muito, gritão com modo afflicto *wakwak*, como quem diz — não me atormentes, deixa-me etc. —

Estas conjecturas terão talvez mais probabilidade reflectindo-se que Edrisi situa as Ilhas de *Wakwak* proximas ás Ilhas de *Sila* (Saila de Schems eddin), que estão a tres pequenas jornadas da Ilha de *Sandji*; e nesta Ilha põe diversas estatuas com o braço direito levantado, como para dizer ao espectador = « Volta para o lugar d'onde vieste, » porque por detrás de mim nenhuma terra existe onde pos- » sas penetrar » = [*i*]; que são as mesmas estatuas que

[*h*] *Quant à la situation des lieux indiqués sous le nom de Wacwac, et quant à l'origine de ce nom, vous savez, monsieur et cher confrère, que ce sont des difficultés qui depuis long temps font le désespoir des orientalistes. J'avoue cependant que de toutes les conjectures aux quelles ce nom a donnés lieu, celle que vous proposez me paroit la plus plausible: formé ce me semble de deux interjections, pour quoi ce nom ne pourroit il pas signifier en effet* cave, time quia periculum imminet? *pour quoi ne serait ce pas une sorte de onomatopée destinée à imiter le cri des oiseaux dont à tort ou à raison on suppose que ces lieux sont peuplés?* Carta de 13 de Dezembro de 1837.

[*i*] T. 1., p. 93. O passo transcripto he o seguinte = *On voit dans cette île*

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Schems eddin põe nas Ilhas de *Saila* com identico destino [*k*], e que indicão o fim da terra habitada, por aquella parte do globo. Ora como as Ilhas de *Wakwak* erão tambem, por aquella parte, o fim do mundo, alem das quaes se ignorava o que existia [*l*], não parecerá totalmente inadmissivel que *Wakwak* seja a representação articulada do que indicavão mudamente as estatuas, vindo a denotar o mesmo, tanto estas como o nome do paiz de que Mas'údí, Edrisi, Bakui, e Ebn Tophail relatão patranhas tão espantosas [*m*], que Pocock o appellida — a Ilha fertil em prodigios [*n*].

Hartmann (que cita Mas'údí, Ibn al-Wardi, e Bakui, nos passos atrás apontados) [*o*], situa o paiz de *Wakwak* entre o paiz dos Zindges e Sofala [*p*]; porêm parece-me que o contrario se deduz dos textos d'Edrisi, e de Ibn al-Wardi; porque Edrisi diz:

= « El Banès he a ultima dependencia dos Zindjis; ella » pega com Sofala, paiz do ouro [*q*]. » =

= « A cidade de Daghuta he a ultima de Sofala, paiz » do ouro, ... Este paiz (o de Sofala) pega com o de *Wak-* » *wak* [*r*]. » =

Por tanto, se a ultima terra do paiz dos Zindjis pega com Sofala, e a ultima terra de Sofala pega com o paiz de *Wakwak*, a ordem geographica destas regiões he Zindji, Sofala, e Wakwak; e não Zindji, Wakwak, e Sofala.

Ibn al-Wardi diz:

(celle de Sandji) *diverses statues placées sur le bord de la mer; chacune d'entre elles tient le bras droit élevé comme pour dire au spectateur: Retourne au lieu d'où tu es venu, car il n'existe point derrière moi de terres où il soit possible de pénétrer.*

[*k*] V. a fl. 105 desta Memoria.

[*l*] Edrisi T. 1., p. 92.

[*m*] *Epistola de Hai Ebn Yokdhan.* Ed. de Pocock. Oxonii 1700, p. 26, 27, etc.

[*n*] *Miraculorum ferax insula Wakwak.* Na prefação da obra citada.

[*o*] *Edrisi Africa*, p. 104, e nota (*g*); 105, e notas (*k* e *i*); p. 107; e p. 112, e nota [*s*].

[*p*] *Animi sententiam declarabo . . . .; regionem Uakuak nimirum, parvam esse nec magni momenti habendam, mihi apparere, ac sitam Sofalam inter et Zingitanam terram, ab ambabus autem distinctam*, l. c. p. 106.

[*q*] *El Banès est la dernière dépendance des Zindjis; elle touche au Sofala, pays de l'or.* T. 1., p. 57.

[*r*] *La ville de Daghouta est la dernière du Sofala, pays de l'or: . . . . Ce pays touche à celui de Wacwac* (T. 1., p. 79).

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

= « *Sofala eddhahab* ou *Sofala d'ouro*; este paiz he vi-
» sinho do dos Zindges da parte do oriente . . . . e he visi-
» nho do paiz d'Uac Uac [*s*]. » =

Consequentemente o paiz de *Wakwak* ficava ao occidente, e não ao oriente de Sofala que, por este lado, confinava com as terras dos Zindjis. E a carta que o Dr. Vincent publicou, copiada do Mss d'Edrisi, que se conserva na Bibliotheca Bodleiana, a ultima terra que marca na Africa oriental, vindo do mar vermelho para o occidente, he *Ouac Ouac* [*t*].

NOTA —H—, p. 96, nota (348).

Sobre a Milha Arabe.

Reland diz que a milha Arabe he, pouco mais ou menos, a milha Romana [*a*]: Hartmann adopta a opinião de Reland que cita [*b*]: e Mr. Reinaud he tambem de parecer que = « a milha, em grego Μίλιον, era d'huma instituição Ro-
» mana, e que o seu nome indica ao mesmo tempo a sua
» origem, e o numero de unidades de que se compunha. A
» milha ficou sendo a mesma entre os Arabes, e entre os
» Romanos: compunha-se de mil passos, ou, para melhor
» dizer, de mil braças; porêm a braça variava segundo a ex-
» tensão do covado; e o covado regulava-se pelo numero de
» dedos que nelle entravão. A milha dos antigos era de tres
» mil covados, sendo o covado de 32 dedos; e entre os Ara-
» bes foi de quatro mil covados, sendo o covado de 24 de-
» dos. O resultado era o mesmo, por que, com qualquer

[*s*] Sofala eddhahab, *ou* Sofala d'or; *ce pays est voisin de celui des* Zindges, *du coté de l'orient . . . . . ils sont voisins* (ces peuples) *du pays d'Ouacouac.* Notices et Extraits des Mss. T. 2., p. 40 e 41.

[*t*] *The Commerce and Navigation of the Ancients in the Indian Ocean.* London 1807. T. 2., p. 656.

[*a*] *Quae* (as milhas Arabes) *fere cum Romanis miliaribus conveniunt.* Palaestina. Trajecti Batavorum 1714, p. 820.

[*b*] *Edrisi Africa.* Gottingae 1796, p. CXX., e nota (*c*).

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» destes numeros, se perfaz o total de 96:000 dedos. Assim » a braça dos antigos era de tres covados, e a dos Arabes de » quatro » =; mas accrescenta Mr. Reinaud que = « tendo » escripto a sua introducção á Geographia d'Abulféda (em » que trata da milha Arabe) á dous annos, e tendo depois » feito para ella muitas notas, que estão ainda espalhadas; » e de que se servirá só no momento da impressão, ignora » se este será ainda o seu ultimo sentimento a tal respei- » to [d]. = »

Se Mr. Reinaud tivesse já publicado a sua introducção, he bem natural que nada mais houvesse que desejar; porêm como ainda não se imprimio, farei algumas observações relativas a este objecto.

Para que duas medidas d'extensão sejão iguaes he necessario ou que as unidades por que ellas se avalião sejão em ambas identicas, em dimensão e em numero; ou que, sendo as unidades diversas, tenhão com tudo huma relação determinada entre si, ou com outra unidade conhecida, que possa servir de termo de comparação para descobrir, por meio della, que representão a mesma extensão.

Appliquemos este principio ás milhas Arabe e Romana.

Mas'údí diz que:

---

[d] *Le mille, en grec* Μίλιον, *étoit d'une institution romaine. Son nom indique à la fois son origine, et le nombre des unités dont il se composait. Le mille resta le même chez les arabes que chez les romains. Il se composait de mille pas; ou plutôt de mille brasses; mais la brasse variait, suivant l'étendue de la coudée, et la coudée elle même étoit reglée sur le nombre des doigts qu'on y fesait entrer. Le mille étoit chez les anciens de trois mille coudées, à raison de trente deux doigts la coudée; chez les arabes il fut de quatre mille coudées, à raison de vingt quatre doigts chacune. Le résultat du reste était le même; car avec l'un et l'autre nombre on arrivait à un total de quatre vingt seize mille doigts. Ainsi chez les anciens une brasse se composait de trois coudées; et chez les arabes de quatre.*

Cette introduction (à la Géographie d'Abulféda) *a été écrite il y a déjà deux ans; depuis cette époque j'ai relevé beaucoup de notes, et ces notes, qui ne seront mises en oeuvre, qu' au moment de l'impression, se trouvent éparses. J'ignore donc si mon manuscrit renferme à ce sujet mon dernier mot.* = Carta de 30 de Julho de 1842, escripta ao Sñr. Visconde de Santarem, que teve a bondade de consultar, da minha parte, Mr. Reinaud sobre esta materia, e em que Mr. Reinaud, com a benevolencia dos verdadeiros sabios, que muito lhe agradeço, se offerece para tudo aquillo em que podér ser-me util.

Cito muitas vezes a traducção d'Abulféda, feita por Mr. Reinaud, a pesar de não estar ainda publicada; porque, por intervenção do Sñr. Visconde de Santarem, tenho recebido as folhas della, á medida que se tem ido imprimindo.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

A milha Arabe era de 4:000 covados negros dos que estabeleceo o Khalifa Mamun para medir as fazendas, os edificios, e as estradas:

E o covado tinha 120 dedos [*e*].

N'outra parte diz que:

O *dheraa*, ou covado (porêm não declara que covado era) tinha 42 dedos:

E o dedo 7 grãos (de cevada) e $\frac{2}{7}$, postos huns ao lado dos outros [*f*].

Edrisi diz que:

A Parasanga tem 12:000 covados:

O Covado 24 dedos:

E o dedo seis grãos de cevada, unidos e adherentes huns aos outros (litter. costas com costas); e como logo immediatamente diz que a circumferencia da terra, segundo a medida de Herates, (Eratosthenes?) seria de 36:000 milhas, ou 12:000 parasangas, segue-se que a parasanga tinha 3 milhas de quatro mil covados cada huma.

Esta mesma relação entre a milha, e a parasanga repete depois Edrisi, affirmando que de Missr a Bagdad se contão 570 parasangas, ou 1710 milhas [g].

Ibn al-Wardi diz que a circumferencia da terra he 24:000 *milhas*, ou 8:000 parasangas; porque a parasanga tem tres *milhas*:

A *milha* tem 3:000 *dheraa* ou covados melikianos, isto he reaes:

[*e*] *Le* mille *est de* 4:000 *coudées, de celles qu'on appelle* asouad *[ou coudées noires]; établies par le Khalif Mamoun, pour mesurer les étofes, les bâtiments, et les routes.*

La coudée est de cent vingt doigts. Notices et Extraits des Mss. T. 1., p. 50.

[*f*] *La parasange de douze mille* dheraa, *ou coudées.*

Le dheraa *de quarante deux doigts.*

Le doigt *de sept grains et deux neuvièmes, rangés l'un à côté de l'autre.* Ibid. p. 58.

[*g*] *Chaque degré vaut 25 parasanges;*

chaque parasange, 12:000 coudées;

chaque coudée, 24 doigts,

et chaque doigt, 6 grains d'orge rangés et adherents les uns aux autres (litt. dos à dos],

Mais d'après Hérates [Eratosthènes?] qui mesura cette circonférence, ... elle serait de 36:000 *milles ou de* 12:000 *parasanges.* T. 1., p. 2.

A correspondencia de Herates a Eratosthenes he de Mr. Jaubert, na nota (2).

De Missr à Bagdad, on compte 570 *parasanges, ce qui équivaut à* 1710 *milles.* T. 1., p. 328.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Este covado tem tres *aschbar* ou *palmos*; cada *aschbar* tem 12 dedos:

Cada dedo tem 5 *schaira*, ou grãos de cevada, postos hum ao lado do outro;

E cada *schaira* tem 6 pêlos de macho [*h*].

Abulthaer Mohamad Ben Abdelaziz, Ben Joseph Almoradi, *Sevilhano*, *vulgò* Ebn Algiab, que no 6.° seculo da Hegira escreveo *Analecta Geometrica superficierum* [*i*], e que he o Anonymo de Golio [*k*], diz n'hum passo, que este transcreveo e traduzio, o seguinte «Aquelle covado chama-se Haxemio, e tambem real, porque foi estabelecido »no tempo dos Persas, e assim denominado em razão do seu »Rei. Chama-se, por tanto Haxemio, porque os Chefes dos »Haxemidas, de pia memoria, o empregárão na Geodesia, »e por isso lhe derão este nome.

»Este covado vale covado e terça de mão justa *(segundo lhe chamão)*.

»O covado de mão contem seis punhos, *ou* palmos:

»Cada palmo 4 dedos, a saber, o index, o do meio, o annular, e o auricular, o que vem a fazer 24 dedos:

»Cada dedo he igual a 6 grãos de cevada unidos no »sentido da sua largura: e cada grão de cevada he igual a »6 sedas *(cabello d'animal)*.

»Por este modo terá o covado Haxemio oito palmos, »ou 32 dedos.

»O covado negro he aquelle por que se medem na Cidade da paz, Bagdad, os tecidos de linho mais finos, e as »mercadorias preciosas.... Chamou-se Negro, porque de »todos os covados por onde se media na presença de Almamon, de gloriosa memoria, não havia nenhum maior do »que o de hum Negro, seu escravo; e por isso o Imperador mandou que se usasse delle, e tem 6 palmos e tres »dedos, isto he, 27 dedos» = [*l*].

[*h*] *La circonférance de la Terre est de cent quatrevingt mille stades, qui sont, dit il* (Ibn al-Wardi), *vingt quatre mille* milles, *ou huit mille parasanges; la parasange étant de trois* milles. *Le* mille *est de trois mille* dheraa *ou coudées melikéennes, c'est à dire* royales. *Cette coudée est de trois* aschbar *ou* palmes; *chaque* aschbar *est de douze doigts. Chaque doigt est de cinq* schaira *ou grains d'orge placés l'un à côté de l'autre; et chaque* schaira *est de six poils de mulet.* Notices et Extraits des Mss. T. 1., p. 55.

[*i*] Casiri, *Bibliotheca Escurialensis* T. 1., p. 365.

[*k*] Edição de Alfragano. Amstelodami 1669, p. 73 das Notas.

[*l*] *Cubitus quidem ille Haxemius dicitur; atque etiam Regius, quia tempore*

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Notarei em 1.° lugar: que — mão justa — quer dizer — mão regular, mão ordinaria, o commum das mãos. —

Em 2.° lugar: que a traducção de Golio — *pilos setaceos* —, (cabello d'animal) não corresponde ao original. O que Ebn Algiab diz he = cabellos de besta = porque a palavra بردون significa jumento, cavallo, e macho. Casiri omittio este passo, tanto no texto, como na traducção de Golio [*m*].

Em 3.° lugar: que a explicação do nome do covado Negro = *porque de todos os covados por onde se media na presença de Almamon, de gloriosa memoria, não havia nenhum maior do que o de hum Negro seu escravo* = não se entende. A confusão provêm da palavra *dheraa*, que significa braço e covado [*n*]; porque o covado arabe era antigamente o comprimento do braço estendido, desd'o cotovelo até á ponta dos dedos; e ainda hoje assim se medem os covados em algumas partes da Berberia; e por consequencia, para ser intelligivel este passo, parece-me que deveria traduzir-se assim = porque de todos os braços por onde se media na presença de Almamon, de gloriosa memoria, não havia nenhum mais comprido do que o braço d'hum Negro seu escravo. = Casiri copiando o texto arabe d'Algiab, e a traducção de Golio, tambem não attentou por isto [*o*].

Abulféda diz na sua Geographia:

« Os antigos e os modernos differem igualmente sobre o » valor que deve dar-se ao covado, á milha, e á parasanga;

Persarum institutus, et ab eorum Rege denominatus fuit. Haxemius autem appellatur, quod Haximidarum piae memor. duces eam adhiberent ad Geodaesiam: unde et ab iis nomen obtinuit. Valet ille manus justae, ut vocant, *cubitum unum, et trientem. Continet autem hic Manus cubitus pugnos* seu *palmos sex: palmus quisque digitos quatuor; nempe indicem, medium, annularem et auricularem. unde conficiuntur digiti quatuor et viginti. eorum singuli aequantur granis hordaceis sex, crenarum atque dorsorum mutuo contactu applicatis: horum autem singula senos aequant pilos setaceos. Atque ita Haxemius erit palmorum octo, seu digitorum triginta duorum. Cubitus autem Niger ille est, quo mensuratur byssus, et praetiosae merces in civitate Pacis Bagdad.... Et Niger cognominatus fuit propterea quod cubitorum omnium modulis coram Almamone glor. mem. expensis, haud existebat ullus major, quàm servi cujusdam ipsius Nigri. Itaque Imperatoris mandato ille ad usum adhibitus fuit, continens palmos VI, et digitos III, id est digitos XXVII.* Golio, l. c. p. 74.

[*m*] l. c., p. 366.

[*n*] V. Golio, nas palavras ذرع, e ذراع.

[*o*] l. c., p. 366.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» concordão com tudo sobre o valor do dedo, e todos con-
» vem em dizer que o dedo he o espaço que occuparião 6
» grãos de cevada de grandeza media, e postos hum junto
» ao outro.

» A differença que existe a respeito do covado he real;
» porque os antigos fazem o covado de 32 dedos, e os mo-
» dernos sómente de 24; por consequencia o covado dos an-
» tigos tem mais oito dedos do que o dos modernos.

» Quanto á milha, a dos antigos he de 3:000 covados,
» e a dos modernos de 4:000; mas esta differença he unica-
» mente nominal, e tanto huma como outra, posto que di-
» versas no numero de covados, tem hum valor identico,
» porque em ambos os systemas a milha contêm 96:000 dedos.

» Os antigos e os modernos concordão em dar á parasan-
» ga tres milhas. Se em lugar de milhas se contar por cova-
» dos, haverá huma differença nominal. Pelo calculo dos an-
» tigos seria a parasanga de 9:000 covados, e de 12:000 co-
» vados, segundo os modernos; mas por ambos os calculos
» se obtem a somma total de 288:000 dedos [*p*].

No texto arabe vem huns versos que contem o se-guinte:

» A posta compõe-se de 4 parasangas, e a parasanga de
» tres milhas.

» A milha compõe-se de mil braças, e a braça de qua-
» tro covados.

[*p*] *Les anciens et les modernes différent également sur la valeur que l'on doit donner à la coudée, au mille et à la parasange. Ils s'accordent neanmoins sur la valeur du doigt, et ils se réunissent tous à dire, que le doigt est l'espace qu'occuperoient six grains d'orge de grandeur moyenne et posés l'un contre l'autre.*

La différence qui existe pour la coudée est une différence réelle, car les anciens font la coudée de trente-deux doigts, tandis que chez les modernes elle est seulement de vingt-quatre. La coudée chez les anciens a donc huit doigts de plus que chez les modernes.

Quant au mille, il est, chez les anciens, de trois mille coudées, et chez les modernes de quatre mille. Mais cette différence est seulement nominale, et le mille, chez les uns et les autres, bien que différent pour le nombre des coudées, a toujours une valeur identique. En effet, dans l'un, et dans l'autre système, le mille renferme quatre-vingt-seize mille doigts.

Les anciens et les modernes s'accordent à donner à la parasange trois milles. Si au lieu de milles on compte par coudées, il survient une différence nominale. En effet, d'après le calcul des anciens, la parasange seroit de neuf mille coudées, et de douze mille coudées d'après les modernes. Mais d'après l'un et l'autre calcul on arrive à la somme totale de deux cents quatre-vingt-huit mille doigts. Traducção de Mr. Reinaud, p. 17.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» O covado tem 24 dedos, e o dedo compõe-se:
» De sete grãos, postos ao pé hum do outro.
» O grão equivale a 7 pêlos de macho. Eisaqui huma » cousa que não admitte contradicção [q].

A pesar d'Abulféda affirmar que os antigos e os modernos todos convem em dizer que o dedo he o espaço que occuparião 6 grãos de cevada de grandeza media, postos hum junto ao outro; com tudo vê-se pelos passos dos Authores Arabes transcriptos que esta asserção está bem longe da verdade; porque

Mas'údí dá ao dedo 7 grãos e $\frac{1}{2}$
Edrisi..... 6 ditos
Ibn al-Wardi..... 5 ditos; e cada grão 6 pêlos de macho
Ebn Algiab..... 6 ditos, e cada grão 6 cabellos de besta.

E o mesmo Abulféda cita huma authoridade *contra producentem*, porque os versos que transcreve dizem, *que o dedo se compõe de 7 grãos, postos hum ao pé do outro, que o grão equivale a 7 pêlos de macho; e que isto he cousa que não admitte contradicção.* Temos por tanto que de cinco Escriptores que precedêrão Abulféda só dous, Edrisi e Algiab, dão ao dedo a extensão de 6 grãos de cevada, postos hum ao lado do outro, e os outros tres differem todos entre si.

O primeiro elemento das medidas Arabes he a largura do grão de cevada, e consequentemente he este o que pode servir de unidade e termo de comparação para todas as outras medidas, porque a correspondencia do grão de cevada a certo numero de pêlos de macho, de cavallo, ou de camêlo [r], só a trazem tres dos Escriptores citados, e com diversidade; e não tem equivalente nas medidas Romanas.

Sem fazer reflexões sobre a pouca exacção deste elemento, porque são obvias; e concedendo que a milha usual

---

[q] *Voici la traduction de cinq vers arabes insérés à la page 540 de l'édition du texte:*
La poste se compose de quatre parasanges, et la parasange de trois milles.
Le mille se compose de mille brasses, et la brasse de quatre coudées.
La coudée est de vingt-quatre doigts, et le doigt se compose:
De sept grains mis à côté l'un de l'autre.
Le grain équivaut à sept poils de mulet. Voila une chose qui n'admet pas de contradiction. Traducção de Mr. Reinaud, p. 17, nota (1).
[r] Ed. Bernard *De Mensuris et Ponderibus.* Oxoniae 1688, p. 192.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Arabe seja de 3:000 covados antigos de 32 dedos cada hum, ou de 4:000 covados modernos de 24 dedos cada hum, o que, de qualquer modo, vem a fazer 96:000 dedos, e que cada dedo seja igual a 6 grãos de cevada, teremos a milha Arabe igual a 576:000 grãos de cevada. Esta grandeza da milha Arabe poderá admittir-se, porque a parasanga, medida Persiana adoptada pelos Arabes, tem 3 milhas, cada milha 3:000 covados, cada covado 32 dedos, e cada dedo a largura de 6 grãos de cevada [*s*]; e por tanto, tendo cada milha Persiana 576:000 grãos de cevada, pode assignar-se a mesma extensão á milha Arabe.

Comparemos agora a milha Arabe com a milha Romana.

A milha Romana tinha mil passos.

O passo 5 pés, e por tanto a milha Romana 5:000 pés [*t*].

O pé tinha doze onças ou 16 dedos; porque cada onça tinha hum dedo, e hum terço [*u*].

Alguns varião na grandeza da onça, a que dão 3 dedos, mas convêm todos em que o pé tinha 16 dedos [*v*].

Por tanto vinha a ter a milha Romana 80:000 dedos.

Huns igualão o dedo a 5 grãos de cevada [*x*]; e Gesner diz que era igual a 4 grãos de cevada postos ao lado hum do outro [*y*], no sentido da largura.

Sendo o dedo igual a 5 grãos de cevada, a milha Romana teria.....400:000 grãos

---

[*s*] Relandi *Dissertationum Miscellanearum Pars altera.* Trajecti ad Rhenum 1707, p. 212.

[*t*] Frontino, *Expositio Formarum* em *Rei Agrariae Auctores*, Ed. Goesii. Amstelredami 1674, p. 30. *Var. Auctor. de Limitibus*, ibid. p. 292. *Var. Auctor. de Mensuris*, ibid., p. 320 a 322. Cito a *Expositio Formarum* em nome de Frontino, como vem nos *Rei Agrariae Auctores* de Goes, sem entrar na questão se esta obra he realmente de Frontino.

[*u*] Frontino, *De Aquaeductibus Urbis Romae*, ed. de Poleno, Patavii 1722, p. 79. Idem *Expositio Formarum*, apud *Rei Agrariae Auctores*, p. 30, e 37. Que o pé se compunha de 16 dedos, já o tinha dito Vitruvio, L. 3., Cap. 1., ed. de Schneider, T. 1., p. 72, Lipsiae 1807 e seguintes; e Columella, L. 5., Cap. 1., apud *Rei Rusticae Scriptores*, ed. de Schneider, T. 2, p. 237.

[*v*] *Var. Auctor. de Limitibus*, e *Var. Auctor. de Mensuris*, apud *Rei Agrariae Auctores*, p. 290 e 320; e então o pé viria a ter 5 onças e hum terço.

[*x*] *Quidam autem quinque grana hordei transversa tam indici, quam impudico sive medio convenire judicantes, hos tres digitos simul junctos unciam dixerunt.* Var. Auctor. de Mensuris, *apud* Rei Agrariae Auctores, p. 320. Aqui ha visivelmente huma lacuna, porque falla só de dous dedos, e refere-se depois a tres.

[*y*] *Thesaurus Linguae Latinae*, na palavra *Digitus. Mensura*, tam latus est, quam sunt lata quatuor hordei grana.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

E sendo igual a 4 grãos, teria ..... 320:000 ditos.

Como a milha Arabe he igual a ..... 576:000 grãos, será, no 1.° caso, a milha Romana para a milha Arabe como 25 para 36; isto he 25 milhas Arabes serão iguaes a 36 milhas Romanas.

No 2.° caso será a milha Romana para a milha Arabe como 5 para 9; isto he 5 milhas Arabes serião iguaes a 9 milhas Romanas.

Se quizessemos dar ao dedo Romano a grandeza do dedo Arabe, teria a milha Romana 480:000 grãos de cevada, e seria para a milha Arabe como 5 para 6; isto he 5 milhas Arabes serião iguaes a 6 milhas Romanas, ou cada milha Arabe teria $1\frac{1}{5}$ da milha Romana: de maneira que, em todas as hypotheses, parece-me que a milha Arabe he maior do que a milha Romana; suppondo sempre iguaes os grãos de cevada.

Lendo em Eisenschmid que nada podia augmentar-se ao que Ed. Bernard tinha dito á cerca das medidas e pesos dos antigos [z]; e em Mr. de Sacy que poderia ajuntar ás authoridades de Golio e de Casiri diversos extractos relativos ao mesmo objecto (a grandeza do covado Arabe), que lhe ministrou hum Mss. Arabe, mas que pouco accrescentarião ao que se acha na obra de Ed. Bernard *de Mensuris et Ponderibus antiquis* [aa], persuadi-me de que encontraria nesta obra abundante colheita de conhecimentos sobre as medidas Arabes, e sua correspondencia com as medidas de outros Povos; porêm aturdido com erudição, e citações que não podem, ou mui difficilmente podem verificar-se, achei muitas ideas, porêm nenhumas noções precisas, e expostas com methodo e clareza que satisfação o animo, e o descancem sobre semelhante assumpto.

---

[z] Eduardus Bernardus, *vir summae eruditionis, libro suo de Ponderibus et Mensuris nuper edito hujus rei quasi coronidem imposuerit, cui nihil amplius addi possit.* Eisenschmid, *Disquisitio de mensuris et ponderibus veterum*, no *Thesaurus Antiquitatum sacrarum* de Ugolino. Venetiis 1774 e seguintes, T. 28, p. LXXXVI e seguintes. O passo transcripto vem a p. LXXXVII.

[aa] *Relations de l'Égypte par Abd-Allatif*, p. 215, nota (12).

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

NOTA — I —, p. 102, nota (358).

Sobre as opiniões dos antigos ácerca da possibilidade da navegação do Oceano Atlantico.

Os antigos tiverão differentes opiniões ácerca da possibilidade da navegação do Oceano Atlantico.

1.ª Seneca tinha para si que, em muito poucos dias, com vento favoravel, se podia ir da Hespanha á India [*a*].

2.ª Outros julgárão que só a grandeza e a solidão do Oceano he que embaraçava poder navegar-se da Hespanha até á India. Assim o pensárão Eratosthenes, e Strabo [*b*].

3.ª A outros infundia o Oceano Atlantico huma especie d'horror sagrado; porque acreditavão que o sol, quando se punha e entrava nelle, fazia hum ruido semelhante ao que produz a agua, mettendo-se-lhe dentro hum ferro em braza.

Cleomedes attribue aos Iberos esta opinião [*c*], o que parece confirmar-se por Possidonio que refere, e combate o dito do vulgo que affirmava ser o sol, nas praias do Oceano adjacentes á Hespanha, maior, quando se punha; e que o mar fazia hum estrondo e sibilava, quasi do mesmo modo que mergulhando-se n'agoa hum ferro em braza, como se o sol se apagasse cahindo no fundo delle [*d*].

[*a*] *Quantum enim est, quod ab ultimis litoribus Hispaniae usque ad Indos jacet? Paucissimorum dierum spatium, si navem suus ventus implevit. Natur. Quaest.* Prefação do L. 1., § 11, ed. de Ruhkopf, Lipsiae 1797, e seguintes, T. 5., p. 10.

[*b*] Eratosthenes = ὥστ' εἰ μὴ τὸ μέγεθος τοῦ Ατλαντικοῦ πελάγους ἐκώλυε, κἂν πλεῖν ἡμᾶς ἐκ τῆς Ιβηρίας εἰς τὴν Ινδικὴν διὰ τοῦ αὐτοῦ παραλλήλου =. Em Strabo, L. 1., p. 113, T. 1.

Strabo = θαλάττῃ, μηκέτι πλεῖσθαι δυναμένῃ, διὰ τὸ μέγεθος, καὶ τὴν ἐρημίαν =. L. 2., p. 173 do T. 1.

[*c*] Ἀλλὰ γὰρ μυθαρίῳ γραώδει πιστεύσας, ὡς τῶν Ἰβήρων ἱστορούντων, ἐμπίπτοντα τὸν ἥλιον τῷ ὠκεανῷ, ψόφον ἐμποιεῖν σβεννύμενον, ὡς διάπυρον σίδηρον, ἐν ὕδατι, *Cleomedis doctrinae de Sublimibus, Libri duo.* Ed. de Bake, Lugd. Bat. 1820, p. 109.

[*d*] Λέγειν γὰρ δή φησι Ποσειδώνιος τοὺς πολλοὺς μείζω δύνειν τὸν ἥλιον ἐν τῇ παρωκεανίτιδι μετὰ ψόφου, παραπλησίως ὡσανεὶ σίζοντος, τοῦ πελάγους κατὰ σβέσιν αὐτοῦ διὰ τὸ ἐμπίπτειν

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Esta opinião he analoga á de Epicuro, que entendia que o sol se apagava, quando se punha; e se accendia, quando nascia [*e*].

Floro conta o horror que causava a vista do sol, afundando-se no Oceano [*f*]; a isto parece tambem reportar-se Avieno [*g*]; e á opinião attribuida aos Iberos alludem Virgilio, Seneca tragico, Valerio Flacco, Juvenal, Stacio, e Ausonio [*h*].

εἰς τὸν βυθόν. *Posidonii Rhodii Reliquiae doctrinae*, Ed. de Bake, Lugd. Bat. 1810, p. 69.

A palavra σίζοντος traz á lembrança, por onomatopeia, o chiar do ferro ardente mergulhado n'agoa, que tem huma especie de soido sibilante.

[*e*] Ἀνατολαὶ καὶ δύσεις ἡλίου καὶ σελήνης καὶ τῶν λοιπῶν ἄστρων καὶ κατὰ ἄναψιν γίνεσθαι δύνανται καὶ κατὰ σβέσιν, τοιαύτης οὔσης περιστάσεως, *Physica et Meteorologia*, *Epistola ad Pythoclem*, p. 81, § 10 da ed. de Schneider, Lipsiae 1815. V. a nota p. 108.

[*f*] *Peragrato victor Oceani littore* (Decimus Brutus), *non priùs signa convertit, quam cadentem in maria solem, obrutumque aquis ignem, non sine quodam sacrilegii metu et horrore deprehendit.* L. 2. cap. 17, § 12, p. 415, ed. de Duker, Lugd. Bat. 1774.

[*g*] ..... *hos adflant rutilae incunabula lucis;*
Hi jam praecipitis terrentur *solis habenis.*
Descriptio Orbis terrae. v. 275 e 276, Poet. Lat. Min., ed. de Wernsdorf, T. 5, P. 2., p. 755. V. a nota p. 947.

[*h*] Virgilio:
Tum sol pallentis haud unquam discutit umbras:
Nec quum invectus equis altum petit aethera; nec quum
Praecipitem Oceani rubro lavit aequore currum.
Georgicon L. 3., v. 357 a 359.

Seneca:
Non ille primos accipit soles locus,
Non ille seros, cum ferens Titan diem
Lassam rubenti mergit Oceano rotam.
Hercules Oetaeus, v. 487 a 489. Ed. de Schröder, Delphis 1728.

Valerio Flacco:
Jam que Hyperionius metus maris urguet Hiberi
Currus, et evectae prono laxantur habenae
Aethere; cum palmas Tethys grandaeva sinusque
Sustulit, et rupto sonuit sacer aequore Titan.
Argonauticon, L. 2., v. 34 a 37, ed. de Burmanno, Leydae 1724, p. 146.

Juvenal:
..... *sed, longe Calpe relicta,*
Audiet Herculeo stridentem gurgite solem.
Sat. 14, v. 279 e 280, p. 282 do T. 1. da ed. de Rupert, Lipsiae 1819 e 1820.

Stacio:
Felix heu nimis, et beata tellus,
Quae pronos Hyperionis meatus,
Summis Oceani vides in undis,
Stridoremque rotae cadentis audis.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Porêm esta opinião não era privativa dos Iberos, era tambem commum aos habitantes do Oceano Germanico que, não se contentando com ouvir o estrondo que fazia o sol quando se mettia no Oceano, e mesmo a bulha das rodas do seu carro, como Stacio [*i*], até lhes parecia que vião as formas dos cavallos do carro do sol, e a aureola radiante da sua cabeça [*k*].

4.ª Outros, como Scylax, Plutarcho, e Jornandes, persuadirão-se de que não podia navegar-se o Atlantico pela sua pouca profundidade, e por ser lodoso e cheio de plantas maritimas (o sargaço), que se oppunhão á navegação [*l*].

Sylvae, L. 2., Sylva 7, v. 24 a 27, ed. Variorum, Lugd. Bat. 1671, p. 119.

Isto refere-se á Cordova, patria de Lucano. V. a nota ao v. 24. na ed. citada.

Ausonio:

Condiderat jam solis equos Tartessia Calpe:
Stridebatque freto Titan insignis Ibero:

Epist. 19, v. 1 e 2, ed. *ad usum Delphini*, Parisiis 1730, p. 491.

[*i*] V. a nota antecedente.

[*k*] *Trans Suionas aliud mare pigrum, ac prope immotum, quo cingi cludique terrarum orbem hinc fides: quòd extremus cadentis jam Solis fulgor in ortus edurat, adèo clarus, ut sidera hebetet. Sonum insuper emergentis audiri, formasque Deorum, et radios capitis aspici persuasio adjicit.* Tacito, Germania, § 45, p. 72 do T. 4 da ed. de Valpy, London 1812.

Valpy diz, na nota 7 = *Formasque Deorum.* Melius *formasque equorum:* ni fortè *formas Deorum* accipias de Neptuno aliisque marinis Deis Solem excipientibus.

Parece-me esta interpretação forçada, e que só pode admittir-se *formasque equorum*, pelo que se segue dos raios do sol; porque, neste passo, tudo se refere ao sol, e á sua entrada no Oceano.

[*l*] Scylax = τῆς Κίρνης δὲ νήσου τὰ ἐπέκεινα οὐκ ἔτι ἐστὶ πλωτὰ διὰ βραχύτητα θαλάττης, καὶ πηλὸν, καὶ φύκος. = ed. de Klausen p. 248.

Plutarcho = ἡ πηλὸς αἰδὴς, ἢ Σαυθικὸν κρύος, ἢ πέλαγος πεπηγός. = Theseo, ed. de Bryan, Lond. 1729, T. 1.: p. 1. V. as notas a p. 62.

He notavel que Bryan, pondo no texto κρύος (gelo), conservasse na traducção latina *juga* (montes, oiteiros).

Jornandes = *Oceani vero intransmeabilis ulteriores fines, non solùm non describere quis aggressus est, verum etiam nec cuiquam licuit transfretare: quia resistente ulva, et ventorum spiramine quiescente, impermeabiles esse sentiantur, et nulli cogniti, nisi soli ei, qui eos constituit.* De rebus Geticis, cap. 1., que vem com Cassiodoro na ed. de Garet, Rotomagi 1679, T. 1., p. 397.

Ideler, nos commentarios aos Livros Meteorologicos de Aristoteles, Lipsiae 1834, T. 1., p. 505, diz que nunca vio citado este passo de Jornandes = *Unius addam, quae nusquam hanc in rem vidi excitata, verba Jornandes* =; porêm Beckmann o transcreveo na sua edição do Livro = *De Mirabilibus Auscultationibus*, attribuido a Aristoteles, Gottingae 1786, p. 207, tirando-o, como

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Da qualidade lodosa do mar, alem das columnas, se lembra Aristoteles [*m*]: e de ser cheio d'alga e plantas maritimas fazem menção Theophrasto, e o Author do Livro = *De Mirabilibus Auscultationibus* = [*n*].

Malte Brun attribue tambem a Herodoto a opinião de se não poder transitar pelo Oceano, por causa das plantas maritimas que impecião a navegação, dizendo = «Os Car» thagineses não sómente informárão a Herodoto da tentativa » do Persa Sataspes, que, querendo rodear a Africa, foi im» pedido pelas hervas fluctuantes, nas visinhanças das Cana» rias, mas etc. =» [*o*]; porêm Herodoto não falla em hervas fluctuantes, nem nas Canarias; diz simplesmente que = «Sataspes dava como causa de não ter feito inteiramente a » circumnavegação da Africa, não poder o seu navio cami» nhar mais por diante, porque foi retido =» [*p*]; sem declarar qual foi o motivo que reteve o navio de Sataspes, nem onde elle deixou de poder navegar.

5.ª Outros assentárão que o Oceano tinha huma especie d'immobilidade, e que não podia romper-se por causa do lodo, já apontada na opinião 4.ª; pela carencia de ventos, já supposta por Jornandes; e por diversas outras circunstancias, como figuras terriveis; cousas portentosas; luz confusa, pela grande escuridade; nenhum meio de caminhar por elle, por falta de estrellas que servissem de guia, ou por não se-

---

Ideler, de Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores*, T. 1., p. 191. Mr. de Humboldt, no 3. vol. do seu *Examen critique de l'Histoire de la Géographie du Nouveau Continent*, p. 97 (nota), copiou o passo de Jornandes, citando Ideler, e Beckmann.

[*m*] Τὰ δ' ἔξω στηλῶν βραχέα μὲν διὰ τὸν πηλόν, ἄπνοα δ' ἐστιν ὡς ἐν κοίλῳ τῆς θαλάττης οὔσης. *Meteorologicorum*, L. 2., cap. 1., § 14, p. 65 do T. I. da ed. de Ideler,

[*n*] Theophrasto = γίνεται δὲ ἐν μὲν τῇ ἔξω τῇ περὶ Ἡρακλείας στήλας θαυμαστόν τι τὸ μέγεθος ὥς φασι, καὶ τὸ πλάτος μεῖζον ἢ ταλαιστιαῖον. *Hist. Plant.* L. 4., ed. de Schneider, Lipsiae 1818. T. 1., p. 138.

ἐν δὲ τῇ ἔξω τῇ περὶ Ἡρακλείας στήλας τό τε πράσον, ὥσπερ εἴρηται, φύεται. Ibid. p. 141.

De Mirabilibus Auscultationibus = Λέγουσι, τοὺς Φοίνικας τοὺς κατοικοῦντας τὰ Γάδειρα καλούμενα, ἔξω πλέοντας Ἡρακλείων στηλῶν ἀπηλιώτῃ ἀνέμῳ ἡμέρας τέτταρας, παραγίνεσθαι εἴς τινας τόπους ἐρήμους θρύων καὶ φύκους πλήρεις, = p. 305 da ed. de Beckmann.

[*o*] *les Cartaginois ont non-seulement appris à Hérodote la tentative du persan Sataspes, qui, voulant faire le tour de l'Afrique*, fut arreté par les herbes flottantes aux environs des Canaries; mais etc. T. 1., p. 81.

[*p*] τοῦ δὲ μὴ περιπλῶσαι Λιβύην παντελῶς, αἴτιον τόδε ἔλεγε· τὸ πλοῖον τοπρόσω οὐ δυνατὸν ἔτι προβαίνειν, ἀλλ' ἐνίσχεσθαι. L. 4., § 43, ed. de Wesseling, p. 299.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

rem conhecidas as que havia; chuveiros etc. Tal foi o sentimento de Seneca (M. A.), Plinio, Tacito, Plutarcho, Solino, Dionysio Periegeta, e Prisciano [q].

Outros colligírão de todas as opiniões expendidas huma especie d'opinião ecletica, ajuntando ao lodo e ás plantas maritimas, que impedião a navegação, á pouca profundidade do mar, á sua immobilidade e escuridão, e á falta de ventos, a multidão de monstros marinhos que aterravão os navegantes. Assim descrevem o Oceano Atlantico Pedo Albinovano [r], e Avieno, referindo-se, em parte, ao Cartha-

---

[q] Seneca (M. A.) = *Stat immotum mare, et quasi deficientis in suo fine naturae pigra moles*, novae *ac terribiles figurae, magna etiam Oceano protenta, quae profunda ista vastitas nutrit, confusa lux alta caligine, et interceptus tenebris dies, ipsum vero grave et devium mare, et aut nulla aut ignota sidera.* = *Suasoriarum Liber*, Suasoria 1., p. 2, T. 3. da ed. Variorum, Amstelodami 1672. Plinio = *Septentrionalis Oceanus: Amalchium eum Hecatacus appellat, a Paropamiso amne, qua Scythiam alluit, quod nomen ejus gentis lingua significat congelatum. Philemon Morimarusam a Cimbris vocari, hoc est, mortuum mare, usque ad promontorium Rubeas: ultra deinde Cronium. Hist. Nat.* L. 4., cap. 27. T. 2., p. 183 *Thule unius diei navigatione, mare concretum, a nonullis Cronium appellatur.* Ibid., cap. 30, p. 201.

Tacito, *Germania*, l. c. na nota (*k*):

Sed mare pigrum et grave remigantibus perhibent: ne ventis quidem perinde attolli. Agricola, § 10, T. 4., p. 92 da ed. citada.

Plutarcho, l. c. na nota (*l*):

Solino, no cap. 19, § 2, repete o primeiro passo de Plinio, quasi palavra por palavra.

Dionysio Periegeta:

. . . . . αὐτὰρ ὕπερθεν,
πρὸς βορέην, ἵνα παῖδες ἀρειμανέων Ἀριμασπῶν,
πόντον μιν καλέουσι πεπηγότα τε Κρόνιόν τε·
ἄλλοι δ' αὖ καὶ νεκρὸν ἐφήμισαν εἵνεκ' ἀφαυρῶ
ἠελίου· βράδιον γὰρ ὑπεὶρ ἅλα τήνδε φαείνει,
πάντε δὲ σκιερῆσι παχύνεται ἐν νεφέλῃσιν.

v. 30 a 35, p. 10 da ed. de Bernhardy.

Prisciano:

Finibus Hesperiis Atlanticus ille (o Oceano) *vocatur:*
At boreae qua gens fervens Arimaspa sub armis,
Dicitur ille piger, nec non Saturnius: idem
Mortuus est aliis, minime quod lumine solis
Perfruitur; tarde radios nam suscipit ortus,
Nubibus et crassibus premitur, nimbisque gravatur.

Periegesis, v. 39 a 44, p. 271 do T. 5., P. 1. dos *Poetae Latini Minores* de Wernsdorf.

[r] *Jam pridem post terga diem, solemque relictum,*
Jam pridem notis extorres finibus orbis,
Per non concessas audaces ire tenebras

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

ginez Himilcon [s]; mas Avieno, como bem mostrou Wernsdorf [t], he o depositario de opiniões mui antigas de que difficilmente se encontraráõ rastos n'outra parte.

Hesperii metas extremaque litora mundi.
Nunc illum, pigris immania monstra sub undis
Qui ferat, Oceanum, qui saevas undique pristes,
Aequoreos que canes, ratibus consurgere prensis.
Accumulat fragor ipse metus, jam sidere limo
Navigia, et rapido desertam flumine classem,
Sequi feris credunt, per inertia fata, marinis
Jam non felici laniandos sorte relinqui.

De Navigatione Germanici per Oceanum septentrionalem. Poetae Latini Minores, ed. de Wernsdorf, T. 4, p. 229 e seguintes.

[s] *Sic nulla late flabra propellunt ratem,*
Sic segnis humor aequoris pigri stupit.
Adiicit et illud, plurimum inter gurgites
Exstare fucum, et saepe virgulti vice
Retinere puppim. dicit hic nihilominus,
Non in profundum terga demitti maris,
Parvoque aquarum vix supertexi solum:
Obire semper huc et huc ponti feras,
Navigia lenta et languide repentia
Internatare belluas.

Ora maritima, v. 120 a 129, p. 1187 do T. 5.; P. 3. da ed. de Wernsdorf.

..... porro in occiduam plagam
Ab his columnis (as d'Hercules) *gurgitem esse interminum,*
Late patere pelagus, extendi salum,
Himilco tradit, nullus haec adiit freta,
Nullus carinas aequor illud intulit,
Desint quod alto flabra propellentia,
Nullusque puppim spiritus coeli juvet:
Dehinc quod aethram quodam amictu vestiat
Caligo, semper nebula condat gurgitem,
Et crassiore nubilum prestet die.
Oceanus iste est, orbis effusi procul
Circumlatrator, iste pontus maximus.

Ibid. v. 380 a 391, p. 1234.

Hunc usus olim dixit Oceanum vetus,
Alterque dixit mos Atlanticum mare.
Longo explicatur gurges hujus ambitu,
Produciturque latere prolixe vago.
Plerumque porro tenue tenditur salum,
Ut vix arenas subjacentes occulat.
Exsuperat autem gurgitem fucus frequens,
Atque impeditur aestus hic uligine:
Vis belluarum pelagus omne internatat,
Multusque terror ex feris habitat freta.

Ibid. v. 402 a 411, p. 1237.

[t] *Excursus II ad Avieni Ora maritima*, p. 1433 e seguintes do T. 5., P. 3, dos *Poetae Latini Minores.*

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

No que fica exposto apparece claramente o estofo donde se cortárão as tradições sobre o mar tenebroso, que os Arabes recamárão de fabulas suas.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

DOCUMENTOS.

DOCUMENTO N.º I.

Instrumento, que tirou Pedro Affonso em seu nome, e como procurador de Martim Lourenço da Cunha e outros, aos quaes forão entregues por ElRei D. Affonso de Portugal os Castellos de Villa Viçoza, Sortelha, Selorico, Penamacor, Castello Mendo, e Monte mor o novo, para os terem em fidelidade; até se cumprirem os pactos e posturas, que havia entre o dito Rei, e o de Castella D. Affonso, em que se acha um Instrumento do dito Rei de Portugal, em que requeria aos sobreditos, que lhe entregassem os ditos Castellos, por quanto ElRei de Castella quebrantara os ditos pactos, etc. Em Coimbra a 11 de Junho da Era de 1376 (anno de 1338).

(Torr. do Tomb. Gav. 18, m. 4, n. 22.)

En Nome de deus Amen. Sabham todos como na Era de mil e trezentos e seteenta e seis Anos convem assaber Onze dias de Junho na Cidade de Coinbra emna Alcaçova do muito Alto e mui Nobre Senhor Dõ Affonsso pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarve perante o honrrado Pero dosem Chanceler moor do dito Senhor Rey En presença de mym martim stevez publico tabellyom do dito Senhor Rey em na dita Cidade de Coinbra ffernam gonçalviz cogomynho Cavaleyro vassalo delRey e seu procurador que se dezya, Apresentou huum Quaderno scripto en papel e so ca-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

da huma ffolha assignado per mão de Pero ffernandiz scrivam da Camara dElRey de Castela e seu notayro publico en na sa Corte e en todos os seus Reynos segundo en el parecia do qual quaderno o tehor A tal he = En el Real de la cierca de sobre lerma veynte dias de Agosto Era de mil e trezientos e setenta e quatro Anos, estando el muy Alto e muy noble e mucho honrrado señor Dom Affonso por la gracia de dios Rey de Castiella de leon de toledo de gallizia de sevilla de cordova de murcia de Jahen del Algarbe e señor de molina en las casas do el dicho señor Rey pousava seyendo presente Antre este dicho señor yo Pero ffernandiz escrivano de la sua camara e su Notario publico en la su Corte en todos los sus Regnos e los testamonios que a delantre som escriptos parecio y Pedro alffonso Alcayde del Castiello de Vila Viciosa que es en Portugal Et mostro e ffis leer por mi el dicho notario tres cartas de procuraciones, el tenor de las quales es este que se sigue « Sepan quantos esta procuracion vieren e leer oyren como nos martim lorenço de cunha alcaide del castiello de Sortella, *ffernadoso* (*a*) de caanbra Alcaide del castiello de celorico e rruy vasquez rribero alcaide del castiello de peña mocor los quales castiellos tenemos en arrehenes pera ser guardados pleitos e posturas e abenencias e firmedumbres que fueron fechas e firmadas entre el muy alto e muy Noble señor Dom Alffonso Rey de portugal e del Algarbe e el muy Noble Rey Dom Alffonso de castiella fazemos e ordinamos e establecemos por nuestro cierto procurador ligitimo e abondoso e como mays conplidamiente puede ser e mays valer Pedro alffonso alcaide del castiello de villa viciosa pera dezer al dicho señor Rey de Castiella affruenta que nos ffizo el dicho señor Rey de Portogal diziendo que el entregasemos los dichos castiellos porque dezia que el dicho señor Rey le quebrantara los pleitos e las posturas e las abenencias que con el avya porque los dichos castiellos eram puestos en arrehenes como dicho es faziendo contra el gerras los quales som contenidos en un escripto del qual escripto enbiamos ende mostrar el tralado por el dicho nuestro procurador Al dicho señor Rey de Castiella fecho e signado por mano de Lourenço martines tabaliom general en los Regnos de portogal e del Algarbe Et da-

(*a*) Fernão d'Affonso.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

mos conplido poder al dicho nuestro procurador pera poder pedir Respuesta del dicho escripto al dicho señor Rey de castiella pera ser nos ciertos de lo que sobre esto dixier Et prometemos a aver por firme e estable pera sienpre todas las cosas e cada una dellas que por el dicho nuestro procurador fuer dicho e procurado en las cosas de suso dichas e en cada una dellas so obligamiento de todos nuestros bienes fecha en estremos diez dias de Julio era de mil e trezientos e setenta e quatro anos testigos Dom Johan lopes fernandes señor de ferreyra dom g. de casal estevam da guarda Alffonso esteveanes e otros Et yo lorenço martines tabalion general que esta procuracion a Ruego de los dichos Alcaides escrevy e en ella mio signal pugy que tal es en testimonio de verdad. » Sepan quantos esta procuracion vieren e leer oyerem como nos Dom frey estevam gonçales maestre de la cavallaria de la hordem de Jhesu christo alcaide del castiello de castiel mendo el qual castiello nos tenemos on arrehenes pera ser guardados pleitos e posturas e abenencias e firmedumbres que fuerom fechos e firmados entre el muy alto e muy Noble señor Dom Alffonso Rey de portogal e del Algarbe e el muy *alo* e mucho Noble señor Dom Alffonso Rey de castiella fazemos e ordenamos e estabrescemos por nuestro cierto procurador ligitimo e Abondoso como mas conplidamiente puede ser e mas valer pedro alffonso alcayde del castiello de villa viciosa pera dezer al dicho señor Rey de Castiella affruenta que nos fizo el dicho señor Rey de Portogal dizendo que el entregasemos el dicho castiello porque dizia que el dicho señor Rey de Castiella le quebrantara los pleitos posturas abenencias que con el avya porque el dicho castiello era puesto en Arrehenes como dicho es faziendo contra el gerras los quales som contenidos en un escripto del quoal le enbiamos mostrar el traslado por el dicho nuestro procurador al dicho señor Rey de Castiella fecho e signado per mano de lorenço martines tabaliom general en los Regnos de portugal e del Algarbe Et damos complido poder al dicho nuestro procurador pera poder pedir rrespuesta del dicho escripto al dicho señor Rey de castiella pera ser nos cierto de lo que sobresto dixier Et prometemos a aver por firme e por estable pera sienpre todas las cosas e cada una dellas que por el dicho nuestro procurador fuer dicho e procurado en las cosas de suso dichas e en cada una dellas so obligamiento de todos nuestros bienes fecha en castiel

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

branco en los palacios de la ordem postrimero dia de Julio era de mil e trezientos e setenta e quatro Anos testigos martim rribero vassallo delRey Alvaro martins e lopo peres oydor del dicho maestre vaasco gil su escrivam biscardo vassallo del Rey e otros Et yo martim Jordam tabaliom delRey en Castiel blanco que por mandado del dicho maestre esta procuracion escrevy e mio signal aqui fiz que tal es. » Sepan quantos esta procuracion vieren como yo Gonçalo carvallaes alcaide del castiello de monte mayor el novo, el qual castiello yo tengo en arrehenes pera ser guardados pleitos e posturas e abenencias e firmedumbres que fuerom fechas e firmadas entre el muy alto e muy Noble señor Dom Alffónsso por la gracia de dios Rey de Portogal e del Algarbe e el muy Noble Rey de Castiella fago e hordeno e establesco por mio cierto procurador ligitimo e abondosso como mays conplidamiente puede ser e mas valer Pedro alffonso alcaide del castiello de villa viciosa pera dezer al dicho señor Rey de Castiella affruenta que me fizo el dicho señor Rey de Portogal diziendo que el entregase el dicho castiello porque dezia que el dicho señor Rey de Castiella le queblantara los pleitos posturas e abenencias que con el avya porque el dicho castiello era puesto en arrehenes como dicho es faziendo contra el gerras los quales som contenidos en un escripto del qual escripto enbio ende mostrar el traslado por el dicho mio procurador a el dicho señor Rey de Castiella fecho e firmado por lorenço martines tabaliom general en los Regnos de Portogal e del Algarbe Et do conplido poder al dicho mio procurador pera poder pedir Respuesta del dicho escripto al dicho señor Rey de Castiella pera ser yo certo de lo que sobresto dixier, E prometo a aver por firme e estable pera sienpre todas las cosas e cada una dellas que por el dicho mio procurador fuer dicho e procurado en las cosas sobredichas e en cada una dellas so obligamiento de todos mios bienes fecha en Stremos en los palacios del dicho señor Rey vyente e hun dia de Julio Era de miel e trezientos e setenta e quatro Anos testigos lopo fernandes señor de ferreira Ruy garcia de casal Pedro dosem Alffonso estevam Et yo lorenço martines tabaliom general que esta procuracion a Ruego del dicho gonçalo carvallaes escrevi e en el mio signal puse que tal es en testimonio de verdade las quales cartas de procuraciones leidas el dicho Pedro alffonso mostro al dicho Rey un es-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

trumento escripto en pergamino que parescia ser signado del signo de lorenço martines tabalion general en el Regno de Portogal el teor del quoal es este que se sige «Sepan quantos este estromento vierem como en la Era de mil e trezientos e setenta e quatro Anos diez e seis dias de Julio en la villa de estremos en los palacios del muy Alto e muy Noble señor Dom Alffonso por la gracia de dios Rey de Portugal e del Algarbe estando y presente el dicho señor Rey pressente yo lorenço martines tabalion general en los dichos sus Regnos e de los testigos adelante escriptos presentes otrossy martim lorenço de cunha Alcayde del castiello de sortella Ruy vasques ribeyro alcaide del castiello de peña mocor fernando alffonso de caanbra alcayde del castiello de celorico e Pedro alffonso alcaide del castiello de villa viciossa el dicho señor Rey dixo a los dichos Alcaydes que bien sabien ellos e eran ciertos porque manera e com quales condiciones tenian los dichos castiellos en arrehenes por razon de los pleitos posturas abenencias firmedumbres que entre el e ElRey de Castiella avya contra los quales pleitos posturas abenencias e firmedumbres dizia el dicho señor Rey de Portogal que el dicho Rey de Castiella yvá e los quebrantara Et por ende les pediai que pues le el dicho Rey queblantara los dichos pleitos posturas e abenencias que le diessem e entregassem los dichos sus castiellos. Et los dichos Alcaides le dixierom e pedierom que les dixiesse que gierras fuerom aquellas que le elRey de Castiella fiziera porque dizia que le quebrantara los dichos pleitos e posturas e que elles que lo verian e averian sobre ello consejo e farian todo aquelo que entendiessem que por sus verdades fuessem guardados Et entonce el dicho señor Rey mando leer un escripto en que se contenya las dichas guerras, del qual escripto el tenor de verbo a verbo a tal es « Esto es lo que ElRey de Portugal diz en que ElRey de Castiella le erro contra el pleito e amor que entre ellos es puesto e firmado e contra las buenas obras que le ha fechas » Primeramiente diz ElRey de Portogal que amando el al Rey de Castiella verdaderamiente e faziendole obras de verdadero amigo seyendo el de tal hedat que non avya tempo de reger la su terra nin poner en recado algunas cosas que se hy fazian assy como en aquelo que recrecio entre los de badaios e los de yelvas en dias delRey dom Denys que vyno el fecho a passo por aquelo que el y mandava fazer que los

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

de badajos fincaron en tamaño daño que fuera assas grande e estraño si elRey de Portogal que agora es seyendo estonce Infante lo non partiera assy como es cierto e sabido Et non solamiente en esto mas depues que fue Rey en Algunas otras maneras en que recrecieron empieços al Rey de Castiella contra la sua voluntad e contra el su estado en la su terra mesma e dotras partes tambien ante de tiempo que com el tomase aquel deudo señalado que y ha como en el tiempo que el deudo se junto faziendole el Rey de Portogal aver toda la heredat que fue del Infante dom Pedro de que el avya grand vbluntad pera la cobrar e que le complia mucho dando por ella canbio en portogal a dona blanca en villas e en logares en la mas señalada camarca e mas Rendable que y ha, Et otrosi faziendole despues aiudas por el mar e por la terra non recelando costa grande de seu aver e de seus naturales que a esto embio e nim afam e ven̄. (*b*) de sus cuerpos Et otrosy enbiando elRey de allen mar al Rey de Portugal sus mensegeyros de los mas onrados que en la su terra avya e de que el mays fiava com sus cartas e com su cierto recaudo por que lo enbiava a rogar e afincar que quisiese con el pleyto e amor apartadamiente pera ser el cierto que non recebiesse del nin de los de la su terra daño e por esto le faria semeiable pleyto e seguramiento pera la su terra demas que el daria grand algo de su aver e que lo ayudaria com ciertas galeas e com ciertos cavallos contra todos los del mundo contra quelos el quisiesse Et ElRey de Portogal veyendo la entencion que lo a esto movya e temiendo que si a ElRey de Portogal oviesse afastado de su daño que lo entendya a passar com ElRey de Castiella como a el conpria, Pero teniendo ElRey de Portogal que avya en elRey de Castiella Amigo verdadero pera sienpre dio pasada a esta pleitesia e non la quiso enbiando dezir al Rey de Castiella esto que el ElRey de Alen mar enbiava mover e por qual guissa assy como el sabe Et porque en esto en otras cosas que mostro per obra qual voluntad tenya de lo amar e lo aiudar que seria luenga razon de se dezir todo por mehudo por quellos que esto oyerem el conoscimento que ElRey de Castiella le desto mostro e muestra e qual voluntad le sienpre tovo e las obras que le fizo e faze contra ello e contra todo aquello que a el tañe faziendo su daño e de la su terra tien

(*b*) rentura.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

por razom de contar algunus yerros que del rescibio e rescribe yendo contra el pleito e las posturas que entrellos som firmadas primeramyente Avyendo ElRey de Castiella a guardar onrra e estado a la Reyna assy como a ssu muger se tañe en el pleito non es pera negar que el estado que ella devya a tener en la onrra e en la pro e en la fiança e en el mostramiento de su voluntad e en querer el que los dela terra catassem por ella e la serviessem assy como era razom e como siempre fizierom todos los que fuerom de buena ven. (c) de todo esto es el contrario e todo es tornado allur e non terria ElRey de Portogal por estraño quando el su mancebya quisiesse fazer con aquela muger com que la el faz o con otra de lo fazer nin otrossy ternya por sin razon del fazer merced e biem como cabia en tal razom como esta e como fizierom aquellos a que esto avino mas de qual gissa esto passa e se faz fuora de razon e de manera esto tam estraño es quanto se non puede dezir por palabra nem solamiente en fazer a la Reyna fazer tal vida e tal passada qual passa e qual es avulgada por el mundo de que el mundo non toma recelo nin verguenga de dios nin de los omes mas aun en el poder e en la onrra e en la fiança que muestra a aquella muger com que bive Et otrossy en non ossar ningund ome de pro catar por la Reyna nin servilla e estes pocos que com ella bivem entienden que tien los cuerpos a ocasion de muerte assy como se mostro em algunos a que el tiro los officios que della tenian e la desanpararon e se fueron Et los otros que la voz quisierom tener daquella parte en que el tien la voluntad luego les mostro fiança e merced e los tovo e tien por suyos pero que ElRey de Portogal es cierto que aquestos mesmos que esta bos agora tienen mas complir a el voluntad e por fazer su pro en lo de lugo que por lo entender por razon que estos mesmos razonan entre sy e dizen en otras partes que es contra dios e contra razon recelando que de dios e dElRey mesmo o de allar les ha de venir daño por como esto passa Et veyendo algunas maneras estrañas que ha tiempo que passarom e sabiendo otras que estodierom en passo de se fazer de las quales fuerom e som muchas non som pera callar estas que se diran. « Sabyda cosa es que seyendo ElRey de Castiella en burgos este dia de santiago que agora vyen avra quatro años e faziendo festa de su coronacion

(c) ventura.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

fue fablado e acertado de coronar consigo leonor nunes e de la tomar por muger estando esto en punto cierto pera se fazer assy quiso dios que sovo estonce a saber como la Reyna era preñada e por esto ovierom razom aquellos bonos que se estonce y acertarom de partir este fecho pero que sabydo es que desto fue estonce e es fama publica Et pera se non poder negar que non fue assy cierto es que vestido estava ElRey pera se coronar e la Reyna non sabya daquello estando leonor al cercado Et non solamiente fue esto sabido en castiella mas bien aca en Portugal e en las otras partes assy lo ovyerom por cierto Et otrossy al tiempo que se acerto en toro muerte del Infante dom fernom su fijo delRey de Castiella e de la Reyna dona maria su muger de la venyda que el vyno de gribaltar e estando en Sevilla fue estonce y movido e fallado por los omes bonos de los meiores que estonce y eram de como ElRey fablava e tratava con Algunos que fiziessem omenaje a Dom Pedro su fijo e de leonor Nunes assy como fijo herdero Et assy non fuera por algunos bonos que tenyam esto por estraño e que lo contradixierom porque fue estonce fecho muy grand alboroço en la villa de Sevilla en punto estava el fecho de se dezir avulgadamiento e de sse fazer la otra razom es quam solamiente dio e da grand parte de los castiellos e de las fortalezas de sa terra allos figos de aquela muger com que bive e a ella otrossy faziendole fazer dellos omenajes apartados como de su heredat propia en deseredamiento del Infante su fijo e nom tam solamiente de lo que es de la corona del Reyno mas aun en la villa de ledesma que la Reyna avya pera su mantenimento que ge la tollio e la dio a un su fijo e de leonor nunes E otrossy tomando a los omes bonos de la terra e a los prelados los lugares de las villas que ham e ovierom sienpre exentamiente de que los fuerça e dessereda e todo es com voluntad que muestra pera herdar e apoderar aquella muger e sus fijos e en baxamiento del estado de la Reyna e en deredamiento e desapoderamiento del Infante su fijo Et otro ssy ende enblava a la Corte cometer de aver despensacion de legitimación pera los fijos e qual esta razom es e quam desvariada los omes lu pueden entender Et por esto non ha agora por que se mas declare Et otrossy en aquelo que agora fas a Dom Johan fijo del Infante dom manuel poniendo le torva e enbargo en la venida que avya de fazer com dona Costança su fija que avya de aduzir pera fecho de casamiento del

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Iffante Dom Pedro fijo delRey de Portogal Et otrossy en hir cercar a Dom Johan nunes aciente por que sabya que avya de venyr a estas bodas pera fazer hy servicio e onrra al Rey de Portogal cuyo vassallo es, Et sabydo es que estes omes fasta agora passaron con el por otra guissa e bien se muestra que lo fas por lo dEl Rey de Portogal ca cierto es que cada uno dellos avya con el su manera acertada pera non rescebir del daño trayendo el a cada uno dellos muchas pleytessias de mostramiento de grand su pro pera los aver contra el *eñbando* de aquella muger que lo tien en poder e en desfazimiento del estado de la Reyna su muger e del Infante su fijo pera le consentir la vida e la passada que fas Et por que lo ellos non quisieron caber se movio a esto e estremadamiente en esto que agora fas a dom Johan nunes de que se nunca ante trabajo del fazer daño porque el mostrasse lo que el agora muestra ante avya con el suas posturas fasta tienpo cierto a que el non fiziesse mal Et des que sopo que fincara por vassallo delRey de Portogal teniendo que por afincamento de *premia* lo avya de aver contra el por la manera que dicha es pues lo por otras pleitesias non pudo aver por esto se movio a le fazer esto dessy teniendo que este fecho en razon de casamiento del Infante su fijo que tan bien por esto como por lo al que mando fazer que ay de dar torva e enbargo quanto el pudier mostrando que el pesa desto e de toda cosa que a el e al Infante su fijo fuer onrra e pro segundo se muestra por voluntad e por fecho Et como quier que el en su dezir diga que Dom Johan e Dom Johan nunes som sus enemigos e que le fezierom daño en la terra cierto e sabydo es que la estrañidat que el ha dellos por lo que el ha começado contra ellos es, ca en la parte de la razom de Dom Johan fijo del Infante Dom manel sabydo *el las razom* por que recrescio y el daño que se fyzo en pero que el diz que por el Rey de Portogal perdio dom Johan casamiento con la Reyna su fija el contrario es desto la verdad ca ya el dexado avya su fija do dom Johan e quisiera contra el fazer lo que los omes sabem quando el enbio mover al Rey de Portogal aquel casamiento que se fizo afincandblo mucho entendiendo que le conpria mucho de tomar con el este deudo per la proes que se le ende seguierom que som tantas que seria luengo de contar Et otrosy en la parte de Dom Johan nunes cierto e sabydo es que por la heredat que le tien forçada e de que lo tien deseredado que *dios alos* sus fijos por

esto recrescio entre ellos aquello que se fasta agora fizo Et por esto e por otras cosas que som muchas e muy desvariadas en fecho e en dicho e en mostramiento de voluntad tien ElRey de Portogal e es cierto que ElRey de Castiella le fue e va contra el pleito e las posturas que entre ellos ha. El qual scripto asy mostrado e leydo los sobredichos Alcaydes pedierom ende el traslado pera lo ver e aver sobrel conseio como dicho es Et el dicho señor Rey gelo mando dar fecho en la dicha Era mes e dya e logar sobredichos testigos Dom Johan lope fernandes señor de ferreira Roy garcia de casal estevam da guarda Affonso steves e otros Et yo lorenco martines tabalion sobredicho que a estas cosas de suso dichas com los dichos testemonios presente fuy e este stormento por mandado del dicho señor Rey com my mano screvy e nel pusy mio signal que tal he en testimoinho de verdad. Et el dicho Instromento leydo el sobredicho senor Rey de Castiella e de leom mostro e fizo leer por mi el dicho notario un scripto de respuesta el tenor del qual es este que se sigue «Esto es lo que ElRey de Castiella diz a las cosas que ElRey de Portogal enbio dezir por su escripto a martin lorenço de Cunha alcaide del castiello de sortella e fernandoso de caanbra alcaide de celorico e Roy vasquez ribeyro alcayde del castiello de pena mocor e a Dom frey estevam gonçales maestre de la cavallaria de la ordem de Jhesu christo alcayde del castiello de castiel mendo e gonçalo carvalales alcayde del castiello de monte mayor el novo e Pedro affonso alcayde del castiello de villa viciosa en que dis que el fue el Rey contra el pleito e amor que entre ellos era puesto e contra las bonas obras que el dis que el fizo e le a fechas» A lo que diz de lo que fizo por la contienda que era entre llos de badajos e los de yelvas quando ElRey de Castiella era menor de hidat verdat fue que el que fizo hy bien pero el fazya lo aguisado ca tales eran los deudos que deso uno avyan que por dos conseios de cada unos dellos Regnos ser entre sy de parados e aver contienda sobre sus terminos avya razon de lo asesegar ante que por el yerro delos dexar crecer entre los regnos deparamiento e mal. A lo que diz en razon de la heredat que fue del Infante dom Pedro bien sabe el Rey de Portogal que en las posturas que entrellos anbos fuerom en tiempo que movierom el casamiento de dona blanca e del Infante Dom Pedro su fijo que ElRey de Castiella queriendo la heredat que dona blanca avya en su

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

señorio que ElRey de Portogal fuese tenido de dar a dona blanca pues yva casar con el Infante Dom Pedro su fijo camio de heredat en Portogal ende entrega da ciento e medio que avya a dar Al Rey de Castiella en casamiento com la Reyna su fija Et de tal obra como esta e desta guisa fecha todo home la faria a otro pues era postura e devida como era esta. A lo que diz de las aiudas que el fizo por mar e por terra verdat fue que el enbio galeas por mar el anno que ElRey gaño la villa de olvera e otros tres castiellos de moros Et estando el su almirante e ellos esperando la flota delRey de alem mar que avya de venyr á pelear com ellos el su Almirante e los que venian com ellos sus galeas fuerom se dende e non los quisierom atender Et luego otro dya el almirante delRey de Castiella e com la su flota que tenya peleo com los moros de la flota delRey de allen mar e loado á dios venciolos sim su ayuda. Otro sy verdat es que el año que ElRey de castiella fue sobre teba que ElRey de Portogal que enbio gentes de Cavallo e el maestre de christus com ellos en ayuda dElRey e teniendo cercada la dicha villa venierom se los delRey de Portogal diziendo que el Rey de Portogal enbiava por ellos. Otrossy quando los moros cercarom a gibraltar enbio ElRey de Castiella rogar al Rey de Portogal que enbiasse hy sus galeas en ayuda de la sa flota porque era el inverno fuerte e non se podya acorrer por terra que la terra es tal Et ElRey de Portogal enbio hy galeas e estadieron y com la su flota muy poco tiempo e venierom se e finco la su flota ala Et quando ElRey de Castiella fue alla pera le acorrer fallo que eran tornados dias avie Pero cavalleros bonos de Portogal que yvan com ellos aviendo verguença desto e por fazer aguisado e conoscendo la naturaleza que avyan com ElRey de Castiella fuerom em sevilla e entrarom com el alla Et diz ElRey de Castiella que por que ElRey de Portogal se alaba de aiudas que el fizo enbia el contar a los dichos alcaides las ayudas quales fuerom e como lo el passo sin ellos ca esta es la verdat que desta guisa passo e non dotra. A lo que diz del pleito delRey de allen mar que el embio cometer bien sabe ElRei de Portogal que tenudo era el de non fazer pleito con el Rey de alen mar nin com otro Rey de moros que contra christianos fuesse e que lo avya aguardar lo uno como christiano lo otro porque ElRey de allem mar avya guerra com ElRey de castiella Et El e ElRey

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

de Portogal eram Amigos por posturas e por grandes deudos que ham como todo el mundo sabe Et quando ElRey de Castiella amor e abenencia quisera o quisiese com ElRey de allen mar com Rey del mundo non la querra ElRey de allen mar tanto porque es ElRey de Castiella aquel de que mayor ayuda podya venir a mayor daño que de otro mas nunca la com el quiso aver Et quanto en estas cosas sobredichas quando bien fuere catado mayor pro e guarda fizo ElRey de Portogal assy que el Rey de Castiella en ello porque sabe el e todo el mundo que a cada unos destos fechos podera ElRey de Castiella dar salyda e conseio com la merced de dios. A lo que diz que el fue contra las posturas que entrellos som puestas primeramiente en que diz que pusiera guardar onrra e estado a la Reyna assy como a su muger e desto que era el contrario por muchas maneras que ali cuenta en su escripto A esto diz ElRey de Castiella que el contrario desto es la verdat ca el guardo e guarda muy bien e complidamiente estado e onrra de la Reyna primeramiente en que el dio muchas bonas villas e muchos bonos castiellos e muchas bonas rentas en que se mantoviesse muy onrradamiente e mucho abondadamiente como lo faz que nunca tanto ovo Reyna en Castiella fasta el dya de oy nin Reyna dona maria su avuela que ovo muy grand logar e muy grand poder en la casa de Castiella e fizo muchos merecimientos e bonos pera ela ser mucho heredada en castiella lo primero por ser muger delRey dom Sancho con que le a ella fue muy bien. Et despues por criança que fizo en el Rey dom ferrnon su padre e grand afam e grand coidando que passo por el ende los sus meesteres. Et otrossy en la su criança delRey mesmo e por le guardar su terra e su estado nunca tanto pudo aver de heredat nin de rrenta en castiella como ElRey de Castiella a dado a esta Reyna su muger e porque ella mantien oy mayor casa e mayor fazienda que nunca mantovo Reyna que fuesse en castiella Et en la onrra e en el estado mantien gelo el Rey muy bien e muy conplidamiente e tienlo assy por derecho. Et todos los del Regno la sirven e la onrram como es aguisado Et esta es verdat manifiesta e non al Et a lo que ElRey de Portogal diz de la otra manera diz ElRey de Castiella que esto non era en la postura nin le faze a el yerro ninguno e que avya mucho escusado de fablar en este fecho nin por el tan solamiente

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

esto tal. Et a lo que diz que al tienpo que ElRey de castiella se corono en burgos este santiago ovo quatro anos que tovo fablado de non coronar a la Reyna salvo porque sopo que la Reyna era preñada e que esto era sabydo e manyfesto porque aquel dya estava ElRey de castiella vestido pera se coronar e ella non lo sabya, A esto dize ElRey de castiella que quando el ordeno *aañt* de aquello desecoronar que la Reyna que fue en el acuerdo e que todos sus guisamientos quantos conplia tovo fechos pera aquel dya. Et como lo el tovo en coraçom de dar a ella su onrra assy lo fizo entendiendo muy bien ElRey de Castiella qual era su onrra en este logar e assy lo vierom cavalleros de portogal que se hy acaescierom entonce que assy passo verdaderamiente e nunca fue nada de lo que ElRey de Portogal diz Et tien ElRey de Castiella que ElRey de Portogal devyera escusar de dezer tal razon que faria el tal mingua ca pera catar el lo aguisado e qual es mas su onrra non tien el que gelo tam bien cuydaria ElRey de Portogal como se lo el entiende. Alo que diz ElRey de Portogal que quando ElRey de Castiella vyno de gibraltar e seyendo en sevilla por razon que finara entonce el Infante Don fernon su fijo que fuera fablado e sabydo que ElRey de Castiella tratava com algunos que fiziessem omenaje a Dom Pedro su fijo e lo recibiesse por heredero si non fuera por algunos que lo contradixierom. A esto diz ElRey de castiella que a tam poco al Rey de Portogal de assacar lo que nunca fue fablado nim cuydado nim es ElRey de Castiella tal que tál cosa fiziesse nim coydasse nim podera ome del mundo dezer que verdat dixiesse que nunca tal cosa feziesse nim cuydasse nim podera ser que nunca tal razon fue cuydada nim asinada nim fablada como esta ca bien entiende ElRey de Castiella que es lo que a de guarda en esto. Alo que diz ElRey de Portogal que el Rey de Castiella dio villas e castiellos a sus fijos en abaxamiento del estado de la Reyna e en desheredamiento e desapoderamiento del Infante su fijo esto diz ElRey de Castiella que bien sabe ElRey de Portogal que sienpre los Reys de castiella e de leon heredarom los sus vassallos e los sus naturales por se servir mejor delos. Et el que heredo sus fijos assy como a sus vassallos e sus naturales del e del Infante su fijo assy como fezierom otros Reys a los fijos que ovierom en la casa de castiella e de leon e de aragon e de Portogal assy como el sabe e que los heredo de villas e de castiellos e de logares que el heredo e gano del Infante

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

dom Pedro e del Infante Dom felipe sus tyos e de Dom Sancho de ledesma e de la Reyna dona maria e dotros de que los el ovo e heredo com derecha razon Et que por ellos e por los lugares e castiellos que avian rescebierom al Infante por señor e por heredero e le fezierom omenaje assy como los otros de la terra Et assy aguardo e aguarda el muy bien e muy conplidamiente estado de la Reyna e del Infante e muy mejor que lo el guarda en lo que diz e faze. A lo que diz ElRey de Portogal de lo de ledesma que tomo a la Reyna A a esto dize ElRey de castiella que ledesma non gela avya dada nim avya el señorio della mas que avya los derechos dela e que el dio por ella la villa de aellon com sus aldeas e com el señorio della que es de muy mayor Renta Et le dio el Algaba de sevilla que Rinde sesenta mill maravedis Et porque el heredo a ledesma de dom Sancho que la dyo a Dom Sancho su fijo. A lo que diz que ElRey de Castiella que toma a los omes bonos de la terra e a los prelados las villas e los castiellos que an e ovierom sienpre exientamiente por fuerça e los desereda A esto diz ElRey de castiella que el non desereda a ome bono de su terra nim a prelado nim a otro ninguno nim podera ninguno del su señorio querellar esto nim lo dezir otro ninguno que com verdat fuesse. Ca esto que ElRey de Portogal dize es mas com voluntad de lo assacar e a poner mala fama por acarretar le dãno sy el pudiesse. De mas de lo que ElRey de castiella feziesse en ell su Regno avya muy poco ElRey de Portogal de fablar en ello que sy ElRey de Castiella fablasse que era razon de reprehender un Rey a otro de lo que faze en su Regno quando a esto quisiese tornar bien fablaria en que el reprende ende lo que el fiziera contra algunos de su linaje non a mucho tenpo. A lo que diz de lo que ElRey de castiella faze a Dom Johan fijo del Infante Dom manuel e a dom Johan nunes en que diz que puso enbargo a dona Costança su fija que la non levasse a Portogal pera casar com el Infante dom Pedro su fijo Et otrossy que puso enbargo a dom Johan nunes que avya de yr a las bodas pera fazer servicio al Rey de Portogal cuyo vassallo diz que es. A esto diz ElRey de Castiella que esto es el contrario de la verdat que quando dom Johan fijo del Infante dom manuel le enbio dezir que la queria levar a su fija pera la casar a Portugal e que el mandasse por qual parte la levasse, elRey que el respondio qne el plazia que la levasse e poro el quisiese Et en la levada della

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

nol puso el enbargo nim gelo mandó poner Et si dize que por la estada que estudierom los maestres en su terra cabo de la terra de Dom Johan la dexo de levar que ellos non estodierom alli por poner en esto enbargo ninguno mas por defender la terra que sabya ElRey que avya dom Johan postura de aiudar a dom Johan nunes assy como lo fizo despues por la postura que de consuno uviom. Et en lo de Dom Johan nunes que diz que eles contra el porque es su vassallo A esto diz que nunca el sopo que era su vassallo fasta agora nim lo oyo dezir ante era vassallo delRey de Castiella e tenya del terra e dineros e era su alfieres e nunca se del espedio fasta despues que lo tovo cercado en lerma Et elRey de castiella ovo a ser contra el non lo podiendo escusar por le estranar muchos males e daños e yerros que el e los suyos fazyam en la terra e por fazer derecho a los querellosos que del tomarom daño como es tenido de lo fazer por el estado de la Justiça que ha de mantener assy como Rey e señor. Et quanto en lo de dom Johan fijo del Infante dom manuel fasta el dya de oy nunca le el fizo mal nem daño nim fue contra el ante le sufrio por le dar logar en la su merced sufriendol muchos males yerros e desaguisados que le el ha fecho assy como ElRey de Portogal sabe: Et de mas agora non le faziendo porque nim seyendo contra el ante seyendo su vassallo e teniendo del muy grand terra e seyendo su adelantrado de la frontera e del Regno de murcia se espedio del e le desserve e es en aiuda de Dom Johan nunes razonando e deziendo que lo faze con conseio e com esfuerço delRey de Portogal Et en estrañar alRey a dom Johan e dom Johan a otros quales quier del su regno e sus naturales el desconoscimiento que el fazen que es mayor razon e mas aguisada e mas derecha que non mostrase ElRey de Portogal por bando dellos en tener su boz nim avya razon ElRey de Portogal de fablar en esto nim de lo estrañar tam poco como el fablaria e estrañaria lo que el fiziesse en castigo a los de la su terra que el herrassem Et diz aqui ElRey de castiella mas que ElRey de Portogal da a entender por este escripto en sus razones que el que siente de la fazienda del Infante su nieto Et por la obra faz el contrario Et si su voluntad es del amar e de querer su pro non avya el a tomar bos nim bando delos que mal fazem en la terra nim avya en el a fablar esfuerço ca el non le podera el fazer tam mala obra en cosa del mondo como los estragadores de la

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

terra e del Regno que el a a heredar fallar en el conseio e aiuda lo que ElRey de castiella es tal que com la merced de dios gelo acalonarom a los que lo fazem e guardara la su terra pera sy e pera su fijo que ama mas verdaderamiente que non ElRey de Portogal en lo que diz ElRey de Portogal que ante que fuesse fablado el casamiento com ElRey de castiella avya ia ElRey dexada fija de dom Johan e era contra el A esto diz ElRey de Castiella que ante fue fablado el casamiento de su fija com ElRey de castiella que lo de la fija de dom Johan que bien sabe el que a la reina dona maria su ayuela fue cometido Et al Infante dom felipe e a dom Johan fijo del Infante dom Johan que eram sus tutores despues que fino la Reyna dona maria Et que sobre esto se vio la reyna dona beatris com el Infante dom felipe en yelves e que a el mesmo fue enbiado dezir estando en valladolid seyendo menor de hidat Et que sobe muy bien elRey de Portogal que era pleites desto pero rodrygues de villiegas Et despues que Alvar nunes ovo de ver su fazienda porque fallo que este pleito andava afincado Et por afincamiento que le dello fue fecho da parte de Portogal como ElRey e la Reyna sabem le conseio dexar fija de dom Johan Et porque la dexo don Johan espediosse del e fizol guerra Et el ovo a ser contra el e cercar le los sus logares Et quando el casamiento delRey com la reyna fija delRey de Portogal se ovo a firmar el Rey de Portogal saco ende grand pro e onrra como el sabe en las posturas que de consuno ovierom segunde las maneras que ante desto entrellos avya Et por estas razones diz ElRey de castiella que el non fue contra las posturas e abenencias que en uno avyan ElRey de castiella e ElRey de Portogal mas ante diz ElRey de castiella que elRey le fue e va contra las posturas e abenencias que en uno avyan por muchas razones que el mostrara en su tienpo e en su logar Et senaladamiente por algunas que todos veen manifiestamente la una es que como ellos oviesem posturas entressy de ser amigos de amigos e enemigos de henemigos que seyendo dom Johan nunes e dom Johan fijo del Infante dom manuel a su desservicio e trabajandose del servir tienpo ha ovieron fallas e posturas e abenencias com ElRey de Portogal contra el-Rey de castiella porque parece manifiestamente que por la bos e por la ayuda e por lo esfuerço que del toman le desservem agora ellos Et sabiendo el que el desservem ellos razona el por ellos e fabra en su ayuda como por este escripto

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

parecel e por las obras que el fas mayormiente que dom Johan fijo del Infante dom manuel que metio moros en la terra que ten consigo que correm la terra e ponem fuego en ella e quebrantam las yglesias e las ymagenes que estam en ellas e fazem otras desontras en dunuesto de la fe de los christianos e por esto puede veer e entender todo el mundo quam grand yerro el Rey de Portogal fas Et sabe muy ElRey de Portogal e manifiesto es a todos que sy dom Johan fijo del Infante dom manuel fue e es a desservicio delRey que fue por el por el deudo que ElRey de Castiella tomo com el Rey de Portogal porque tenya el carga de guardar esto quando no oviesse otras posturas entrellos. la otra razom en que ElRey de Portogal fue e va contra las posturas e abenencias que som entrellos es que enbio ElRey de Portogal cartas a las cibdades e villas del señorio dElRey de Castiella diziendo contra el muchas cosas que fazya las quales non som verdat en que lo enfama por le poner en malquerencia de las gentes por le meter bollicio e escandalo en la su terra. la otra razom en que ElRey de Portogal va contra las posturas e abenencias que som entrellos que enbio sus cartas a cada una dellas villas e logares que estam en fialdat por omenajes por guardar las posturas e abenencias que som entrellos en que les enbiava dezir a cada unos dellos muchas razones contra el por le enfamar que non era assy faziendo les entender que eram quites del omenaje que fizierom por esta razom como palabras enganosas que les enbiava dezir e que nom eram assy como por las otras que les en esta razom enbio parescer Et assy por estas Razones que som luego manifiestas e por otras que hy a las villas e castiellos del señorio delRey de Castiella som quites del omenaje Et las villas e castiellos que som del señorio delRey de Portogal som tenudos a guardar lo menaie que en esta razom fezierom al Rey de castiella e a tener se com el. Desto todo en como passo el dicho Pedro alfonso por sy e en nonbre de los dichos alcaides cuyo procurador es pedio a mi Pero fernandes escrivano e notario sobredicho que gelo diesse signado com mio signo testigos que estavam presentes martin fernandes de porto carrero mayordomo mayor de Dom Pedro fijo delRey garcia laso de la vega Justicia mayor en casa delRey mayordomo mayor de Dom Sancho fijo delRey fernand sanches de velasco Johan alfonso de benavides portero mayor de terra de leon sancho sanches de rojas bollon mayor delRey fer-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

nand sanches dc valladolid notaryo mayor de castiella garcia fernandes de toledo guarda delRey fernand rodriges camarero delRey gonçalo martines despensero mayor delRey mem lopes portero mayor de la reyna Et yo Pero fernandes scrivam e notario sobredicho foy presente ante el dicho senhor Rey de castiella com los testemoinhos sobre dichos e por mandado del dicho señor e de pedimento del dicho Pedro alffonso fiz scriver este publico scripto en ste quaderno e signelo en cada plana e fiz aqui mio signo en testimonio O qual quaderno presentado o sobredito fernam gonçalves disse que o entendya denvyar a outros logares e que porquc era en papel que se temya de se perder per fogo ou per agua ou per traça ou per conrrompimento de mures ou doutra caion que poderya recrecer de guisa que a memoria del nom ficaria en sa firmydoe e pedya ao dito chanceler que desse a mim dito tabelyom sa octoridade que lhy tornasse o dito quaderno en publica forma so meu signal E o dito Chanceller visto e examinado o dito stromento e veendo que nom era raso nem borrado nem antrelinhado nem en nenhuma outra parte de sy sospeyto segundo en el parecia deu a mim dito tabelliom sa octoridade que lhy tornasse o dito quaderno en publica forma so meu signal E presentes forom Affonso migueiz Juyaão dominguez Gonçalo vaasquez e vicente anes scrivaães delRey e Joham perez priol dalmassa e outras testemunhas. E eu martim stevez tabelliom sobredito a esto presente fuy e de mandado e octoridade do dito Pero dosem e a rogo do dito fernam gonçalvez o dito quaderno en publica forma torney e so cada huma lauda meu signal fiz e meu signal aqui pugi que tal he en testemoinho de verdade = Logar do signal Publico. =

Está conforme

José Manoel Severo Aureliano Basto.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

DOCUMENTO N.º II.

Paz e confederação entre ElRei D. Affonso de Portugal e ElRei D. Pedro de Aragão. De 9 de Novembro da Era de 1376 (anno de 1338).

Arq. R. da Torr. do Tombo, Gav. 18, Maç. 8, Num. 19.

En nome de deus Amen. Sabham quantos esta carta virem como a nos Dom Affonsso pela graça de deus Rei de Portugal e do Algarve veesse da parte do muy nobre e muyto honrrado Dom Pedro por essa meesma graça Rey dAragom miguel de let seu sobre coque e seu special mesageiro e procurador sofficiente per huma carta de procuraçom do dito Rey seelada de seu seelo, da qual procuraçom o tehor de verbo a verbo he tal. Nos dom Pedro por la gracia de dios Rey de Aragom de Valencia de Cerdenya, e de Corcega, e Comte de Barcelona, Por tenor de la present Carta fazemos constituimos et ordenamos cierto e special procurador e mandadero el Amado sobrecoch nuestro migel de leet, A firmar por nos e en persona nuestra posturas alleguanças et confederaciones entre nos e el muyt Alto princep Dom Alfonso por la gracia de dios Rey de Portogal e del Algarve tractadas avenydas e concordadas com juro homenage e com Cartas publicas en Aquela manera que el dito Rey de Portogal ordenara et querra et segunt al dito nuestro procurador bien visto sera, dando a el pleno poder de facer e firmar las ditas posturas e facer cerca aquellas todas cosas que nos facer podriamos si personalmente presentes fuessemos Et prometemos haver por firme e valedero todo aquello que por el dito procurador e mandadero nuestro en las ditas cosas e cerca de Aquel-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

las feito firmado jurado e obligado sera bien assy como se por nos personalmente feyto fuese et ad aquello non contra venremos por alguna manera En testimonio de la qual cosa facemos en facer esta Carta siellada con el nuestro siellyo colgado. Dada en Çaragoça a veinte dias andados del mes de Agosto En el Anno de nuestro senyor mil trezientos trinta e hueyto..... Pelo qual sobre dito messageiro e procurador a nos foy dito e recontado da parte do ditõ Rey que esguardándo el linhage muy assinalado e boons devidos que el e nos dessuum avemos e en como os Reys onde nos vynmos dessuum com ElRey Dom fernando de castela entendendo por serviço de deus e por honrra e prol dos seus estados poserom e firmarom antre sy preytos posturas e firmydoes pera serem verdadeiros amigos e se fazerem aquellas boas obras que a elles pertenciam no serviço de deus e na prol e homrra de seus stados e esto meesmo depoys do saymento daquelles Rex que os ditos preytos e posturas firmarom antre sy e forom per elles aguardadas no seu tempo. Nos e ElRey dom affonsso seu padre posemos e firmamos semelhavilmente os ditos preytos e posturas dessuum com ElRey dom affonsso de Castella que ora he que veendo el e esguardando en como o dito Rey de Castela sayndo de maneira dos preitos posturas e firmydoẽs se movera e queria mover a fazer contra nos e contra el algumas cousas que tangiam muyto as nossas pessoas e os nossos stados e daquelles que a nos mais chegados som per devido natural e outrossy das nossas terras e senhorios, o porque nos avyamos razom aguisada de catarmos antre nos tal maneira qual a nos compria pera guardamento do que dito he que por esto specialmente nos envyava dizer e requerer davermos antre nos per certas maneiras e firmedoẽs preytos e posturas damor pera nos amarmos e ajudarmos come verdadeiros amigos tambem no serviço de deus e en exalçamento da nossa sancta fe contra os enmygos da christandade quando logar ouvessemos de o fazer assy come nos e os Reys onde nos vymos o fezerom e ouverom voomtade de o mostrar per obra come contra o dito Rey de Castella que ha tempo que desto faz obra en contrairo. Por en Nos sobredito Rey Dom Affonso veendo e esguardando aquelo que nos o dito Rey dAragom envyava dizer contandonos verdadeiramente aquelo que antigamente pelos Reys onde nos vymos fora consyrado feyto e firmado e outro-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

sy aquello que en contrayro se fezera e mostrara pelo dito Rey de Castela per feito e per obra, e outrosy esguardando o dito linhage e boõs devydos que dessuum avemos e como nos he conpridoyro de poermos antre nos os ditos preytos e posturas non solamente por guardamento dos nossos stados e da prol dos nossos senhorios, mays ainda pera seer de nos servydo deus a cujo serviço principalmente somos tehudos dando nos el logar sen enbargo do dito Rey de Castela como o possamos fazer e continuar por exalçamento da sa sancta fe e da honrra da sa sancta Igreja de Roma nossa madre. Teemos por bem de poer o dito preyto e postura com o dito Rey de Aragon pela maneira que se adeante segue convem assaber que nos sobre dito Rey Dom Affonsso sejamos verdadeyro amigo do dito Rey dom Pedro de Aragon e contecendo que el ouvesse gerra com o dito Rey de Castela e fazendonos el saber en como a dita guerra he movuda e que lhy conpre nossa ajuda, que nos ajudemos o dito Rey dAragon com todo o nosso poder tam bem per mar come per terra fazenda guerra e mal e dano ao dito Rey de Castella per quantas partes podermos en ajuda e deffensom do dito Rey dAragom e da sa terra e que outrosy nom ponhamos preito nem postura daveença com o dito Rey de castela que contra este preito seja, mays que senpre per nos seja mantehudo e guardado. E prometemos e juramos a deus e sobre los sanctos avangelhos corporalmente per nos tanjudos e sobre la cruz que nos conpramos aguardemos e mantenhamos ao dito Rey dAragon todalas cousas sobreditas e cada huma delas e a nom vijr en contrairo. Pero porque a nos e ao dito Rey de Castela veo da parte do muy sancto padre Papa Benedicto o honrrado dom Bernaldo Bispo de Rodes e outrosy da parte dElRey de França nosso coirmaão e amigo, dom Nnhoane arcebispo de Rens pera tractar antre nos e o dito Rey de Castela paz e concordia sobre la gerra que antre nos avya e sobreste antre nos e o dito Rey de Castela aja posta tregoa ata este Natal primeyro que ven, o que nos de dereito somos tehudo de guardar nom se entenda por en aguardando nos a dita tregoa ata o dito tempo sejamos em contrairo dos ditos preytos e posturas que ora poemos com o dito Rey dAragon. E eu sobredito miguel de let mesageiro e procurador sofficiente do dito senhor Rey dAragon, pelo poder e outorgamento que del ey pela dita procuraçom, en seu nome e en sa pessoa digo prometo e affirmo, obligando o dito senhor

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Rey dAragon a vos sobredito senhor Rey Dom Affonso de Portugal que el vos seja verdadeyro e fiel amigo e que contecendo que ajades gerra com o dito Rey de Castela e fazendolhy vos saber en como a dita gerra he movuda e que vos compre sa ajuda que o dito senhor Rey dAragon vos ajude com todo o seu poder tam bem per mar come per terra fazendo guerra damno e mal per quantas partes poder ao dito Rey dc castela e aos seus e aa sa terra en ajuda e deffendymento vosso e da vossa terra e que outrosy nom ponha preyto nem postura daveença com o dito Rey de Castela que contra este preyto seja, mais que senpre por el seja mantehudo e aguardado, e outrosy prometo e juro a deus sobre los sanctos avangelhos corporalmente per mym tanjudos e sobre la cruz en nome e en pessoa de dito senhor Rey dAragon que o dito senhor Rey dAragon aguarde mantenha conpra a vos todalas coussas sobreditas e cada huma delas e a nom vijr en contrayro E por que esto seja mays certo e mays firme e nom possa vyr en dovyda, Nos sobredito Rey Dom Affonsso de Portugal de nosso plazimento consentimento e outorgamento e outrosy per outorgamento e consentymento do sobredito miguel de let mandamos ende fazer duas cartas semelhavijs de huum tehor e com o tehor da dita procuraçom a martim stevez nosso publico tabellyom na nossa Cidade de Coimbra e assignaalas do seu signal nos quaaes por mayor firmydoo mandamos poer o nosso seelo pendente e nos devemos teer a huma delas e dar a outra ao dito procurador E eu sobredito miguel de let sobredito mesageiro e procurador sofficiente do dito senhor Rey dAragon, loando e outorgando as cousas sobreditas e cada huma dellas dando ao dito Tabellyom original da dita carta de procuraçom perque a mim he outorgado e devudo o dito poder pera o poer nas ditas cartas, a qual procuração deve ficar ao dito senhor Rey de Portogal, rogo e peço ao dito Tabelliom que faça as ditas cartas e as torne en publica fórma com seu signal segundo dito he pelo dito senhor Rey de Portugal nas quaes por mayor firmidoe eu soscrevy meu nome com minha maão e seeley do meu seelo. E eu sobredito Tabellyom que aas ditas posturas aveenças e juramentos feytos pelo sobredito senhor Rey de Portugal e pelo sobredito miguel de let procurador do sobredito senhor Rey dAragon e a todalas outras cousas sobreditas e cada humas como dito he presente fuy e de mandado e outorgamento do sobredito senhor Rey de Portugal e do sobredito pro-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

curador do sobredito senhor Rey dAragon duas cartas semelhavijs de huum tehor com o tehor da sobredita procuraçom com minha mão screvy e en cada huma delas meu signal fiz en testemoinho de verdade que tal = (Logar do signal Publico) = he feita foy esta carta na Cidade de Coynbra nas Casas da morada do dito senhor Rey Nove dyas andados do mes de Novenbro da Era de mil trezentos sateenta e seys anos. Que presentes forom dom frey Stevom gonçalviz meestre da Cavalaria da hordem de Jhesu christo, Dom Lopo fernandiz senhor de ferreira, Roy garcia do casal e Diago lopez vasalos do dito senhor Rey de Portugal, Affonso stevez, Stevom da guarda e Pero dosem Chanceler do dito senhor Rey e outras testemunhas. = Logar do sello pendente = Logar do sello pendente. = (Os quaes sellos pendentes já não existem).

Está conforme.

José Manoel Severo Aureliano Basto.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2008

APPENDIX.

TEXTOS TRADUZIDOS E CITADOS.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

N. I., p. 6 (a).

Pindaro.

ὅσοι δ' ἐτόλμασαν ἑξτρίς
ἑκατέρωθι μείναντες ἀπὸ πάμπαν ἀδίκων ἔχειν
ψυχάν, ἔτειλαν Διὸς ὁδὸν παρὰ Κρόνου τύρσιν· ἔνθα μακάρων
νᾶσος ὠκεανίδες
αὖραι περιπνέοισιν· ἄνθεμα δὲ χρυσοῦ φλέγει,
τὰ μὲν κερσόθεν ἀπ' ἀγλαῶν δενδρέων,
ὕδωρ δ' ἄλλα φέρβει·
ὅρμοισι τῶν χέρας ἀναπλέκοντι καὶ κεφαλάς

N. II., p. 9.

Plinio.

«Primam vocari Ombrion nullis aedificiorum vestigiis: habere in montibus stagnum, arbores similes ferulae: ex quibus aqua exprimatur, ex nigris amara, ex candidioribus potui iucunda. Alteram insulam Junoniam appellari, in ea aediculam esse tantum lapide extructam. Ab ea in vicino eodem nomine minorem. Deinde Caprariam lacertis grandibus refertam. In conspectu earum esse Niuariam, quae hoc

(a) As paginas apontadas são aquellas em que estão as traducções e citações dos textos.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

nomen accepit a perpetua niue, nebulosam. Proximam ei Canariam vocari a multitudine canum ingentis magnitudinis: ex quibus perducti sunt Jubae duo: apparentque ibi vestigia aedificiorum. Cum autem omnes copia pomorum et auium omnis generis abundent, hanc et palmetis caryotas ferentibus, ac nuce pinea abundare. Esse copiam et mellis. Papyrum quoque et siluros in amnibus gigni: Infestari eas belluis, quae expellantur assidue, putrescentibus. »

N. III, p. 10.

De Mirabilibus Auscultationibus.

Obra attribuida a Aristoteles.

Εν τῇ θαλάσσῃ τῇ ἔξω Ηρακλείων στηλῶν, φασὶν, ὑπὸ Καρχηδονίων νῆσοι εὑρεθῆναι ἐρήμην, ἔχουσαν ὕλην τε παντοδαπὴν, καὶ ποταμοὺς πλωτοὺς, καὶ τοῖς λοιποῖς καρποῖς θαυμαστὴν, ἀπέχουσαν δὲ πλειόνων ἡμερῶν' ἐν ᾗ ἐπιμισγομένων. τῶν Καρχηδονίων, πλεονάκις, διὰ τὴν εὐδαιμονίαν, ἐνίων γε μὴν καὶ οἰκούντων, τοὺς προεσῶτας τῶν Καρχηδονίων ἀπείπασθαι θανάτῳ ζημιοῦν τοὺς εἰς αὐτὴν πλευσομένους, καὶ τοὺς ἐνοικοῦντας πάντας ἀφανίσαι, ἵνα μὴ διαγγέλλωσι, μηδὲ πλῆθος συρραφὲν ἐπ' αὐτῶν ἐπὶ τὴν νῆσον κυρίας τύχῃ, καὶ τὴν τῶν Καρχηδονίων εὐδαιμονίαν ἀφέληται.

N. IV., p. 16.

Diodoro Siculo.

Ἐπεὶ δὲ περὶ τῶν ἐντὸς Ἡρακλείων στηλῶν κειμένων νήσων διεληλύθαμεν, περὶ τῶν κατὰ τὸν ὠκεανὸν ὑσῶν διέξιμεν. κατὰ γὰρ τὴν Λιβύην κεῖται μὲν πελαγία νῆσος, ἀξιόλογος μὲν τῷ μεγέθει, κειμένη δὲ κατὰ τὸν ὠκεανόν· ἀπέχει δὲ πλοῦν ἀπο τῆς Λιβύης ἡμερῶν πλειόνων, κεκλιμένη πρὸς τὴν δύσιν, ἔχει δὲ χώραν καρποφόρον, πολλὴν μὲν ὀρεινὴν, οὐκ ὀλίγην δὲ πεδιάδα, κάλλει διαφέρουσαν. διαῤῥεομένη γὰρ ποταμοῖς πολλοῖς, ἐκ τούτων ἀρδεύεται, καὶ πολλὰς μὲν ἔχει παραδείσους καταφύτους παντοίοις δένδρεσι, πολυπληθεῖς δὲ κηπείας, διειλημμένας ὕδασι γλυκέσιν ἐπαύλεις τε πολυτελεῖς ταῖς κατασκευαῖς ὑπάρχουσιν ἐν αὐτῇ, καὶ κατὰ τὰς κηπείας κατεσκευασμένα κωθωνιστήρια, τὴν διάθεσιν ἀνθηρὰν ἔχοντα, ἐν οἷς οἱ κατοικοῦντες κατὰ τὴν θερινὴν ὥραν ἐνδιατρίβουσι, δαψιλῶς τῆς χώρας χορηγούσης τὰ πρὸς τὴν ἀπόλαυσιν καὶ τρυφήν. ἥ τε ὀρεινὴ δρυμοὺς ἔχει πυκνοὺς καὶ μεγάλους, καὶ δένδρα παντοδαπα καρποφόρα, καὶ πρὸς τὰς ἐν τοῖς ὄρεσι διαίτας ἔχοντα συναγκείας καὶ πηγὰς πολλάς. καθόλου δὲ ἡ νῆσος αὕτη καταῤῥυτός ἐστι ποταμοῖς καὶ γλυκέσιν ὕδασι, δι' ὧν ἡ μόνον ἀπόλαυσις ἐπίληπτος γίνεται τοῖς ἐνοικοῦσιν ἐν αὐτῇ, ἀλλὰ καὶ πρὸς ὑγίειαν καὶ ῥώμην σωμάτων συμβάλλεται· κυνήγιά τε δαψιλῆ παντοίων ζώων καὶ θηρίων ὑπάρχει, καὶ τούτων ἐν ταῖς εὐωχίαις εὐποροῦντες, οὐδὲν ἐλλιπὲς ἔχουσι τῶν πρὸς τὴν τρυφὴν καὶ πολυτέλειαν ἀνηκόντων. καὶ γὰρ ἰχθύων ἔχει πλῆθος ἡ προσκλύζουσα τῇ νήσῳ θάλασσα, διὰ τὸ φύσει τὸν ὠκεανὸν παντάχοῦ πληθύειν παντοδαπῶν ἰχθύων. καθόλου δὲ ἡ νῆσος αὕτη, τὸν περικείμενον ἀέρα παντελῶς εὔκρατον ἔχουσα, τὸ πλεῖον μέρος τοῦ ἐνιαυτοῦ φέρει πλῆθος ἀκροδρύων καὶ τῶν ἄλλων τῶν ὡρείων· ὥστε δοκεῖν ταύτην ὡσεὶ θεῶν τινῶν οὐκ ἀνθρωπων ὑπάρχειν ἐμβιωτήριον, διὰ τὴν ὑπερβολὴν τῆς εὐδαιμονίας.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Καλὰ μὲν ἦν τὰς παλαιὰς χρόνους ἀνεύρεσος ἦν, διὰ τὸν ἀπὸ τῆς ὅλης οἰκυμένης ἐκλοπισμὸν, ὕστερον δ' εὑρέθη διὰ τοιαύτας αἰτίας. Φοίνικες ἐκ παλαιῶν χρόνων συνεχῶς πλέοντες κατ' ἐμπορίαν, πολλὰς μὲν καλὰ τὴν Λιβυην ἀποικίας ἐποιήσαντο, οὐκ ὀλίγας δὲ καὶ τῆς Εὐρώπης ἐν τοῖς πρὸς δύσιν κεκλιμένοις μέρεσι. τῶν δ' ἐπιβολῶν αὐτοῖς κατὰ νῦν προχωρησῶν, πλοῦτος μεγάλος ἤθροισαν, καὶ τὴν ἐκτὸς Ηρακλείων στηλῶν ἐπεβάλοντο πλεῖν, ἣν ὠκεανὸν ὀνομάζουσι. καὶ πρῶτον μὲν ἐπ' αὐτῇ τῇ κατὰ τὰς στήλας πόρῳ πόλιν ἔκτισαν ἐπὶ τῆς Εὐρώπης, ἣν ἔσαν χερρόννησον προσηγόρευσαν Γάδειρα· ἐν ᾗ τότε ἄλλα καλασκευάσαν οἰκείως τοῖς τόποις, καὶ ναὸν Ηρακλέους πολυτελῆ, καὶ θυσίας καθίδρυξαν μεγαλοπρεπεῖς, τοῖς τῶν Φοινίκων ἔθεσι διοικουμένας. τὸ δὲ ἱερὸν συνέβη τοῦτο καὶ τότε καὶ κατὰ τοὺς νεωτέρους χρόνους τιμᾶσθαι περιττότερον, μέχρι τῆς καθ' ἡμᾶς ἡλικίας. πολλοὶ δὲ καὶ τῶν Ρωμαίων ἐπιφανεῖς ἄνδρες, καὶ μεγάλας πράξεις κατειργασμένοι, ἐπήσαντο μὲν τοῦτο τῷ θεῷ εὐχὰς, συνετέλεσαν δ' αὐτὰς μετὰ τὴν συντέλειαν τῶν κατορθωμάτων. οἱ δ' ἔν Φοίνικες διὰ τὰς προειρημένας αἰτίας ἐρευνῶντες τὴν ἐκτὸς τῶν στηλῶν παραλίαν καὶ παρὰ τὴν Λιβύην πλέοντες, ὑπ' ἀνέμων μεγάλων ἀπηνέχθησαν ἐπὶ πολὺν πλοῦν δι' ὠκεανοῦ. χειμασθέντες δ' ἐπὶ πολλὰς ἡμέρας, προσηνέχθησαν τῇ προειρημένῃ νήσῳ· καὶ τὴν εὐδαιμονίαν αὐτῆς καὶ φύσιν κατοπτεύσαντες, ἅπασι γνώριμον ἐποίησαν. διὸ καὶ Τυρρηνῶν θαλατοκρατούντων, καὶ πέμπειν εἰς αὐτὴν· ἀποικίαν ἐπιβαλομένων, διεκώλυσαν αὐτοὺς Καρχηδόνιοι ἅμα μὲν εὐλαβούμενοι μὴ διὰ τὴν ἀρετὴν τῆς νήσου πολλοὶ τῶν ἐκ τῆς Καρχηδόνος εἰς ἐκείνην μεταστῶσιν, ἅμα δὲ πρὸς τὰ παράβολα τῆς τύχης καλασκευαζόμενοι καταφυγὴν, εἴ τι περὶ τὴν Καρχηδόνα ὀλοσχερὲς πλῆσμα συμβαίνοι. δυνήσεσθαι γὰρ αὐτοὺς θαλατοκρατοῦντας ἁπάσαι πανοικίᾳ εἰς ἀγνοουμένην ὑπὸ τῶν ὑπερεχόντων νῆσον.

Επεὶ δὲ περὶ τοῦ κατὰ τὴν Λιβύην ὠκεανοῦ καὶ τῶν ἐν αὐτῷ νήσων διήλθομεν, μεταβιβάσομεν τὸν λόγον ἐπὶ τὴν Εὐρώπην.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

N. V., p. 12.

Strabo.

Καὶ μακάρων τινὰς νήσους κατονομάζοντες ἃς καὶ νυν δεικνυμένας ἴσμεν, ἀ πολὺ ἄπωθεν τῶν ἄκρων τῆς Μαυρουσίας, τῶν ἀντικειμένων τοῖς Γαδείροις. Τὰς δὲ Φοίνικας λέγω μηδυτάς· καὶ τῆς Ἰβηρίας καὶ τῆς Λιβύης τὴν ἀρίζηλον οὗτοι κατέσχον πρὸ τῆς ἡλικίας τῆς Ομήρου· καὶ διετέλεσαν κύριοι τῶν τόπων ὄντες μέχρις ἔ Ρωμαῖος κατέλυσαν αὐτῶν τὴν ἡγεμονίαν.

N. VI., p. 15.

Malte-Brun.

La première connaissance certaine qu'on eut des îles situées à l'ouest ne date que des derniers temps de la république romaine. Sertorius, réfugié en Espagne avec un parti de Romains, fut informé qu' à dix mille stades de la Libye (on voulait sans doute dire de l'Ibérie), il se trouvait deux îles agréables, riches en productions naturelles, et qui, dans leur sein tranquille, lui offraient une nouvelle patrie. Plutarque assure que ces îles atlantiques étaient regardées par les indigènes comme l'Elysée ou l'île des Bienheureux, chantée par Homere. Mais les Guanches, habitans des Canaries, lisaient-ils les poèmes grecs? C'est à quoi le bon Plutarque n'a guère pensé. Ce furent donc les Romains, et non pas les Canariens, qui donnèrent aux deux îles de Sertorius le nom de Fortunées. —

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

N. VII., p. 16.

Plutarcho.

Ἐνταῦθα ναῦται τίνες ἐντυγχάνουσιν αὐτῷ νέον ἐκ τῶν Ἀτλαντικῶν νήσων ἀναπεπλευκότες, αἱ δύο μὲν εἰσὶ, λεπτῷ παντάπασι πορθμῷ διαιρούμεναι, μυρίους δ' ἀπέχουσαι Λιβύης σταδίους, καὶ ὀνομάζονται μακάρων. ἄμβροις δὲ χρώμεναι μετρίοις σπανίως, τὰ δὲ πλεῖστα πνεύμασι μαλακοῖς καὶ δροσοβόλοις, ὑ μόναν ἀρῦν καὶ φυτείαν παρέχουσιν ἀγαθὴν καὶ πίονα χώραν, ἀλλὰ καὶ καρπὸν αὐτοφυῆ φέρουσιν, ἀποχρῶντα πλήθει καὶ γλυκύτητι βόσκειν ἄνευ πόνων καὶ πραγματείας σχολάζοντα δῆμον. ἀὴρ δ' ἄλυπος ὡρῶν τε κράσει καὶ μεταβολῆς μετριότητι, κατέχει τὰς νήσους. οἱ μὲν γὰρ ἐνθένδε τῆς γῆς ἀποπνέοντες ἔξω Βορέαι καὶ ἀπηλιῶται, διὰ μῆκος ἐκπεσόντες εἰς τόπον ἀχανῆ διασπείρονται καὶ προσαπολείπουσι· πελάγιοι δὲ περιῤῥέοντες ἀργέσαι καὶ ζέφυροι, βληχρὰς μὲν ὑετὰς καὶ σποράδας ἐκ θαλάττης ἐπάγοντες, τὰ δὲ πολλὰ νοτεραῖς αἰθρίαις ἐπιψύχοντες, ἡσυχῇ τρέφουσιν· ὥσε μέχρι τῶν βαρβάρων δῆχθαι πίστιν ἰσχυρὰν, αὐτόθι τὸ Ἠλύσιον εἶναι πεδίον, καὶ τὴν τῶν εὐδαιμόνων οἴκησιν, ἣν Ὅμηρος ὕμνησε.

Ταῦθ' ὁ Σερτώριος ἀκούσας, ἔρωτα θαυμαστὸν ἔσχεν οἰκῆσαι τὰς νήσους, καὶ ζῆν ἐν ἡσυχίᾳ, τυραννίδας ἀπαλλαγεὶς καὶ πολέμων ἁπάντων. αἰσθόμενοι δ' οἱ Κίλικες, ὅθεν εἰρήνης δεόμενοι καὶ σχολῆς, ἀλλὰ πλύτου καὶ λαφύρων, εἰς Λιβύην ἀπέπλευσαν, Ἀσκάλων τὸν Ἰφθᾶ καταζεύξαντες ἐπὶ τὴν Μαυρουσίων βασιλείαν. ὑ μὴν ἀπέκαμεν ὁ Σερτώριος, ἀλλὰ τοῖς πρὸς τὸν Ἀσκάλιον διαπολεμοῦσιν ἔγνω βοηθεῖν, ὡς οἱ σὺν αὐτῷ καινήν τινα λαβόντες ἐλπίδων ἀρχὴν καὶ πράξεων ἑτέρων ὑπόθεσιν, μὴ διαλυθεῖεν ὑπὸ τῆς ἀπορίας. ἀσμένοις δὲ τοῖς Μαυρουσίοις ἀφικόμενος εἶχετο ἔργου, καὶ καταμαχεσάμενος τὸν Ἀσκαλιν ἐπολιόρκει. Σύλλα δὲ Πακκιανὸν ἐκπέμψαντος βοηθῆσαι τοῖς

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

περὶ τὸν Ἀσκαλιν μετὰ δυνάμεως, συμβαλὼν ὁ Σερτώριος, τὸν μὲν Παππιανὸν ἀπέκτεινεν, τὴν δὲ στρατιὰν κρατήσας προσηγάγετο· καὶ τὴν Τιγέννην, εἰς ἣν ὁ Ἀσκαλις συνέφυγε μετὰ τῶν ἀδελφῶν, ἐξεπολιόρκησεν. ἐνταῦθα τὸν Ἀνταῖον οἱ Λίβυες ἰσαρᾶσι κεῖσθαι, καὶ τὸν τάφον αὐτῷ Σερτώριος διέσκαψε, τοῖς βαρβάροις ἀπίστων διὰ μέγεθος. ἐντυχὼν δὲ τῷ σώματι πηχῶν ἑξήκοντα μῆκος, ὡς φασι πατασπλάγες, καὶ σφάγιον ἐντεμών, συνέχωσε τὸ μνῆμα, καὶ τὴν περὶ αὐτῷ τιμήν τε καὶ φήμην συνηύξησε.

N. VIII., p. 19.

Malte-Brun.

Les deux îles Lancerote et Fortaventura avec les trois îlots d'Allegranza, Clara et Lobos, représentent le véritable groupe des îles Fortunées. Et voici comment nous concilions entre elles, et avec l'état réel des lieux, les trois relations de Sebosus, de Juba et de Ptolémée.

Noms modernes.	*Sebosus.*	*Juba.*	*Ptolémée.*
Allegranza	.....	.....	Aprositos
Clara	Junonia	Junonia parva	Junonia
Lancerote	Pluvialia	Ombrios	Pluitalia
Lobos	.....	Junonia	.....
Fortaventura	Capraria	Capraria	Casperia

Au-delà de ces îles Fortunées, dit Pline, il y en a encore d'autres. Il s'explique plus bas: on voit, dit-il, du rivage des îles Fortunées, celles de *Nivaria* et de *Canaria*. Ce sont, comme tous les géographes l'ont pensé, Ténériffe et Canarie. Ce sont aussi la *Convallis* et la *Planaria* de Sebosus, qui donne à ces deux îles exclusivement le nom de Fortunées, restreint par Juba aux quatre précédentes.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Là s'arrêtent les découvertes de Sebosus et de Juba ; là se termine même la géographie de Ptolémée. Les trois autres Canaries ont été inconnues aux anciens, ou du moins elles sont de trop pour expliquer leurs relations.

Dans l'explication que nous présentons, l'ordre de noms est presque entièrement conservé ; la position des îles Fortunées du nord au sud est reconnue ; les traits physiques se retrouvent également, car Lancerote ou Pluvialia n'a d'autre source de fécondité que les pluies périodiques. S'il reste des difficultés, elles résultent des mesures données par Sebosus ; mesures que d'Anville n'a pas crues susceptibles d'explication, et que Gosselin n'a pu expliquer qu'au moyen de suppositions ingénieuses, mais arbitraires. »

N. IX., p. 21.

Malte-Brun.

'A ces latitudes mal déterminées, ou peut-être seulement mal traduites de quelque carte d'un ancien peuple navigateur, les géographes d'Alexandrie rapportaient toutes les latitudes des autres contrées, qu'ils devinaient quelques fois d'après les indications si peu sûres d'un gnomon, mais plus souvent d'après des estimations des voyageurs, et d'après la nature des vents et des productions.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

N. X., p. 26.

Marciano d'Heraclea.

Πρώτη δὲ ἡ νῆσος ἐν δεξιᾷ τὰ Γάδειρα κειμένη τυγχάνει, ἔνθα τὰς Ἡρακλείους στήλας εἶναι συνίστησιν. Οἱ μὲν γὰρ κατὰ Κάλπην τὸ ὄρος, ὅπερ ἐνδοτέρω τῶν Ἡρακλείων στενῶν κεῖται, τὰς στήλας εἶναί φασιν· οἱ δὲ κατὰ Γάδειρα τὴν νῆσον, ὥσπερ καὶ Ἀρτεμίδωρος ὁ γεωγράφος. Κωλύει δὲ οὐδὲν ἀπὸ τῆς Κάλπης τοῦ ὄρους, ἣν οἱ πλεῖστοι στήλην Ἡρακλέους εἶναι βούλονται, τὸν περίπλουν τῆς Ἰβηρίας ποιήσασθαι.

N. XI., p. 31.

L'Abbé de la Rue.

« Le goût de leur siècle pour les faits merveilleux était si décidé, qu'ils crurent sans doute ne pouvoir mieux se faire écouter qu'en s'y conformant. Aussi le savant Mabillon déclare-t-il qu'on avait en Normandie et dans la Bretagne armoricaine plus altéré les légendes que dans les autres provinces de la France, altération peu étonnante chez les Bretons qui, descendans des anciens Celtes, avaient conservé, avec des restes de leur mythologie, leur crédulité et leur goût pour le merveilleux; elle étonnera encore moins chez les Normands. Sortis d'un peuple qui ne trouvait de gloire que dans les aventures périlleuses et au milieu des dangers, ils voulurent sans doute que leurs Saints fussent des hommes à prodiges et aussi extraordinaires que leurs héros. »

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

N. XII., p. 35.

L'Abbé de la Rue.

« A cette époque, un voyage jusqu'aux côtes de l'Afrique pouvait passer pour un voyage de long cours, et le navigateur devait s'attendre à être souvent interrogé sur les contrées où il avait descendu, sur celles qu'il avait parcourues, et enfin sur tout ce qu'il avait vu d'extraordinaire et de curieux. Les détails qu'il dut donner sur les lieux qu'il avait visités, et surtout sur les riants climats des Canaries durent plaire et étonner des hommes vivant sous l'atmosphère humide et sombre de l'Irlande ; alors St.-Brandan, suivant l'évêque Tanner, écrivit pour eux une relation intéressante de son voyage aux îles Fortunées. Fabricius ne parle que de ses ouvrages mystiques.

Toutefois en admettant l'opinion de l'évêque Tanner qui paraît fondée, il faut dire qu'après la mort de St.-Brandan, la fiction altéra et défigura entièrement son ouvrage : les Moines voulurent faire de leur abbé un homme à prodiges, capable des entreprises les plus hardies, un héros toujours heureux dans leur exécution ; aussi d'après la description qu'il leur avait laissée du beau climat des Canaries, ils prirent ce pays pour le Paradis Terrestre, et ne balancèrent pas à lui en attribuer la découverte. Mais pour y parvenir, il fallait que le voyage offrît des aventures non moins merveilleuses ; aussi la route du Saint est elle, pour ainsi-dire, semée de prodiges,

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

N. XIII., p. 37.

El-Mas'údi.

« The cultivated land is considered to begin from the Eternal Islands (Fortunate Islands) الجزاير الخالدات in the Western Ocean, which is a group of six flourishing islands, and to extend as far as the extremity of China.

« He (Ptolemy) states in his geography that the sea of the Byzantine empire and of Egypt (the Mediterranean) begins from the sea of the idols of copper *(Columnae Herculis)*.

« On the limits where these two seas, the Mediterranean and the Ocean join, pillars of copper and stone, have been erected by King Hirakl the giant. Upon these pillars are inscriptions and figures, which show with their hands that one cannot go further, and that it is impraticable to navigate beyond the Mediterranean into that sea (the ocean), for no vessel sails on it: there is no cultivation nor a human being, and the sea has no limits neither in its depths nor extent, for ists end is unknown. This is the sea of darkness, also called the green sea or the surrounding sea البحيط و بحر الظلمات و الاخضر. Some say that these pillars are not on this strait, but in some islands of the ocean and their coast. »

„There are some wonderful stories related respectingit, for which we refer the reader to our book the Akhbár ez-zemán; there he will find an account of those crews who have

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

risked their lives in navigating this sea, and who of them have escaped, and who have been shipwrecked, also what they have encountered and seen. Such an adventurer was a Moor of Spain, of the name of Khoshkhash خشخش. He was a young man of Cordoba: having assembled some young men they went on board a vessel which they had ready on the ocean, and nobody knew for a long time what had become of them. At length they came back loaded with rich booty. Their history is well known among the people of el-Andalos (the Moors in Spain). »

N. XIV., p. 41.

Akhbar az-Zemdn.

« Dans cette mer existe l'île de Salomon, où se trouve le corps de ce personnage dans un château merveilleux. Dans cette mer il y a des lieux qui jettent sans cesse du feu à la hauteur de cent coudées. Il s'y trouve aussi de grands poissons d'une longueur immense, et des animaux d'une couleur et d'une forme étranges, et des villes qui flottent sur l'eau. Il s'y trouve encore trois idoles faites par Abrahah (ancien roi des Arabes himyarites); une de ces statues est de couleur jaune, *et elle fait signe avec la main comme si elle s'adressait à quelqu'un en lui ordonnant de s'en retourner.* La seconde statue est de couleur verte et tient le bras élevé et étendu comme si elle voulait demander *où est-ce que vous allez?* La troisième est noire, et fait signe avec le doigt vers la mer, comme pour avertir que celui *qui passera au delà de cet endroit sera noyé. Cette statue porte sur la poitrine cette inscription: Faite par Abrahah-Zul Menar le Himyarite, à son seigneur le soleil pour concilier sa faveur.* »

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

N. XV., p. 42.

Bekri.

Vis-à-vis de Tandjah et le mont Atlas, dans l'océan occidental, sont les îles غرطناس, *Fortunées*, c'est-à-dire, *Heureuses*, السعيدة ainsi nommées parce que les buissons et les forêts sont uniquement composés d'arbres qui produisent des fruits magnifiques et excellens, sans avoir besoin d'être plantés ni cultivés, que la terre y porte des céréales au lieu d'herbe, et, au lieu de chardons, des plantes odoriférantes de toute espèce. Ces îles, situées à l'occident du pays des Berbers, sont disséminées dans l'Océan, à peu de distance les unes des autres.

N. XVI., p. 43.

Edrisi.

1. Ce climat commence à l'ouest de la mer occidentale, qu'on appelle aussi la mer des ténèbres. C'est celle au-delà de laquelle personne ne sait ce qui existe. Il y a deux îles, nommées *les Iles Fortunées*, d'où Ptolémée commence à compter les longitudes. On dit qu'il se trouve dans chacune de ces îles un tertre construit en pierres, et de cent coudées de haut. Sur chacun d'eux est une statue en bronze qui indique de la main l'espace qui s'étend derrière elle. Les idoles de cette espèce sont, d'après ce qu'on rapporte, au nombre de six. L'une d'entre elles est celle de Cadix, à l'ouest

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

de l'Andalousie; personne ne connaît de terres habitables au-delà.

2. Nous disons donc ~~que la pré~~sente section du deuxième climat commence à l'extremité de l'occident, c'est-à-dire à la mer ténébreuse; on ignore ce qui existe au delà de cette mer. A cette section appartiennent les îles de Masfahan مسفهان et de Lamghoch لمغوش qui font partie des six dont nous avons parlé sous la désignation des (îles) *éternelles* et d'où Ptolémée commence à compter les longitudes des pays. Alexandre le Grand alla jusquelà et en revint.

« Quant à Masfahan, l'auteur du livre des Merveilles » rapporte qu'au centre de cette île est une montagne ronde, » au-dessus de laquelle on voit une statue de couleur rouge, » élevée par Esaad abou-Kerb el-Haïri (Alexandre dzoul'car» nein), dont il sera question ci-après, dans son expédition, » et qu'on donne ce nom (d'abou-Kerb el-Haïri) à touts les » voyageurs qui sont parvenus aux deux bouts du monde. » Abou-Kerb el Haïri fit placer là cette statue, afin d'indi» quer aux navigateurs qu'au delà de ce point il n'y a point » d'issue, point de lieu de débarquement. L'on ajoute que » dans l'île de Lamghoch (ou de Lagos لغوس) on voit aus» si une statue de construction très-solide, dont l'accès est » impossible. On dit que celui qui la fit élever y mourut, et » que ses héritiers lui élevèrent ~~un~~ tombeau dans un temple » bâti en marbre et en pierres de couleur. Le même auteur » raconte que cette île est peuplée de bêtes féroces, et qu'il » s'y passe des choses qu'il serait trop long de décrire, et » dont l'admission répugne à la raison.

» Sur les rivages de ces îles et de plusieurs autres, on » trouve de l'ambre de qualité supérieure, ainsi que la pier» re dite el-behet البهت renommée dans l'Afrique occi» dentale, où elle se vend à très-haut prix pour le pays de » Lamtouna, dont les habitants prétendent que celui qui en » est porteur réussit dans toutes ses entreprises. On dit aus» si que cette pierre jouit de la propriété de lier la lan» gue.

» On y trouve aussi un grand nombre d'autres pierres de » formes et de couleurs variées, qu'on recherche beaucoup » et dont on fait le commerce, attendu, dit-on, qu'elles en» trent dans la composition de plusieurs remèdes excellents. » Telles sont celles qu'on emploie à combattre les humeurs » nuisibles et à calmer promptement les douleurs qui en ré-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

»sultent; telles sont encore celles qui facilitent les accou-
»chements; celles au moyen desquelles, en faisant un signe
»à des femmes ou à des enfants, on s'en fait suivre. Les ha-
»bitants de ces îles possèdent beaucoup de pierres sembla-
»bles et sont renommés pour les opérations magiques qu'ils
»pratiquent (à l'aide de ces pierres), et auxquelles ils sont
»initiés.»

3. La première partie du troisième climat commence à l'océan ténébreux qui baigne la partie occidentale du globe terrestre. Du nombre des îles de cet océan est celle de Sara سارة située près de la mer ténébreuse. On raconte que Dhou'l Carnain y aborda avant que les ténèbres eussent couvert la surface de la mer, y passa une nuit, et que les habitants de cette île assaillirent ses compagnons de voyage à coups de pierres et en blessèrent plusieurs. Il est une autre île qui se nomme Saa'li سعالي, dont les habitants ressemble plutôt à des femmes qu'à des hommes; les dents leur sortent de la bouche, leurs yeux étincellent comme des éclairs et leurs jambes ont l'apparence de bois brûlé; ils parlent un langage inintelligible et font la guerre aux monstres marins. Sauf les parties de la génération, nulle différence ne caractérise les deux sexes, car les hommes n'ont pas de barbe; leurs vêtements consistent en feuilles d'arbres. On remarque ensuite l'île de Hasran حسران, d'une étendue considérable, dominée par une montagne au pied de laquelle vivent des hommes de couleur brune, d'une petite taille et portant une longue barbe qui leur descend jusqu'aux genoux; ils ont la face large et les oreilles longues; ils vivent des végétaux que la terre produit spontanément et qui ne diffèrent guère de ceux dont se nourrissent les animaux. Il y a dans cette île une petite rivière d'eau douce qui découle de la montagne. L'île de Ghour الغور, également considérable, abonde en herbes et en plantes de toute espèce. Il y a des rivières, des lacs et des forêts qui servent de retraite à des ânes sauvages et à des boeufs qui portent des cornes d'une longueur extraordinaire. Non loin de là est l'île de Mostachiin مستشيين. «On dit que cette île est peu-
»plée, qu'il y a des montagnes, des rivières, beaucoup d'ar-
»bres, de fruits, de champs cultivés.» La ville qui s'y trouve est dominée par une citadelle. «On raconte qu'à une épo-
»que antérieure à Alexandre, il y avait dans cette île un
»dragon qui dévorait tout ce qu'il rencontrait, hommes,

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» bœufs, ânes et autres animaux. Lorsque Alexandre y abor-
» da, les habitans se plaignirent des dommages que leur cau-
» sait ce dragon, et ils implorèrent le secours du héros; le
» monstre avait déjà dévoré la majeure partie de leurs trou-
» peaux; chaque jour on plaçait auprès de sa tanière deux
» taureaux tués; il sortait pour les dévorer, puis se retirait
» jusqu'au lendemain, en attendant un nouveau tribut. Ale-
» xandre demanda aux habitants si le monstre était dans l'u-
» sage de sortir par un seul endroit ou par plusieurs; ils ré-
» pondirent qu'il sortait toujours par le même. Alors Ale-
» xandre se fit indiquer le lieu, il s'y rendit suivi de plu-
» sieurs d'entre les habitants et accompagné de deux tau-
» reaux; aussitôt le monstre s'avança semblabe à un nuage
» noir; ses yeux étaient étincelants comme des éclairs et sa
» gueule vomissait des flammes; il dévora les taureaux et
» disparu. Alexandre fit placer, le lendemain et le jour sui-
» vant, deux veaux auprès de sa caverne; mais cette proie
» ne suffit pas pour apaiser la faim du monstre. Alexandre
» ordonna aux insulaires de prendre deux taureaux, de les
» écorcher et de remplir leurs peaux d'un mélange d'huile,
» de soufre, de chaux et d'arsenic, et de les exposer à l'en-
» droit indiqué. Le dragon sortit de sa retraite et dévora cet-
» te nouvelle proie; quelques instants après, se sentant em-
» poisonné par cette composition, où l'on avait, d'ailleurs,
» eu soin de mettre aussi des crochets en fer, il faisait tous
» les efforts imaginables pour la vomir, mais les crochets s'é-
» tant embarrassés dans son gosier, il se renversa la gueule
» béante. Alors, conformément aux dispositions faites par
» Alexandre, on fit rougir une barre de fer et, l'ayant pla-
» cée sur une plaque de même métal, on la lança dans la
» gueule du monstre: la composition s'enflamma dans ses en-
» trailles et il expira. C'est ainsi que Dieu fit cesser le fléau
» qui affligeait les habitants de cette île; ils en remercièrent
» Alexandre, lui témoignèrent une grande affection et lui
» offrirent des présents consistant en diverses curiosités de
» leur île; ils lui donnèrent, entre autres choses, un petit
» animal qui ressemblait à un lièvre, mais dont le poil était
» d'un jaune brillant comme de l'or; cet animal, appelé a'-
» radj عراج porte une corne noire et fait fuir par sa seule
» présence les lions, les serpents, les bêtes sauvages et les
» oiseaux. »

Dans la même mer se trouve l'île de Calhan قلهان,

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

dont les habitants sont de forme humaine, mais portent des têtes d'animaux : ils plongent dans la mer, retirent de ses abîmes les animaux dont ils ont pu se saisir et s'en nourrissent ensuite. Une autre île de la même mer s'appelle l'île des deux frères magiciens جزيرة الاخوين الساحرين Cherham شرهم et Cheram شرام. « On raconte que ces deux frères exerçaient la piraterie sur tous les vaisseaux qui venaient à » passer auprès de l'île ; ils réduisaient en captivité les navigateurs et s'emparaient de leurs biens ; mais Dieu, pour » les punir, les métamorphosa en deux rochers que l'on voit » s'élever sur les bords de la mer. Après cet événement, » l'île redevint peuplée comme auparavant. » Elle est située en face du port d'Asafi اسفي ; et à une distance telle que, lorsque l'atmosphère qui environne la mer est sans brouillard, on peut, dit-on, apercevoir du continent la fumée qui s'élève de l'île. « Cette particularité a été racontée par Ah- » med ben Omar surnommé Raccam el-Avez, qui chargé par » le prince des fidèles Ali ben-Iousuf ben-Taschfin du com- » mandement de sa flote, voulait y aborder ; mais la mort le » surprit avant qu'il eût pu accomplir ce project. On a re- » cueilli des détails curieux, relativement à cette île, de la » bouche des Maghrourin, voyageurs de la ville d'Achbouna » (Lisbonne) en Espagne ; lorsque le port d'Asafi reçut ce » nom à cause d'eux. Le récit (de cette aventure) est assez » long, et nous aurons l'occasion d'y revenir quand il sera » question de Lisbonne. »

Dans cette mer il existe également une île d'une vaste étendue et couverte d'épaisses ténèbres. On l'appelle l'île des moutons جزيرة الغنم, parce qu'il y en a beaucoup en effet ; mais la chair de ces animaux est amère, à tel point qu'il n'est pas possible d'en manger, s'il faut ajouter foi au récit des Maghrourin. Près de l'île que nous venons de nommer, se trouve celle de Raca رقا, qui est l'île des oiseaux جزيرة الطيور. On dit qu'il s'y trouve une espèce d'oiseaux semblables à des aigles, rouges et armés de griffes ; ils se nourrissent de coquillages et de poissons, et ne s'éloignent jamais de ces parages. On dit aussi que l'île de Raca produit une espèce de fruits semblables aux figues de la grosse espèce, et dont on se sert comme d'un antidote contre les poisons. « L'auteur du livre des Merveilles rapporte » qu'un roi de France, informé de ce fait, envoya sur les

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

» lieux un navire pour obtenir le fruit et les oiseaux en » question; mais le vaisseau se perdit, et depuis on n'en » entendit plus parler. »

A la présente section appartient encore l'île de Chaslend الشـــاملند, dont la longueur est de 15 journées, sur 10 de largeur. Il y avait autrefois trois villes grandes et bien peuplées; des navires y abordaient et s'arrêtaient pour y acheter de l'ambre et des pierres de diverses couleurs; mais, par suite des révolutions et des guerres qui eurent lieu dans ce pays, la plupart de ses habitants périrent. « Beaucoup d'entre eux franchirent la mer pour se trans- » porter sur le continent de l'Europe روم, où leur race sub- » siste encore très-nombreuse, à l'époque où nous écrivons; » nous en reparlerons quand il sera question de l'île d'Ara- » landa ارالندة.

L'île de Laca لاكا produit beaucoup de bois d'aloès; on prétend qu'il est sans odeur sur les lieux, mais qu'il acquiert du parfum aussitôt qu'il est exporté et qu'il a traversé la mer. Ce bois est noir et très-lourd. « Les mar- » chands se rendent à cette île pour se procurer du bois » d'aloès, ils en exportent au loin. Les rois de la partie la » plus occidentale de l'Afrique l'achetaient jadis dans ce » pays. On raconte aussi que l'île de Laca était autrefois » habitée, mais qu'elle a cessé de l'être, parce que les ser- » pents s'y sont excessivement multipliés. » D'après ce que nous apprend Ptolemée de Peluse, la mer Ténébreuse renferme vingt-sept mille îles peuplées et non peuplées. Nous ne croyons devoir parler ici que de quelques-unes d'entre celles qui sont situées dans le voisinage de la terre ferme et qui jouissent d'un certain degré de culture et de civilisation.

4. Toute cette section comprend une partie de l'océan Ténébreux et diverses îles désertes et inhabitées qui s'y trouvent. « La plus considérable de ces îles est l'île de Ber- » landa برلاندة (l'Irlande), dont nous avons déjà fait men- » tion. De l'une des extremités de cette grande île à la » partie supérieure de la terre de Bretagne, on compte 3 » journées et demie de navigation;

» Et de l'autre à l'île déserte de Scosia سقوسية الخالية » (d'Ecosse), 2 journées. »

Cependant l'auteur du livre des Merveilles rapporte qu'il

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

existait autrefois « dans cette dernière île » (en Ecosse) trois villes; que l'île était habitée; que des navires y abordaient et y jetaient l'ancre pour y acheter de l'ambre et des pierres de couleur; que quelques-uns d'entre ses habitants ayant voulu subjuguer les autres et régner sur eux, il s'ensuivit des guerres civiles, des inimitiés, des ravages à la suite desquels une partie des habitants émigra sur le continent, en sorte que leurs villes restèrent desertes et ruinées.

5. La présente section comprend la partie de l'océan Ténébreux où se trouve l'Angleterre.

6. Afardik افرديك (Berwick), autre ville située à une certaine distance de l'océan Ténébreux, et vers l'extrémité de l'île d'Ecosse qui est contigue à l'île d'Angleterre.

» L'Ecosse s'étend en longueur au nord de la grande île. » Il n'y a ni habitations, ni villes, ni villages. »

7. Entre l'extremité de l'Ecosse, île déserte, et l'extrémité de la Hirlanda هرلاندة (de l'Irlande); on compte 2 journées de navigation, en se dirigeant vers l'occident.

8. » Dans l'océan Ténébreux il existe quantité d'îles dé» sertes. Il y en a cependant deux qui sont habitées et qui » portent le nom d'îles d'Amraïnes des Madjous امراينس المجوس. » La plus occidentale est peuplée d'hommes seulement; on » n'y voit point de femmes. L'autre n'est habitée que par » des femmes, et on n'y trouve point d'hommes. Tous les ans, » au retour du printemps, les hommes passent, au moyen de » barques, dans la seconde île, y cohabitent avec les fem» mes, y passent un mois ou environ, puis retournent dans » leur île, où ils résident jusqu'à l'année suivante, époque à » laquelle chacun vient retrouver sa femme, et ainsi de sui» te tous les ans: cette coutume est connue et constante. » Le point le plus voisin de ces îles est la ville d'Anho انهو, » qui en est à trois journées de navigation. On peut s'y ren» dre aussi de Calmar قلمار et de Daghwada دغواده (Dago); » mais l'abord en est difficile et il est rare qu'on y parvien» ne, à cause de la fréquence des brumes et des profondes » ténèbres qui règnent sur cette mer.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

N. XVII., p. 53.

Ibn al-Wardi.

ارض المغرب اولها البحر المحيط وهو بحر مظلم لم يسلكه احد ولا علم بشر ما خلفه وبه جزاير عظيمة كثيرة عامرة يا ني [1] ذكرها عند ذكر الجزاير منها جزيرتان تسمي الخالدتان علي كل واحدة منها صنم طوله ماية [2] ذراع بالملكي و فوق كل صنم منها صورة رجل من نحاس يشير بيده الي خلف اي ما وراي شي ولا مسلك و الذي وضعهما و بناهما لم يذكر اسمه ●

N. XVIII., p. 54.

Ibn al-Wardi.

فمن جزاير البحر المحيط الخالدات وهما جزيرتان فيها صنمان مبنيان بالحجر الصلد طول كل صنم ماية ذراع و فوق كل صنم صورة من نحاس تشير بيدها الى خلف يعني ارجع فما و راي شي بناها ذو المنار الحميري من التبابعة وهو ذو القرنين لا الذي ذكر في القرآن

(1) Deve ler-se ياتي e não يا ني

(2) Ordinariamente escreve-se ماية

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

N. XIX., p. 55.

Ibn al-Wardi.

« Il dit que cette mer contient beaucoup d'îles, dont quelques-unes sont habitées et les autres désertes, et qu'on n'en connoît que dix-sept: s'il indiquoit leur distance respective, nous serions plus en état de juger de l'étendue de la navigation des Arabes et du voyage de ces navigateurs de Lisbonne, dont j'ai parlé plus haut; mais tout ce récit est mêlé de fables, et je renvoie ce qui concerne les îles des différentes mers, à la fin de cette notice. »

Isles de l'Océan à l'occident de l'Afrique et de l'Europe.

1. Les îles Khalidat ou fortunées (les Canaries). *Voyez* Yakouti et Cazvini, premier climat.

Ben al-ouardi ne parle que de deux îles, auxquelles il paroît en joindre deux autres, celle de Laous et celle de Saali; cette dernière est grande, les hommes y sont comme des femmes, et on ne peut les distinguer; ils ont de longues dents, des yeux très-brillans, parlent une langue qu'on n'entend point; leurs habits sont de feuilles d'arbres, et ils vivent de poisson. Le manuscrit n.° 956, en parle de même; l'auteur fait aussi mention d'une autre île que je ne vois point ici, il la nomme l'île de

Seifhan, au milieu de laquelle est une montagne, et sur son sommet une statue élevée par Saad Aboukarb l'Hémiarite, le même que Dhoulcarnaïn.

2. L'île de Hasarat est fort étendue; il y a une montagne très-haute, au pied de laquelle habitent des hommes de couleur jaunâtre, dont la barbe tombe jusqu'aux genoux; ils ont

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

le visage large et de grandes oreilles; ils vivent d'herbes: on trouve chez eux une petite rivière, dont l'eau est bonne.

3. L'île de Aour; elle est très-longue et très-large, et remplie d'arbres et de fruits.

4. L'île de Moustaschkin, autrement l'île des Tinnin ou des Serpens, grande, bien arrosée et pleine de fruits. Il y a une ville, où l'on voit un serpent tué, à ce que l'on dit, par Alexandre; l'auteur du manuscrit, n.° 956, en parle.

5. L'île de Calhat; elle est grande, et le visage de ses habitans ressemble à la face des animaux.

6. L'île Al-akhouaïn Al-saherin ou l'*île des deux frères sorciers*, dont l'un etoit appelé *Scharham*, et l'autre *Schabram*. Ils arrêtoient les navigateurs; mais dans la suite, ils ont été changés en rochers, avec lesquels on a bâti une ville.

7. L'île de Thouïour ou des Oiseaux; on y trouve des oiseaux qui ressemblent à des aigles rouges; ils ont des griffes, et chassent dans la mer. Il y a dans cette île un fruit qui ressemble à une figue, et qui est un excellent contre-poison. Houcaïli rapporte qu'un roi des Francs y envoya un vaisseau, pour avoir de ce fruit, et de ces oiseaux; mais que le vaisseau fit naufrage.

8. L'île de Sasil ou Dadhil; elle a quinze journées de longueur sur dix de largeur; il y a trois villes qui sont grandes, et qui étoient bien peuplées, mais les guerres civiles ont fait périr une partie de leurs habitans; d'autres se sont retirés dans le pays de Roum, et il en resta peu. Les marchands y vont acheter des moutons, et des pierres de différentes couleurs.

9. L'île de Laca ou Aca, grande, et autrefois très-peuplée, mais à présent déserte, à cause des prodigieux serpens dont elle est infestée. On y trouve du *aoud*, espèce de bois. L'auteur du manuscrit, n.° 956, la confond avec l'île des Oiseaux.

10. Isle des Nouzia ou Nouria; il y a des bois et des rivières, mais point d'habitans.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

N. XX., p. 58.

Abulféda.

ومن جزائر البحر المحيط الغربي جزاير الخالدات و هي جزائر واغلة في البحر عشر درجات عن الساحل و هي عدة جزائر و بطليموس اخذ اطوال المدن منها و قد قيل انها انغمرت في البحر وانقطعت اخبارها قال ابن سعيد و جزائر السعادة فيما بين جزائر الخالدات و الساحل قال و هي مبددة في الاقليم الاول والثاني و الثالث قال و هي اربع و عشرون جزيرة و الحديث عنها كالخرافات .

N. XXI., p. 59.

Ibn Kaldun.

الاقليم الاول و فيه من جهة غربيه الجزائر الخالدات التي منها بدا بطليموس باخذ اطوال البلاد و ليست في بسيط الاقليم وانما هي في البحر المحيط جزر متكثرة اكبرها و اشهرها ثلاث ويقال انها معمورة و بلغنا ان سفاين الافرنجيين مرت بها في اواسط هذه المائة وقاتلوهم فقتلوا منهم و سبوا وباعوا بعض اسراهم بسواحل المغرب الاقصى و ساروا الى خدمة السلطان فلما تعلموا للسان العربي اخبروا عن حال جزيرتهم وانهم يستغرون الارض للزراعة بالقرون وان الحديد مفقود بارضهم و عيشهم من التمر و ماشيتهم المعز و قتالهم بالحجارة يرمونها الى خلف و عبادتهم السجود للشمس اذا طلعت ولا يعرفون دينا ولم يبلغوا دعوة ولا يوقف على مكان هذه الجزائر الا بالعثور لا بالقصد

N. XXII., p. 65.

Bakui.

Dgeziret al Dgialidat, les îles Dgialidat, les Canaries.

Ces îles (1) sont situées dans l'Océan, à l'extremité du Mogreb ou de l'Afrique, c'est-là que les savans ont fixé le premier degré des longitudes. Elles sont au nombre de six, voisines les unes des autres; les plantes et les arbres y viennent naturellement sans culture, tout y est bon et agréable. Dans chaque île il y a une statue haute de cent coudées, qui est comme un fanal pour diriger les vaisseaux, et leur apprendre qu'il n'y a point de route au-delà.

N. XXIII., p. 66.

Schems eddin.

جزائر السعادات و الخالدات قال ابو عبيد البكري في كتاب المسالك والممالك بازاء طنجه جزائر السعادات ويسمي تالبولماتيه قرطبانس عمرها الماء الا الواحدة و هي تسمي السعيده سميت بذلك لان في شعراتها وغياضها كلها اصناف الفواكه الطيبة دون غراسة ودون فلاحة و كذلك اصناف الرياحين تنبت فيها بدلا من الشوك ولا نفع لبني

(1) D'autres les nomment *Khalidat*.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

ادمر فيه و بوافي الجزاير الستة منها غربي بلاد البربر متقاربة
و ان بعضر المراكب عصفت عليه الريح فعجز من فيه عن تلافيه
وسار به الي ان القاه في الجزيره الواحده فنزل مر[sic]و من الركاب
اليها و اقاموا بها و علموا حال الجزاير البواقي منها و حملوا ما فيها من
الغرايب و الرغايب وسقهم و تعجب اهل الجزيره منهم و قالوا لم نر
احدا قبلكم جاءنا من الجهة المشرقيه غيركم و كنا نظن ان ليس
بها غير المحيط و لما وصل المركب بعد اشرافه علي الغرق مرات و
دخل بلاد الاندلس سال ملكها من اين جيتم و من اين لكم ما
معكم فاخبروه بامرهم فجهز مراكب و سيرها فلم يعثروا علي جزيره منها
و هلك اثر تلك المراكب بعظم البحر و شده عصف الريح و اخذ
اوليك مقياس ما بين الجزيرة و بين اول ساحل الاندلس فكان عشر
درج

في اقصي المشرق ساحل البحر المحيط المشرقي ويسمي البحر الزفتي لشده
ظلمته و سواده برزه باقصي مشرق الصين قال بطليموس وغيره ان في
هذا البحر ست جزاير تسمي خزاير السيلي و سيلانها انواع الياقوت
والجوهر وهي عامره ماهولة قل ان يدخلها احد فيختار الخروج منها
لما يري من صحة الهوا و حلاوة الماء و جمال الصور و كثره الخيرات
وان بساحل هذا البحر في شماليه ثلاثه اصنام من الحجاره هايلات
الصور منحوتات في بقاعهن نابتات من جبالهن و يد كل واحد منها
مشيره الي وجه البحر بانه ليس فيه مسلك كالذي بجزيرة قادس
الاندلس و كالذي بجزاير السعادات داخل بحر اللبلابه من الاصنام
الثلاثة المشيره بايديها كذلك الي داخل المحيط الاخضر المغربي هنالك

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

N. XXIV., p. 71.

Soyuti.

الجزاير الخالدات هي جزاير السعادات يذكرها المنجمون في كتبهم كانت واغلة في البحر المحيط من جهة المغرب قريبا من مايتي فرسخ قالوا خربت ولم يبق بها ساكن

N. XXV., p. 71.

Ben-Ayâs.

L'auteur commence sa description du globe par la partie occidentale.

« Elle commence, dit-il, par l'océan ténébreux qui en-
» vironne la terre : on l'appelle mer Ténébreuse ; l'eau en
» est trouble, et personne n'ose s'y hasarder, à cause de la
» difficulté d'y naviguer. Il s'y trouve cependant un grand
» nombre d'îles, dont les unes sont habitées et les autres dé-
» sertes : parmi ces îles on en distingue deux qu'on nomme
» les îles Fortunées ; dans chacune de ces îles se trouve une
» idole de pierre, haute de 100 coudées ; audessus de chaque
» idole est une statue de cuivre jaune, que indique de la main
» qu'il n'y a rien au-delà. Ces idoles ont été élevées par Ché-
» dâd, fils de A'âd, quand il pénétra jusque dans ces con-
» trées. »

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

« Vis-à-vis de la mer de l'Inde, du côté de l'Occident, » une autre mer sort de l'Océan à l'occident du pays des Zinn djes, et se termine auprès de la montagne des tourterelles. » Dans cette mer se décharge le Nil (*Niger*), qui vient de » la partie la plus élevée du pays des Abyssins. A son extré- » mité se trouvent les îles fortunées, situées sous le parallè- » le occidental le plus éloigné. »

N. XXVI, p. 78.

Al-makkari.

In the same sea where the island of Cadiz stands there are others called the eternal (*al-Khálidat*), which are seven in number, and which lie to the west of Salé. These islands may be seen a great distance off at sea, and in clear summer days, when the atmosphere is quite pure and free from vapours or mist, they are discovered rising far above the horizon. According to the geographer Ibnu-l-wardí, there is in each of these islands a tower, one hundred cubits high, on the top of wich is an idol of brass, pointing with his hand towards the sea, as if he meant « there is no passage beyond those islands. » Ibnu-l-wardí adds that he could not remember the name of the King who erected those towers; but we find that Idrísí attributes them to Iskander dhú-l-karneyn.

In this sea (ocean), and further towards the north, are the islands called *As-sa'-ádát* (the fortunate), in which there are many cities and towns, and from whence the Majús, a nation of Christians, came. The nearest of these islands is that of *Britanniyah* (Britain), which is placed in the midst of the Ocean, and has no mountains or rivers. The inhabitants drink rain-water, and cultivate the land.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

N. XXVII., p. 87.

Edrisi.

« Ce fut de Lisbonne que partirent les Maghrourin مغررين, lors de leur expédition « ayant pour objet de savoir ce que » renferme l'Océan et quelles sont ses limites. » Ainsi que nous l'avons dit plus haut (1), il existe (encore) à Lisbonne, auprès des bains chauds, une rue qui porte le nom de rue (ou de chemin) des Maghrourin.

Voici comment la chose se passa : ils se réunirent au nombre de huit, tous proches parents (littéral. cousins-germains) ; et après avoir construit un vaisseau de transport ils y embarquèrent de l'eau et des vivres en quantité suffisante pour une navigation de plusieurs mois. Ils mirent en mer au premier souffle (2) du vent d'est. Après avoir navigué durant onze jours ou environ, ils parvinrent à une mer dont les ondes épaisses exhalaient une odeur fétide, cachaient de nombreux récifs et n'étaient éclairées que faiblement. Craignant de périr, ils changèrent la direction de leurs voiles, et coururent vers le sud durant douze jours, et atteignirent l'île des Moutons جزيرة الغنم, ainsi nommée parce que de nombreux troupeaux de moutons y paissaient sans berger et sans personne pour les garder.

Ayant mis pied à terre dans cette île, ils y trouvèrent une source d'eau courante et des figuiers sauvages. Ils prirent et tuèrent quelques moutons, mais la chair en était tellement amère qu'il était impossible de s'en nourrir. Ils n'en gardèrent que les peaux, naviguèrent encore douze jours, et aperçurent enfin une île qui paraissait habitée et cultivée ; ils en approchèrent à fin de savoir ce qui en était ; peu de

(1) Voyez t. I, p. 200 et 201.

(2) Le ms. A porte : في اول طروس الريح الشرقية « aux premiers *feuillets* du vent oriental. »

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

temps après ils furent entourés de barques, faits prisonniers et conduits à une ville située sur le bord de la mer. Ils descendirent ensuite dans une maison où ils virent des hommes de haute stature, de couleur rousse et basanée, portant des cheveux longs (littéral. non crépus); et des femmes qui étaient d'une rare beauté. Ils restèrent trois jours dans cette maison. Le quatrième ils virent venir un homme parlant la langue arabe, qui leur demanda qui ils étaient, pourquoi ils étaient venus, et quel était leur pays. Ils lui racontèrent toute leur aventure; celui-ci leur donna de bonnes espérances et leur fit savoir qu'il était interprète. Deux jours après ils furent présentés au roi (du pays), qui leur adressa les mêmes questions, et auquel ils répondirent, comme ils avaient déjà répondu à l'interprète, qu'ils s'étaient hasardés sur la mer afin de savoir ce qu'il pouvait y avoir de singulier et de curieux, et afin de constater ses extrêmes limites.

Lorsque le roi les entendit ainsi parler, il se mit à rire et dit à l'interprète: Explique à ces gens-là que mon père ayant (jadis) prescrit à quelques-uns d'entre ses esclaves de s'embarquer sur cette mer, ceux-ci la parcoururent dans sa largeur durant un mois, jusqu'à ce que, la clarté (des cieux) leur ayant tout à fait manqué, ils furent obligés de renoncer à cette vaine entreprise. Le roi ordonna de plus à l'interprète d'assurer les Maghrourin de sa bienveillance afin qu'ils conçussent une bonne opinion de lui, ce qui fut fait. Ils retournèrent donc à leur prison, et y restèrent jusqu'à ce qu'un vent d'ouest s'étant élevé on leur banda les yeux, on les fit entrer dans une barque et on les fit voguer durant quelque temps sur la mer. Nous courûmes, disent-ils, environ trois jours et trois nuits, et nous atteignîmes ensuite une terre où l'on nous débarqua les mains liées derrière le dos, sur un rivage où nous fûmes abandonnés. Nous y restâmes jusqu'au lever du soleil, dans le plus triste état, à cause des liens qui nous serraient fortement et nous incommodaient beaucoup; enfin ayant entendu des éclats de rire et des voix humaines, nous nous mîmes à pousser des cris. Alors quelques habitants de la contrée vinrent à nous, et nous ayant trouvés dans une situation si misérable, nous délièrent et nous adressèrent diverses questions auxquelles nous répondîmes par le récit de notre aventure. C'étaient des Berberes. L'un d'entre eux nous dit: Savez-vous quelle est la distance qui vous sépare de votre pays? Et sur notre réponse né-

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2008

gative, il ajouta: Entre le point où vous vous trouvez et votre patrie il y a deux mois de chemin. Celui d'entre ces individus qui paraissait le plus considérable disait (sans cesse): Wasafi (hélas!) voilà pourquoi le nom de lieu est encore aujourd'hui Asafi. C'est le port dont nous avons déjà parlé comme étant à l'extremité de l'occident. »

N. XXVIII., p. 89.

Ibn al-Wardi.

ومن مدينة اشبونه هذه كان خروج المغربي في ركوب البحر المظلم الذي في اقصي بلاد المغرب و هو بحر عظيم هايل غليظ الماء مكدر اللون شامخ الامواج صعب الظهر لا يمكن ركوبه لاحد من صعوبته و ظلمة متنه و تعاظم امواجه وكثرة اهواله و هيجان رياحه و تسلط دوابه و هذا البحر لا يعلم احد قعره و لا يعلم ما خلفه الا الله تعالى و غور المحيط لم يقف احد من خبره علي الصحة و لا ركبه احد ملججا ابدًا انما يمر مع ذيل الساحل لان به امواج كالجبال الشوامخ و دوي كاعظم دوي الرعد لكن امواجه لا تتكسر و لو تكسرت لم يركبه احد لا ملججا و لا مسوحا حكاية اتفق جماعة من اهل اشبونه و هم ثمانية انفس و كلهم ابناء عم فانشأوا مركبا كبيرا و حملوا فيه من الزاد و الماء ما يكفيهم مدة طويلة و ركبوا متن هذا البحر ليعرفوا ما في نهايته ويروا ما فيه من العجايب و تحالفوا انهم لا يرجعوا ابدًا حتي ينتهوا الي البر الغربي او يموتوا فسافروا فيه ملججين احد عشر يوما فدخلوا الي بحر عظيم الموج كدر الريح مظلم الهتت و القعر كثير الغروش فايقنوا بالهلاك و العطب فرجعوا مع البحر في الجنوب اثني عشر يوما فدخلوا الي جزيرة الغنم و فيها من الاغنام ما لا يحصي لها

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

عددا الا الله تعالي و ليسر بها ادمي ولا بشر ولا لها صاحب فنفضوا الي تلك الجزيرة وذبحوا من ذلك الغنم واصلحوه و ارادوا اكله فوجدوا لحومها مرة لا توكل فاخذوا من جلودها ما امكن ووجدوا بها عين ماء عذن فملوا منها و سافروا مع الجنوب الغربي عشر يوما اخر فوافوا جزيرة وبها عمارة فقصدوها فلم يشعروا الا و قد احاطت بهم زوارق بها قوم موكلون بها فقبضوا عليهم وحملوهم الي الجزيرة فدخلوا الي مدينة علي ضفة البحر و انزلوهم بدار وراوا بتلك الجزيرة والمدينة رجالا شقر الالوان طوال القدود و لنسايهم جمال مفرط يخرج عن الوصف فتركوهم في الدار ثلاثة ايام ثم ارسل اليهم في اليوم الرابع انسان ترجمان وكلمهم بالعربية و سالهم عن حالهم فاخبروه باخبرهم فاحضروا قدام الملك الذي لهم و اخبره الترجمان بما اخبروه من حالهم فضحك الملك منهم و قال للترجمان قل لهم اني وجهت من عندي قوما في هذا البحر اياتوني بخبر ما فيه من العجايب فسافروا سنة اشهر حتي انقطع منهم الضوء وساروا في مثل الليل المظلم فرجعوا من غير فايدة و وعدهم الملك خيرا و اقاموا عنده حتي هبت ريحهم فيعثهم مع قوم من اصحابه في زورق و كتفوهم و عصبوا اعينهم و سافروا بهم مدة لا يعلمون كم هي ثم تركوهم في الساحل فانصرفوا فلما سمعوا كلام الناس صاحوا فاقبلوا عليهم وحلوا عن اعينهم و قطعوا اكتافاتهم و اخبروهم الجماعة باخبرهم و بلدهم فقالوا لهم الناس هل تدرون كم بينهم وبين ارضكم فقالوا لا قالوا فوق شهر جدا فرجعوا الي بلدهم و لهم في اشبونة حارة مشهورة تسمي حارة المغربين الي الان.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

N. XXIX., p. 93.

Ibn al-Wardi.

Arrêtons-nous un moment sur cette navigation extraordinaire; 1.° les navigateurs trouvent dans l'île un homme qui parle arabe, et qui leur sert d'interprète; ainsi ils ne sont pas les premiers qui y soient parvenus, d'autres Arabes y avoient pénétré avant eux, et il paroît que l'on connoissoit dans cette île sa distance de Lisbonne.

2.° Cette navigation nous fait voir que les Arabes ne se bornoient pas à suivre les côtes, qu'ils ont eu le courage de s'embarquer sur cet océan pour aller à la découverte, et qu'avec un peu plus de persévérance, ils seroient parvenus jusqu'en Amérique. Ils virent dans l'île des hommes rouges, couleur qui semble appartenir davantage à des Américains, et il y a apparence qu'ils se sont beaucoup approchés du continent; leur dessein étoit de tendre à l'occident, et ils l'ont fait autant qu'il leur a été possible, et l'on ne peut pas dire qu'ils ne vouloient que reconnoître la côte occidentale de l'Afrique, puisqu'ils fréquentoient les Canaries.

3.° Cette tentative que Ben al-ouardi raconte, peut n'être pas la seule de cette espèce, entreprise par les Arabes dans le temps qu'ils étoient maîtres de l'Espagne. Dans la suite, en 1291, elle a été répétée par deux Génois, dont on n'a jamais entendu parler depuis. Les Arabes ont perdu Lisbonne, l'an 1147; ainsi leur tentative doit être antérieure à cette époque: le nom donné à un des quartiers de cette ville, qui en conservoit la mémoire, nom qui existoit encore du temps de Ben-al-ouardi, mort, suivant quelques-uns, vers l'an 1358, a pu occasionner l'expédition des Génois, en 1291; c'est en 1492, environ cent trente-quatre ans après Ben-al-ouardi, que Christophe Colomb entreprend ses découvertes; le souvenir du voyage des Arabes existoit-il encore de son

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

temps sur ces côtes, et auroit-il donné occasion à la nouvelle expédition de Colomb.

4.° Il ne faut pas croire que ces îles soient une des Canaries; celles-ci étoient connues des Arabes. D'ailleurs, le récit de Ben al-ouardi nous présente deux tentatives, l'une des Arabes partis de Lisbonne, l'autre, qui l'a précédée, faite par les sujets du roi de l'île, qui ont dû s'avancer plus loin vers l'occident.

N. XXX., p. 99.

Edrisi.

Cette première section commence à la partie de l'extrême occident baignée par l'océan Ténébreux dont émane la mer de Syrie (la Méditerranée), qui s'étend vers l'orient. C'est là qu'est situé le pays Andalous, الاندلس, que les chrétiens appellent Espagne ou presqu'île d'Andalous, attendu que sa forme triangulaire se rétrécit du côté de l'orient au point de ne laisser entre la Méditerranée et l'Océan, qui l'entourent, qu'un intervalle de 5 journées. La plus grande largeur de cette presqu'île est d'environ 17 journées, à partir d'un cap de l'extrême occident où se termine la portion habitée de la terre ceinte par la mer Océane. Personne ne sait ce qui existe au delà de cette mer, personne n'a pu rien en apprendre de certain, à cause des difficultés qu'opposent à la navigation la profondeur des ténèbres, la hauteur des vagues, la fréquence des tempêtes, la multiplicité des animaux monstrueux et la violence des vents. Il y a cependant dans cet Océan un grand nombre d'îles, soit habitées, soit désertes; mais aucun navigateur ne se hasarde à le traverser ni à gagner la haute mer; on se borne à côtoyer, sans perdre de vue les rivages.

Ces pays étant baignés du côté du couchant par la mer

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Ténébreuse, il vient continuellement de ce côté des brumes, des pluies, et le ciel est toujours couvert, particulièrement sur le littoral.

Les eaux de cette mer sont épaisses et de couleur sombre ; les vagues s'y élèvent d'une manière effrayante ; sa profondeur est considérable ; l'obscurité y règne continuellement ; la navigation y est difficile, les vents impétueux, et, du côté de l'occident, les bornes en sont inconnues.

Il existe dans cette mer quantité d'îles inhabitées. Peu de navigateurs osent s'y hasarder, et ceux qui le font, bien que doués des connaissances et de l'audace nécessaires, ne naviguent que côte à côte et sans s'éloigner de la terre ; encore le temps favorable pour ces expéditions se borne-t-il aux mois d'août et de septembre. Les principaux navigateurs de cette mer sont ceux qui sont connus sous le nom d'Anglais الانكليسيين ou d'habitants de l'Angleterre (*) انكرطره île considérable.

N. XXXI., p. 108.

Mr. Felix Lajard.

La légende persane nous représente Mithra assis sur un trône, au milieu du pont Tchinevâd, ayant à ses côtés l'ized *Raschné-rast* et jugeant les actions bonnes et mauvaises des âmes. Celles-ci se présentent une à une devant ce tribunal divin, sous la conduite et la protection de l'ized *Sérosch*, qui, s'étant avancé à leur rencontre, a disposé en leur faveur le chien, gardien du pont, et leur a fait accorder l'entrée de ce lieu redoutable. « Là, dit cette légende, Mithra pésera avec soin les bonnes actions comme les mauvaises ; et si les bonnes l'emportent sur les mauvaises, ne fût-ce que du poids d'un cil, il enverra les âmes au paradis.

(*) O nome d'Inglaterra parece estar errado, á vista do nome dos habitantes desta Ilha.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

Ou voit ici clairement que la réunion du chien de Mithra aux trois juges des âmes, sur le pont Tchinevâd qui est placé entre la région du ciel et celle des enfers, constitue un mythe que les Perses avaient dû puiser à la même source oú les auteurs occidentaux prirent l'idée du chien *à trois têtes*, dont ils firent le gardien des enfers.

N. XXXII., p. 119.

Strabo.

Περὶ δὲ τῆς κτίσεως τῶν Γαδείρων τοιαῦτα λέγεται· Μέμνηνται Γαδιτανοὶ χρησμοῦ τινος, ὃν τινα γένεσθαι φασὶ Τυρίοις κελεύοντα ἐπὶ τὰς Ηρακλέους ϛήλας ἀποικίας πέμψαι· τοὺς δὲ πεμφθέντας κατασκοπῆς χάριν, ἐπειδὴ κατὰ τὸν πορθμὸν ἐγένοντο τὸν κατὰ τὴν Κάλπην, νομίσαντας τέρμονας εἶναι τῆς οἰκουμένης καὶ τῆς Ηρακλέους ϛραλιᾶς τὰ ἄκρα ποιεῖνται τὸν πορθμὸν, (ταῦτα δ' αὐτὰ καὶ ϛήλας ὀνομάζει τὸ λόγιον) κατασχεῖν ἔις ϳι χωρίον ἐντὸς τῶν ϛενῶν, ἐν ᾧ νῦν ἐϛιν ἡ τῶν Αξϳανῶν πόλις· ἐνταῦθα δὲ θύσαντας μὴ γενομένων καλῶν τῶν ἱερείων, ἀνακάμψαι πάλιν· χρόνῳ δ' ὕϛερον τοὺς πεμφθέντας προελθεῖν ἔξω τῦ πορθμοῦ περὶ χιλίους καὶ πεντακοσίους ϛαδίυς εἰς νῆσον Ηρακλέυς ἱερὰν, κειμένην κατὰ πόλιν Ονόβαν τῆς Ιβηρίας· καὶ νομίσαντας ἐνταῦθα εἶναι τὰς ϛήλας, θύσαι τῷ θεῷ· μὴ γενομένων δὲ πάλιν καλῶν τῶν ἱερείων, ἐπανελθεῖν οἴκαδε· τῷ δὲ τρίτῳ ϛόλῳ τοὺς ἀφικομένυς, Γάδειρα κτίσαι, καὶ ἱδρύϛασθαι τὸ ἱερὸν ἐπὶ τοῖς ἐώοις τῆς νήσου· τὴν δὲ πόλιν ἐπὶ τοῖς ἑσπερίοις. Διὰ δὲ τῦτο τοῖς μὲν δοκεῖν τὰ ἄκρα τῦ πορθμοῦ τὰς ϛήλας εἶναι, τοῖς δὲ τὰ Γάδειρα· τοῖς δ' ἔτι πορρώτερον τῶν Γαδείρων ἔξω προκεῖϛθαι. Ενιοι δὲ ϛήλας ὑπέλαβον τὴν Κάλπην καὶ τὸν Αβύλυκα, τὸ ἀντικείμενον ὄρος τῆς Λιβύης, ὅ φησιν Ερατοϛθένης ἐν τῷ Μεταγωνίῳ Νομαδικῷ ἔθνει ἱδρύϛθαι· οἱ δὲ τὰς πλησίον ἑκατέρου νησίδας, ὧν τὴν ἑτέραν Ηρας νῆσον ὀνομάζουϛιν. Αρτεμιδωρος δὲ τὴν μὲν τῆς Ηρας

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

νῆσον, καὶ ἱερὸν λέγει αὐτῆς· ἄλλην δὲ φησιν εἶναί τινα οὐδ' Αξύλυκα, (καὶ) ὄρος, οὐδὲ Μεταγώνιον ἔθνος. Καὶ τὰς Πλαγκτὰς καὶ τὰς Συμπληγάδας ἐνθάδε μεταφέρουσί τινες, ταύτας εἶναι νομίζοντες σήλας, ἃς Πίνδαρος καλεῖ πύλας Γαδειρίδας, εἰς ταύτας ὑσάτας ἀφῖχθαι φάσκων τὸν Ηρακλέα. Καὶ Δικαίαρχος δὲ, καὶ Ερατοσθένης, καὶ Πολύβιος, καὶ οἱ πλεῖστοι τῶν Ελλήνων περὶ τὸν πορθμὸν ἀποφαίνουσι τὰς σήλας· οἱ δὲ Ἴβηρες καὶ Λίβυες ἐν Γαδείροις εἶναί φασιν· οὐδὲν γὰρ ἐοικέναι σήλαις τὰ περὶ τὸν πορθμόν· οἱ δὲ τὰς ἐν τῷ Ηρακλείῳ τῷ ἐν Γαδείροις, χαλκᾶς ὀκταπήχεις, ἐν αἷς ἀναγέγραπται τὸ ἀνάλωμα τῆς κατασκευῆς τοῦ ἱεροῦ· ταύτας λέγεσθαι φασὶν, ἐφ' ἃς ἐρχόμενοι οἱ τελέσαντες τὸν πλοῦν, καὶ θύοντες τῷ Ηρακλεῖ, διαβοηθῆναι παρεσκεύασαν, ὡς τοῦτ' εἶναι καὶ γῆς καὶ θαλάττης τὸ πέρας· τοῦτον δ' εἶναι πιθανώτατον καὶ Ποσειδώνιος ἡγεῖται τὸν λόγον· τὸν δὲ χρησμὸν, καὶ τοὺς πολλοὺς ἀποστόλους, ψεῦσμα Φοινικικόν· Περὶ μὲν οὖν τῶν ἀποστόλων, τί ἂν τις διϊσχυρίσαιτο, πρὸς ἔλεγχον ἢ πίστιν, οὐδετέρως παρὰ λόγον. Τὸ δὲ τὰς νησίδας ἢ τὰ ὄρη μὴ φάσκειν ἐοικέναι σήλαις, ἀλλὰ ζητεῖν ἐπὶ τῶν πυρίως λεγομένων σηλῶν τοὺς τῆς οἰκουμένης ὅρους ἢ τῆς στρατείας τῆς Ηρακλέους, ἔχει μέν τινα νοῦν· ἔθος γὰρ παλαιὸν ὑπῆρξε τὸ τίθεσθαι τοιούτους ὅρους, καθάπερ οἱ Ρηγῖνοι τὴν σηλίδα ἔθεσαν τὴν ἐπὶ τῷ πορθμῷ κειμένην, πυργίον τί· καὶ ὁ τοῦ Πελώρου λεγόμενος πύργος ἀντίκειται ταύτῃ τῇ σηλίδι· καὶ οἱ Φιλαίνων λεγόμενοι βωμοὶ, κατὰ μέσην πως τὴν μεταξὺ τῶν Σύρτεων γῆν. καὶ ἐπὶ τῷ ισθμῷ Κορινθιακῷ μνημονεύεται σήλη τὶς ἱδρυμένη πρότερον ἣν ἔστησαν κοινῇ οἱ τὴν Ατθικὴν σὺν τῇ Μεγαρίδι κατασχόντες Ιωνες, ἐξελαθέντες ἐκ τῆς Πελοποννήσου, καὶ οἱ κατασχόντες τὴν Πελοπόννησον· ἐπέγραψαν ἐπὶ μὲν τοῦ πρὸς τῇ Μεγαρίδι μέρους,

Τὰ δ' οὐχὶ Πελοπόννησος, ἀλλ' Ιωνία.

ἐπὶ δὲ θατέρου,

Τὰ δ' ἔστι Πελοπόννησος, οὐκ Ιωνία.

Αλέξανδρος δὲ τῆς Ινδικῆς στρατιᾶς ὅρια βωμοὺς ἔθετο ἐν τοῖς τόποις, οἷς οὔπω ὑσάτους ἀφίκετο τῶν πρὸς ταῖς ἀνατολαῖς Ινδῶν, μιμούμενος τὸν Ηρακλέα, καὶ τὸν Διόνυσον· ἦν μὲν δὴ τὸ ἔθος τοῦτο. Αλλὰ καὶ τοὺς τόπους εἰκὸς ἐστι μεταλαμβάνειν τὴν αὐτὴν προσηγορίαν, καὶ μάλιστα ἐπειδὰν ὁ χρόνος διαφθείρῃ τοὺς τεθέντας ὅρους. Οὐ γὰρ νῦν οἱ Φιλαίνων μένουσι βωμοί· ἀλλ' ὁ τόπος μετείληφε τὴν προσηγορίαν·

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

οὐδὲ ἐν τῇ Ινδικῇ σήλας φασὶν ορασθῆναι κειμένας, οὔθ' Ηρακλέους οὔτε Διονύσου· καὶ λεγομένων μέντοι καὶ δεικνυμένων τῶν τόπων τινῶν, οι Μακεδόνες ἐπίζευον τούτους εἶναι σήλας, ἐν οἷς τὶ σημεῖον εὕρισκον ἢ τῶν περὶ τὸν Διονυσον ἱσορουμένων, ἢ τῶν περὶ τὸν Ηρακλέα. Κἀνταῦθα δὲ τοὺς μὲν πρώτους, δύκ ἂν ἀπιστήσαι τις, ὅροις χρήσασθαι, χειροκμήτοις τισὶ βωμοῖς, ἢ πύργοις, ἢ σηλίσιν ἐπὶ τῶν τόπων εἰς οὓς υσάτους ἦκον τοὺς ἐπιφανεσάτους· (ἐπιφανέσατοι δὲ οἱ πορθμοὶ, καὶ τὰ ἐπικείμενα ὄρη, καὶ αἱ νησίδες, πρὸς τὸ ἀποδηλοῦν ἐσχατίας τε καὶ ἀρχὰς τόπων) ἐκλειπόντων δὲ τῶν χειροκμήτων ὑπομνημάτων, μετενεχθῆναι τοὔνομα εἰς τοὺς τόπους, εἴ τε τὰς νησίδας τις βούλεται λέγειν, εἴ τε τὰς ἄκρας τὰς ποιούσας τὸν πορθμόν. Τοῦτο γὰρ ἤδη διορίσασθαι χαλεπὸν, ποτέροις χρὴ προσαψαι τὴν ἐπίκλησιν, διὰ τὸ ἀμφοτέροις ἐοικέναι τὰς σήλας. Λέγω δὲ ἐοικέναι, διότι ἐν τοῖς τοιούτοις ἵδρυνται τόποις, οἳ σαφῶς ὑπαγορεύουσι τὰς ἐσχατιάς· καθ' ὃ καὶ σῶμα εἴρηται ὁ πορθμὸς, καὶ οὗτος, καὶ ἄλλοι πλείους· τὸ δὲ σῶμα πρὸς μὲν εἰσπλουν ἀρχή ἐστι, πρὸς δὲ ἔκπλουν ἔρχατον. Τὰ οὖν ἐπὶ τῷ σώματι νησίδια, ἔχοντα τὸ εὐπερίγραφόν τε, καὶ σημειώδες, οὐ φαύλως σήλαις ἀπεικάζοι τις ἄν· ὡς δ' αὕτως καὶ τὰ ὄρη τὰ ἐπικείμενα τῷ πορθμῷ, καὶ ἐξοχήν τινα τοιαύτην ἐκφαίνοντα, οἷον αἱ σηλίδες, ἢ αἱ σήλαι. Καὶ ὁ Πίνδαρος οὕτως ἂν ὀρθῶς λέγοι πύλας Γαδειρίτας, εἰ ἐπὶ τοῦ σώματος ἐποιοῦντο αἱ σήλαι· πύλαις γὰρ ἔοικε τὰ σώματα· τὰ δὲ Γάδειρα οὐκ ἐν τοιούτοις ἵδρυται τόποις, ὥστ' ἀποδηλοῦν ἐσχατιάν· ἀλλ' ἐν μέσῃ πως κεῖται μεγάλῃ παραλίᾳ κολπώδει. Τὸ δὲ ἐπ' αὐτὰς ἀναφέρειν τὰς ἐν τῷ Ηρακλείῳ σήλας τὸ ἐνθάδε, ἦτ[ον εὔλογον, ὡς ἐμοὶ φαίνεται· οὐ γὰρ ἐμπόρων, ἀλλ' ἡγεμόνων μᾶλλον ἀρξάντων τοῦ ὀνόματος τούτου, κρατῆσαι πιθανὸν τὴν δόξαν· καθάπερ καὶ ἐπὶ τῶν Ινδικῶν σηλῶν. Αλλως τε καὶ ἡ ἐπιγραφὴ ἣν φησιν, οὐκ ἀφίδρυμα ἱερὸν δηλοῦσα, ἀλλὰ ἀναλώματος κεφάλαιον ἀντιμαρτυρεῖ τῷ λόγῳ· τὰς γὰρ Ηρακλείους σήλας, μνημεῖα εἶναι δεῖ τῆς ἐκείνου μεγαλουργίας, οὐ τῆς Φοινίκων δαπάνης.

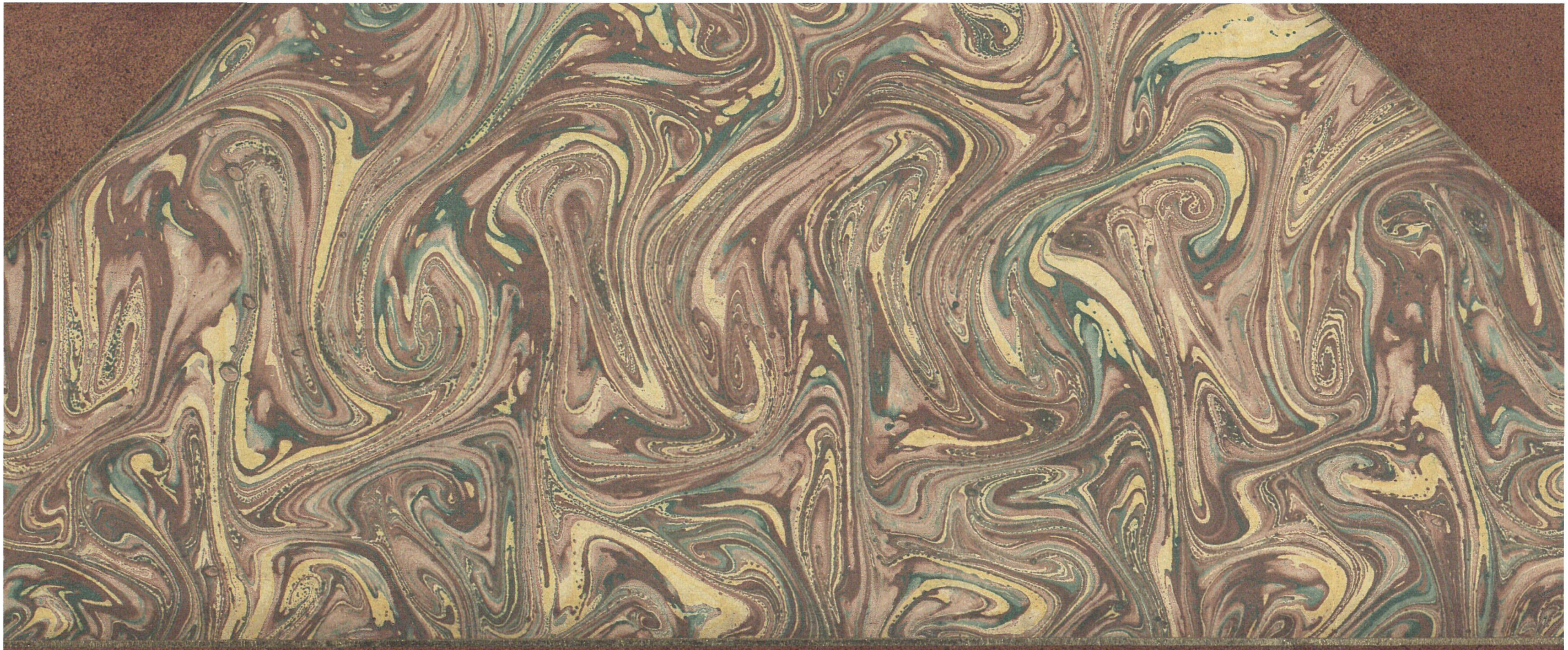
© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009

N. XXXIII, p. 133.

Chronicon Conimbricense.

« Na Era de MCCCLXXI. anno fuy tão mao anno por todo Portugal, que andou ò alquere do trigo à XXI. seitis; è o alquere de milho à XIII. seitis: e o centeio a desaseis por la medida Coimbraa. Item en esse anno andou el almude do vinho bermelho à XXIIII. seitis: e do blanco, à XXX. seitis por la medida Coimbraa: è bien assi foy menguado o anno de todos los outros frutos, porque se à gente havia de mateer: è neste anno morreron muitas gentes de fame quanta nunca os homes virom morrer por esta razon, nem viron nin nem outiron dizer o omes antigoos dante si que tal cosa vissem, ni ouvissem: è tantos fueron os passados, que fueron soterrados em os adros das Egrejas, que non cabian en elles, e a nes os soterraban fora dos adros è deitavanos nas covas quatro à quatro, è seis à seis, assi como os achavan mortos por nas ruas è por fora. E esto foi asi todo do compezo do anno ata o outro renuevo do anno seguinte. E bien asi foi este anno tam mao è muy peor por toda Castella, è por toda Gallicia: è neste anno passaron Mouros de alem mar è correron toda à Andalucia, è feceron muito mal en Christianos, que matàron, è que cativaron è demais tomaron hun Castello muy forte que chamão *Gibraltar*. E neste tempo era Rey de Castella D. Affonso, filho del Rey D. Fernando è da Reyna Doña Constanza, que foi filha do muy nobre Rey D. Deniz. »

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009



© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2009